

MOÏRA FOWLEY-DOYLE

Todo segredo é um
acidente esperando
para acontecer



TEMPORADA DE ACIDENTES



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



TEMPORADA DE ACIDENTES

MOÏRA FOWLEY-DOYLE

TRADUÇÃO DE AMANDA MOURA



Copyright © 2015, by Moira Fowley-Doyle

Publicado originalmente como “The Accident Season” por Random House Children’s Publishers, Londres, parte da Random House Group.

O direito moral da autora foi assegurado.

Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL

The Accident Season

PREPARAÇÃO

Ângelo Lessa

REVISÃO

Rayana Faria

Marcela de Oliveira

IMAGEM DE CAPA

© Mark Owen/Archangel

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Diana Cordeiro

REVISÃO DE EPUB

Rodrigo Rosa

GERAÇÃO DE EPUB

Intrinseca

E-ISBN

978-85-8057-895-9

Edição digital: 2016

1ª edição

TIPOGRAFIA

Adobe Garamond Pro

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



Capa

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

1.

2.

3.

4.

5.

6.

7.

8.

9.

10.

11.

12.

13.

14.

15.

16.

17.

18.

19.

Agradecimentos

Sobre a autora

Leia também

Para minha família —
principalmente Claire

*Então, brindemos à temporada de acidentes,
Ao rio que corre sob nossos pés, onde naufragamos nossas almas,
Aos hematomas e aos segredos, aos fantasmas no sótão,
Mais um brinde à estrada de água.*

* * *

Quando escutei Bea entoar essas palavras, foi como se insetos rastejassem pela minha coluna, preparando-se para me transformar. Meu corpo se partiria e dobraria, e eu me tornaria outra pessoa. Nossas têmporas estavam suadas debaixo das máscaras, mas não as tiramos. Era como se tivessem se fundido à nossa pele.

A fogueira crepitava no cômodo, e os arcos acima das portas sussurravam. Não faço ideia de como eu sabia que Sam estava de olhos fechados e que Alice sentia câimbras na lateral do corpo. Eu só sabia que eu era todo mundo. Eu era Alice com a boca entreaberta, talvez por entusiasmo ou por medo; eu era Sam com os punhos cerrados; eu era Bea oscilando à nossa frente, com o vestido vermelho ensopado de suor; e era eu mesma, Cara, com a sensaço de que meu corpo não pertencia mais a mim. Os pés de Bea batiam no piso de madeira de forma ritmada. Suas palavras começaram a soar mais altas. Logo todos estávamos nos movimentando, e isso fez o chão tremer. O vinho voou das nossas taças e se espalhou como se fosse sangue.

Ao dançarmos ao redor do fogo no que sobrara do quarto principal, acordamos alguma coisa. Talvez tenha sido algo dentro de nós; a força misteriosa que liga cada osso da nossa coluna ou que mantêm os dentes presos à gengiva. Talvez tenha sido algo no quarto, alguma coisa no ar ou nas chamas que nos rodeavam. Ou talvez fosse a própria casa; os fantasmas nas paredes, as lembranças por trás das portas trancadas ou as histórias entre as rachaduras do assoalho. Estávamos prestes a nos despedaçar, a ser serrados ao meio para reaparecermos inteiros no final do ato. Íamos desviar do punhal do atirador de facas e nos lançar na mais grandiosa das viagens. Naquela casa mal-assombrada, durante os últimos dias da temporada de acidentes, a morte jamais nos alcançaria.

1.

Elsie está em todas as minhas fotos. Sei disso porque olhei todas as fotos tiradas com a minha família nos últimos dezessete anos, e ela sempre aparece.

Só percebi isso ontem à noite, enquanto apagava quase seis meses de fotos do meu celular. Elsie no vestiário, durante o almoço. E nas excursões da escola, quase fora de enquadramento. E em todas as apresentações de teatro. Pensei: *Nossa, que coincidência! Elsie aparece em todas as minhas fotos.* Então segui um palpite e vasculhei todas as que tinha no computador. E as que coleí nos diários. E os álbuns de família. Ela está em todas.

Nas festas de aniversário, Elsie dá as costas para a câmera. Ela participa das viagens de férias em família e dos passeios na praia. Deixa vestígios até nas janelas e nos espelhos ao fundo das fotos tiradas em casa: um cotovelo aqui, um tornozelo ali, uma mecha de cabelo.

Será que existem mesmo coincidências? Coincidências assim *tão grandes?*

Elsie não é minha amiga. Na verdade, não é amiga de ninguém. É só aquela garota que fala muito baixo e está sempre por perto, que meio que era minha amiga quando eu tinha oito anos e meu pai havia acabado de morrer, mas que foi deixada de lado junto com as bonecas de pano, os jogos de chá e outras relíquias da infância.

Salvei no celular um bom número de fotos — setenta e duas, para ser exata — tiradas nos últimos anos para mostrar a Bea antes da aula. Quero perguntar se ela acha que tem algo muito estranho acontecendo ou se o mundo é *realmente* pequeno a ponto de a mesma pessoa aparecer em todas as fotos de alguém.

Ainda não mostrei as fotos a Sam. Não sei por quê.

Nas mais antigas, minha casa parece a de um desenho animado: não há carros na entrada da garagem, as cortinas coloridas nas janelas têm o formato de ampulhetas e uma nuvem esbranquiçada de fumaça sobe pela chaminé como algodão-doce. E lá estou eu, com sete anos, brincando de pique-bandeira com Alice na rua em frente à nossa casa. E, no canto da foto, uma perna, a batinha da saia xadrez e a ponta do sapato marrom sóbrio que Elsie sempre usa.

Essas fotos foram tiradas há dez anos; hoje de manhã não há nuvens de algodão-doce subindo pela chaminé, e as cortinas em formato de ampulheta na janela da sala emolduram a imagem de minha mãe se equilibrando em uma das pernas enquanto tenta calçar a bota. Lá fora, Alice bate o pé com impaciência. Ela vai até a janela e dá batidinhas no vidro, apressando nossa mãe. Do corredor, ouço Sam dar uma risada, invisível nas sombras, já que o sol da manhã só ilumina até a porta da frente. Enfio as mãos ainda mais fundo nos bolsos e olho para cima. Vejo alguns filetes de nuvens passando pelo céu enquanto me apoio no carro.

Alice é minha irmã. Ela é um ano mais velha e um milhão de anos mais esperta, ou pelo menos é nisso que gosta de acreditar (e talvez esteja certa; como vou saber, se me acho uma tapada?). Sam é meu ex-irmão postiço, o que é meio bizarro de se dizer, mas, como nossos pais se separaram, tecnicamente ele não é mais meu irmão. O pai dele era

casado com minha mãe, até que desapareceu, quatro anos atrás. Fugiu com uma bioantropóloga e agora se dedica a estudar os gibões nas florestas tropicais de Bornéu. Faz sete anos que Sam mora conosco, então, para todos os efeitos, suponho que ele seja meu irmão, mas, acima de tudo, ele é apenas Sam, um garoto alto nas sombras do corredor, o cabelo preto caindo nos olhos.

Sabendo que vai levar um tempinho até todo mundo entrar no carro, tiro as mãos do bolso e pego o celular de novo. Passo as fotos pela terceira vez só esta manhã e volto a brincar de “Onde está Elsie?”, como nos livros *Onde está Wally?*.

Não tinha percebido que Elsie parece sempre preocupada. Em todas as fotos está com a testa franzida e fazendo bico. Até seu cabelo demonstra preocupação, quando ela está de costas. É incrível. Como deve ser meu cabelo quando estou de costas? Não vejo minha nuca com muita frequência; ao contrário de Elsie, faço pose e sorrio quando vou tirar uma foto.

Quando Alice está de costas (por exemplo, agora, enquanto bate na janela da sala pela vigésima vez para apressar nossa mãe, que esqueceu alguma coisa — o celular, a bolsa, a cabeça — e subiu para buscar), o cabelo dela parece sério. Ela pinta de um louro dois tons mais claro que o natural, e a raiz está sempre retocada, os fios perfeitamente esticados e presos em um coque firme com auxílio de grampos e um par de palitinhos. O cabelo de Alice é intimidador.

O cabelo da minha mãe é roxo. As mechas onduladas caem pelos ombros enquanto ela dirige e balançam quando ela mexe a cabeça. Alguns fios grudam no brilho labial, e ela os assopra enquanto fala. Hoje, ela pintou as unhas da mesma cor. Em outra época do ano, durante o trajeto para a escola, ela estaria com o braço apoiado no banco do carona para falar com Alice, ou ajustando o cabelo, ou lambendo a ponta do dedo para tirar o excesso de sombra dos olhos, ou bebendo café de um copo térmico com a mesma vontade que um fumante traga um cigarro. Mas estamos quase no fim de outubro, e Alice caiu da escada ontem à noite, então minha mãe segura o volante com tanta força que os nós dos dedos ficam esbranquiçados, contrastando com o roxo das unhas, e não tira os olhos da rua. Ela preferiria não fazer o trajeto de carro, mas tem certeza de que caminhar seria mais arriscado.

— Como está a cabeça, querida? — pergunta a Alice.

É a trigésima segunda vez que ela pergunta isso só hoje (e a octogésima nona desde que voltamos do hospital, ontem). Sam faz outro risco na mão com a caneta vermelha. Toda vez que minha mãe faz essa pergunta, Alice responde comprimindo os lábios.

Sam se inclina para a frente e sussurra em meu ouvido:

— Aposto dez euros que Alice vai gritar antes da centésima vez.

Firmamos a aposta com um aperto de mão. A mão de Sam é firme e quente. Torço para Alice não dar um escândalo antes de chegarmos à escola.

— Vocês estão de luvas, não estão? — pergunta minha mãe. — E, Sam, vou escrever um bilhete pedindo para você ser dispensado da aula de química. Estão bem agasalhados? Tomaram as vitaminas?

— Claro, Melanie — responde Sam.

Ele sorri para mim. Alice não vai aguentar ficar de boca calada depois dessa enxurrada de perguntas. Minha mãe arrisca mais uma espiadinha na direção dela antes de voltar a olhar depressa para a pista. Com cuidado, Alice enrola uma echarpe de seda na cabeça para esconder o curativo. Ela passou delineador nos olhos para fazer com que o hematoma na bochecha chame menos atenção. Parece uma cigana dos livros de histórias infantis, só que de uniforme escolar.

Chegamos ao último cruzamento. O cabelo da minha mãe balança descontroladamente enquanto ela tenta olhar para os dois lados ao mesmo tempo antes de seguir pelo tráfego ameno. Avançamos bem devagar, a passo de tartaruga. Os carros atrás do nosso buzizam.

Depois de estacionar, minha mãe alonga as mãos. Ela tira os óculos escuros e entrega um lanche embalado para cada um de nós.

— Vocês vão tomar cuidado, não vão? — pergunta, apertando de leve o ombro de Alice. — Como está a cabeça, querida?

Alice comprime mais os lábios, então solta um grito sem olhar para nossa mãe e sai correndo em direção ao prédio da escola. Afundo no banco.

— Passa a grana, maninha — zomba Sam.

Ao sairmos do carro, entrego a ele, de má vontade, uma nota de dez euros. Nós nos despedimos da minha mãe, que, devagar, dá a partida no carro e vai embora.

— Não sou sua irmã — retruco.

Sam passa o braço ao redor dos meus ombros.

— Se você diz, *petite sœur*...

Suspiro e balanço a cabeça.

— Eu sei que isso significa “irmã”, Sam. A gente está na mesma turma de francês.

Quando ele segue em direção a seu armário para pegar os livros da primeira aula, vou procurar minha melhor amiga.

Encontro Bea sentada nos fundos da biblioteca, com as cartas de tarô espalhadas na mesa. Ela tem o hábito de tirar as cartas todas as manhãs para saber como será o dia. Bea não gosta de ser pega desprevenida, então não vai se surpreender em saber que há um grupinho de alunos do primeiro ano sentado a algumas mesas de distância rindo e cochichando em sua direção, por isso nem falo nada. Seja como for, acho que Bea é capaz de acabar com qualquer um deles só com o olhar.

Tiro um dos dois pares de luva das minhas mãos desconfortavelmente quentes (não está frio o suficiente para usar gorros e luvas, mas minha mãe não deixa a gente sair de casa sem eles), puxo a cadeira atrás de mim e a viro para me sentar de frente para Bea, do lado oposto da mesa. Apoio o queixo no encosto.

— Elsie está em todas as minhas fotos — comento.

Bea e eu olhamos automaticamente para a janela do outro lado da biblioteca. Em geral, a esta hora, Elsie já abriu a caixa de segredos. Os alunos mais novos são sempre os primeiros a se aproximarem da caixa, antes de o sinal tocar para formarmos a fila no pátio, de o inspetor abrir os vestiários e de a bibliotecária sair do escritório e mandar todo

mundo ir para as salas. Eles aparecem, um de cada vez, escrevem seus segredos na máquina de escrever antiga de Elsie e saem da biblioteca cabisbaixos, fingindo que estão concentrados no que têm na mochila. A caixa de Elsie fica cada vez mais cheia de coisas que não podem ser ditas. Mas ela não está aqui hoje. Talvez esteja atrasada.

Bea olha para mim.

— Como assim?

Mostro as fotos para ela. Mostro o cabelo castanho-claro sem graça, os sapatos sóbrios e a testa franzida de Elsie.

Bea passa um bom tempo analisando cada foto, até que, por fim, ergue a cabeça.

— Cara, isso é...

Ela balança a cabeça.

— Um pouco mais estranho do que o normal?

Apoio a ponta dos dedos na testa e fecho os olhos. Bea acredita em tarô e acende velas para os fantasmas. Ela sempre fala da magia que nos rodeia e acha graça quando nossos colegas de turma a chamam de bruxa. Mas isso é diferente.

Bea olha as fotos de novo, passando uma por uma, pressionando a tela para dar zoom.

— Você também acha bem estranho? — pergunto, com a mão na boca. — Ou acha que estou ficando louca? Por favor, não venha me dizer que são as duas coisas.

Bea não responde, apenas embaralha as cartas de tarô e as abre devagar na mesa. Ela observa as cartas, olha para mim, então se volta de novo para as cartas. Quando levanta a cabeça uma última vez para me encarar, percebo uma expressão que não vejo há muito tempo.

Ela nota o gorro de lã, o par de luvas que ainda não tirei, a *legging* grossa que uso junto com uma meia-calça por baixo da saia do uniforme, a tala no meu dedo, a munhequeira e o aroma suave de equinócea e ansiedade que me perseguem feito uma esquisita nuvem escura.

Bea suspira e assente; ela compreende.

É a temporada de acidentes: acontece todos os anos na mesma época. Um período em que ossos quebrados, cortes e hematomas são frequentes. Há alguns anos, minha mãe nos trancafiou em casa, cobriu as quinas dos móveis com espuma e gaze, nos enrolou em várias camadas de blusas e luvas e sumiu com os objetos cortantes e com o fogão. Passamos oito dias acampados na sala, até que a comida cuidadosamente encomendada pelo telefone — deixada na soleira da porta e levada para dentro com todo o cuidado pela minha mãe, que não tinha pensando em como esquentaria tudo sem fogão — nos causou intoxicação alimentar e passamos as vinte e quatro horas seguintes no hospital. Agora, todo outono estocamos ataduras e analgésicos. Resumindo: apertamos os cintos, pois sabemos que o pior está por vir. Nunca saímos de casa sem pelo menos três camadas de roupa. Temos medo da temporada de acidentes. Temos medo da facilidade com que os acidentes se transformam em tragédias. Já passamos por muitas.

— Alice caiu da escada ontem à noite — comento. — Lá do alto. Na queda, bateu a cabeça no corrimão. Ela contou que o som foi como um tiro de filme, só que mais

abafado.

— Meu Deus.

— Não tinha ninguém em casa. No hospital, disseram que ela sofreu uma concussão, então a gente precisava mantê-la acordada e caminhar com ela o máximo possível.

Bea arregala os olhos.

— Ela está bem?

— Está. Minha mãe não queria que a gente viesse para a escola hoje, mas Alice insistiu.

Tiro o gorro, balanço a cabeça e tento arrumar o cabelo. Ao contrário de Alice, eu não tinjo (nem sou loura natural como ela), e meu cabelo é curto demais para alisar, então os fios castanhos e curtos, que demoram uma eternidade para crescer, ficam sempre espetados quando uso gorro.

Bea põe as mãos em cima das minhas. O mindinho direito percorre a lã do gorro que estou segurando.

— Por que você não me ligou? — pergunta ela, e, em seguida, como se fosse responder à própria pergunta, volta a olhar para as cartas. Bea pigarreia, hesitante, mas, por fim, fala: — Acho... que essa temporada não vai terminar nada bem, Cara.

Ela tenta me olhar nos olhos, mas estou vidrada nas cartas em cima da mesa.

— Vai ser muito ruim? — pergunto, depois de um tempo.

Com delicadeza, Bea toca minha mão enluvada e responde de modo suave:

— Vai ser uma das piores.

Ela vira uma das cartas para mim, e vejo a imagem de uma pessoa deitada numa cama e sendo ferida com espadas. Um calafrio percorre meu corpo. Bato o joelho em uma das pernas da mesa e sinto uma dor aguda. Quando olho para baixo, vejo que a legging e a meia-calça foram rasgadas por um prego enorme preso à madeira e com a ponta exposta. O corte começa a sangrar. Sinto meus olhos se encherem de lágrimas.

Bea se levanta e me abraça. Ela cheira a cigarro e incenso.

— Vai ficar tudo bem — sussurra. — Vou fazer de tudo para que nada aconteça com você. Prometo. Dá para mudar isso. E não acho que você esteja ficando louca. Vamos conversar com Elsie. Parece que ela não veio hoje, mas podemos procurá-la amanhã. Vai ficar tudo bem.

Engulo o pânico que começa a subir pela minha garganta e pego na mochila um pacote de lençinhos com estampa de pirata. Limpo o sangue da calça, tentando mexer o pulso o mínimo possível. Decido não relembrar Bea de que já está acontecendo, mesmo que eu só tenha me cortado com um prego e torcido o pulso ao sair do carro ontem à noite. É sempre assim: os acidentes acontecem e continuam acontecendo, piorando a cada dia. Olho de novo para o outro lado da biblioteca, onde geralmente fica a caixa de segredos de Elsie. A mesa vazia parece um sorriso banguela.

2.

Mantenho a cautela pelo resto da manhã, segurando firme em todos os corrimões, olhando para onde piso e evitando quinas. Durante o almoço, Alice se junta a mim, Bea e Sam e atravessamos o campo de futebol em direção aos trilhos do trem, que ficam atrás da escola. Gostamos de vir aqui para fumar às vezes (os professores quase nunca aparecem e, quando nos sentamos perto dos trilhos, não dá para ver a gente da janela da escola), mas Alice, que está um ano à frente de nós três, normalmente almoça com os amigos no refeitório.

— Não aguento mais responder perguntas — explica Alice quando pergunto por que ela decidiu almoçar com a gente hoje. — Nem os olhares.

Desvio os olhos de seu rosto machucado. Sam e eu gostamos de inventar histórias absurdas para justificar nossas lesões. Ninguém acredita, claro: os professores pedem que a gente pare de exagerar e nossos colegas nos chamam de loucos pelas costas, mas pelo menos não nos enchem de perguntas.

Alice prefere não falar sobre os acidentes, nem com os amigos. Quando o pessoal começa a fofocar sobre nossa família, ela se incomoda bem mais do que Sam e eu. Muitas coisas a incomodam.

— Além disso — completa ela —, me deu vontade de fumar um cigarro.

Bea não comenta o fato de que Alice não fuma. Também não faz comentários sobre os machucados, nem sobre a atadura que escapa da echarpe dela. Em vez disso, se senta nos trilhos e pega o ukulele e um maço de cigarros. Tira um, dá uma tragada e o entrega a Alice. Então, solta a fumaça enquanto dedilha o instrumento, e seu rosto fica encoberto. Somando-se a fumaça ao cabelo cacheado e tingido de vermelho vivo, a impressão é de que Bea está pegando fogo. A loura e pálida Alice lembra a Branca de Neve ao lado de Bea, a Rosa Vermelha, embora minha irmã não seja o tipo de pessoa que se descreveria como uma personagem de conto de fadas.

Bea adora dizer que Alice é o oposto de nós: prática, em vez de poética. Sempre achei que faria mais sentido se Bea se chamasse Alice, mas ninguém escolhe o próprio nome. “Bea” é uma homenagem a uma heroína de Shakespeare, e “Alice”, à personagem do livro infantil, e as duas jamais vão poder trocar entre si. Sam não sabe por que recebeu esse nome, pois sua mãe morreu pouco depois do parto. Já a minha jura que meu nome é uma abreviação de caramelo. Às vezes acho que é sério.

Alice devolve o cigarro a Bea, que dá duas tragadas e mancha o filtro de batom vermelho.

— Dizem que dividir cigarro com alguém é o mesmo que beijar essa pessoa — comenta Bea enquanto me entrega o cigarro.

Sorriso e o levo aos lábios.

— Quem diz isso? — pergunta Alice.

Ela tem o hábito de questionar Bea mais do que todos nós. Talvez porque a vida de Alice seja um pouco mais ligada ao mundo real do que a nossa, ou pelo menos é o que ela

pensa. Minha irmã adora dizer (em alto e bom som e com frequência) que não acredita na temporada de acidentes nem nas cartas de tarô, mas às vezes duvido disso. Alice ignora quando minha mãe pede para ela se proteger com camadas e mais camadas de roupa, mas acho que é só porque não quer chamar atenção na escola.

— Todo mundo. — Bea está acostumada com o ceticismo de Alice. Às vezes acho que ela solta uns comentários ainda mais exagerados perto de Alice só porque curte provocá-la. — É um lance muito íntimo colocar os lábios no mesmo lugar em que outra pessoa acabou de colocar os dela, inalar o mesmo ar.

Sam pega o cigarro da minha mão, e seus dedos esbarram nos meus.

— Não é ar. — Alice arranca tufo de grama e ergue uma sobrancelha em reprovação, mas está sorrindo. — É tabaco e alcatrão.

— Você inala do mesmo jeito — constata Bea.

Tiro o livro da mochila e olho para o outro lado dos trilhos. Ainda está claro, mas tem escurecido cada vez mais cedo, como se o dia estivesse cansado de aturar o sol, o canto dos pássaros e o cheiro dos campos gramados próximos à cidade. Como se este outubro estranhamente quente estivesse, enfim, se cansando de fingir que ainda é verão e só esperasse a chuva e os ventos do outono para a estação começar de verdade.

Sam se recosta em mim, e ficamos ali, sentados nos trilhos do trem. Minhas pernas estão esticadas: coturnos vermelhos enormes e meias grossas protegendo pés pequenos que podem se quebrar com muita facilidade. Tento me concentrar em meu exemplar antigo de *O morro dos ventos uivantes*, mas não paro de imaginar um trem chegando de repente e esmagando nossos corpos frágeis. Tento me convencer de que não acredito que, todo ano, durante um mês, minha família fique inexplicavelmente mais propensa a sofrer acidentes. Tento fingir que não me lembro dos acidentes — os grandes, os graves — nem das tragédias do passado.

Sem me dar conta, olho para Alice. As cartas de Bea disseram que esta temporada será uma das piores. E, quando os piores acidentes acontecem, pessoas morrem.

Sinto meu coração ir parar na garganta. Evito me lembrar de certas coisas, mas às vezes simplesmente não consigo fingir. Eu me levanto e puxo Sam e Alice para longe dos trilhos. Eles não perguntam o motivo, apenas se sentam comigo na grama suja. Bea se junta a nós, dedilhando o ukulele delicadamente.

Guardo o livro na mochila, e todos pegamos os lanches e os copos de papel cheios de chá que trouxemos do refeitório. O chá esfriou, mas pelo menos não vamos nos queimar.

Sam toma um gole e faz careta.

— Eca. — Ele olha para Alice e dá um meio sorriso. — E aí? Como está a cabeça, querida? — continua, imitando de forma razoável a voz da minha mãe.

— Ah, nem vem. — Alice joga a cabeça para trás e revira os olhos. — Ela precisa aprender que, às vezes, quando digo “estou bem” é porque estou mesmo.

Observo Alice partir o sanduíche dela em vários pedacinhos e comê-los devagar, enquanto a guimba do cigarro que acabou de fumar queima lentamente a seu lado. Talvez eu acredite no “estou bem” dela tanto quanto minha mãe.

— Ela só está preocupada — comenta Bea.

Alice limpa as migalhas da saia.

— Os pais dos meus amigos se preocupam em garantir que os filhos entrem em uma boa faculdade ou em impedir que fiquem se embebedando por aí — diz Alice. — Minha mãe só quer saber se estou usando mais de um par de luvas. Isso não é preocupação, é maluquice.

— Claro, tem razão — comenta Sam, fingindo sinceridade. — Tipo, até parece que você teve uma concussão e foi parar no hospital ontem ou coisa assim...

Alice abre a boca para retrucar, mas, antes que possa fazer isso, eu mudo de assunto:

— E para que cursos os seus amigos estão se inscrevendo?

Alice é uma daquelas pessoas que tem um grupo grande de amigos casuais. Ela geralmente anda com o pessoal popular da escola, mas não é íntima de nenhum deles. Almoça com eles e é convidada para todas as festas, mas, depois da aula, passa a maior parte do tempo com o namorado, Nick, o mais popular de todos.

Nick é músico, daqueles que tocam maravilhosamente bem usando só os dedos, sem a palheta, e tem uma voz fantástica. Seu talento é como um perfume que qualquer garota é capaz de sentir a quilômetros de distância. Acho que, quando seu namorado compõe músicas românticas para você às três da manhã e a chama para subir no palco depois de cada show, você realmente não precisa de muitos amigos íntimos.

Eu, por outro lado, sou dessas que têm um grupo pequeno de amigos: Bea e Sam. É, admito que é um grupo bem pequeno.

Alice mastiga um pedacinho de sanduíche.

— Kim quer fazer enfermagem. Niamh prefere administração ou letras. Então, se eu não conseguir passar para ciência da computação na Trinity College, vou para a Dublin City University com ela. Mas essa é, tipo, minha quarta opção.

Alice vai ser a única pessoa na nossa família a não cursar nada relacionado a artes ou literatura, mas acho que é exatamente isso que ela quer.

— Tenho certeza de que você vai conseguir passar para sua primeira opção — digo.

— Isso se eu não morrer de tanto estudar. Sabia que o sr. Murray faz a gente estudar duas horas por noite? Além do dever de casa?

— E ainda estamos em outubro — comenta Sam. — Não é à toa que você está tão mal-humorada.

Alice empurra o ombro dele.

— Você está precisando de uma boa festa — observa Bea, pegando uma maçã da mochila. — Assim todo mundo se distrai e prioriza o que é importante de verdade.

— Tem razão — concorda Alice, sorrindo. — Dever de casa jamais deve ser uma prioridade.

— Dever de casa! — exclama Sam de repente. Ele começa a vasculhar a mochila atrás do caderno. — Por favor, digam que o trabalho sobre a Primeira Guerra Mundial não era para hoje.

— Eu diria, mas estaria mentindo — brinca Bea, mordendo a maçã.

— *Merda.* — Sam tira o livro de história da mochila e o abre no colo. — Vocês fizeram? — pergunta para mim e Bea.

— Você sabe que ano que vem a gente não vai mais poder copiar o dever de casa uns dos outros, não sabe? — comento, com desânimo. — Não se a gente quiser tirar boas notas, como Alice. E, provavelmente, vamos ter que entregá-los na data certa.

— Realmente — retruca Bea, séria.

— Bem, a maior parte da minha turma *não* entrega o dever de casa na data certa — comenta Alice enquanto Bea tira o caderno da mochila e o entrega a Sam. — Exceto Toby Healy, claro.

Toby é um dos garotos mais populares da escola. Tem cabelo louro-claro, um bronzeado impressionante e covinhas quando sorri. É um dos melhores jogadores do time de futebol e o melhor aluno da turma, mas mesmo assim passa quase todas as tardes estudando com um professor particular. Não que eu tenha notado.

Bea me olha de soslaio.

— Cara acha o Toby bonitinho.

— Todo mundo acha — digo.

— Eu não acho — retruca Sam.

— Todo mundo, menos o Sam.

— Peraí, você acha o Toby bonito *de verdade*? — pergunta Sam.

O celular de Alice vibra. Ela lê as mensagens, mas não responde e volta a guardá-lo.

— Bonito ou não, nunca daria certo — opina Bea.

Estou prestes a argumentar, pois sinto que devo me defender, apesar de nem estar tão a fim de Toby Healy, mas Bea continua:

— Afinal, nosso apartamento em Paris só tem espaço para três.

Sam, Bea e eu sempre fazemos planos mirabolantes para quando terminarmos a escola. Vamos morar juntos em Dublin e estudar literatura e filosofia, cursos que vão nos permitir rumar para Paris, onde Sam vai dirigir filmes franceses alternativos, eu vou passar os dias em livrarias poeirentas e Bea vai pagar o aluguel trabalhando como modelo (de nu artístico, claro).

Dou um tapinha em Bea e corrijo a redação de Sam de acordo com as anotações que fiz no meu próprio caderno. O telefone de Alice vibra de novo.

— Seu namorado não sabe que você está na escola agora? — pergunta Bea quando o telefone começa a tocar alto.

— Já volto — avisa minha irmã, levantando-se e se afastando um pouco para atender.

Faz quatro anos que Nick terminou o ensino médio; sabe-se lá o que a gente esquece quando fica tanto tempo longe da escola.

Bea volta a tocar o ukulele. Reconheço a melodia de imediato: é uma das canções folclóricas deprimentes que ela adora tocar. Há algumas semanas, a sra. O'Shaughnessy, professora de literatura, pediu a Bea para tocar essa música na versão irlandesa original durante a aula. Desde então, ela e o professor de música, o sr. Duffy, não param de falar sobre “o toque moderno que Bea dá à música tradicional”, mas ninguém da banda de folk

da escola quer alguém tocando ukulele. Ou talvez eles só não queiram Bea.

Alice volta sorrindo.

— Ele mandou flores para mim lá no refeitório da escola — diz ela, enquanto se abaixa para guardar as coisas na mochila. — Achou que eu estaria lá agora. Kim disse que é um buquê com uma dúzia de rosas em um vaso grande de vidro e que todo mundo está comentando.

Quando vou perguntar a Alice se é alguma ocasião especial ou se Nick enviou as flores de forma espontânea e por puro romantismo, o chão começa a tremer. Ouço o barulho dos trilhos. Nos viramos e avistamos o trem, que passa na nossa frente como um pássaro sinuoso, berrando e estridente. Os rostos dos passageiros nas janelas passam em um borrão. A estação fica mais à frente, na mesma rua da escola. O trem desacelera para dar passagem a outro, e, em um dos vagões, tenho a impressão de ver nossos reflexos, mas estão diferentes, como se distorcidos pela luz que entra pelo outro lado da janela.

Os quatro estão vestidos como se fossem a uma festa à fantasia. A ruiva que lembra Bea parece estar fantasiada de sereia, com pele escamosa e tudo. Imagino uma estrelado-mar grudada em seu rosto e a barra da saia em formato de barbatana. Outra garota, com o cabelo castanho tão curto quanto o meu, está sentada de frente para a sereia, com os pés apoiados na mesa entre elas. Está usando um vestido leve e estranho, cor de petróleo, e um All Star prateado, além de ter um par de asas de fada azul-esverdeadas presas às costas. As asas estão amassadas no encosto do banco. A garota ao lado da sereia — na mesma posição de Alice, que está sentada ao lado de Bea na grama — está fantasiada de árvore, com folhas grudadas no rosto e usando um vestido cor de musgo, além de ramos e florzinhas entrelaçados no cabelo louro e comprido. Sentado ao lado da fada, o único garoto do grupo parece recém-saído de um filme mudo. Tem a pele cinzenta e acho que está usando uma cartola cobrindo o cabelo preto. Fico um pouco triste quando o trem se afasta, porque o garoto é bem bonito.

— Queria saber para onde eles estão indo... — comento com Bea, que também observa o trem se afastar.

Enquanto envia uma mensagem no celular usando apenas uma mão, Alice se levanta, pendura a mochila no ombro e volta correndo para o prédio da escola.

— Para onde quem está indo? — pergunta Bea, distraída, virando-se para observar Alice. Depois volta a afinar o ukulele com uma série de acordes agudos.

— Aquelas pessoas no vagão — respondo.

Bea e Sam procuram o trem, mas é claro que o vagão com o pessoal fantasiado já passou.

— Que pessoas? — pergunta Sam.

Bea dá de ombros.

— Nem percebi que tinha gente nos vagões. — Ela arrisca mais alguns acordes. — Só vi o reflexo de nós quatro no vidro.

Ergo a cabeça de novo para olhar para o trem, mas ele já se foi. Talvez o cansaço tenha me causado alucinações. Penso na noite passada, no hospital; nas enfermeiras, que,

a essa altura, já decoraram nossos nomes; em como tivemos que caminhar com Alice de um lado para outro e fazer perguntas para mantê-la acordada. Sinto uma coceira no joelho, onde o sangue do corte fez a meia-calça colar na pele.

Não consigo me concentrar pelo resto do dia. Quando toca o sinal das três da tarde, acompanho Sam e Bea até a quadra, mas, em vez de entrar no vestiário para trocar de roupa, imploro à sra. Smith, nossa professora de educação física, para me liberar da aula por causa do meu pulso torcido. Ela me deixa ir para casa. Bea — que com certeza preferiria não ter que correr em volta da quadra e ficar fedendo a suor — acena para mim enquanto vou embora para casa sozinha sob o sol da tarde.

Nossa casa fica a alguns quilômetros do centro, mais adiante na estrada principal, passando por lojas, outras casas, conjuntos habitacionais, fazendas e uma estradinha de terra ladeada por cercas vivas e casas brancas. Mas, na maior parte do trajeto, o caminho segue o curso do rio, por uma calçada um pouco afastada da estrada principal. Em certas partes não passa de asfalto rústico, mas em outras é até bem legalzinha, com mesas para piquenique e pontes que levam até o bosque na outra margem.

Gosto de passar o tempo perto da ponte menor, que é mais uma tábua de madeira estendida acima do rio, enquanto as autoridades não constroem uma ponte adequada, de pedra. Em vez de ir para casa, eu me sento à beira do rio e pego um cigarro. O chão é duro e arenoso. Do outro lado, a vegetação é amarela e vermelha, e as folhas caídas são secas, quebradiças e convidativas. Há algo nas folhas de outono que nos impele a pisá-las. Eu as ouço sussurrar em meio à brisa. Tiro os dois pares de luvas para evitar que o cigarro as queime e fico sentada ali, um pontinho colorido na margem sombria tentando não pensar nas cartas de Bea.

Desde criança, muito antes de Elsie começar com a caixa de segredos, gosto de vir até aqui sozinha para contar meus segredos ao rio. Às vezes, tenho a sensação de ouvir o rio sussurrar os segredos de volta para mim.

Abro a boca para contar o que Bea me disse e falar que estou com medo de que esta temporada seja uma das piores — a pior, na verdade, se é que isso é possível (não consigo imaginar algo pior do que o que aconteceu quatro anos atrás, uma tragédia que minha família ainda tenta esquecer) — quando, de repente, tenho a impressão de ver um vulto entre as árvores. Forço a vista para enxergar melhor em meio à claridade, mas o vulto já sumiu. Eu me levanto e me aproximo do rio, e a ponte do coturno quase encosta na água. Posso jurar que vi alguém com cabelo castanho-claro entre as árvores.

Dou uma última tragada, jogo a guimba na lixeira ao lado da mesa de piquenique e corro para a ponte. Estou na metade da travessia quando percebo que a madeira começou a ranger. Paro. Já passei por esta ponte milhares de vezes. Ela foi colocada ali antes de eu nascer, mas continua firme; resistiu ao tempo. Com cuidado, dou um passo à frente. Outro rangido, só que mais alto. Então, em uma confusão de madeira e água, a ponte desaba.

Agarro o corrimão e seguro com toda a força enquanto a ponte cai no rio. É uma queda pequena. A estrutura bate na água e fica presa entre duas pedras. Uma enxurrada de água, que agora bate na altura da minha cintura, tenta me arrastar, mas continuo de pé,

me apoiando no corrimão.

Começo a tremer muito, mas não de frio.

Está tudo bem, penso, decidida. Está tudo bem.

Respiro fundo até conseguir me mexer de novo. Aos poucos, com as pernas pesadas por causa da água e usando uma mão de cada vez, eu me arrasto até o fim da ponte caída e chego à margem do rio.

Subo. Ainda ofegante, me aproximo da área onde tenho certeza de que vi Elsie. No caminho, esmago o musgo e os gravetos presos ao meu coturno. Afasto um arbusto e espreito a pequena clareira por trás dele. A copa das árvores deixa tudo escuro no bosque. A luz é nebulosa e estranha, repleta de segredos.

— Olá? — chamo, e me sinto uma daquelas garotas dos filmes de terror que fazem a plateia do cinema gritar com a tela, mandando-as fugir. Meu coração dispara. — Elsie?

Tenho a impressão de ouvir um ruído baixo vindo dos arbustos do outro lado da clareira. No mais, um silêncio arrepiante toma conta do bosque. Não ouço o estalido das folhas nem o curso do rio atrás de mim.

— Olá? — repito.

Ando pé ante pé em direção aos arbustos. As folhas farfalham conforme eu avanço.

— Elsie?

Chego ainda mais perto, afastando os galhos rapidamente, como se estivesse arrancando um esparadrapo. Não vejo nada. Nada, exceto algo que parece uma caixinha escondida entre a vegetação. Eu me ajoelho, apoio as mãos no chão e enfio a cabeça entre os galhos. Sopro as folhas para afastá-las da minha frente e então vejo uma ratoeira, escondida em meio a um bolo de musgo lamacento.

Por um momento, olho atentamente para o chão, com medo de ter me aproximado demais de um ninho de ratos, mas então noto o que há na armadilha: felizmente, não é um rato morto, nem um pedaço de queijo, como nos desenhos de *Tom e Jerry*. É uma boneca.

Parece feita de papelão, arame e pano, igual às bonecas da preocupação, típicas da Guatemala, que minha mãe tem penduradas no retrovisor. Só que esta é exatamente igual a Elsie. Tem o cabelo castanho-claro feito de lã, a pele pálida de pano e veste uma saia xadrez muito parecida com o uniforme da nossa escola e um suéter vermelho largo, igual ao que Elsie sempre usa fora da escola. A boneca tem até uma camisa minúscula com gola Peter Pan. Devagar, me afasto dos arbustos e me levanto.

— Elsie! Elsie!

Não há resposta. Uma leve brisa atravessa a clareira. Sinto arrepios nas pernas, por baixo das camadas de roupa molhada. Ou pelo menos prefiro pensar que fiquei arrepiada devido ao frio, não por causa da armadilha com a bonequinha de pano.

3.

Quando chego em casa, as mochilas de Sam e Alice não estão jogadas no corredor, cobertas de gorros, luvas e folhas, então deduzo que ou ainda estão na escola ou estão a caminho de casa. Largo minha mochila perto da escada e tiro o coturno ainda úmido.

Na sala, minha mãe está toda encolhida no sofá feito um gato, mastigando uma mecha do cabelo comprido roxo e fazendo esboços em um caderno. Quando entro, ela mal ergue a cabeça.

— Oi, mãe.

Paro ao lado do sofá e dou um tapinha em seus tênis grandes e verdes, próprios para fazer trilha, que parecem já ter atravessado oceanos.

Ela fecha o caderno com um estalo e sorri para mim.

— Oi, querida — cumprimenta, com a voz rouca.

Há uma aura estranhamente melancólica nela. Nem tirou o casaco.

— Você está bem? — pergunto.

Ela costuma insistir em nos buscar de carro na escola quando não está trabalhando.

— As prensas quebraram logo depois do almoço. As duas, ao mesmo tempo. Normal.

Minha mãe é artista. Quando trabalha com estampas ou gravuras, usa um pequeno estúdio no centro de Galway, que aluga junto com alguns amigos, porque não temos espaço para uma prensa no sótão de casa, onde ela trabalha na outra metade do tempo. O lugar está abarrotado de telas e tintas e sempre tem um cheiro forte de aguarrás.

— Então — acrescenta ela, balançando o caderno no ar — o resto do dia foi meio morto, aí resolvi sair para tomar um drinque com as meninas. Cheguei em casa faz só cinco minutos. — Ela franze o cenho, como se só agora tivesse se dado conta da minha presença. — Por que você está toda molhada?

Não quero contar a ela que a ponte desabou, então invento uma história: digo que um cano estourou no banheiro feminino e encharcou meu uniforme, mas deixo claro que ninguém se machucou nesse acidente de mentira.

Distraída, minha mãe apenas assente.

— Seu irmão também veio para casa? — pergunta ela, afastando o cabelo do rosto e balançando as pernas. Então diz: — Christopher ligou hoje à tarde.

De repente, a ficha cai. O delineador está um pouco borrado no cantinho dos olhos e ela está parecendo muito mais jovem. Tento usar um tom de voz suave, mas sai como uma espécie de provocação.

— Ah, então o “drinque com as meninas” foi *daquele* tipo.

Minha mãe fecha a cara.

— Não tente inverter os papéis aqui, mocinha — reclama ela, mas está sorrindo, e arranca o gorro da minha cabeça e bagunça meu cabelo. Em seguida acrescenta, baixo: — É difícil encarar a temporada de acidentes.

Faço que sim com a cabeça para mostrar que entendi, mas ouvi-la falar desse jeito faz o frio na barriga voltar.

Christopher é o pai de Sam. Não o vemos desde que ele foi embora, há quatro anos. Ele telefona mais ou menos uma vez ao ano, mas Sam nunca retorna a ligação. Minha mãe sempre mantém o ex-marido informado sobre o filho, mas, toda vez que fala com ele, sai para “tomar um drinque com as meninas”.

— Onde você disse que o seu irmão está mesmo? — pergunta ela de novo.

— Sam não é meu irmão — respondo. — Ele deve chegar daqui a pouco. Ficou lá sofrendo na aula de educação física. Felizmente eu fui liberada.

Ergo o pulso enfaixado para deixar claro o motivo.

— Bom, uma torção no pulso é bem melhor do que uma aula de educação física — comenta minha mãe, meio que rindo, e eu concordo.

Sam é três meses e vinte e quatro dias mais velho que eu, o que significa que estamos no mesmo ano da escola e fazemos praticamente as mesmas aulas. Somos parecidos em muitos aspectos, mas, se as aulas de educação física não fossem obrigatórias, eu jamais colocaria os pés em uma quadra, enquanto Sam ficou quase um ano no time de futebol da escola — até quebrar o nariz durante um jogo em uma das temporadas de acidentes e minha mãe obrigá-lo a sair do time.

— Vá se trocar! Senão vai acabar pegando uma pneumonia e morrendo com essa roupa molhada — ordena minha mãe, apontando para a escada.

Quando desço, com uma roupa mais confortável (e seca), vamos até a cozinha colocar a pizza no forno. Estamos na temporada de acidentes, então todas as quinas estão protegidas com algum tipo de acolchoamento. Ela comprou um forno elétrico há alguns anos e desativou o fogão a gás, então tudo que comemos é feito nesse forno elétrico ou no micro-ondas. O piso é coberto por imitações de tapetes afegãos. Nossa cozinha é uma mistura de cela acolchoada e tenda nômade.

Minha mãe me entrega uma garrafa de cerveja. (Quando fizemos dezesseis anos, ela concluiu que, se bebesse uma cerveja ou uma taça de vinho em casa com a gente de vez em quando, nós não sentiríamos necessidade de tomar um porre por aí nem correríamos o risco de ter problemas de fígado aos trinta anos. Acho que se ela visse como são as festas que frequentamos no verão não teria tanta certeza disso.)

— Vamos comemorar — declara.

— Comemorar o quê?

Ela hesita por um momento, depois responde:

— Vamos comemorar que você foi liberada da aula de educação física e eu consegui metade do dia de folga.

Ela sorri, mas alguma coisa em seu tom de voz me deixa desconfiada.

— Vamos brindar à última semana da temporada de acidentes! — exclama.

Acho que ela quer comemorar o fato de mais uma temporada de acidentes estar chegando ao fim, mas algo nesse brinde me inquieta. É como se a temporada de acidentes não pudesse ser abordada de forma tão direta e descontraída. Como se, ao mencionarmos seu nome tantas vezes, ela se desse ainda mais conta da nossa existência. Como se realmente fosse uma criatura que quer nos fazer mal.

Mas minha mãe está tentando disfarçar a tristeza e esboçar um sorriso, e o delineador está borrado, então ergo minha garrafa para brindar também.

— À temporada de acidentes.

* * *

Quando Sam e Alice chegam, a casa inteira está cheirando a queijo derretido, e, como não preciso beber muito para ficar tonta, estou vendo tudo um pouco distorcido e cantando a música triste e melancólica que Bea tocou nos trilhos do trem. Sam se senta à mesa, de frente para mim, bate as pernas nas minhas e canta junto. Ele tem a voz rouca e grave, e conhece todas as harmonias.

Alice pega uma cerveja e vai para seu quarto. Minha mãe olha para ela com tristeza, em seguida pega sua garrafa de cerveja e vai para a sala.

Depois que as duas saem, eu me lembro da ligação de Christopher. Estou prestes a comentar isso com Sam quando o pedaço de pizza que estou segurando cai e me mancha toda de molho de tomate e gordura do queijo derretido. Sam ri da minha cara, depois se inclina para a frente e lambe um pingo de molho do meu queixo.

Eu recuo, surpresa, depois solto um “aff” ao ver a cara que ele faz.

— Eca, Sam! — exclamo, tirando o queijo com as costas da mão. — Que nojo.

— Não, está uma delícia — rebate ele, sorrindo, e rouba o resto da minha fatia.

O sorriso dele é grande, amável e verdadeiro; não é tristonho como o da minha mãe, nem estranho e sem graça como o de Alice. Não quero estragar isso, então decido não contar sobre Christopher agora. Subimos até meu quarto, coloco um disco na vitrola que era do meu pai e nos deitamos lado a lado na cama, os dois de bruços. Mostro a ele um dos álbuns de fotos antigos que estava olhando ontem à noite e finalmente conto o que percebi sobre Elsie.

Passo cada página com cuidado, como se cada Elsiezinha das fotos fosse se assustar e sair correndo se eu virar rápido demais. Penso em contar que atravessei o rio mais cedo e que vi a bonequinha de Elsie na ratoeira, mas desisto no último minuto, porque estou quase convencida de que é exagero meu; de que vi apenas um pedaço de tecido e uns pauzinhos de madeira. Sam toca as fotos com a ponta dos dedos.

Ele balança a cabeça.

— É tão esquisito. Não sei como é possível — diz ele, e continua virando as páginas do álbum com delicadeza. — Você sabe alguma coisa sobre ela? Eu nunca a vejo por aí.

— Ela fica na biblioteca entre uma aula e outra, na maioria das vezes.

Sam vira mais uma página.

— A caixa de segredos, certo?

— Isso.

— Acho que nunca troquei uma palavra com ela — comenta ele, e me encara. — Só quando vou escrever meus segredos na máquina dela.

— Você deixou segredos lá?

Não sei por que estou surpresa. A caixa de segredos é uma boa maneira de pôr para fora coisas que não necessariamente queremos dizer em voz alta. Vez ou outra, também deixo segredos lá. Eu os datilografo na máquina de escrever antiga de Elsie e os ponho na caixona de madeira onde ela os guarda. Ao final do semestre, a sra. Byrne, professora de artes, faz uma exposição pelos corredores da escola. Ela pendura todos os segredos em cordas de varal e os deixa lá para quem quiser ler. Isso chama muito a atenção da imprensa local, mas a sra. Byrne diz que é tudo questão de catarse e comunidade. Você lê os segredos e não se sente tão sozinho; lê seus segredos lá, entre centenas de outros, e sabe que estão conectados, mesmo que seja apenas por uma cordinha de varal nos corredores da escola.

Estou louca para perguntar a Sam o que ele escreveu na máquina de Elsie, mas sei que ele não me contaria. Eu não contaria o que escrevi se ele me perguntasse.

— Aham — responde ele. — Às vezes.

Ele dá de ombros, como se quisesse mostrar que não é nada de mais.

A pergunta está na ponta da língua. O cabelo dele cai nos olhos. Os fios são grossos e ondulados, mais para pretos do que para castanho-escuros, e há uma mecha azul bem discreta. Ele sempre brinca dizendo que essa mecha o deixa com cara de rebelde. Não que Sam precise. Tenho quase certeza de que algumas garotas da escola ficam olhando para ele não só por nos acharem meio estranhos.

As molas da cama rangem quando ele mexe o corpo.

— E você? Já deixou algum segredo lá? — pergunta ele.

— Às vezes eu deixo.

Olho para as fotos à minha frente. Não consigo parar de pensar no que Sam pode ter escrito. Consigo imaginá-lo na caixa de segredos, escondido de Elsie e do resto do pessoal, atrás de um pequeno biombo que ela deixa ao lado da caixa, os dedos com unhas roídas registrando palavras que ele nunca contaria a ninguém, nem mesmo a mim. Mudo de assunto e volto a falar de Elsie:

— E você nunca conversa com ela quando deixa um segredo? — pergunto.

— Não — responde Sam, franzindo o cenho como se tentasse se lembrar de alguma coisa. — Acho que não.

— Nem eu — comento, pensativa. — Acho que tem algo clandestino e meio que... constrangedor naquilo tudo, talvez.

Sam assente.

— É. Não dá vontade de ficar por ali batendo papo.

Deve ser meio triste para Elsie ver tanta gente todos os dias, mas não ter ninguém com quem conversar. Será que ela se sente sozinha? Não sei por que nunca pensei nisso antes. Há anos não converso de verdade com Elsie, e meio que parei de reparar nela.

Passávamos muito tempo juntas na infância. Quando meu pai morreu, minha mãe, Alice e eu ficamos sozinhas. Bea ainda não tinha se mudado para nossa cidade e minha mãe não tinha conhecido Christopher, então também ainda não conhecíamos Sam. Meu pai morreu quando eu tinha oito anos, em uma temporada de acidentes, uma das piores,

que nos rendeu vários pontos e ossos quebrados. Uma van saiu da pista expressa e atingiu o carro do meu pai quando ele voltava do trabalho. Depois disso, fiquei sem falar nada por um bom tempo. E, embora a maioria do pessoal na escola entendesse, quanto mais o tempo passava, menos interesse as pessoas tinham em tentar se aproximar de mim.

Exceto Elsie. Lembro que foi muito reconfortante saber que alguém me entendia; alguém que não ficava tentando fazer com que eu me sentisse melhor e se contentava em permitir que eu sentisse o que tivesse que sentir.

Minha mãe conheceu Christopher dois anos depois, quando Sam e eu tínhamos dez anos e Alice, onze. Eles ficaram casados por apenas três anos. Depois que Christopher foi embora, Sam passou pelo que minha mãe chamou de “fase difícil”. Ficou bem deprimido e irritado. Todos tentavam animá-lo o tempo todo, levando-o a lugares diferentes e mostrando a ele outras coisas com que ocupar a mente, mas eu sabia que nem sempre isso ajudava. Então, nós dois ficávamos trancados no meu quarto ouvindo música sem dizer uma palavra sequer por horas a fio. Às vezes, dias. Depois, ficávamos de pé na cama e gritávamos todos os palavrões que conhecíamos (e, para adolescentes de treze anos, até que nosso repertório era bem impressionante). Também jogávamos coisas no chão: vidros de esmalte, estojos da escola, álbuns de fotos. Sam e eu sempre fomos próximos, mas só nos tornamos melhores amigos depois disso.

Acho que deixei de precisar de Elsie quando Sam entrou em minha vida. Só de pensar nisso me sinto muito, muito mal por tê-la deixado de lado.

— E agora ela aparece em todas as minhas fotos — concluo. Eu me deito de lado e fico de frente para Sam, apoiando a cabeça em uma das mãos. — Será que ela está me seguindo? Que estou ficando maluca? Que é coisa da minha cabeça? Que talvez eu que na verdade esteja seguindo ela?

— E você está?

— Quer dizer, sem perceber, entende? Talvez eu é que esteja sempre atrás dela. Talvez não seja ela me seguindo. É possível seguir alguém sem querer?

Sam está parado observando uma foto de nós dois à beira-mar, com Alice, Christopher e minha mãe. A foto foi tirada nas férias, no sul da França, um ano antes de Christopher nos abandonar, quando as coisas pareciam quase normais. Sam e eu estamos com um sorriso idêntico. Estamos com o mesmo cabelo claro de tanto pegar sol, a pele bronzeada e a mesma altura. Parecemos gêmeos. Aquela foi a primeira vez que usei um biquíni, mas ainda parecia uma garotinha brincando de vestir roupa de gente grande. Minha mãe parece uma modelo dos anos 1920. Ela tinha enterrado Christopher na areia até os tornozelos, mas ele continuava mais alto do que ela. Os dois estão abraçados de lado, e, pelo jeito como a pele do peito dele está esticada, dá para ver que minha mãe o abraça com força.

Alice está meio distante. Meu tio Seth, que tirou a foto, não parava de insistir que ela se aproximasse, mas ela sempre achou férias em família um saco. É a única que está completamente vestida; a camisa e a calça jeans destoam da cena ensolarada. Atrás dela, de pé na beira da água, está Elsie.

— Talvez a família dela estivesse de férias no mesmo lugar que a gente — comento, mas sinto o tom de incerteza na voz.

No entanto, Sam não está escutando.

— Odeio o meu pai — diz ele, de repente.

Cubro a foto com a mão na mesma hora, ignorando a vozinha que martela na minha cabeça dizendo que eu deveria contar a Sam que o pai dele ligou hoje de manhã.

— Ele não existe — digo, então sorrio e cutuco o braço dele para animá-lo. — Você pode entrar para o nosso clube. O clube dos sem-pai. Alice e eu somos membros. Bea também. A gente pode se reunir em uma sede e inventar um aperto de mão secreto.

O pai de Bea foi embora há três anos sem dar qualquer satisfação, assim como Christopher. A diferença é que Bea sabe que ele mora na Inglaterra com a nova e bem-sucedida esposa e com os adoráveis filhos, que têm pôneis, fazem balé e não vão se tornar adolescentes excêntricos que leem cartas de tarô e só sabem desapontá-lo.

— E Melanie — acrescenta Sam.

O pai da minha mãe morreu em uma temporada de acidentes quando eu tinha seis anos. Não me lembro muito dele, só que morreu no ano em que tomei consciência do mal que nos acomete. Eu nunca tinha visto minha mãe chorar antes daquele dia.

— É, e minha mãe — concordo, afastando o álbum. — Vamos parar de pensar nisso.

Sam hesita por um momento, mas acaba desistindo de levar o assunto adiante. Nós dois nos deitamos de costas e somos embalados pelo chiado da gravação no fundo da música. Ele aponta para uma das nuvens pintadas no teto, bem em cima da minha cama. Foi meu pai quem desenhou para mim, quando eu tinha seis anos, para eu reconhecer formas nas nuvens mesmo quando não pudesse ver o céu. Meu quarto foi pintado várias vezes desde então, mas o teto continua o mesmo.

— Uma caveira e dois ossos cruzados — diz Sam.

Balanço a cabeça.

— Uma varinha mágica soltando faísca.

Sam aponta para outra nuvem.

— Uma lagoa escura ao pôr do sol.

Solto uma gargalhada. Ele apontou para a nuvem que meu pai pintou especificamente para parecer um coelhinho.

— Tem razão — concordo. — Com certeza é uma lagoa escura ao pôr do sol.

Quando olho para ele, vejo o cenho franzido. Penso no semblante preocupado que Elsie exibia.

— Uma duendezinha estranha — comenta ele.

— Não. Uma rainha guerreira.

Ele solta uma risadinha.

— Uma duendezinha estranha e guerreira — corrige.

— Um pirata com um coração de ouro — falo, olhando-o nos olhos.

— Não. Um garoto perdido — afirma ele, com uma voz fantasmagórica.

Um arrepio percorre meus braços de cima a baixo. Eu os aperto junto ao corpo e

desvio o olhar. Os olhos de Sam são como uma correnteza: se você não tomar cuidado, acaba sendo levado por ela.

— Garoto pirata com um coração de ouro, então — digo, como se ainda estivesse brincando.

— Barco à vista, camarada — continua Sam, sem entusiasmo.

Ficamos olhando para as nuvens do teto e escutando música por um tempo. Alice está ao telefone no quarto dela. Através das paredes, dá para escutar baixinho sua voz.

Volto a olhar para Sam. Ele continua deitado de costas, com um braço apoiado na cabeça, fitando o teto. Ele tem sardas bem clarinhas no nariz e barbicha no maxilar. Há um curto e silencioso intervalo entre uma música e outra. Do outro lado da parede, a voz de Alice fica mais alta.

Olho para a foto de novo. Penso em tio Seth, pedindo que parássemos de fazer graça, porque ele estava se escangalhando de rir e as fotos saíam tremidas. Sinto um peso no coração. Tio Seth morreu quase um ano depois de tirar essa foto. No mesmo ano em que Christopher nos abandonou. “Vai ser uma das piores”, afirmou Bea, e não consigo imaginar nada pior do que perder tio Seth.

Então Alice grita e algo se choca contra a parede do quarto dela, atrás de mim. O impacto chacoalha a prateleira de livros acima da minha cama. Os livros caem em cima de mim; depois, a própria prateleira desaba e acerta meu ombro em cheio. A dor é lancinante, explodindo como fogos de artifício. Sam solta um palavrão. Eu dou um gemido. Ele começa a tirar os livros e a prateleira de cima de mim enquanto eu me contorço, sentindo uma dor que percorre todo o lado esquerdo do corpo.

— Alice, o que aconteceu? — grito, embaixo da pilha de livros.

Minha mãe sobe a escada correndo. Ela e Alice aparecem na porta do quarto ao mesmo tempo. Afasto do braço a coleção do Arthur Conan Doyle e, com cuidado, giro o ombro para ver se está tudo no lugar.

— Desculpa, desculpa — diz Alice. — O telefone simplesmente voou da minha mão.

— Eu estou bem — comento prontamente, mas o estrago já está feito.

Minha mãe está com os olhos marejados. Ela murmura alguma coisa sobre pegar um remédio para o machucado e sai. Sam põe a última pilha de livros no chão.

Tento sorrir.

— Quem diria que a leitura pode ser um passatempo tão perigoso? — brinco. — Nunca me arrependi tanto de ter comprado esses livros caros de capa dura. De agora em diante vai ser só brochura.

Sam não me ouviu. Ele olha meio desconfiado para Alice.

— Seu telefone é tão pesado assim para derrubar uma prateleira da parede? — pergunta ele.

— O quê?

— Só estou comentando. Talvez você não devesse sair jogando qualquer merda por aí na temporada de acidentes — retruca Sam.

Alice o fulmina com os olhos.

— Ah, pelo amor de Deus, Sam! Pode parar um pouco com esse lance de acidente? Eu não joguei nada na parede; só estava falando com o Nick e o telefone escorregou da minha mão.

Sam não parece convencido.

— Sim, mas... — começa ele.

— Ah, tá bom! — interrompe Alice, soltando um suspiro. — Vou dormir. E vou tentar não causar mais nenhum “acidente”.

Alice não foi a primeira a saltar, mas foi a primeira a cair. Tudo começou com desafios. Desafio você a descer a colina rolando. Desafio você a encostar na urtiga. Desafio você a pular o córrego.

Minha mãe, meu pai, tio Seth — que era irmão da minha mãe — e minha avó materna estavam conversando com os vizinhos que moravam duas casas depois da nossa, em frente aos meus avós. Meu avô estava voltando do trabalho. Os cachorros estavam presos porque, do contrário, minha mãe não deixaria Alice e Cara chegarem perto deles. Mas nem sempre é assim. Só em outubro. Alice achava que talvez mamãe tivesse um pouquinho de medo do Halloween. Ou de cachorros. Ou dos dois. Alice teria ficado feliz em ter um cachorro.

Como mamãe estava ocupada conversando com o vizinho, Alice, Cara e Darren saíram correndo. Darren era o filho dos vizinhos dos meus avós. Ele achava que era o líder e também o mais forte dos três, só porque era menino e porque tinha oito anos e meio, ao passo que Alice era menina e tinha sete. Cara tinha seis anos e não estava nem aí para quem era o líder. Ela só queria colher flores.

Alice disse a Darren que só não ganhava dele na corrida porque tinha machucado os joelhos ao cair no pátio da escola na sexta-feira anterior, mas Darren puxou as pernas da calça para cima e mostrou as próprias cicatrizes nos joelhos. Eram ainda maiores que as de Alice.

Tio Seth abriu um sorriso e comentou com mamãe:

— Viu só, Melanie? Toda criança machuca o joelho.

Mas minha mãe fez bico, o que ela só fazia quando sabia que alguém estava mentindo. Alice não achou que tio Seth estivesse mentindo.

Tio Seth puxou minha mãe pela cintura e a rodopiou. Ela deu uma risada, mas foi de nervosismo. Minha mãe não gosta que a rodopiem. Não perto do Halloween. O vizinho fez uma careta. Alice pensou que talvez fosse porque o vizinho achava que adultos não podiam brincar assim uns com os outros ou porque tio Seth tinha os braços tatuados e o cabelo da minha mãe era rosa-shocking.

Tio Seth tinha cabelo louro igual ao de Alice. Papai tinha cabelo castanho como o de Cara. Ninguém, exceto minha mãe, tinha cabelo rosa.

Meus avós moravam pertinho de um parque com uma colina enorme, com urtigas na área baixa e um córrego que dava para atravessar com a água na altura dos joelhos. Alice estava com uma meia três-quartos branca, com buraquinhos em formato de flor de cima a baixo. As meias três-quartos de Cara eram azuis e estavam sempre caídas na altura dos tornozelos.

Darren lançou o desafio:

— Duvido você descer a colina rolando e pular o córrego.

Darren rolou colina abaixo primeiro, seguido por uma das irmãs dele e depois por outro garoto.

Quando chegou a vez de Alice, ela ouviu minha mãe gritar:

— Alice, nada disso!

Então, escutou meu pai dizer:

— Tudo bem, Melanie, é só um pouquinho de grama.

E, por fim, minha avó:

— Ih, acho que o telefone está tocando. Já volto, Imelda.

A irmã de Darren foi a primeira a pular o córrego. Rapidamente, antes que Darren mostrasse a ela que era corajoso, Alice correu e pulou na frente dele.

Quando pôs os pés no chão, ela escorregou em um montinho de grama, torceu o tornozelo, perdeu o equilíbrio e caiu no córrego. Cara correu para ajudá-la, mas também caiu, bem no meio das urtigas, e abriu o berreiro.

Pela primeira vez na vida, ninguém foi ampará-la. Todos os adultos tinham ido atrás da minha avó. Alice saiu da água e foi até Cara. Chorando, se coçando, arranhadas e molhadas, elas se arrastaram juntas de volta para a casa dos meus avós.

Todos estavam no sofá. Minha avó com o telefone na mão, tio Seth a amparando, mamãe com as mãos no rosto, enquanto papai a abraçava.

— Qual é a graça? — perguntou Cara, mas Alice sabia que mamãe não estava rindo, porque as mãos dela estavam tremendo, pareciam um pássaro de asas quebradas.

Os ombros largos de tio Seth também tremiam, e ele parecia um urso de pelúcia louro gigante. Papai olhou para as meninas e balançou a cabeça.

Foi papai, não mamãe, quem socorreu Alice e Cara e as secou. Foi papai quem contou a elas que meu avó tinha ido para o céu em vez de voltar para casa para tomar chá. E foi papai, não mamãe, quem colocou mais um casaco em cada uma delas e mandou que se sentassem na sala para ver TV, se comportassem e não brincassem lá fora, porque seria perigoso.

Cara e Alice se entreolharam. As pernas de Cara estavam vermelhas e coçavam, as meias na altura dos tornozelos. As meias de Alice estavam sujas de terra e grama, além de molhadas. Meu avó tinha ido para o céu, e era perigoso brincar lá fora.

4.

Minha mãe passa o resto da noite desmontando cada prateleira da casa, e ninguém consegue dormir direito. Às três da manhã, quando o barulho da furadeira está deixando todo mundo com os nervos à flor da pele, Alice aparece em meu quarto.

— Cara, está dormindo?

— Não. Quem consegue dormir com esse barulho?

— Pedi para ela parar, mas mamãe está com aquele olhar... você sabe.

Conheço bem esse olhar.

— Estou preocupada com ela, Cara.

Alice se senta na beirada da cama. Puxa as pernas para abrir espaço. Quando ela se deita, seu cabelo faz cócegas nos meus braços.

— Estou preocupada com todos nós — continua.

Alice tem o mesmo sorriso tristonho da nossa mãe, com os cantinhos da boca virados para baixo. Tenho vontade de dizer que também estou preocupada com a gente, mas, por algum motivo, sinto que desta vez devo confortá-la. É muito raro Alice conversar sobre esse assunto. É claro que isso só me faz ficar ainda mais preocupada.

— Desculpe pela prateleira — diz ela, depois de uma pausa.

— Estou bem, sério. — Parece que o barulho da furadeira no andar de baixo vai perfurar meu cérebro. — É a temporada de acidentes. Faz parte sair com alguns hematomas.

Eu me pergunto se Alice vai reclamar comigo por mencionar os acidentes, como fez com Sam. Também fico me perguntando por que pensar nisso a deixa tão irritada, mas tenho receio da resposta. Já é estranho o suficiente que ela converse sobre o assunto comigo, mesmo que indiretamente.

Alice abre a boca para dizer alguma coisa, mas fecha em seguida. Então balança a cabeça.

— Mesmo assim, desculpa — acrescenta, por fim.

Minha irmã suspira e deita a cabeça no travesseiro. Dou um abraço meio esquisito nela, de lado. Em seguida, pego o celular na mesinha de cabeceira. Rapidamente, antes de ter tempo de desistir, mostro minhas fotos a Alice.

Ainda deitada, ela passa algumas.

— Legal — comenta, depois enfia o cabelo atrás das orelhas e olha outras. Então, solta uma risadinha. — Eu me lembro dessa daqui. E dessa. Nossa! Você e o Sam eram tão pequenos. De quando é essa foto? E o mais importante: que roupa é essa que eu estava usando? Isso são *Crocs*? Cruzes! O que eu tinha na cabeça?

Franzo a testa.

— Alice, olhe bem. Reparou em quem aparece em todas as nossas fotos?

— Quem? — Ela olha a tela do celular mais de perto.

— Elsie.

— Que Elsie?

— A *Elsie* — repito, enfática. Não é um nome muito comum. — *Elsie*... — Tento lembrar o sobrenome. — *Elsie*... *Murphy*? *Maguire*? Eu vou acabar lembrando... Nós fomos amigas por um tempo, depois que o papai morreu.

Mais uma vez, sinto uma pontada de vergonha ao pensar em como a deixei de lado. O sobrenome está na ponta da língua.

— *Elsie* — repito para *Alice*. — Essa *Elsie*.

Aponto para a foto tirada em uma excursão da escola ao museu *Kilmainham Gaol*, em *Dublin*, há dois anos. *Sam* e eu estamos no meio da foto, enquanto *Elsie* (reconhecível pela manga do suéter) lê uma placa pendurada na frente de uma cela.

— Onde? — pergunta *Alice*, balançando a cabeça. — Só estou vendo você e o *Sam*.

Aponto para o cotovelo de *Elsie*.

— Aqui. E ela está em todas.

Percorro as fotos e aponto para *Elsie* em cada uma delas. Depois de alguns minutos em silêncio, *Alice* pega o telefone de volta da minha mão e aponta para a foto tirada no *Kilmainham*.

— Como você sabe que é ela? — pergunta.

— Pelo cotovelo.

— E como sabe que esse cotovelo é dela?

— Olha — digo, apontando. — Está na cara que é o suéter da *Elsie*.

Alice me lança um olhar exasperado.

— Cara, qualquer pessoa pode ter esse suéter.

— Quantas pessoas com mais de cinco anos você conhece que usam suéter de tricô largo, feio e feito à mão? — E parece mesmo feito à mão, provavelmente com mais amor do que habilidade... A peça é bege e está cheia de bolinhas. Ao passar para outra foto, digo: — Tá legal. E essa daqui?

A foto é de uma festa. Foi no último verão, depois de eu implorar a *Alice* para convencer os amigos dela a nos convidarem também. Minha irmã avalia a foto.

— Tenho certeza de que é o cabelo dela — insisto.

Alice balança a cabeça.

— É um cabelo normal, castanho. Muita gente tem cabelo castanho. *Você*, por exemplo.

— Não é bem assim. Meu cabelo não tem esse comprimento, eu não uso trança, e o dela é... sem graça. O meu não é sem graça.

— Tá legal. Eu não quis ofender seu cabelo. É bem diferente do dela.

— A questão não é o meu cabelo! A questão é ela aparecer em todas as minhas fotos. Ela está me seguindo ou... ou... essas coincidências estranhas... ou talvez seja eu que esteja enlouquecendo, deve ser isso que você acha.

Alice sorri para mim com carinho.

— Não acho que você esteja louca. Acho que você sempre teve uma imaginação muito fértil, e não há nada de errado nisso.

Reviro os olhos. *Alice* soa condescendente demais para o meu gosto.

— E — continua ela, com uma risadinha — acho que você tem andado muito com Bea Kivlan. Mas também não há nada de errado nisso.

— Ah, não me venha com...

— Acho que existe uma explicação racional para tudo isso — acrescenta Alice, como se eu não tivesse dito nada. — Elsie estuda na mesma escola e mora na mesma cidade que a gente. E, como você já deve ter notado, nossa cidade não é exatamente uma metrópole. Acho bem razoável que ela apareça em muitas das suas fotos.

— Em *todas* as minhas fotos — corrijo.

— À primeira vista, dá para reconhecer Elsie em apenas *algumas* fotos.

Jogo a cabeça no travesseiro, prestes a desistir de argumentar.

— Mas, se acha mesmo que ela pode estar seguindo você, por que não pergunta a ela? Solto o ar com força na direção das nuvens no teto.

— Porque ela não foi à escola hoje.

Alice se levanta da cama, resmungando de dor por causa dos hematomas, bem parecidos com os meus exceto pelo da bochecha. Minha irmã tirou a maquiagem para dormir, e o machucado lembra o céu noturno, só que mais sombrio.

— Então pergunte amanhã.

Alice dá uma risadinha e volta para seu quarto, como se tudo no mundo dela fosse simples assim.

* * *

Quando pego no sono, sonho com as pessoas que pensei ter visto naquele trem. A garota fantasiada de árvore, a sereia alta com a pele escamosa, o garoto-fantasma tremeluzente e a fada baixinha de All Star. Mas, no sonho, eles não estão fantasiados — são desse jeito e estão indo de trem para uma festa em uma casa antiga e estranha, para onde todas as criaturas vão no Halloween. A fada alada entrega o convite. Nele, se pede que os convidados apareçam vestidos de si mesmos, que se livrem dos disfarces cotidianos. Por isso a fada libertou as asas e a garota-árvore retirou a máscara humana, o que deixou sua pele tão quebradiça quanto casca de árvore e coberta de folhas. A sereia descobriu as brânquias e as escamas, que brilham à luz, e o garoto de paletó preto e branco começou a tremeluzir como se tivesse saído de um filme mudo.

A casa para onde se dirigem está cheia de gente que não é bem gente. Tem animais com olhos humanos que caminham sobre duas pernas, lagartos grandes como cavalos, fantasmas tremeluzentes, pequenos duendes, fadas altas e esguias e gnomos cabeludos. Gigantes se abaixam para passar pelas portas e seres esquisitos chegam do mar. Cômodos e mais cômodos cheios de criaturas que tiraram suas fantasias e não parecem humanos, mas que, ao mesmo tempo, são mais humanos do que qualquer um de nós jamais vai ser.

* * *

No dia seguinte, Sam e eu pensamos em ir a Galway para fazer compras. Quero perguntar se Alice está a fim de ir com a gente, porque meio que gostei da companhia ontem, mas, quando me levanto, ela já foi para a casa do Nick Bea, que normalmente nos acompanharia, foi passar o fim de semana com os avós em Ballina. Então, Sam e eu pegamos o ônibus e vamos sozinhos.

O centro está lotado e barulhento, mas não é o mesmo barulho de furadeira às três da manhã, nem o de alguém rolando escada abaixo ou dos gritos que Alice às vezes deixa escapar enquanto dorme e que me dão calafrios, como se eu tivesse mergulhado numa banheira de gelo. São apenas os ruídos do mundo: pessoas conversando, crianças chorando, cachorros latindo, pés pisando nos paralelepípedos, artistas de rua cantando e feirantes anunciando e negociando seus produtos. É tudo tão vivo que quase chega a doer.

Se comparado aos burburinhos e olhares que recebemos na escola ou às quinas acolchoadas lá em casa, este lugar parece outro mundo. A luminosidade e o ruído me deixam com um nó na garganta. Aqui, há extremidades pontiagudas por todos os lados e muitas pessoas — isso sem falar em trânsito, desconhecidos, animais e chão irregular —, mas sair do terminal de ônibus e caminhar com Sam ao lado e este mundo real ao redor me dá uma sensação de segurança que eu não tinha havia semanas.

Nas ruas de paralelepípedos, as pessoas estão almoçando sob guarda-sóis na área externa dos bares como se ainda fosse verão — de preferência, em um país mediterrâneo. Sem dúvida, tem feito um calor anormal para o mês de outubro, mas todos os turistas estão de casaco. Os edifícios de cores vibrantes reluzem mais do que nunca sob a luminosidade típica de um outono quente, quando as árvores estão em polvorosa, o ar está limpo e o calor transforma cada superfície em um espelho.

Sam e eu passamos quase uma hora na livraria e sebo Charlie Byrne, onde encontro um exemplar de *O jardim secreto* por dois euros e um livro de poesia da Sylvia Plath. Sam folheia alguns títulos na seção de graphic novels de segunda mão, mas todos os bons já foram comprados, então ele escolhe um exemplar de *On the road* com milhões de frases sublinhadas e um livro sem capa sobre os filmes do Hitchcock.

Carregando as sacolas de livros, nós nos enfiamos na multidão de turistas junto às lojas de lembrancinhas e compramos sorvete em uma sorveteria na esquina. Minha mãe nos manda uma mensagem de meia em meia hora para ter certeza de que está tudo bem. Se demoramos a responder, ela liga. Durante a temporada de acidentes, sabemos que devemos responder imediatamente.

Depois de responder a quinta mensagem da minha mãe, Sam conta que sonhou com uma velha fazenda no interior. No sonho, ele sabia que a casa estava vazia, mas mesmo assim não parava de ver rostos nas janelas. Conto sobre as pessoas que achei ter visto refletidas nas janelas do trem e sobre o sonho com as criaturas.

— Trens fantasma e monstros. Pesadelos. O Halloween está chegando — diz Sam.

Uma família enorme caminhando junta no meio da calçada nos separa, mas nos reencontramos do outro lado. Os cadarços da bota de Sam têm quilômetros de comprimento, e, para não tropeçar, ele os amarrou ao redor dos tornozelos, mas agora

estão afrouxando e arrastando no chão. Fico morrendo de preocupação, com medo de ele tropeçar e cair.

— É mesmo — comento, contando os dias. — Já é daqui a seis dias. — Então, ao me lembrar do sonho e do que Bea disse ontem sobre priorizar o que importa de verdade, de repente tenho uma ideia que parece ter caído do céu. — A gente devia dar uma festa.

— Uma festa de Halloween?

— Isso.

— Como assim? Você, Bea e eu?

— Não — respondo, cerrando os olhos. — Uma festa *de verdade*. Igual às que a gente foi com Alice no verão. Igual às que Toby Healy e o pessoal da escola vivem falando. A gente devia dar uma festa dessas.

Sam morde a ponta da casquinha e chupa o sorvete pelo buraquinho.

— Ninguém iria. Só você, eu e Bea.

— Não necessariamente. — Penso em Alice fumando com a gente atrás do campo de futebol. — É como Bea disse: as pessoas precisam se distrair dos estudos, dos simulados e das provas de admissão das universidades. Sei que um pessoal da nossa turma iria. E, se Alice convidasse os amigos, que por sua vez convidariam os amigos *deles*, juntaríamos um monte de gente.

Passamos sob o Arco Espanhol e caminhamos em direção ao píer. A luz do sol refletida na água atrapalha nossa visão, então Sam semicerra os olhos, se vira para mim e diz:

— Não quero ser estraga-prazeres, mas as pessoas já devem ter se programado para alguma festa. Como você disse, faltam só seis dias para o Halloween.

Mas a ideia cresce na minha cabeça como um balão.

— Não se a nossa for melhor — argumento, percebendo o entusiasmo crescente em minha voz. — Não se a transformarmos em uma história.

— Uma história?

— Como no meu sonho. Uma festa em que todos tiram as máscaras humanas e mostram como são de verdade. Então, seria uma festa à fantasia, mas é para nos vestirmos da maneira como nos vemos por dentro. O nosso verdadeiro “eu”, bem ali, escancarado. — Aponto minha casquinha com sorvete derretido para ele. — Agora, confesse: isso não soa melhor do que qualquer festa em um casarão antigo?

Sam sorri, mas percebo que ele não comprou a ideia.

— Sim, claro, mas...

— A gente pode fazer uns convites chiques. E explicar que as pessoas devem tirar os disfarces do cotidiano e mostrar quem são de verdade, sem a máscara humana. — Paro e seguro o braço de Sam. — Um baile de máscaras! Trocamos as máscaras humanas por aquelas que representam nossa verdadeira natureza! Quem iria a uma festa ridícula de Halloween podendo ir a um baile de máscaras?

Sam dá uma risada e põe a mão sobre a minha.

— Bom, eu *com certeza* iria a uma festa como essa.

— Não é? — Começo a dar pulinhos de alegria. — E a gente consegue fazer isso, *fato!*

Se Alice convencer os amigos dela...

— Se a gente convencer Alice... — interrompe Sam.

Dou de ombros, e continuamos andando.

— Talvez ela goste da ideia — digo.

Penso no almoço de ontem e no rosto machucado de Alice. Na minha irmã evitando os próprios amigos. Paro um instante para pôr os pensamentos em ordem.

— Acho que ela vai ficar contente se as pessoas passarem a falar sobre outra coisa que não nossos acidentes — continuo, em um sussurro.

Sam escutou; ele assente, pensativo, e seus olhos brilham.

— E talvez Nick deixe a gente fazer a festa na casa dele — acrescenta, enquanto terminamos o sorvete e limpamos as mãos meladas nos guardanapos.

— Claro! Sam, você é um gênio.

Nicke os outros quatro membros da banda moram juntos, em uma casa na região rural da cidade. A maioria das casas por lá nunca foi vendida, então ele tem pouquíssimos vizinhos para reclamar dos ensaios até as quatro da manhã ou de uma festa de arromba em plena segunda-feira. E o Halloween vai cair em uma sexta este ano. Minha mãe jamais precisaria saber.

— Eu sei, eu sei. Fazer o quê? Eu sou um gênio — comenta ele com modéstia.

Ele entrelaça o braço no meu, e atravessamos a rua para desviar de uns cisnes malencarados. A brisa faz as velas dos navios na foz do rio balançarem suavemente. Quando chegamos ao final do píer, vemos crianças desenhando amarelinha no chão com giz colorido. No céu, as gaivotas rodopiam, e, ao que parece, em cada banquinho há um casal se beijando. Caminhamos até a beira da água e nos sentamos na murada de pedra, de frente para o oceano Atlântico. Sam começa a assoviar uma das canções de marinheiro de Bea — uma música bem grosseira —, o que me faz rir e chamá-lo de marinheiro bêbado.

— Eu preciso comprar um chapéu melhor — comenta Sam, tocando o topo da cabeça descoberta como se houvesse algo ali.

E haveria, se minha mãe tivesse visto a gente hoje de manhã. Dadas as circunstâncias, já estamos agasalhados demais com botas, cachecóis e suéteres para esse calor fora de época. Mas é difícil tirar a voz dela da cabeça, mesmo quando estou pensando em outra coisa; se eu não me encher de blusas e mais blusas, é como se escutasse sua voz: “Ponha mais um suéter, Cara! Vai pegar uma pneumonia e morrer!”

— É verdade — concordo. — Todo bom marinheiro precisa de um chapéu decente.

Passo os dedos pelo meu suéter amarelo, na altura do colo. Minha mão topa com a estampa de girassol.

— Gostou da minha camiseta listrada de marinheiro?

— É a camiseta mais listrada dos sete mares.

Sam desenha mais algumas listras invisíveis nas costas do meu suéter. As pontas dos dedos dele fazem cócegas nas minhas escápulas, apesar da grossa camada de roupa. Sinto vontade de me aproximar mais dele para sentir melhor seu toque.

— Temos que arrumar umas garotas, então. Nenhum marinheiro que se preze anda desacompanhado.

Sam tira a mão do meu ombro e a apoia no chão, atrás de mim.

— Mas eu só quero uma garota — diz ele.

Ele começa a entoar outra canção de marinheiro de Bea, deitando-se de costas e se apoiando nos cotovelos, encarando o céu. Eu continuo sentada, observando o mar.

É a primeira vez em muito tempo que Sam fala sobre garotas, e, por dentro, fico até contente que seja assim, porque gosto do trio que formamos e não quero que isso mude. Então me dou conta de que Sam está cantando uma das músicas de Bea e penso: *Será que é Bea? Sam gosta da Bea?* Não sei por quê, mas, de repente, começo a sentir frio. Abraço meu peito.

— Está com frio? — pergunta Sam. — Aposto que está bem mais frio lá.

Ele aponta para a água e finge que vai me empurrar.

Faço uma careta e bato o ombro no dele, então começamos a fingir que um vai jogar o outro na água, e tento não me concentrar em sua voz rouca e perfeita entoando as canções de Bea. Tento não me perguntar por que não quero pensar nisso.

Quando decidimos voltar para o terminal de ônibus, as ruas estão bem mais cheias. Em frente a uma loja de instrumentos musicais, uma mulher faz um cachorrinho pular, girar e até dar cambalhotas no ritmo de uma valsa velha e brega. Uma multidão de turistas e famílias os cerca e bate palmas. O cachorrinho está fantasiado de pierrô, com uma roupa preta e branca e lágrimas pintadas. Os babados ao redor do pescoço dele parecem desconfortáveis.

Como fico olhando para trás enquanto Sam me arrasta pelo meio da multidão, acabo trombando com alguém. O homem é alto, e o choque contra seu peito emite um retinir metálico. Tento parar e pedir desculpas, mas Sam me puxa depressa pelo mar de gente, a mão firme em meu cotovelo. Olho para trás, na direção do homem, mas só consigo entrever seu reflexo na vitrine de uma loja. Ele parece uma das estátuas vivas que se apresentam pelas ruas da cidade, mas esta eu nunca vi. Lembra um pouco o Homem de Lata de *O mágico de Oz*. Ele veste um terno pintado de prata, assim como os sapatos, o chapéu e a pele. Antes que Sam tente me puxar de novo, noto uns detalhes estranhos refletidos no vidro. A fantasia do homem de metal é impecável. As unhas estão pintadas de prata e ele usa lentes de contato cinza. Até o branco dos olhos é cinza. Ele pintou dobradiças pequenas e realistas em cada articulação. Algo nele me é estranhamente familiar. Vasculho a bolsa atrás de moedas para jogar na caixa aos pés dele, mas, quando me viro para olhá-lo de novo, não o vejo. Sinto um calafrio e me afasto depressa.

Ao passarmos por um beco próximo ao terminal de ônibus, Sam avista a placa de uma loja que vende fantasias, então me arrasta até lá pelo cotovelo.

— Sammy, a gente vai perder o ônibus.

— Depois passa outro. Vamos comprar as coisas da festa.

Nunca tínhamos notado essa loja antes. A entrada é simples e meio suja, mas a porta está aberta. Sam vai na frente.

O interior é como se o sonho de uma criança tivesse se tornado realidade. Há perucas de palhaço, bambolês, morcegos, aranhas, máscaras de bruxas enrugadas, Papais Noéis, coelhinhos da Páscoa e apetrechos para pregar peças; tudo empilhado de qualquer jeito, como se todas as datas comemorativas do ano tivessem sido descartadas em um único cômodo.

Entusiasmado, Sam vasculha a loja.

— E aí? Vai se fantasiar de que para o baile de máscaras? — pergunta ele. — Qual seria o seu não disfarce? O seu verdadeiro “eu” por baixo da máscara humana?

Balanço a cabeça e lhe mostro um negócio bem esquisito que parece um corvo empalhado de verdade.

— Que tal de taxidermista?

— Isso é que é fantasia assustadora.

Parece não haver ninguém por perto, mas mesmo assim me aproximo de Sam e sussurro que esta é a loja mais estranha que já vi. Sam está remexendo um balde cheio de globos oculares.

— Tudo parece real demais — completo.

Nem a máscara de bruxa feita de borracha se salva: quando a tiro da prateleira, sinto como se fosse pele humana. Eu a devolvo depressa e limpo as mãos no suéter.

Sam considera a loja um achado.

— Olha só — diz ele, e me entrega um par de asas.

É como se alguém tivesse esticado uma borboleta até ela ficar do tamanho de uma pessoa e, depois, cortado as asas. Estou acostumada com aquelas armações de arame e tecido das lojas de brinquedo, que ficam presas nas axilas por tiras de elástico, mas essas asas podiam ser presas nas costas do vestido (são do tipo que só combinam com um vestido, imaginando). São leves e flexíveis, como se feitas de couro, e, assim como o restante da loja, parecem tão reais que me deixam desconfortável.

— São lindas — digo, e nós dois ficamos admirando as asas.

Elas têm uma cor estranha, uma mistura de verde, marrom e azul, que muda de acordo com a luz.

Depois de um instante, percebo por que reconheço as asas: são exatamente da cor dos olhos de Sam. Eu as ligo e dou um passo para trás.

— Não sei se gostei muito daqui.

— Deixa de ser medrosa! — retruca ele, chacoalhando um gato preto de brinquedo na minha cara. — Vou comprar as asas. Você vai ficar igual à fada do seu sonho.

Ainda um pouco relutante, pego as asas de volta. Penso na fada de All Star prateado. Tenho um muito parecido.

— Até que gostei delas... — confesso, hesitante.

Sam está de costas para mim. Quando se vira, vejo que encontrou uma cartola e uma gravata-borboleta.

— Afinal, que lugar é este? — pergunto.

Ele balança a cabeça. Às suas costas, pendurado na parede como se pertencesse a um

homem invisível, há um paletó antigo comido por traças, uma calça risca de giz, suspensórios pretos e um par de polainas brancas. Quando aponto para as peças, os olhos de Sam brilham.

— Zumbi vaudeville? — sugere.

Nego com a cabeça.

— Está mais para fantasma tremeluzente de filme mudo.

Quando entende que me referi ao garoto do meu sonho, Sam balança a cabeça, confuso.

— Acho que isto aqui não é uma loja de fantasias, mas de artigos de magia — sugere Sam.

Olho ao redor, tentando encontrar um vendedor no meio da bagunça.

— Ou melhor: uma loja de artigos para mágica — completa.

Quando avisto o que parece ser uma caixa registradora antiga em uma mesa nos fundos, uma senhora surge de trás de uma cortina estrelada. Ela tem o cabelo grisalho preso em tranças que dão uma volta na cabeça, igual àquelas pinturas medievais, e usa lenços coloridos. Às minhas costas, Sam murmura algo parecido com “Óbvio.”

Acho que significa que a senhora se encaixa perfeitamente no perfil da loja.

Caminhamos até ela, passando por prateleiras, lixeiras e cestas. Ao lado da mesa onde fica a caixa registradora há uma arara cheia de vestidos. Um deles chama minha atenção de imediato. É verde e marrom, brilhante; parece bordado com algas marinhas e redes de pesca. Próximo a ele, há um vestido que parece feito de musgo e folhas de árvore. Sinto um arrepio. Tiro os vestidos da arara e, sem dizer uma palavra sequer, os mostro a Sam.

Sei que ele não vai pensar nas garotas que apareceram no meu sonho, mas Sam se lembra de Bea e Alice no mesmo instante:

— Para Alice e Bea? Perfeito!

Ele pega os vestidos da minha mão e os entrega à senhora, junto com as asas, o paletó, a calça risca de giz, os suspensórios, a cartola e até as polainas. A mulher não diz nada enquanto dobra tudo e enfia em duas sacolas de papel. Ela aperta alguns botões na caixa registradora e escreve o preço em um pedaço de papel. Não para de sorrir até sairmos. Lá fora, eu me viro para olhar o nome da loja, mas não há placa na fachada, e não consigo distingui-la de nenhuma outra construção minúscula da ruela.

Paro e tiro rapidamente uma foto com o celular. No ônibus, mostro a foto para Sam. Ampliamos a imagem o máximo que a tela permite, até que, por fim, conseguimos ver um manequim usando uma túnica de mago na vitrine.

— Aqui está. — Sam aponta para o tecido roxo e estrelado.

Mas estou mais interessada na mulher dos lenços coloridos parada perto da vitrine, me encarando. Atrás dela, quase escondida na penumbra, há outra pessoa. Sem dizer nada, aponto e mostro para Sam. A imagem está meio embaçada, mas é inconfundível. Elsie.

5.

Antes do início das aulas na segunda-feira, Bea e eu vamos à biblioteca. Salvei a foto da loja de fantasias no celular e quero ver o que Elsie tem a dizer. Ontem, por telefone, contei a Bea sobre a foto, e, no caminho para a escola, ela ficou estranhamente quieta.

Na biblioteca, há um grupinho próximo à caixa de segredos. Às vezes isso acontece depois de uma festa particularmente animada do último ano (quando a caixa se transforma em um confessionário para os rejeitados, os abandonados, os de ressaca e os perdidos) ou sempre que um jornal local publica uma matéria sobre isso (“Arte colaborativa on-line inspira projeto em que alunos contam seus segredos” ou “O poder do que não dizemos: adolescentes, segredos e arte”). Quando a multidão se dispersa, Bea e eu nos aproximamos, mas, assim como na sexta-feira, Elsie não está ao lado da máquina de escrever.

— Cadê a Elsie? — pergunto à garota sentada onde Elsie deveria estar.

É Kim Brennan, amiga de Alice. Ela tem o cabelo liso e sedoso, e o traço do delineador está perfeito. Fico meio surpresa ao vê-la aqui; os amigos de Alice não frequentam bibliotecas.

— Quem? — pergunta Kim.

— Elsie. A garota que geralmente fica aqui com a caixa.

— Ah. — Ela dá de ombros. — Sei lá.

— Mas ela está sempre aqui — insiste Bea.

— Mas não está hoje. Obviamente — rebate Kim.

— Bom, você sabe onde ela está?

Kim balança a cabeça.

— Ela disse alguma coisa quando saiu e deixou você cuidando da caixa?

Kim começa a fazer uma trança no cabelo.

— Foi a sra. Byrne que me pediu para ficar aqui hoje. Acho melhor perguntarem a ela — explica, amarrando a trança com um elástico velho que escorrega do cabelo assim que ela termina de prendê-lo. — Mas talvez vocês não consigam uma resposta direta. Acho que nem ela sabe quem deveria ser responsável por isto. — Kim aponta para a caixa de segredos. — Para uma professora, ela é meio esquisita.

Bea apoia os cotovelos na mesa e faz sua melhor cara de maluça.

— E quem não é? — comenta, baixinho.

Sempre fico surpresa ao ver como Bea simplesmente faz ou diz o que acha apropriado para o momento, mas Kim parece não se importar. Os amigos de Alice não se sentem muito intimidados por Bea.

— Quer deixar um segredo? — pergunta ela, impaciente.

Bea nega; ela adora dizer que não tem segredos, porque sua vida é um livro aberto, então não precisa do anonimato de uma máquina de escrever, nem de uma caixinha de madeira.

Eu me sento em frente à máquina de escrever, e Kim levanta as pastas que servem

para dar privacidade. Passo os dedos pelas teclas. A barra de espaço está gasta no meio, de tantas vezes que já foi batida. A caixa de segredos está no chão, ao meu lado. Pela fenda, consigo espiar o comecinho de um dos segredos. No papel está escrito: “Traí minha namorada e não me arrependo.” Consigo até enxergar uma parte do segredo que está por baixo desse, que diz algo sobre não acreditar em Deus. Encaro a folha de papel em branco enquanto Bea elogia o delineado estilo gatinho de Kim.

“Quer deixar um segredo?”, perguntou Kim, mas não consigo pensar em nenhum.

Olho para a máquina de escrever, mas minha mente está vazia. Escrevo: “Tenho medo de não ter nenhum segredo.” Olho para Bea e penso em Sam cantando a música dela no pîer. Então, volto para o começo da linha e bato: “Tenho medo dos meus segredos.” Em seguida, penso na temporada de acidentes, nas cartas de tarô de Bea e na expressão preocupada de Elsie em todas as minhas fotos. Ansiosa, volto mais uma vez para o início da linha e escrevo: “Tenho medo dos segredos dos outros.” Meus dedos ameaçam deslizar para o espaço entre as teclas.

Quando olho para a folha, percebo que cometi um erro: fiquei voltando na linha como se estivesse em um computador, mas, em vez de apagar as palavras, a máquina registrou a segunda frase por cima da primeira, e a terceira em cima das outras duas. Meu segredo está ilegível. Mesmo assim, dobro a folha e a enfio na caixa.

Como ainda tenho alguns minutos antes de o sinal tocar, me despeço de Bea e Sam na porta da sala de literatura e vou atrás da sra. Byrne, a professora de artes, que está ajeitando o estúdio para a primeira aula.

— Ah, oi, Cara — cumprimenta ela quando consigo chamar sua atenção. — Como vai sua mãe?

A sra. Byrne comprou vários quadros da minha mãe, e é só por isso que ela sabe quem eu sou; cursei artes durante uma semana quando estava no primeiro ano, para descobrir se tinha interesse na área, mas logo abandonei as aulas, para alívio de todos os envolvidos. Minha mãe pode até ser artista, mas eu não consigo desenhar nem um boneco de palitinho.

— Tudo na mesma — respondo, tentando não pensar em minha mãe desmontando as prateleiras na outra noite.

Balanço a cabeça como que para esquecer o assunto e pergunto à sra. Byrne se ela sabe se Elsie virá à escola amanhã.

— Elsie, Elsie... — A professora repete o nome de um jeito meio distraído, como se não soubesse ao certo sobre quem estou falando. Ela está agachada e com a cabeça enfiada no armário, procurando algum material. — Achei! — murmura, tirando um rolo de papel vegetal lá de dentro.

— Elsie, da caixa de segredos... — Tento refrescar a memória dela. Será que todo artista é relapso desse jeito?

— Ah, alguém me perguntou isso um dia desses... — comenta ela, vasculhando o armário de novo. — Coloquei uma aluna do último ano para cuidar disso. A... hum... qual é mesmo o nome dela? Kate?

— Kim.

— Kim, isso. Desculpe.

— É. — Eu me inclino um pouco para a frente; quem sabe assim ela me ouça melhor.

— Mas não estou procurando Kim. Estou procurando Elsie. Não é ela quem geralmente fica cuidando da caixa?

O celular da sra. Byrne toca do outro lado da sala.

— Droga! — murmura a professora. — Desculpe, Cara, preciso atender. Estou esperando uma ligação.

Ela tira do armário uma caixa cheia de tintas e se levanta para atender o celular.

— Tudo bem. Mas você sabe se Elsie está doente, ou quando ela vai voltar para a escola?

— Elsie? — repete ela, as sobrancelhas franzidas. — Ah, bem, não. Infelizmente, não sei.

— Você sabe onde ela mora?

Ainda me olhando com uma expressão confusa, a sra. Byrne vai até sua mesa como se não estivesse entendendo direito minha pergunta.

— Não — responde a professora, pegando o celular. — Não tenho essa informação. Mas tenho certeza de que as amigas dela sabem onde ela mora e podem lhe dar o endereço. Ou o telefone.

Agradeço à sra. Byrne sem comentar que Elsie não tem amigos nem celular. Pelo menos eu nunca a vi com um, o que é bem incomum em uma escola onde alunos trocam mensagens de texto escondido debaixo da mesa durante a aula e escutam música praticamente no volume máximo durante o almoço.

Entro na sala da aula de inglês bem na hora em que o sinal toca e me sento no lugar de sempre, ao lado de Bea, perto da janela. Sam se senta sozinho atrás de nós duas.

— E aí? — pergunta Bea enquanto o sr. Connolly pede silêncio à turma.

— Nada. — Meus livros fazem um baque quando os largo na carteira. — Nem uma pista.

Sam inclina o corpo para a frente. Sua respiração faz cócegas na minha nuca.

— Pelo menos ela disse por que Elsie não veio hoje? — pergunta ele.

Eu me viro para trás e dou de ombros.

— A sra. Byrne nem sabe *quem* é Elsie, muito menos *onde* ela está.

Frustrada, sinto um embrulho no estômago.

Bea mastiga a tampa da caneta.

— Nisso, Kim tinha razão — comenta ela. — Temos que admitir que a sra. Byrne é meio avoad.

Solto um muxoxo de desânimo.

— Eu sei. É só que... é muito chato, sabe? Não converso com Elsie há anos, nem sequer pensava nela, e agora estou com essa dúvida enorme, mas justo *hoje* ela não veio à escola.

— Cara, só faz três dias — diz Sam, calmo. — Ela deve estar em casa com um

resfriado, só isso.

— Eu sei.

Sinto como se o nó de frustração fosse um pedaço de pão entalado na garganta. O comentário de Sam me faz pensar no que Alice me falou: “Acho que existe uma explicação racional para tudo isso.”

— Eu só quero conversar com ela — completo.

— Então a gente fala com ela amanhã.

— Claro, mas...

À frente da sala, o sr. Connolly pigarreia alto. Alguns alunos dão risadinhas.

— Cara? — chama ele, e, pelo tom, não deve ser a primeira vez.

— Pois não?

Risadas ainda mais altas irrompem no fundo da sala. Sinto Bea se virar e lançar um olhar de repreensão para trás.

O sr. Connolly suspira.

— Gostaria que prestasse atenção, por favor — adverte o professor, soando exausto. — A aula já começou, por isso não quero saber de nenhuma conversa paralela. E pode parar com as risadinhas aí no fundo, sr. Jones. Não estou achando graça nenhuma.

Bea volta a olhar para a frente com um sorrisinho cínico.

— Muito bem, Cara — prossegue o sr. Connolly, com um tom firme e uma expressão típica de uma manhã de segunda-feira. — Como estava dizendo, você pode, por favor, começar a leitura do ato quatro, cena um, para descobrirmos o que essa criança-fantasma tem a dizer ao barão de Cawdor sobre seu futuro?

Depois que a leitura em voz alta de *Macbeth* percorre toda a sala até chegar a Stephen Jones, na última fileira, e o sr. Connolly está com cara de que poderia matar um aluno em troca de uma xícara de café, não vejo problema em me inclinar ligeiramente na direção de Bea. Ela está rabiscando alguma coisa no caderno e não presta atenção à profanação da peça de Shakespeare que se dá nos fundos da sala.

— Trouxe os convites? — murmuro.

Ontem à noite, Sam e eu ligamos para Bea e contamos sobre a minha ideia do baile de máscaras. Desde então, praticamente só falamos nisso. Até Alice achou uma ótima ideia, ainda mais porque Nick concordou em ser o anfitrião da festa. Os vestidos que Sam e eu compramos para as duas ficaram perfeitos. Alice até riu ao experimentar o dela, porque o vestido caiu como uma luva.

Ao ouvir minha pergunta, Sam inclina o corpo para a frente.

De repente, o sr. Connolly se vira em nossa direção, então nos calamos por alguns minutos enquanto Emma McNamara segue tropeçando na leitura. Em silêncio, Bea pega um caderno que, ao que parece, já está cheio de anotações sobre a festa. Ela folheia páginas com esboços de máscaras e listas de músicas: folk arrepiante, canções de marinheiro depressivas e valsas de Halloween, depois pega uma pilha de convites extravagantes que está na cara que foi ela mesma quem fez.

— *Você está cordialmente convidado para o baile de máscaras Gato Preto* — lê ela em

tom solene. — Toda festa que se preze precisa de um nome.

Sam bagunça ainda mais o cabelo já desganhado de Bea.

— Perfeito — afirma.

A maneira como ele sorri para Bea deixa um gosto amargo na minha boca.

* * *

Antes da nossa última aula, Sam me lembra que minha mãe nos deu um bilhete nos dispensando das aulas no laboratório de química este mês. A professora, a sra. Delaney, balança a cabeça em reprovação, mas devolve o bilhete a Sam e nos libera. Vejo Bea seguir para uma bancada com uma fileira de bicos de Bunsen emitindo chamas longas e pálidas.

Sam prendeu o dedo na porta do armário hoje de manhã e está com a unha mosqueada e roxa. Pressiono os hematomas do meu braço esquerdo com força. A dor irrompe como uma chama ganhando vida. Enquanto seguimos pela estrada que margeia o rio, Sam reclama das notas baixas que vamos tirar nas experiências de química este semestre, mas, por dentro, eu me sinto aliviada por manter distância de elementos químicos instáveis e do fogo.

Na metade do caminho, piso em falso e quase caio, mas Sam segura minha mão e me ajuda a recuperar o equilíbrio. O esparadrapo no dedo dele é áspero, e o machucado ainda está um pouco inchado. De repente, eu me lembro da boneca de Elsie na ratoeira.

— Quero lhe mostrar uma coisa.

Pego o braço dele e damos meia-volta, seguindo a estrada na direção da cidade até a grande ponte de pedra onde as pessoas pescam no verão.

Uma família com duas crianças pequenas atravessa para o outro lado. Cada uma leva uma mochila que é quase do tamanho delas, mas as duas correm como se não estivessem carregando nada.

— Por que não usamos a nossa ponte? — pergunta Sam.

— Porque ela desmoronou — respondo, sem rodeios.

Sam fica me olhando. Atravessamos e caminhamos ao longo da outra margem do rio.

— E você estava bem longe quando ela desmoronou, não é? — pergunta ele, parecendo aflito.

Estremeço.

— Eu meio que estava nela. Não conte para minha mãe.

Sam para por um momento e fecha os olhos.

— Está tudo bem — insisto, enquanto o conduzo pelo cotovelo até as árvores.

Sam segue caminhando, mas não consigo decifrar sua expressão. Ele sussurra algo baixo demais, depois pigarreja e pergunta, no volume normal:

— E então? Aonde estamos indo?

Enquanto caminhamos, falo da ratoeira e da boneca que se parece com Elsie, posicionada na ratoeira como uma isca.

— Sei que parece maluquice, mas acho que foi ela mesma quem colocou a boneca lá. Só não sei por quê.

Sam não me encara como se eu estivesse louca, o que é um bom sinal.

— Então me mostre — diz ele, simplesmente.

Aponto para a clareira entre as árvores e digo que estamos quase chegando. Ao adentrarmos a clareira, paramos e olhamos ao redor.

— Estava assim quando você veio aqui da última vez? — sussurra Sam.

— Não — respondo, também sussurrando, sem saber ao certo por quê, embora pareça apropriado.

Espalhados pela clareira, pendurados nos galhos das árvores, há vários apanhadores de sonhos, do tipo que se compra em feirinhas de sábado em Galway: linhas coloridas entrelaçadas com miçangas e penas penduradas. Conto uns cinquenta, de diferentes cores e formatos, todos pendurados à altura dos olhos.

— Que lugar é esse?

Sam estica o braço como se quisesse tocar um dos apanhadores, mas desiste.

Sinto um nó se formando na garganta. Mal consigo respirar. Meu coração dispara e meus braços ficam arrepiados.

— Foi Elsie.

Começo a rodopiar até ver as árvores girando ao meu redor e os apanhadores se transformarem em um borrão. Meu coração bate tão forte que sinto a pulsação nos ouvidos.

— Mas por quê?

— Não sei.

Paro de rodopiar e fecho os olhos. Levo alguns segundos para recuperar o equilíbrio e desacelerar a respiração e os batimentos cardíacos. Seguro a mão de Sam e o levo até o arbusto que oculta a ratoeira. Quando abro caminho com cuidado por entre os galhos, a enxergamos com clareza: uma ratoeira comum, feita de madeira e arame, com uma bonequinha em cima.

Sam dá uma risada, mas percebo que é mais por incredulidade do que por achar graça.

— Quem é ela?

Sinto um pesar estranho no coração.

— Não sei — repito.

6.

Elsie desapareceu.

Não faço ideia de como sei disso, mas tenho quase certeza, e não só porque ela também faltou na terça. Alice diz que Elsie deve estar doente ou que foi visitar algum parente fora da cidade, mas, toda vez que vou à biblioteca e vejo Kim cuidando da caixa de segredos, algo me diz que ela nunca mais vai voltar.

No caminho para a aula de literatura, Alice me manda uma mensagem contando que quase todos os seus amigos confirmaram que vão ao baile de máscaras Gato Preto.

“Eles adoraram o convite. Pare de ficar obcecada por Elsie e se concentre na festa”, escreveu.

Minha irmã acha que estou fazendo drama. Talvez, até semana passada, Sam pensasse o mesmo, mas ficou dividido depois de ver minhas fotos e os apanhadores de sonhos na clareira. Agora ele acredita em mim.

Nunca tive a menor dúvida de que Bea acreditou desde o início. Na aula de francês, nos sentamos nos fundos da sala e ela pega as cartas de tarô. A sra. McCarthy distribuiu uma folha de exercícios e foi para a mesa corrigir os deveres de casa. Ouço os ruídos de conversas sussurradas e páginas sendo viradas, de canetas riscando folhas de exercícios ou bilhetes que serão passados de mão em mão até chegarem ao destinatário, de música ecoando de fones de ouvido escondidos atrás dos cabelos, de pés batucando nas carteiras e cadeiras sendo arrastadas pelo chão.

— *Silêncio*, por favor! — pede a sra. McCarthy, sem tirar os olhos da mesa.

O barulho na sala diminui um pouco.

Bea espalha as cartas na mesa. Estamos perguntando a elas sobre Elsie, parando de vez em quando para fazer algum dos exercícios.

— Quem é ela? Onde está Elsie? O que quer? — murmura Bea enquanto abre as cartas na mesa, uma a uma.

— E o que ela tem a ver com a gente? — acrescento, em um sussurro, olhando de vez em quando para a professora, para ter certeza de que ela continua ocupada.

Philippe préfère faire du vélo que la voiture parce que cela est mauvais pour l'environnement, escrevo na folha, sem pensar muito na resposta.

— E onde ela se encaixa na nossa história? — questiona Bea, com a voz suave, virando as cartas.

Ela fica em silêncio.

— O que diz aí? — pergunta Sam, indicando as cartas com a cabeça.

— Diz para confiarmos — responde Bea, devagar.

— Para confiarmos em Elsie?

Deixo a folha de exercícios de lado e estico o pescoço para olhar as cartas do mesmo ângulo de Bea.

— Para confiar em Elsie, uns nos outros e em nós mesmos. — Ela apoia o queixo nas palmas das mãos, os dedos tocando de leve nas bochechas. — Ela está passando por

algum problema... algo que não consegue superar. Elsie precisa da nossa ajuda para encontrar o caminho de casa.

— Eu disse *silêncio!* — exclama a sra. McCarthy de repente.

Bea cobre as cartas depressa com uma pasta, embora a professora continue olhando para a papelada na mesa.

— Mas por que ela aparece em todas as minhas fotos? — murmuro. — Ela está perseguindo a gente?

Bea balança a cabeça.

— Não sei. Olhe esta carta. — Bea aponta para a carta que tem dez estrelas pairando sobre um castelo. — Dez de ouros. Diz que Elsie é como um espelho.

— Um espelho? Um espelho de quê?

Bea inclina a cabeça para o lado, depois a balança. Seu cabelo cai até quase a altura do ombro.

— Não sei — repete Bea.

Percebo que é difícil para ela admitir isso.

— Muito bem, turma — anuncia a professora, levantando-se. — Passem as folhas para a frente quando terminarem e peguem o livro.

Não respondi todas as perguntas, e provavelmente as que respondi estão erradas, mas mesmo assim passo a folha para a garota sentada à minha frente.

— E aí? Onde ela está? — pergunto a Bea.

Bea indica a carta com quatro pedaços de madeira fincados no chão formando um quadrado.

— Em casa, ou em um lugar que ela considera sua casa.

Sam olha para a sala lotada. Folhas de exercício passam de mão em mão até chegar à professora. Os outros alunos cochicham enquanto tiram os livros das mochilas. Os raios de sol da manhã atravessam as janelas sujas.

— Só sabemos que esse lugar não é aqui — completa ele.

— E então? O que vamos fazer? — pergunto.

A sra. McCarthy chama a atenção da sala de novo e diz em que página devemos abrir o livro, mas mal escuto.

Bea vira uma carta para mim. Nela, há três estrelas no alto de um arco.

— Três de ouros. — Bea aponta para si, para Sam e para mim, depois para as três estrelas na carta, e explica: — Se nós fizermos tudo juntos e confiarmos uns nos outros, vamos encontrar Elsie.

— E como exatamente faremos isso? — pergunta Sam.

— Tenho uma ideia — responde Bea, os olhos brilhantes como o mar.

A voz da sra. McCarthy irrompe alto:

— Srta. Morris, sr. Fagan. Se a srta. Kivlan está distraíndo vocês com suas feitiçarias, podem vir se sentar aqui na frente.

Bea esconde as cartas depressa, mas metade da turma já se virou para olhar e rir da nossa cara.

— Desculpe, sra. McCarthy — murmuramos.

A professora se dirige a Bea:

— Srta. Kivlan, não estamos em Hogwarts, e sim na aula de francês do segundo ano. Portanto, que tal a senhorita ler em voz alta a lista de verbos irregulares para a turma?

A classe inteira começa a rir. Pode ser coisa da minha cabeça, mas hoje as risadas parecem menos maldosas do que de costume. Talvez a feitiçaria pareça mais interessante quando os “feiticeiros” convidaram todo mundo para uma festa de Halloween que vai contar com a presença ilustre do pessoal mais popular do último ano. Bea sorri para mim enquanto abre o livro.

* * *

Após a última aula, Sam, Bea e eu nos sentamos nos degraus do prédio e esperamos a escola esvaziar. Carros entram e saem do estacionamento (nenhum deles é o da minha mãe; hoje ela vai trabalhar até mais tarde no estúdio, mas liga a cada meia hora para saber se estamos bem agasalhados e para garantir que não estamos nos atirando em rios ou correndo por aí com objetos afiados). Alguns alunos vão para casa andando, em pares ou trios. Na rua, os ônibus escolares aguardam todos embarcarem. Os saltos das professoras ressoam no chão. Crianças gritam, cachorros latem e o vento sibila. Até que enfim esse verão prolongado está acabando.

Enquanto esperamos, Alice, Kim e alguns de seus amigos (Niamh; o namorado dela, Joe; o irmão dele, Martin, que está no nosso ano; e Carl Gallagher, o desagradável melhor amigo de Toby Healy) se juntam a nós. Carl se senta no primeiro degrau, visivelmente perto de Bea, mas ela nem parece notar. Percebo que ninguém se sentou perto de mim. Olho para Sam, que está sentado do outro lado de Bea. Então, abaixo a cabeça e encaro minhas mãos.

Todos estão falando do baile de máscaras. Acho que esse é o único motivo pelo qual os amigos de Alice estão sentados conosco. Mas gosto do fato de estarem aqui com a gente.

— Vai tocar Metallica? — pergunta Carl a Bea. — Uma festa de Halloween tem que ter os clássicos. Pink Floyd? Guns N’ Roses? Vou mostrar algumas músicas para ver se você gosta.

Sem parecer muito impressionado com o interesse repentino de Carl em Bea, Joe pergunta a Alice sobre as bebidas:

— Você acha que Nick pode comprar as cervejas? Tipo, eu tenho uma identidade falsa, mas seria legal se ele conseguisse para a gente... Sabe como é, sempre tem o risco de encontrar um vizinho bem quando se está comprando as bebidas.

Antes que Alice possa responder, seu celular toca.

— Falando no diabo... — comenta Joe.

Enquanto Alice se afasta para falar com Nick, Niamh e Kim conversam sobre fantasias.

— Ouvi dizer que Clodagh Donoghue vai fantasiada de coelho. Tipo, com orelhinhas,

rabo e tudo mais...

— Coelhozinha. Em um baile de máscaras — diz Kim, com desdém. — Será que ninguém avisou a ela que essa *não é* uma dessas festas ridículas de Halloween? Ela não entendeu nada.

— Pois é!

Bea pegou o ukulele e está cantando baixinho. Dá para ouvir um trem percorrendo os trilhos do outro lado da escola. Aos poucos, o estacionamento vai esvaziando. Logo os únicos que restam são os atrasados, o pessoal da limpeza, a diretora, os funcionários e alguns alunos, em detenção ou tendo aulas particulares.

— Então — diz Carl, levantando-se para ir embora —, estamos indo para um barzinho com karaokê perto da universidade. Querem fingir que estudam lá hoje com a gente?

— Vai ser maneiro! — exclama Martin. — Vamos ficar lá sentados, conversando sobre filosofia...

— É bem fácil — intervém Joe. — É só inventar um monte de merda e parecer arrogante.

— ... e tomar umas cervejas e cantar uma música ou duas — completa Martin. — E aí? Topam?

— Parece legal — responde Sam, e se vira para nós. — Melanie vai ficar até tarde no estúdio, não vai? A gente pode pegar uma carona para casa com ela.

Lanço um olhar a Sam que diz: “E o nosso plano?”, mas não posso condená-lo por querer sair com os garotos populares.

— Bea e eu temos... umas coisas para fazer — respondo, de modo evasivo.

Bea assente. Carl parece um pouco desapontado.

— Mas na próxima a gente vai, com certeza.

— Vocês vão lançar outro feitiço por aí? — pergunta Martin.

Ele mexe o braço como se estivesse brandindo uma varinha mágica, mas sorri de um jeito brincalhão.

— É exatamente isso — responde Bea, com um sorriso perverso. — Vamos dançar nuas ao redor da fogueira e sacrificar virgens. Quer se voluntariar?

A expressão de Martin se anuvia.

— Fica pra próxima — responde ele, meio sem graça.

Chuto a canela de Bea. Ela abre os braços como que perguntando: “Que foi?”

Alice estala a língua.

— Bea, seja boazinha com as outras crianças — comenta, de brincadeira, fazendo Martin e Joe rirem.

Bea pisca para minha irmã e balança o cabelo.

— Bom, vou encontrar Nick na cidade daqui a uma hora, então vou com vocês — continua Alice, olhando para o celular.

— Vejo vocês mais tarde — diz Sam, abraçando Bea e a mim ao mesmo tempo e seguindo com Alice e os amigos dela para o ponto de ônibus.

Fico observando-os se afastarem até Bea me puxar para me levantar. Suspiro.

— Espero que a gente ache o que está procurando — digo. — E espero que valha a pena ter perdido *isso*.

Bea e eu voltamos escondidas para o prédio da escola. Ela estica o pescoço para espreitar a janelinha manchada na porta de uma das salas usadas para aulas particulares. Assovia e se abaixa depressa. Damos risadinhas e saímos depressa pelo corredor para nos esconder. Minutos depois, Toby Healy sai da sala.

Além de muito provavelmente ser o cara mais bonito da escola, Toby é filho da secretária. De algum jeito, Alice conseguiu convencê-lo a roubar a chave da secretaria. Não sei como ela fez isso; Toby não parece ser nem um pouco o tipo que gosta de quebrar as regras.

Quando ele se aproxima de nós, meu estômago se embrulha de nervosismo e entusiasmo; só não sei se é porque estamos prestes a invadir a secretaria da escola ou porque Toby é um daqueles caras que mais parecem ter saído de um filme. Uma vizinha bem lá no fundo me diz que talvez, só talvez, ele esteja ajudando a gente porque está interessado em mim. Uma coisa é certa: nos últimos dias, percebi que ele sorriu para mim e me cumprimentou nos corredores, embora talvez só tenha feito isso por eu ser irmã da Alice.

Toby dá uma última olhada para trás e vira no corredor para nos encontrar.

— A sra. Delaney acha que eu fui ao banheiro, então não posso demorar. — Ele tira um molho de chaves do bolso da jaqueta e o estende para Bea, mas puxa antes que ela consiga pegá-lo. — Mas, afinal, para que vocês querem isso?

— Não é da sua conta — rebate Bea.

Toby a olha de soslaio.

— Posso arrumar um problemão por causa disso. Você sabe, não sabe?

Bea revira os olhos.

— Sem drama, está bem? — retruca minha amiga, o que acho meio engraçado vindo dela.

Toby murmura alguma coisa que não consigo entender bem, mas soa como “bruxa”.

— Só queremos saber o telefone de uma pessoa — intervenho depressa.

— Isso tem alguma coisa a ver com o baile de máscaras na sexta?

De repente, fico ansiosa. Eu sabia que Alice tinha convidado os amigos, mas não que Toby Healy compareceria.

— Tem — responde Bea, taxativa. — É muito importante.

Toby parece curioso, mas resolve não fazer mais perguntas.

— Legal — diz ele, por fim, e então me entrega o molho de chaves e mostra a que abre a porta da secretaria. — Quando terminarem, coloquem no meu armário. É o número 503, ao lado da sala do sr. Connolly. — Em seguida, abre um sorriso e se despede: — Vejo vocês no baile.

Toby dá uma piscadinha para mim e volta às pressas pelo corredor. Bea e eu nos entreolhamos. Ela mal consegue esconder o sorriso quando eu lhe entrego a chave certa.

Planejamos entrar e sair da secretaria o mais rápido possível. As gavetas do arquivo

rangem, e Bea e eu precisamos reprimir as risadas. Bea sussurra que temos sorte de nossa escola permanecer na Idade da Pedra, porque a maioria dos arquivos escolares hoje em dia fica em computadores, protegidos por senha, mas aqui eles são mantidos em pastas de papelão e guardados em gavetas sem tranca. Essa é uma das coisas boas de morar no fim do mundo, em uma cidadezinha no condado de Mayo: ainda não entramos completamente no século XXI.

— Qual é o sobrenome dela mesmo? — pergunta Bea, folheando os arquivos em ordem alfabética.

Abro a boca para responder, mas franzo a testa.

— Não consigo lembrar, mas eu *sei* que sei. — Esfrego a testa, irritada. — Tente na letra M.

Bea passa algumas fichas antes de puxar uma delas.

— Achei!

A ficha de Elsie tem uma mancha de chá bem em cima do sobrenome. As abas da pasta de papelão estão grudadas; imagino que houvesse açúcar e leite no chá, e que a mistura virou xarope quando secou —, mas a informação que queremos está na capa. Bea anota no caderno o endereço e o número de telefone, e saímos depressa da secretaria, como duas fugitivas, abaixando a cabeça quando passamos correndo pelas portas das salas.

Depois que saímos a toda do prédio, atravessamos o estacionamento e chegamos à rua, gritamos de alegria. Damos pulinhos no acostamento gramado da estrada principal e, quando chegamos à estradinha de terra que leva à saída da cidade, esticamos os braços e giramos como peões. A saia do nosso uniforme se abre feito um sino xadrez.

Quando já estamos sem fôlego, nos jogamos no chão ao lado do rio, e Bea pega o número de telefone de Elsie. Sem dizer uma palavra, ela o entrega para mim. Pego o celular e começo a discar. Tudo está quieto. Acima de nós, as árvores farfalham e os passarinhos gorjeiam. No campo, as ovelhas balem. Sinto cheiro de chuva. Levo o celular ao ouvido e prendo a respiração. Demora um tempo para a ligação completar, então ouço um decepcionante *bip bip bip* e a linha cai. Bea me encara com expectativa.

— Nada. Ou o celular dela está desligado ou o número não existe.

Não sei por quê, mas isso me deixa apreensiva.

Bea parece frustrada. Então endireita a postura e dispara:

— Vamos até a casa dela.

— Até a *casa* dela?

— Por que não? Se Alice estiver certa e Elsie só está em casa doente, podemos levar uns biscoitos e uma caixa de chá de camomila para ela.

Penso na bonequinha de vodu na ratoeira e respondo, baixinho:

— Não sei...

— Ah, fala sério, Cara! Vamos dar uma passadinha lá para ver se ela está bem e convidá-la para o baile. Talvez ela fique feliz com a visita.

Olho para a outra margem do rio, para as árvores que farfalham na brisa. Penso nas

fotos e em todas as perguntas que tenho para fazer a Elsie. Então me viro para Bea e sorrio.

— Está bem — concordo. Ela me oferece o caderno com o endereço. — Vamos encontrar Elsie.

7.

Quando chegamos ao endereço, nem Bea consegue acreditar.

— Deve ter ocorrido algum engano.

Seguimos a estrada que margeia o rio, nos afastando da área urbana, indo na direção oposta de onde moramos; passamos por fazendas, casas de veraneio, campos com ovelhas, vacas e cavalos, por casas grandes e modernas como as de Bea e por outras de sapê iguais à que Gracie, amiga da minha mãe, comprou e reformou há alguns anos. Faz uns cinco minutos que passamos pela última casa, e a próxima está bem distante, na curva da estrada, escondida atrás das árvores. Para onde quer que olhemos, vemos apenas campos e mais campos.

Ficamos paradas na estrada, observando a casa. É enorme, como aquelas mansões de filme de época. As janelas são panorâmicas e a varanda é sustentada por pilastras. Mas as janelas estão rachadas e quebradas, e a varanda, em péssimo estado. A hera cresceu por entre as rachaduras das molduras das janelas e, aos poucos, toma conta das paredes.

— Eu vi você anotar o endereço — digo.

Bea balança a cabeça.

— Devo ter lido errado, só pode.

Não é a casa de Elsie. Não é a casa de ninguém, ou pelo menos não pertence a ninguém faz muito tempo. Caminhamos pela margem do rio e o perdermos de vista; a água flui por baixo do enorme jardim à nossa frente e sai do outro lado. O portão duplo para a entrada de automóveis é alto e de ferro forjado, e cheio de arabescos, como os das casas mal-assombradas dos filmes de terror. O lugar parece ter saído de um filme de terror.

— Por que este endereço estaria na ficha dela? — questiona Bea.

Dou de ombros.

— Talvez os pais sejam criminosos e ela não quer que eles sejam descobertos. Ou talvez exista uma casa do outro lado da cidade com o mesmo número em uma rua diferente e que se pareça com essa.

— Talvez.

Bea sacode o portão trancado com cadeado.

Tiro as luvas e toco o portão. Está gelado. Tento calcular a altura, então tiro a mochila e a jogo por cima dos portões. Bea solta uma gargalhada. Em seguida, joga sua bolsa, e nos agarramos aos portões e começamos a escalá-los. Não consigo me movimentar muito bem por causa do excesso de blusas e do casaco, mas é a meia-calça de Bea que fica presa nos ornamentos de ferro. Com cuidado, ajudamos uma à outra até chegarmos do outro lado.

— Descer é muito mais difícil — comenta Bea, já lá dentro.

Faço uma verificação rápida: minhas roupas e, o mais importante, minha pele estão intactas.

— Pensando bem — digo, sem fôlego —, para alguém com medo de acidentes, eu

faço um monte de besteiras.

Bea ri e me dá um abraço. Ficamos assim por um momento, saltitando um pouco, mas nos afastamos logo depois, para observar a casa à nossa frente.

É como se Bea sentisse minha hesitação.

— Bom, já chegamos até aqui — diz ela, segurando minha mão com firmeza, e seguimos até a porta de entrada como se a casa fosse nossa.

Aprensivas, ficamos paradas sob o telhado da varanda em ruínas até que crio coragem e levo a mão à pesada aldrava da porta. Bea prende a respiração. Ergo a aldrava e a bato uma única vez, com força, mas o som ecoa fraco pela casa inteira. Eu me afasto um pouco e deixo Bea bater. Ninguém nos atende, mas isso não nos surpreende nem um pouco.

É então que algo mágico acontece. Ou talvez não tenha nada a ver com mágica. Talvez a porta estivesse aberta o tempo todo, ou talvez alguém a tenha arrombado antes de nós, mas não importa. Faço um pedido diante da porta; desejo com todas as minhas forças; sussurro: “Por favor, esteja aberta, por favor, abra, abra”, e Bea faz o mesmo, então repetimos: “*Abra abra abra*”, e eu seguro a maçaneta, que gira como que nos convidando a entrar. A porta se escancara.

O corredor está escuro por causa da grossa camada de poeira nas janelas que filtra a luz lá de fora, já bem cinzenta, e a transforma em uma escuridão sombria. As janelas que o pó não cobriu estão quebradas e um vento leve sibila em tom de tristeza pela casa, erguendo o que restou dos papéis de parede, roçando as fezes de rato, os fios do tapete, as rachaduras nas portas e despertando os fantasmas.

— Está sentindo? — sussurra Bea.

Arregalo os olhos. Faço que sim com a cabeça uma vez. Estou sentindo. Hesitantes, damos alguns passos em direção ao hall de entrada e olhamos para cima. Paramos ali e fitamos a escada e o teto. Jogo a cabeça para trás e fecho os olhos, então ouço um leve sussurro ao redor. Bea avança e desce alguns degraus na direção de onde ficava a cozinha. Ela se ajoelha e cola o ouvido no chão.

— É o rio — explica.

Eu me ajoelho ao lado dela para escutar, e os sussurros ficam mais altos. O rio passa por aqui, debaixo da cozinha.

— Esta casa pertence a alguma bruxa — afirma Bea. — Está cheia de fantasmas. Penso no que Toby sussurrou no corredor da escola.

— Então esta é a sua casa. Você é a pessoa mais bruxa que eu conheço.

Quando Bea sorri, seus dentes brilham na escuridão.

— Deixe eu lhe mostrar meu lar, então.

Ela se levanta e estende para mim a mão preta de poeira. Sua saia não é mais xadrez azul e verde: ficou cinza e ganhou umas manchas de ferrugem dos portões de ferro; sua meia-calça está toda rasgada e o cabelo, completamente desgrenhado. Está mais bonita do que nunca. Penso em Sam cantando no píer e sinto um leve desejo de ser (ou talvez só parecer) um pouco mais como Bea, mas logo afasto esse pensamento, seguro a mão da

minha melhor amiga, e começamos a explorar a casa de bruxa.

— Aqui fica a copa — explica Bea. — O rio passa bem embaixo. Para nós, bruxas, o rio é como uma mesa de café da manhã, porque todas as almas perdidas se afogam nos rios, e almas perdidas são nossa refeição favorita.

Ainda há latas e caixas empilhadas por toda a cozinha, comida com prazo de validade vencido, um líquido verde e metálico escorrendo pelos plugues das tomadas por falta de uso. Bea e eu caminhamos pelos quartos como se fôssemos duas garotinhas perdidas na floresta.

— Aqui é o salão de festas — mostra Bea, quando chegamos ao hall de entrada novamente. — É aqui que as bruxas dançam. É daqui que voamos até o teto — acrescenta, apontando para cima. — É aqui que dançamos com os fantasmas.

A escada está velha e gasta. A madeira cede um pouco sob nossas botas. Subimos mesmo assim.

— Muito tempo atrás, quando as bruxas moravam nesta casa, elas atraíam jovens virgens prometendo lhes contar histórias e fazer importantes revelações — narra Bea. Sinto o calor da mão dela. — Como eram muito bonitas, de um jeito sombrio e impetuoso, as bruxas sempre eram seguidas por virgens.

Continuamos subindo. A madeira range.

— As bruxas as levavam para o andar de cima, as deixavam escolher objetos dos quartos e lhes contavam histórias sobre o poder de feitiçaria de cada item encantado. Ao final de uma história, como pagamento, pegavam três fios de cabelo das virgens, porque toda bruxa sabe que não há nada mais potente para criar feitiços poderosos.

Minha mão deixa um rastro na poeira que cobre o corrimão.

— Mas, de vez em quando — continua Bea —, as virgens mais belas encontravam objetos que não deveriam tocar: o beijo da bruxa. Toda bruxa guarda seus beijos em objetos do cotidiano. Isso serve para que não tenham o coração partido com frequência.

Sinto um pouco de medo de tropeçar e cair, mas Bea está concentrada nos degraus, escolhendo com cautela onde pisar, evitando as partes em que a madeira está podre.

— O que acontece quando alguém encontra os objetos? — pergunto.

Chegamos ao alto da escada.

— Sei lá — responde ela, com os lábios vermelhos e carnudos. — Só estou contando uma história qualquer.

O corredor do andar superior é comprido e cheio de portas. Contamos cinco quartos, um closet pequeno e um banheiro enorme. É lindo, mas está imundo. Com a ponta dos dedos, Bea e eu escrevemos nosso nome na banheira. Com exceção de um dos quartos, todos os demais estão com a porta aberta. A bagunça nos cômodos me lembra o quarto de Sam. Bea e eu vagamos pelos cômodos abertos como fantasmas, deixando por último o de portas duplas e fechadas, que fica no meio do corredor. As portas estão desbotadas; talvez um dia tenham sido azuis, mas agora têm grandes pedaços de tinta descascando e pendendo sobre o carpete. As portas são esculpidas com os mesmos arabescos do portão. Seguimos a maçaneta de uma porta, Bea, a da outra, e entramos no quarto principal.

Está vazio. Os outros estavam abarrotados e desorganizados, cheios de vestígios de vida: livros e papéis velhos cobertos de poeira e carcomidos, roupas devoradas por traças, lençóis rasgados e travesseiros de penas de ganso na cama, bugigangas nas prateleiras. Em um dos cômodos, Bea sussurrou que na verdade todo este pó são as cinzas dos mortos. No entanto, o quarto principal é o mais fúnebre de todos.

Apesar da poeira, nossos passos ecoam. O teto é alto, e a sanca ao redor dos lustres tem esculpido os mesmos padrões das portas dos quartos. Não há cama. Não há guardarroupos ou prateleiras, apenas o papel de parede descascado, o assoalho de madeira e as janelas amplas que dão para a varanda, com as cortinas pesadas e meio podres bloqueando a luz. Arregalo os olhos, tentando captar tudo. Quando entramos no quarto, percebo que o que a princípio parecia uma pilha de poeira no meio do cômodo se trata, na verdade, dos resquícios de uma fogueira, pretos de fuligem.

Bea e eu compartilhamos a mesma expressão intrigada no rosto. Seguimos em frente, deslizando os pés para não fazer barulho. Nossas pegadas são as únicas no tapete de poeira.

— Essa fogueira foi acesa há muito tempo — comento com Bea.

Só restaram sobras de madeira chamuscada e a enorme mancha do fogo.

Bea está sorrindo. Seus dentes brilham à luz suave.

— Que lugar é esse? — pergunta ela, impressionada. — O que aconteceu aqui? Por que a gente nunca ouviu falar dele?

Ela dá uma risada que ricocheteia nas paredes.

Também solto uma risada.

— Que achado.

— Que achado!

E é nesse momento que vejo o botão. É grande e vermelho e está aninhado em meio aos restos enegrecidos do fogo. Eu o pego da pilha de madeira velha e o esfrego entre dois dedos enluvados para limpá-lo; em seguida, mostro a Bea. É a coisa mais brilhante do quarto.

Bea toca o botão com a ponta do dedo.

— Olha! — diz ela. — É o beijo da bruxa.

Então sinto os lábios dela nos meus. Bea tem um gosto sombrio, um misto de fumaça de chaminé e eternidade, mas, ao mesmo tempo, tem um gosto doce e ainda mais vermelho que seus lábios, como uma cereja envolta em chamas. Já beijei Bea antes, mas foi só um selinho brincando de Verdade ou Consequência, e isso depois de já termos tomado muito vinho; mas dessa vez é diferente, mais selvagem. Ela me beija como se quisesse provar alguma coisa, como se alguém estivesse assistindo, como se estivesse testando a si mesma ou talvez a mim. Confusa, eu me afasto. A casa inteira suspira.

— Ouviu isso? — pergunta ela, sem fôlego. — A casa gostou.

Então, uma ideia faz meus olhos brilharem, como um grande botão vermelho.

— A gente devia fazer a festa aqui.

As sobrancelhas de Bea desaparecem sob a franja, de tão empolgada que ela fica. Ela

segura meus ombros e me beija de novo, rápido e de forma suave, do jeito que costuma fazer.

— Você é um gênio! A casa mal-assombrada apresenta: o baile de máscaras Gato Preto. É tão perfeito que dá vontade de chorar.

Bato palmas, e nós duas pulamos de alegria.

— Adorei, adorei! — falamos ao mesmo tempo, assim como fizemos para abrir a porta de entrada. A casa inteira range e grunhe ao nosso redor.

— Uau! — exclama Bea. — Escutou isso? A casa está precisando de um pouquinho de emoção. De energia sexual. Ela pisca para mim. — Tenho a sensação de que ela quer essa festa tanto quanto nós.

* * *

Quando chego em casa, Sam está na cozinha, comendo comida chinesa de uma embalagem descartável de alumínio, e minha mãe está preparando chá para tomar com Alice.

— Comprei no caminho para casa. Quer? — oferece ele.

O cheiro do molho curry me dá água na boca. Eu me sento na bancada acolchoada da cozinha e roubo o garfo de Sam.

— Você viu a mão da Melanie? — pergunta ele. — Quantos acidentes já tivemos nessa temporada? A gente devia contar.

Alice bufa, mas dessa vez não discute.

Minha mãe estica a mão esquerda enfaixada e diz:

— Estou me sentindo a Bela Adormecida. Pensei que tivesse tirado todos os estiletos do estúdio.

Espio por baixo do curativo para ver os pontos. *Que jeito estranho de forçar a pele a se curar*, penso. *Você a junta toda e a prende, e espera que se costure sozinha.*

— As pessoas devem me achar a mulher mais desastrada do mundo.

Nenhum outro artista que trabalha no estúdio com minha mãe sabe da temporada de acidentes. Só Gracie, a melhor amiga dela, percebeu uma vez as camadas de proteção que nos cercam todo mês de outubro. Mas Gracie é uma pessoa pragmática, então minha mãe nunca conversa com ela sobre o assunto, porque acha que a amiga não acreditaria. Todos nós nos tornamos especialistas em esconder as coisas dos outros. Todos nós nos tornamos especialistas demais em esconder segredos dos amigos.

Minha mãe abaixa a mão. Eu acabo de comer o curry de Sam.

— Você não comeu na casa da Bea? — pergunta minha mãe.

Depois que saí da escola, mandei uma mensagem avisando que ia à casa da minha amiga. Algo me diz que ela não gostaria nem um pouco de saber que, em plena temporada de acidentes, invadi uma casa abandonada construída em cima do rio.

— Comi — minto. — Mas Sam ofereceu o curry, então fiquei sem graça de recusar.

— Conseguiram falar com a Elsie? — pergunta Sam.

— Elsie? Quem é Elsie? — emenda minha mãe.

— Ah, é uma garota da escola.

— Cara e ela foram amigas por um tempo, depois que papai morreu — explica Alice.

— Não chegamos a ser amigas — digo, para que minha mãe não ache estranho nunca ter ouvido falar de Elsie. — Bea só queria ligar para ela.

Olho para Sam, que balança a cabeça para mim discretamente, e continuo a mentira sem esforço:

— Para avisar que o trabalho de literatura é para esta semana.

— Mas e aí? Conseguiram avisar? — insiste Sam.

Minha mãe está de costas para a gente, lavando as xícaras de chá. Aproveito o momento e lanço um olhar esclarecedor para Sam, torcendo para minha mãe não perceber. Às vezes, parece que ele tem olhos nas costas.

— Não — respondo alto. A lembrança do beijo de Bea paira sobre minha boca como um fantasma. — Ela não atendeu. Bea e eu desistimos e fomos passear na beira do rio.

Tecnicamente, acho que isso não chega a ser uma mentira.

Minha mãe se vira e me olha de um jeito irônico.

— Às vezes, acho que você está mais apaixonada por esse rio do que já estive por qualquer garoto.

Fico encarando a embalagem de alumínio vazia à minha frente, sem saber o que dizer.

Sam me dá um soquinho de brincadeira no braço. Meus hematomas estão desaparecendo, mas ainda doem um pouco.

— Eu não sabia que o rio fazia o seu tipo — provoca ele.

— Bom, pelo menos ele não tem cara de guitarrista depressivo nem é um daqueles esquisitões que ficam se lamuriando pelos cantos e se vestem como se vivessem na época vitoriana — argumenta minha mãe, que adora implicar com meu gosto musical e literário.

Digo que o rio toca melhor do que qualquer músico e que os vitorianos esquisitos estão voltando à moda na literatura.

— E você? Qual é o seu tipo? — pergunto a Sam. — Uma coisa meio gótica e etérea?

As palavras incomodam ao atravessar minha garganta.

— É, por aí.

É curioso ver como o fantasma de um beijo pode azedar de repente. O perfume fica doce demais, e a fumaça de cigarro, fedorenta.

Ele é meu irmão, penso, com raiva. O que tem de errado em ele gostar da minha melhor amiga?

— E o tipo de Alice é muito convencional para uma garota rebelde como ela — intervém minha mãe, entregando uma xícara de chá a Alice, que ergue uma sobrancelha.

Minha mãe está brincando; Nick pode ser tudo, menos convencional.

Depois que minha mãe sobe para terminar alguns desenhos, conto a Sam e Alice sobre a casa mal-assombrada. Quando menciono a ideia de fazer o baile de máscaras lá, os olhos deles se iluminam do mesmo jeito, como se os dois fossem irmãos de sangue. Pego

o celular para mostrar as fotos que Bea e eu tiramos dos quartos empoeirados. Eles se espremem para ver de perto. Mostro a despensa que o rio corta por baixo, a escada do corredor, os quartos bagunçados e abandonados. Quando chego à foto do quarto principal, solto a respiração de uma só vez.

Eu estava perto das portas duplas quando bati a foto. Dá para ver as paredes descascadas, os rastros das nossas botas no assoalho empoeirado. Vemos o que sobrou da fogueira no meio do quarto vazio, mas não é isso o que me causa arrepios. Toco a tela para ampliar a imagem das janelas sujas, das cortinas comidas pelas traças, e lá, parcialmente escondido entre as cortinas, vejo um rosto penetrante à espreita, com aquele familiar olhar preocupado. Elsie.

8.

Fico esperando Elsie reaparecer. A caminho da aula, na manhã seguinte, procuro-a em todos os cantos. Tomo um susto quando ouço passos às minhas costas, mas, quando me viro, vejo que são apenas alguns alunos do primeiro ano enlameando o corredor após uma partida de futebol e garotas do último ano de salto alto. Mesmo assim, não consigo me livrar da sensação de estar sendo seguida.

Depois da chamada, Bea e eu vamos procurar o sr. Duffy, que é o coordenador do último ano. Ele passa correndo em meio a um grupo de alunos do ensino fundamental rumo à sala de música. Abro caminho por entre alguns garotos briguetos e o alcanço.

— Sr. Duffy? — chamo, bem alto.

Bea ergue o braço para chamar a atenção dele.

— Professor!

Ele para em frente à sala e nos olha por cima dos óculos.

— Ah. Srta. Kivlan. E srta... Morris. Não é isso? Irmã de Alice Morris?

— Isso mesmo.

Alice e Bea fazem aula de música, mas Sam e eu preferimos estudar alemão e, como são no mesmo horário, não pudemos cursar as duas matérias.

— Professor, estamos procurando Elsie, uma aluna do último ano — explico. — A menina que cuida da caixa de segredos, sabe quem é?

O sr. Duffy balança a cabeça.

— Não lembro...

O sinal da primeira aula toca de repente.

— É melhor perguntar à sua irmã — conclui ele.

O professor se vira para abrir a porta da sala. Um grupo de alunos do primeiro ano começa a se enfileirar no corredor, atrás de nós.

— Minha irmã não a conhece — digo, depressa. — Só preciso do telefone dela. Ou... do endereço. É que... faz uns dias que Elsie não aparece na escola, e eu preciso muito falar com ela.

— É sobre a caixa de segredos — acrescenta Bea. — A gente quer entrevistá-la para o site da escola.

O sr. Duffy destranca a porta, e os alunos entram na sala.

— Já falaram com o coordenador da turma dela? Ele deve ter essas informações. Mas, para ser sincero, duvido que a política da escola permita a divulgação desses dados.

— Não sei quem coordena a turma dela, na verdade. Mas achei que o senhor...

— Infelizmente acho que não conheço a menina. Mas tenho certeza de que ela vai voltar antes do período de provas, e, mesmo que não volte, vocês podem entrevistá-la depois do recesso.

O sr. Duffy se vira para entrar na sala, mas Bea enfia o pé entre a porta e o batente de forma sutil, para forçá-lo a ficar e responder. O professor olha para o pé de Bea e suspira. Depois, vira-se para mim e diz:

— Sabe, quando se dá aula há tanto tempo quanto eu, Clara...

— Cara.

— Cara... às vezes nos confundimos... já tive algumas alunas chamadas Ellie...

— Elsie.

— Elsie. E também já tive um monte de alunas chamadas Ella e Essie. Entende?

— Entendo, mas... — insisto, esforçando-me para não soar impaciente ou grosseira. —

Mas o senhor é o coordenador do último ano. Não sei se Elsie faz aulas de música, mas ela deve ter comparecido às reuniões de turma e...

O sr. Duffy olha para mim de um jeito sagaz.

— Alguns alunos são... mais participativos que outros — explica, olhando de um jeito incisivo para Bea, que retribui o olhar sem o menor constrangimento. — Infelizmente, não é fácil me lembrar de todos. Tenho muitos alunos assim nas minhas turmas. Eles se empenham, ficam de cabeça baixa o tempo todo e não me dão motivo para reclamar. Agora, sugiro que vocês se espelhem nela e façam o mesmo.

Ao dizer isso, ele fecha a porta.

Recebemos respostas muito parecidas de todos os professores que abordamos; ao que parece, ninguém sabe o paradeiro de Elsie, e a maioria acha bobagem nos preocuparmos com a ausência dela nas aulas.

— Bom, mesmo que ela realmente esteja doente, eu só queria que alguém falasse com a gente — comenta Bea.

Estamos no canto da quadra durante a aula de educação física. A sra. Smith (que se recusou a me dispensar das aulas por duas semanas seguidas) amarrou uma rede cheia de mofo no meio da quadra e está tentando nos ensinar a jogar tênis. Bea e eu nos mantemos o mais afastadas possível dos outros alunos e, sem entusiasmo algum, mexemos as raquetes apenas quando a professora olha em nossa direção. Sam, por outro lado, parece concentrado em uma partida acirrada contra Stephen Jones; ambos rebatem a bola um para o outro freneticamente, o que faz a sra. Smith ter um pico de euforia. O sr. Breslin, professor de educação física dos garotos, faltou hoje, então a sra. Smith está cuidando das duas turmas. Felizmente, isso significa que está tão distraída que não interrompe minha conversa com Bea.

— Não sei mais a quem perguntar — digo, em meio ao barulho das bolas sendo rebatidas, ao ruído dos tênis arrastando no chão e à respiração ofegante dos outros, que estão muito mais interessados no jogo do que nós. — Parece que ninguém sabe nada a respeito dela.

Pensativa, Bea dá batidinhas com a raquete no chão.

— Eu sugeriria procurar na internet, mas sem o sobrenome a gente não vai chegar a lugar algum.

— Ela não parece ser do tipo que tem perfil em redes sociais.

— E a sra. Healy não deu nenhuma informação?

Faço que não com a cabeça. Fui à secretaria no intervalo, mas foi tão inútil quanto entrar lá escondido.

— Ela disse que não tem por que eu me preocupar com as faltas de um aluno do último ano e basicamente me mandou cuidar da minha vida.

Bea suspira.

— Os adultos são tão inúteis.

Por um momento, ficamos observando Sam e Stephen indo e voltando da rede. Sam rebate a bola com força e quase acerta o rosto do adversário.

— Meninos, nada de jogo sujo! — grita a sra. Smith, empolgada. — Quarenta a quinze para o sr. Fagan.

Sam sacode a cabeça para afastar a franja dos olhos. Martin o cumprimenta com um *high-five* ao trocar de lugar com ele na rede. Algumas das garotas mais populares da turma os observam e torcem. Franzo a testa sem saber bem por quê.

A voz de Bea interrompe meus pensamentos:

— Então, mudando um pouco de assunto: o que acha do Carl?

— Carl Gallagher?

— É.

— Sinceramente?

— Sinceramente.

— Ele se acha muito e tem um gosto musical de merda.

Bea cai na gargalhada. Um das garotas que está esperando a vez de jogar se vira para nós e franze a testa, mas Bea faz uma careta e rosna para ela, que logo desvia o olhar.

— Acho que você tem razão — concorda. — Mas pelo menos ele é interessante.

Murmuro que não vejo nada de mais em Carl, e Bea ri de novo.

— E desde quando você começou a ser tão sincera, Cara? — pergunta Bea.

Acho esse comentário injusto, porque posso ser tudo, menos mentirosa. Só que às vezes prefiro guardar a sinceridade para mim mesma. Digo isso a Bea, e ela ri ainda mais alto e bate o quadril no meu.

— Eu sei — afirma ela, agora mais séria. — Desculpe.

— O que *você* acha do Carl?

Bea contorce os lábios como se estivesse refletindo.

— O mesmo que você, na verdade. Mas acho que toda bruxa precisa de alguém para beijar no Halloween.

Ergo as sobrancelhas.

— Você beija um monte de gente.

— Beijo. Beijar é importante.

Não discordo, mas não quero deixar o assunto morrer.

— Você me beijou.

Bea sorri.

— É porque fazia parte da história que eu estava contando.

— Que história?

Bea faz um gesto displicente com a mão.

— A história da casa mal-assombrada. A casa precisava de um beijo para despertar, se preparar para a festa.

Conheço Bea o suficiente para saber que não foi por isso que ela me beijou, mas resolvo deixar pra lá.

— Bom, com certeza ela está acordada agora — comento.

Bea sorri e pisca para mim de um jeito sugestivo, mas por trás do gesto ela parece um pouco aliviada.

— Então, você acha que Carl vai encontrar o beijo da bruxa lá? — pergunto, batendo o quadril no dela.

Contamos a todos sobre a mudança de local do baile, e a ideia de uma festa em uma casa abandonada deixou todo mundo ainda mais empolgado. Também estamos tomando cuidado para não comentar nada perto da minha mãe, que pensa que nós três vamos comemorar o Halloween assistindo a filmes de terror e comendo doces na casa da Bea.

Minha amiga sorri diante da pergunta e balança a cabeça.

— Sem chance. Mas provavelmente vou beijá-lo de qualquer jeito.

Soltamos risadinhas enquanto o restante da turma se reveza na rede.

— E *você*? Vai beijar quem no baile? — pergunta Bea.

Do outro lado da quadra, Sam se refresca jogando água de uma garrafa de plástico no rosto. Algumas gotas pingam das pontas do cabelo e escorrem pela gola da camisa. Desvio o olhar e cutuco de leve o braço de Bea.

— Ninguém. O seu beijo me estragou para sempre.

Bea bagunça meu cabelo.

— Nada a ver — retruca.

Mas eu mal ouço o que ela diz. Próxima à rede, Sarah Keogh, que tem cabelo castanho e comprido e sobrancelhas perfeitas, se aproxima de Sam, que está conversando com Martin. Parece que a popularidade de Martin é contagiosa. Sarah sorri, exibindo os dentes alinhados. Eu me forço a desviar o olhar e a pensar em outra coisa. Penso em Toby Healy piscando para mim quando Bea e eu invadimos a secretaria. Desde então, ele faz questão de me cumprimentar nos corredores da escola. Toby tem uma boca linda e cílios tão longos quanto os de uma garota. Comento sobre esses detalhes com Bea.

— Outro guitarrista depressivo? — pergunta ela.

— Ele toca guitarra? Assim meu coração não aguenta!

Nós duas rimos.

— Também percebi que do nada ele começou a parecer interessado em você. Acho que pode rolar alguma coisa aí — opina ela.

— Do nada? Ei, espere aí — retruco, com arrogância. — Como você sabe que ele não estava interessado em mim desde o primeiro ano e só estava esperando uma desculpa para se declarar? — Sorrio com desdém. — Mas, falando sério, acho que é só porque ele acabou de descobrir que eu existo, e não porque está interessado em mim.

— É o que vamos ver — rebate Bea, erguendo as sobrancelhas.

De repente, começa um tumulto perto da rede. Ouvimos gritos e um monte de alunos

xingando e chamando a professora. É difícil ver o que aconteceu com tanta gente em volta. Bea e eu largamos as raquetes e saímos correndo; nesta época do ano, sempre esperamos o pior.

Sam está curvado no centro da roda com as mãos no rosto, e dá para ver que há sangue escorrendo por entre seus dedos.

— Sam! — grito.

Todos abrem espaço para eu me aproximar.

— Professora, não fui eu, não foi culpa minha! — exclama Stephen para a sra. Smith, que vem correndo do outro lado da quadra.

— Foi a *sua* bola que acertou o rosto dele — diz Sarah, arqueando as sobrancelhas perfeitas.

Coloco o braço ao redor de Sam.

— É, mas foi sem querer — rebate Stephen. — Não foi de propósito.

— Estou bem — afirma Sam, com a voz meio rouca.

Quando ele tira a mão do rosto, vejo sua boca ensanguentada.

— Está tudo bem — repete, para tranquilizar a professora. — Stephen tem razão, não foi culpa dele. Estou bem, só cortei o lábio.

O sangue não para de gotejar nas mãos dele.

— Vamos à enfermaria — diz a sra. Smith, preocupada; não é o primeiro acidente que Sam sofre em uma aula de educação física.

Ela oferece o braço para ajudá-lo a caminhar até a enfermaria, mas ele faz um gesto de que não precisa.

— Está tudo bem, sra. Smith — afirma ele, seguindo com facilidade até a porta da quadra, com ar de quem já sofreu ferimentos muito piores do que um simples corte no lábio. Ele esboça um sorriso sanguinolento e sacode a cabeça para afastar a franja dos olhos. — Conheço o caminho.

Ter um irmão postiço deveria ter facilitado muitas coisas, *pensou Alice. Por um lado, isso significava que ela e Cara poderiam ter um árbitro para jogar pique-bandeira. Cara sempre tentava trapacear quando pegava a bola — ou o sapato, ou o suéter enrolado, ou qualquer outro objeto que fizesse as vezes de bandeira. Mas, no fim das contas, Alice não podia confiar em Sam, pois ele não entregava Cara quando ela trapaceava.*

Normalmente, em outubro, Alice e Cara não tinham permissão para brincar fora de casa a menos que mamãe, tio Seth ou algum adulto ficasse de olho, mas desde que mamãe tinha se casado com Christopher, no verão anterior, muita coisa havia mudado.

— *Você não encostou no meio-fio desta vez, Cara* — gritou Alice depois que a irmã pegou a bola.

— *Encostei, sim!*

— *Não encostou, não! Sam, diz para ela que ela não encostou.*

Sam arrastou os pés de leve no chão de concreto.

— *Hum... Não sei, Alice* — respondeu ele, com um tom de voz que mostrava a Alice que ele sabia, sim. *Claro que sabia.* — *Acho que ela encostou, sim.*

Aborrecida, Alice jogou o gorro na calçada.

— *Ela não encostou, e vocês sabem muito bem disso.*

Às vezes, ter um irmão postiço significava apenas ter mais uma pessoa para ficar contra você.

Mamãe e Christopher foram ao jardim. Ele levava uma pá, um ancinho e luvas de jardinagem. Em geral, mamãe não mexia no jardim durante a temporada de acidentes.

Ela protegeu os olhos da luz do sol e olhou para as crianças.

— *Por que não vão brincar no gramado em vez de ficar aqui?* — perguntou. — *Não quero que caiam e se machuquem aí na calçada.*

— *Não dá para correr tão rápido na grama* — explicou Cara. — *E está muito alta.*

Christopher beijou o topo da cabeça da mãe, cujo cabelo estava tingido de laranja. Ele era tão alto que nem precisou erguer a cabeça.

— *Vou cuidar disso ainda hoje* — prometeu ele.

Mamãe estremeceu. Alice sabia que ela não gostava que o cortador de grama fosse usado naquela época do ano. Mamãe escondia um monte de equipamentos em outubro.

— *Então* — disse Christopher, tendo dificuldade para colocar as luvas de jardinagem da esposa nas mãos enormes. — *Quem está ganhando?*

— *Eu* — responderam Alice e Cara ao mesmo tempo.

— *Cara* — afirmou Sam.

Alice o fulminou com os olhos.

— *Está bem, então* — disse ela. — *É a sua vez.*

Vamos ver quem vai ganhar quando ele jogar contra ela, pensou Alice.

Sam e Cara jogaram cinco rodadas de pique-bandeira enquanto Alice ficou de juiz. Christopher arrancou as ervas daninhas dos canteiros e mamãe ficou observando, com nervosismo, a uma distância segura. Sam deixou Cara vencer todas as rodadas.

Quando a nova amiga de Cara, Bea, chegou de bicicleta (Alice e Cara não tinham

permissão para andar de bicicleta, mesmo Cara tendo dez anos e Alice, onze, e embora a temporada de acidentes não durasse o ano todo), mamãe já havia relaxado e estava batendo papo e rindo com Christopher perto das roseiras. Alice, Cara, Sam e Bea decidiram apostar corrida no terreno vizinho. Pediram para Christopher fazer a contagem — UM, DOIS, TRÊS E JÁ! —, e os quatro dispararam da cerca do jardim rumo ao outro lado do terreno.

Alice e Sam eram mais rápidos, mas, como tiveram que desviar do cocô de vaca bem no meio do caminho, ficaram empatados com Bea e Cara um pouco antes da linha de chegada, na cerca oposta.

Meio frustrada, mas ainda dando risada, Alice correu os últimos metros até a cerca no mesmo tempo que os outros. O problema, pensou ela mais tarde, foi que eles não perceberam que a cerca havia sido substituída. Se tivessem notado, também teriam percebido o declive pouco antes. Então, não teriam caído contra a cerca elétrica recém-instalada.

Alice foi arremessada para trás com tanta força que caiu de costas na grama. Com o impacto, ficou totalmente sem ar e, por muitos e longos segundos, não conseguiu respirar. Ao virar a cabeça, viu que os olhos de Cara estavam fechados. Como se estivesse bem longe, ouviu Bea chamar mamãe e Christopher aos gritos. Bea, que não escorregou no declive. Bea, que não se chocou contra uma cerca elétrica. Bea, que não foi afetada pela temporada de acidentes.

Alice se apoiou nos cotovelos. Cara abriu os olhos. Do outro lado de Alice, Sam também estava caído na grama, com o rosto pálido e as mãos agarradas ao tornozelo.

Alice viu o pânico na expressão da mãe, que se aproximava correndo. Quando notou que Sam também tinha se machucado, mamãe levou as mãos à boca, horrorizada. Christopher se abaixou e pegou Sam no colo como se ele não pesasse nada. Mamãe foi até Alice e Cara, mas não parava de olhar para Sam, e Alice sabia que as duas estavam pensando a mesma coisa.

Às vezes, ter um irmão postiço significava se preocupar com mais uma pessoa durante a temporada de acidentes.

Kim deixa a caixa de segredos fechada durante o horário de almoço, mas, antes disso, eu me sento atrás da cortina para ter privacidade e datilografo mais um segredo. Bato as teclas depressa. Algumas das letras saem no papel, mas outras não, então minha frase fica algo como: *As pessoas que eubjo nunca são as de que gsto*. Acho que isso não vai parar no varal de artes, e esse é um dos motivos que me fazem colocar o papel na caixa.

Kim me acompanha até o refeitório. Ela me conta que este ano a sra. Byrne quer mudar o jeito de expor: quer que os alunos ilustrem seus segredos e quer também criar uma sala só para eles, para deixá-los pendurados, assim como as pinturas e esculturas criadas para representá-los. Digo que não sei se a ideia me agrada e que acho que gosto dos segredos espalhados pelos corredores da escola todo semestre, pendurados em varais de roupa, bem acima de nossas cabeças, como se fossem as palavras que dizemos em silêncio. Como se fossem balões de pensamento de histórias em quadrinhos, que podemos ler, mas não tocar. É uma sensação assustadora, mas, ao mesmo tempo, reconfortante.

Kim me olha como se estivesse me avaliando.

— Sua mãe é a artista, não é?

“A” artista, como se minha mãe fosse a única artista que existe no mundo.

— É. Uma entre tantos.

— Como eu suspeitava.

Kim escancara a porta do refeitório e me dá passagem. O barulho lá dentro é como uma névoa.

— Ei. — Ela para e me segura. — Por que você não fica lá?

— Lá onde?

— Na caixa de segredos.

Abro a boca de imediato para dizer “não”, mas Kim continua:

— Eu só fiquei porque a sra. Byrne me pediu, mas estou pensando em desistir de artes... Já estou com oito matérias.

Balanço a cabeça e tento falar, mas ela me corta mais uma vez:

— Você *entende* o que ela significa — acrescenta Kim, e isso me deixa paralisada. — Esse lance de os segredos serem como aqueles balõesinhos de pensamento... Eu nunca tinha pensado nisso.

Olho para um grupo de alunos do primeiro ano. Dois estão praticamente se engolindo, com as línguas grudadas e se movimentando com uma dedicação incansável. Ao meu lado, o salto do sapato de Kim estala no chão.

— Vou pensar — digo.

Sam e Bea estão sentados a uma mesa perto da janela com Niamh, Joe e, para minha enorme surpresa, Toby. A boca de Sam parou de sangrar. Depois de passar o resto da aula de educação física e toda a aula de literatura na enfermaria com uma bolsa de gelo na cara, ele parece bem animado. Muito provavelmente porque a sra. O’Shaughnessy, professora de literatura, não soube que ele não fez o dever de casa.

Alice está do lado de fora, conversando ao telefone com uma cara bem feia. Toby se ajeita e abre espaço para eu me sentar ao lado dele. Bea pisca para mim de um jeito bem indiscreto. Ela estava escrevendo versos de um poema em uma folha. Quando me sento, ela dobra o papel e o entrega a Kim.

— Cadáver esquisito — diz Bea.

— Hein? *Que cadáver?* — pergunta Kim, erguendo uma sobrancelha, perplexa.

Sam dá uma risada. Imagino que Kim e os amigos dela não passem o tempo livre escrevendo poesia juntos. Arrisco uma olhadinha para Toby ao meu lado, curiosa para ver sua reação. E eis que ele sorri para mim.

— Esquisito — repete Bea.

— Isso não responde a pergunta dela, Bea — comento.

Kim tenta desdobrar a folha, mas Bea a toma da mão dela.

— Cadáver esquisito é um tipo de poema — explica Bea.

— Assim como um tipo de defunto — acrescenta Sam.

Bea dá um tapa na perna dele.

— Um poema escrito por mais de uma pessoa — continua ela, tirando da bolsa um bloquinho de anotações e arrancando outra folha. — A primeira pessoa escreve três linhas, dobra a folha, cobrindo as duas primeiras linhas, e a passa para a pessoa seguinte, que usa a terceira linha que a primeira pessoa escreveu como base e escreve outras três. E assim por diante.

— Isso é mais usado em desenhos — acrescento, porque percebo que Kim e Niamh estão se entreolhando, confusas. — Uma pessoa desenha uma cabeça e dobra o papel. Ai outra desenha o tronco, e assim por diante. Então, a versão final do desenho normalmente é uma espécie de Frankenstein. — Kim e Niamh ainda parecem perdidas. — Por isso “cadáver esquisito”, entenderam? — murmuro, quase sem energia.

Talvez a gente não tenha jeito; talvez nossa bizarrice seja demais para as massas.

Bea devolve a folha para Kim, que a pega meio que a contragosto. Ela olha para Alice, que continua ao telefone do lado de fora, gesticulando com raiva. Niamh ri, mas de nervosismo.

— Manda ver, então — provoca Joe. — Escreve um poema para a gente.

Kim faz uma careta, mas, sabe-se lá por quê, decide entrar na brincadeira. Ela se debruça sobre o papel na mesa e começa a escrever. Ao meu lado, Toby passa o braço pelos meus ombros. Essa proximidade toda me faz corar, mas não me mexo. Não sei o que fiz para de repente ele perceber que eu existo, mas estou gostando. Também fiquei feliz por ele não ter se incomodado tanto com o cadáver esquisito. Tenho certeza de que as garotas e Joe só estão com a gente por causa de Alice; só não sei como Toby veio parar aqui.

— Então, Cara... Bea estava falando da casa abandonada que vocês encontraram — comenta ele.

— Pois é. A casa é incrível. Assustadora e linda.

— O lugar perfeito para o baile de máscaras — acrescenta Bea.

— E aí? Você vai fantasiada de quê? — pergunta Toby. — Como vou reconhecer você?

— Vou de fada. E você vai me reconhecer porque vou estar com a minha cara mesmo, só que com uma fantasia de fada.

O braço de Toby continua apoiado em meu ombro, de um jeito natural e afetuoso. De certa forma, me transmite um pouco de segurança também, porque a mesa em que estamos é de madeira falsa e deve ter uns trinta e cinco anos, sem contar as pernas bambas. Lá fora, Alice parece gritar ao telefone.

— Mas não aquelas fadinhas de desenho animado — continuo. — Não uma fada tipo... — Tento me lembrar de alguma fada.

— A Sininho? — sugere Niamh.

— Pelo contrário — respondo, e reflito por um momento. — A Sininho é mais ou menos o tipo de fada do qual estou falando. Ela tenta matar a Wendy... é meio perversa, vingativa. Ela não segue muito as regras humanas, por isso é imprevisível e um pouco perigosa.

— Igual às sereias em *Peter Pan*, que tentam afogar a Wendy — comenta Bea.

— Coitada da Wendy... um monte de criaturas míticas tentando acabar com ela — lamenta Sam, e todos caímos na gargalhada.

— Eu vou fantasiada de um tipo de fada meio perigosa. Do tipo que deixa a gente com um pé atrás, porque nunca se sabe do que ela é capaz — acrescento.

— Gostei — afirma Toby, aproximando-se ainda mais de mim, com ar de quem está tramando alguma coisa. — Parece... imprevisível.

Não sei por quê, mas minhas bochechas coram de novo. Sei que esse súbito interesse de Toby em mim é passageiro, que ele provavelmente já saiu com todas as garotas bonitas e populares da escola e que eu sou o que resta, agora que ele se deu conta de que existo. Mas pelo menos ele se deu conta. E, pelo menos por enquanto, isso basta.

— E você? — pergunto rapidamente a Toby, percebendo que Sam e Bea estão me olhando. — Vai de quê?

— Você vai ter que esperar para ver.

— Mas como eu vou saber quem é você? — pergunto, provocando-o.

Toby ergue uma sobrancelha.

— Talvez eu mostre para você o que tem debaixo da minha máscara.

Niamh engasga. Joe dá uns tapinhas nas costas dela. Meu rosto fica corado (de novo), mas Bea desvia as atenções de mim ao balançar a cabeça com ar de sabedoria e dizer:

— Não, não, não. É melhor você não fazer isso. — Toby a encara, e ela continua: — As máscaras são importantes. Elas impedem que os fantasmas nos reconheçam e nos sigam até em casa. Porque, se alguém vacilar, pode ter certeza de que é isso que eles vão fazer. Todos os fantasmas vão estar lá no sótão, vendo a gente dançar, só esperando alguém tirar a máscara.

Toby olha para Bea do jeito que muita gente olha quando ela começa a contar essas histórias. Parece que Sam percebeu; ele franze a testa para Toby, depois se vira e dá um puxão de brincadeira no cabelo de Bea.

— Melhor a gente tomar cuidado e ter certeza de que as máscaras estejam bem presas — adverte Sam.

Bea faz um beicinho e dá um tapinha no rosto dele.

— Pelo menos você me entende, Sammy — diz ela.

Não sei por quê, mas meu coração dá uma leve palpitada. Pode ser só coisa da minha cabeça, mas, quando Sam olha para o braço de Toby envolvendo meu ombro, percebe um lampejo de maldade em seu olhar, tão azul quanto a mecha em seu cabelo. Com o coração acelerado, eu me aconcheço ainda mais ao corpo de Toby.

Kim me entrega a folha de papel com uma linha onde está escrito algo sobre um baile de máscaras. Finalmente Alice está voltando para o refeitório; eu começo a pensar em como será minha máscara — arabescos e lantejoulas da mesma cor das asas —, mas, bem lá no fundo, continuo preocupada com aquele rosto penetrante me encarando por trás das cortinas da casa mal-assombrada. Concluo que Kim levantou a hipótese de eu assumir a caixa de segredos agora há pouco porque acha que Elsie não vai mais voltar.

— Ei, Kim — chamo, depois que o sinal toca e Toby afasta o braço (e o resto do corpo) de mim com um beijinho inexplicável na bochecha, que eu rapidamente arquivo na memória para analisar mais tarde. Kim fecha a mochila. — Por que você quer que eu fique na caixa de segredos? Digo, por que acha que devo substituir Elsie?

— Elsie?

— É, Elsie. — Saio do refeitório junto com ela, mas diminuo o passo para me afastar dos demais. — Essa caixa sempre foi ideia dela, desde o fim do fundamental. Acho até que foi ela quem inventou. Deu a ideia. Ah, enfim.

Kim está com uma expressão intrigada no rosto.

— Bom, eu nem sabia disso.

Seguro o cotovelo dela e a puxo para perto.

— Mas a sra. Byrne comentou com você sobre a possibilidade de Elsie não voltar?

— Não, não comentou nada — responde Kim, ainda com uma expressão confusa.

— A sra. Byrne comentou com você qualquer coisa sobre Elsie?

— Olha, acho que não.

Então, Kim meio que dá de ombros e me deixa sozinha no corredor lotado, com uma sensação de vazio no peito.

* * *

Ao final do dia, eis o que descobri sobre Elsie: ela não tem amigos, fica com a caixa de segredos durante os intervalos e ninguém a conhece direito. Nenhum dos professores ou alunos a quem perguntei sabe onde ela está ou onde mora, tampouco que matérias ela está cursando. Elsie é discreta na sala de aula, ninguém percebe sua presença. É como se levasse a vida sempre no canto da moldura. A gente a esquece assim que vira a página.

Combinamos de ir à casa de Bea fazer as máscaras para o baile de Halloween, mas, quando saímos da escola, encontramos Nick parado à porta, com uma jaqueta de couro marrom, calça jeans skinny e o cabelo perfeitamente desgrenhado. Nick é lindo demais para ficar esperando em frente a um edifício feio com enormes portas de vidro. Um grupinho de garotas que está indo atrás de nós diminui o passo e cochicha ao passar por ele. Alguns garotos da turma de Alice estufam o peito e endireitam os ombros quando o avistam. A própria Alice precisa ficar na ponta dos pés para beijá-lo.

— A que devo a honra? — pergunta minha irmã, em um tom de voz que não é bem o dela. É mais baixo e rouco, como se ela estivesse tentando parecer mais adulta.

É estranho ouvi-la falar desse jeito.

Sam, Bea e eu não vemos Nick com muita frequência; ele não passa muito tempo com os amigos de Alice (o que faz sentido, porque Nick tem vinte e dois anos e, portanto, é mais velho e mais experiente, além de ser músico, o que é infinitamente mais legal). Ele e Alice passam a maior parte do tempo sozinhos ou com o pessoal da banda. No lugar de Alice, eu não ficaria muito feliz, porque sair com a banda de Nick significa aguentar aquela multidão de garotas querendo falar com ele depois dos shows, mas ela diz que isso faz parte do estilo de vida que o namorado escolheu e que, se ele quer mesmo ser músico, ela precisa se acostumar com esse tipo de coisa. Às vezes, ela brinca dizendo que ele mal tem tempo para namorar por causa da multidão de fãs que o idolatram, e quando ela fala isso é como se duas Alices me encarassem: uma que acha graça da situação mas sente um leve ciúme pelo fato de o namorado ser tão popular, e outra que quase chega a sentir alívio.

Namorar um músico me parece trabalhoso demais, mas o que eu entendo disso? Nunca namorei sério com ninguém. E, quando vejo o jeito como Nick olha para Alice, como se ela fosse a única pessoa do planeta que ele vê em cores, imagino que o esforço valha a pena.

Nick põe a mão com delicadeza na cintura de Alice e cumprimenta nós três com um aceno de cabeça. Ele se inclina para sussurrar algo no ouvido dela, mas o som me escapa.

— Tenho ensaio daqui a meia hora, então não posso ficar muito tempo — diz Nick, dando um beijo no cabelo de Alice. — Mas eu tinha que vir aqui ver você.

A expressão dela se suaviza.

Eu me lembro de minha irmã gritando ao telefone hoje à tarde e me pergunto se os dois estavam discutindo e fizeram as pazes agora. Tento puxar Bea e Sam para longe a fim de dar privacidade ao casal, mas Bea está imóvel, de braços cruzados. Ergo as sobrancelhas para ver se ela se toca.

— Você vem com a gente, Alice? — pergunta Bea.

— Daqui a um minutinho — responde ela, se afastando um pouco com Nick pelo estacionamento, para conversar a sós com ele.

Não consigo me segurar e começo a observá-los. Pelo grude dos dois e pela maneira

como Nick faz questão de tocar Alice o tempo todo, não pode ter sido ele a pessoa com quem ela estava discutindo ao telefone. Fico imaginando se um dia vou encontrar alguém que me toque do mesmo jeito. Sam pigarreia. Desvio o olhar e começo a mexer no cabelo debaixo do gorro para disfarçar o rubor que toma conta das minhas bochechas.

Depois de uns dez minutos, Nick vai embora (mas não antes de beijar a namorada de um jeito tão intenso que quase todo mundo no estacionamento para para olhar). Alice parecendo um pouco atordoada, vem até nós.

— Tudo bem com o gatinho? — provoco.

— E por que não estaria? — rebate ela, com um tom de divertimento na voz, enquanto atravessamos o estacionamento rumo à casa de Bea.

Apenas alguns passos depois, avistamos o carro da minha mãe parado perto do portão da escola. Por um momento, pensamos em despistá-la — atravessar o campo de futebol e dar a volta para evitar que ela nos veja sair —, mas estranhamos o fato de ela aparecer aqui quando ainda deveria estar no trabalho, então nós quatro vamos até lá.

Minha mãe não está no banco do motorista. Todos nos enfiamos no banco de trás — eu fico espremida entre Bea e Sam, enquanto Alice está imprensada contra a janela do carro como uma mosca esmagada. Gracie acena para nós de trás do volante e dá partida. Minha mãe está no banco de carona, aninhando o braço engessado e preso por uma tipoia, nitidamente quebrado. Enquanto Gracie dirige, ela e minha mãe explicam o que aconteceu.

Estamos chegando aos últimos dias da temporada de acidentes. Quase sempre as coisas pioram antes do fim. No ano passado, nessa mesma época, Alice quebrou dois dedos ao prendê-los na porta do carro de Nick quando voltavam de uma festa. Dois anos atrás, Sam quebrou o nariz jogando futebol. (O osso praticamente voltou ao lugar; dá para perceber um desvio bem sutil às vezes, dependendo do ângulo. Digo a ele que isso o faz parecer mais ousado, como um pirata.) Alguns anos atrás, quebrei a perna e Alice rompeu o apêndice. Certa vez, minha mãe fraturou a clavícula; em outro ano, entrei correndo descalça no banheiro, bati o pé no suporte da pia e minha unha do dedão caiu inteira.

Isso sem contar as centenas de cortes, arranhões e hematomas, os choques e traumas que carregamos para o resto da vida. As tragédias que poderiam ter acontecido e as que quase aconteceram: as cabeças que não bateram na pedra de mármore por milímetros, os estilhaços de vidro que não acertaram aquela veia específica, a água que não encheu totalmente os pulmões antes de ser forçada para fora. Mas nunca conversamos sobre esses incidentes.

Hoje minha mãe foi atropelada por um carro. Ela está abalada, cheia de hematomas e com o braço quebrado em dois lugares, mas, segundo Gracie, tem sorte de estar viva. Toda vez que ela diz isso (e até agora já foram três), minha mãe estremece. Fingimos não perceber. Em casa, não saímos de perto dela por um segundo, mesmo que ela fique tentando nos afastar.

— Eu estou bem. Estou ótima. Quero ficar sozinha com uma taça de vinho e algum filme bobo — afirma ela.

Levamos um monte de travesseiros, analgésicos e chocolate para minha mãe; deixamos uma garrafa de vinho com ela e Gracie e surrupiamos outra para tomarmos no andar de cima, mais tarde. Escolhemos filmes bobos em que nenhum personagem se machuca — talvez apenas o coração saia ferido, mas só por causa de algum mal-entendido que se resolve no final. As duas ficam na sala e nós vamos para o quintal, onde uma brisa que não sentimos balança a copa das árvores.

Já começou a escurecer; os dias de outono sempre me surpreendem — à noite, parece mais tarde do que realmente é. Nós nos amontoamos em um círculo, e Bea enrola um baseado com um pouco da erva que o pai de Martin cultiva no galpão. Ela demora bastante, embora esteja acostumada a enrolar os próprios cigarros de tabaco. Enquanto esperamos, com os ombros grudados uns nos outros para barrar o vento que aumenta e começa a formar nuvens escuras de tempestade, pego a folha em que escrevemos no almoço e terminamos o cadáver esquisito.

Identifico de cara quem escreveu cada verso. Os de Bea são os chocantes, que ficam na cabeça. Sam escreve frases curtas e engraçadas. As de Kim são simples, como letras de música. Niamh faz referência a outros poemas, que estamos estudando na aula. As frases de Alice devem ser as metafóricas, que nunca deixam claro o que ela quer dizer. As minhas são só as minhas; estão lá, escondidas entre as dos outros.

O poema é uma quimera, com várias cabeças e línguas. Está desorganizado e confuso, e por isso mesmo é ainda mais bonito. Bea disse que vai escaneá-lo e imprimir uma cópia para cada um de nós.

— Se eu digitar, não vai ser a mesma coisa — explica ela. — As caligrafias diferentes são parte do encanto.

Penso nos segredos datilografados e no desaparecimento de Elsie. Pergunto a Alice se Elsie é amiga de alguém da sala dela.

— Quero saber com quem ela conversa quando não está cuidando da caixa de segredos — explico.

Bea lambe a seda uma última vez para fechar o baseado e o acende com um isqueiro velho que pertenceu ao pai dela.

Alice pensa um pouco antes de responder:

— Não. Acho que ela nunca teve amigos de verdade.

— Não desde que foi sua amiga — pondera Sam.

Na escuridão do quintal iluminado apenas pelos cigarros em brasa e pela luz que vem da cozinha, atrás da macieira, penso em como Elsie e eu nos distanciamos; ou melhor, penso em como me distanciei e Elsie continuou lá, do mesmo jeito de sempre. Refletir sobre isso me faz sentir uma tristeza estranha. Por que nunca pensei em Elsie até semana passada, quando notei a presença dela na primeira foto?

— Deve haver pelo menos alguém com quem ela converse, sei lá... — continua Sam.
— Se é que ela conversa com alguém.

Todos refletem por um momento.

— Não na minha turma — responde Alice. — Mas Elsie está no ano de vocês, então

devem saber mais sobre ela do que eu.

— Não — digo, calmamente.

Sam e Bea balançam a cabeça, ao meu lado.

— Sempre pensei que Elsie estivesse no seu ano — continuo.

— Mas não está, Cara.

— Mas ela já estava na escola desde que a gente... — começa Bea.

A fumaça envolve nosso rosto. Sinto o chão bem firme com as palmas das mãos. Umedeço os lábios.

— É, mas ela também estava com a gente no ensino fundamental. — Sam se inclina para a frente e arranca um pouco de grama do meio do nosso círculo. — Tipo, ela vivia por perto quando a gente estava no sexto ano.

Esfrego os braços.

— Ela deve estar no nosso ano, só não percebemos — comento, meio hesitante.

Fico pensando em como é possível ignorar completamente alguém que você já considerou sua amiga. E me sinto uma pessoa horrível.

Sam dá uma bela tragada no baseado e solta a fumaça em anéis. Bea dá uma risadinha e enfia a língua no meio de um deles. Caímos na gargalhada. Rolamos pela grama rindo cada vez mais alto, e assim finjo que esqueci de ter esquecido Elsie. Sam solta mais alguns anéis de fumaça, e todos nós enfiamos a língua neles. Ele tenta nos ensinar, mas só Alice chega perto de conseguir, e mesmo os dela mais parecem cobras gordas. Quando digo isso, rimos ainda mais.

— Mas não tem cobra na Irlanda! — brinca Bea, abrindo bem os braços, lembrando um dos fatos mais conhecidos do país, até que perde o equilíbrio e cai em cima de Alice.

Começamos a rir mais dela do que da fumaça. Meio sem graça, Bea se apoia no ombro de Alice, abre a folha do cadáver esquisito de novo e o lê em voz alta.

Parece uma história de terror escrita em versos. Estrofes. Métrica e rima, embora nenhum verso rime com outro. Então só restou a métrica. Ela pega uma linha que cada um escreveu e as junta para criar uma espécie de refrão que se repete ao longo do poema: *Então, brindemos à temporada de acidentes,/ Ao rio que corre sob nossos pés, onde naufragamos nossas almas,/ Aos hematomas e aos segredos, aos fantasmas no sótão,/ Mais um brinde à estrada de água.*

À luz tênue do quintal, o mundo parece mesmo submerso. Ao meu lado, Sam aparece e some de vista, em preto e branco, e a pele de Alice fica esverdeada, da mesma cor que a grama ao redor. O cabelo de Bea — os cachos emaranhados pelo vento — ondula, como se ela estivesse debaixo d'água. Sinto a cabeça leve, aérea e estranha.

Começa a esfriar, e, como não temos mais anéis de fumaça para baforar, decidimos voltar para casa. Minha mãe ainda está na sala com Gracie; as duas estão rindo de alguma coisa, e, do corredor, suas vozes parecem bem distantes. Apesar da algazarra, subimos a escada na ponta dos pés.

Decidimos dormir todos no mesmo quarto. Como o de Alice é maior, pegamos meu colchão e o de Sam e os carregamos pelo corredor (com certa dificuldade) até o quarto

dela. Tentamos fazer o mínimo de barulho possível, para minha mãe não suspeitar de nada, mas é mais provável que ela não esteja nem aí para o que estamos fazendo, desde que não envolva ferimentos nem ossos quebrados. O que ainda nos dá margem para fazer um bom estrago.

Por fim, quando nossos colchões, edredons e travesseiros estão no quarto de Alice, tiramos o dela do estrado da cama, e o chão fica forrado de colchões. Vestimos o pijama nos sentamos amontoados sobre os edredons, nos apoiamos nos travesseiros e passamos a maior parte da noite conversando, bebendo, fofocando, rindo e nos escondendo de certas lembranças.

Por fim, quando caímos no sono, estamos todos encolhidos como filhotinhos de cachorro. Sonho de novo com as criaturas. Elas estão enfraquecidas; passaram tempo demais no mundo humano. A elfa da floresta, a garota que parece uma árvore, já teve o poder de fazer plantas crescerem e flores desabrocharem. Ela se apaixonou por um garoto que lhe parecia humano, mas que na verdade era um lobo disfarçado. Agora seu coração frondoso está partido e ela está esquecendo a língua das árvores.

A sereia, a garota que parece o mar e tinha o poder de fazer chover, de fazer água brotar do solo e de cessar as lágrimas, agora está com os olhos e a garganta secos como um deserto. O garoto-fantasma, que tremeluzia como um personagem de um filme mudo, que aparecia e sumia de vista, entrava e saía da realidade; que conseguia penetrar imperceptivelmente em histórias, canções e sonhos — agora é seu coração que parece estar desaparecendo. A fada, a garota alada, podia voar, mas no momento está presa ao chão, dançando com seu All Star prateado, ávida por percorrer os céus.

Acordo pensando que caí depois de tentar alçar voo. Acabei indo parar em um vão entre dois colchões. Alice e Bea dividem o mesmo edredom e, quando olho para Sam ao meu lado, vejo que ele está acordado.

— Não consigo dormir — sussurra ele. — Quer sair para dar uma volta?

Ele leva o dedo aos lábios e aponta para a porta.

Colocamos os casacos e as botas por cima do pijama e saímos. No corredor, paro por um momento e abro uma fresta da porta que dá para a sala. Minha mãe e Gracie caíram no sono; minha mãe, deitada no sofá, e Gracie, aninhada na poltrona. Há várias garrafas de vinho na mesa de centro e embalagens vazias de barras de chocolate espalhadas pelo chão. Sorrio e fecho a porta devagar.

Sam e eu caminhamos na direção do rio em silêncio. No caminho, quando a luz da varanda da nossa casa desaparece em meio às árvores, ele segura minha mão. Não trouxemos lanterna e o céu está nublado, mas ainda assim enxergamos o caminho à nossa frente. A noite está tão quente que parece verão, mas as nuvens que se formam no céu ameaçam trazer o outono de volta. Tem algo arrepiante no clima deste mês de outubro, mesmo que seja seco e ameno e as folhas caídas estalem sob nossos pés, e, nesse estado meio onírico, tudo fica perfeito.

Quando chegamos ao rio, tiramos as botas antes de descermos o declive gramado até a margem e as carregamos conosco. Do outro lado do rio, as árvores sussurram segredos

frondosos entre si, ou talvez para nós, mas não compreendemos a língua delas. Até a brisa está quente.

Sam para perto do rio e me faz parar também. Quando entendo por quê, ficamos paralisados, vidrados na água.

O rio está congelado. A água não flui. Algumas rochas irrompem no gelo como se fossem dentes quebrados, mas o resto do rio parece um espelho de vidro fosco. Sam deixa as botas caírem no chão e segura minha mão de novo.

Não pode ser, penso. É um sonho.

E parece um sonho mesmo, em todos os sentidos: Sam segurando minha mão, o vento quente no rosto, a grama morna sob meus pés descalços, o brilho resplandecente no céu nublado, o rio congelado nessa estranha noite amena. Só pode ser um sonho.

É por isso que praticamente não hesito quando, no sonho, a mão de Sam aperta a minha e caminhamos no gelo que entorpece nossos pés. A pele gruda na superfície como um adesivo, mas continuamos andando. Quando chegamos ao meio do rio, começamos a rir. Olhamos um para o outro de mãos dadas e rimos cada vez mais, como se fôssemos o próprio rio, como se substituíssemos o ruído da água em movimento. Olhamos para nossos pés descalços sobre a água congelada, e, quando voltamos a nos encarar, nossos olhos estão arregalados e nosso rosto está bem próximo. Por um breve instante, penso que Sam pode encurtar a distância entre nossos lábios e me beijar, e, por um momento ainda mais breve, eu meio que gostaria que ele fizesse isso.

Meu corpo congela, como a água sob nossos pés. Sam é praticamente meu irmão. De onde estão vindo esses pensamentos? Pisco repetidas vezes para tentar afastá-los, mas tudo que vejo são as sardas em seu rosto.

Um pensamento maluco passa pela minha cabeça: *Isto não é um sonho. Não é um sonho, e eu acabei de cogitar a possibilidade de beijar Sam. Isto não é um sonho, e eu estou aqui, no meio de um rio congelado, durante a temporada de acidentes.*

E é aí que o gelo trinca.

Solto um gritinho. Seguramos a mão um do outro com mais força. Por alguns instantes, continuamos imóveis como estátuas, como esculturas de gelo, mas, quando a superfície começa a estalar e trincar de novo, nós dois deslizamos devagar em direção à margem, espalhando o peso do corpo. Avançamos com cuidado. O gelo estala. Vamos mais rápido. O gelo estala de novo. Começamos a correr, ainda de mãos dadas, os pés congelados e escorregando, até que as rachaduras se multiplicam como notas musicais e Sam tropeça, mas eu o arrasto até chegarmos à margem, onde caímos, ofegantes, sem soltar as mãos.

Encaramos o céu estrelado. Nossos pés ainda tocam o gelo. Não perguntamos: “Isso está acontecendo de verdade?”; não nos olhamos daquele jeito reconfortante e dizemos: “Está acontecendo.” Simplesmente ficamos em silêncio, e Sam não tenta me beijar de novo. Se é que foi isso mesmo que ele tentou fazer.

No momento em que nos sentamos, percebemos que estamos do lado oposto do rio. Sabe-se lá como o cruzamos. Deste lado, as árvores nos encaram como se fôssemos crianças ridículas. Do outro, os cadarços das nossas botas balançam. O vento ficou mais

forte.

— Não atravesso isso aí de novo de jeito nenhum — afirma Sam, com a voz rouca, como se tivesse acabado de acordar.

— Podemos pegar o caminho mais longo e atravessar a ponte principal. Mas sem as botas...

— É isso ou o afogamento.

— Nunca fui muito fã de afogamento.

Sam beija os dedos da minha mão que ele está segurando.

— Ah, fala sério, maninha. É melhor a gente cair fora dessa noite esquisita e voltar para casa.

— Eu não sou sua irmã — lembro a ele.

Então o conduzo até a floresta, onde é mais fácil seguir a trilha do que andar por entre as rochas desta margem do rio.

A trilha nos leva até a clareira de Elsie. Os apanhadores de sonhos ainda estão lá, balançando ao vento como se fossem pássaros exóticos dançando. As penas estão esfarrapadas e faltam algumas miçangas e contas, mas há uma coisa nova presa às árvores, algo que não havia antes. São muitas, na verdade. Eu me aproximo de uma das árvores para olhar mais de perto. Sam me acompanha, claro, pois continuamos de mãos dadas.

— Papel? — pergunta ele, em tom de incerteza.

Os objetos parecem folhas de papel marrom, centenas delas, grampeadas nas árvores.

— Parecem lixas — digo, observando a textura das folhas.

Ele toca uma, e seus dedos ficam pegajosos.

— Papel mata-moscas — conclui ele.

Certo verão, quando éramos crianças e minha mãe conseguiu um bom dinheiro vendendo seus quadros, fomos passar as férias nos Pireneus. Alugamos uma casinha em um vilarejo e passamos os dias fazendo caminhadas e as noites besuntando nossas mãos com açúcar para atrair as moscas. Minha mãe odiava moscas. Ela pendurou papel mata-moscas no teto e acima das portas, e Christopher, que é mais alto do que todos nós, vivia prendendo o cabelo nas armadilhas. Olho rápido para Sam e me pergunto se ele se lembrou disso também, mas ele continua fitando o papel mata-moscas, perdido em pensamentos.

— Não entendi — diz ele, por fim.

— Também não.

Voltamos a caminhar e deixamos a clareira para trás. Úmidos, os papéis mata-moscas brilham nos troncos, e os apanhadores de sonhos balançam ao vento. Gravetos espetam a sola dos meus pés, que é frágil por eu sempre andar calçada.

— Só queria saber onde ela está — sussurro.

— A gente precisa encontrá-la, Cara. É sério.

— Eu sei — digo.

Fico muito feliz por ele concordar comigo. Tenho urgência de falar com Elsie; é como

se essa vontade corresse pelas minhas veias.

— A gente precisa encontrá-la logo.

11.

Gracie acorda com uma ressaca forte demais para nos levar à escola e minha mãe não pode dirigir com o braço quebrado, então nós quatro vamos a pé, com a cabeça pesada e latejante por causa da noite passada. Estreitamos os olhos para evitar o sol da manhã. Alice e Bea, que parecem ligeiramente melhores do que Sam e eu, caminham um pouco à frente, próximas, batendo o maior papo. Sam e eu andamos em silêncio, distantes do outro.

Não conversamos sobre nossa escapada no meio da madrugada, mas não porque queremos fingir que não aconteceu. Acho que é mais para não nos convenceremos de que não foi real. Seria fácil usar a lógica e afirmar que o rio não poderia estar congelado em uma noite quente e que no meio da floresta não poderia haver uma clareira assustadora cheia de apanhadores de sonhos, papéis mata-moscas e a bonequinha de uma garota possivelmente desaparecida servindo como isca em uma ratoeira, mas talvez não tenhamos tocado no assunto por causa das mãos entrelaçadas, da proximidade física entre nós e dos olhares intensos trocados quando estávamos sobre o rio congelado.

Acordamos com as mãos lado a lado, mas sem nos tocar, e parece que estamos tomando todo o cuidado para não chegarmos muito perto um do outro. Fico pensando nas palavras “irmão” e “ex-irmão posição”, primeiro concentrada na diferença de significado entre as duas, mas em seguida rejeitando a ideia.

É tudo a mesma coisa, penso comigo mesma, taxativa. Sam é meu irmão. É um absurdo pensar isso.

Estou tão constrangida e confusa que simplesmente tento deixar essa história pra lá, ignorar os pensamentos conflitantes e me concentrar na alça da mochila pendurada em meu ombro contundido, no gosto da torrada que comi no café da manhã e no contato do meu All Star com o chão enquanto caminho. (A caminho da escola, Sam e eu passamos em silêncio na margem do rio pegar nossas botas, mas estão encharcadas de orvalho e não há como calçá-las, então vamos ter que passar o dia inteiro de tênis).

O convite de Elsie para o baile de máscaras está no bolso da frente da minha mochila. Eu o toco ao longo do dia, como se fosse um talismã. A necessidade de encontrá-la me assombra, zomba de mim ao me mostrar como deveria ser fácil localizá-la e como na prática tem sido tão difícil. E, não sei por quê, mas sinto como se estivéssemos correndo contra o tempo.

Durante a aula de matemática, conto para Bea sobre os mata-moscas, mas ela parece não escutar, porque não para de mandar mensagens de texto, o celular escondido debaixo da carteira, e não me conta com quem está falando.

— Argh! Só espero que você não esteja me ignorando para ficar trocando mensagens com Carl Gallagher — resmungo, com uma careta.

Bea abre um sorriso misterioso.

— Toda bruxa que se preze precisa ter uns segredinhos.

Quando vou dizer que ela nunca esconde segredos de mim, tenho uma ideia.

— A caixa de segredos!

Sam vira para trás e olha para nós duas.

— O que tem a caixa?

— É claro — digo, mais para mim mesma. — Sempre sai alguma matéria no jornal sobre a caixa, certo? Deve ter alguma menção a Elsie.

— Claro! — exclama Sam, batendo com a mão na carteira. — Que bom que um de nós ainda tem neurônios — acrescenta ele, antes de se virar rapidamente para o livro de matemática quando o professor olha em nossa direção.

Sam e eu passamos o horário do almoço na biblioteca, procurando artigos sobre a caixa e imprimindo-os para ler depois da aula. Também fazemos cópia de todas as newsletters da escola dos últimos cinco anos e passamos quinze frustrantes minutos interrogando inutilmente o bibliotecário a respeito de Elsie.

— Ela vem aqui todos os dias! — insisto, gesticulando na direção da caixa de segredos perto da janela. — Bem aqui! Todo dia!

— Não conheço essa garota — diz o bibliotecário pela sétima vez. — Não posso ajudar. São três e cinquenta pelas cópias.

Ao chegarmos em casa, Bea me liga para contar de uma briga que teve com a mãe, o que acontece com bastante frequência, pois as duas têm personalidades dramáticas e muito parecidas. Em vez de ajudar, isso só atrapalha a convivência, e elas vivem discutindo. Enquanto estou tentando tranquilizá-la, Sam se senta à mesa da cozinha que acabamos de embrulhar com plástico bolha (mais cedo, Alice bateu na quina quando escorregou em um dos tapetes afegãos falsificados) e come direto da embalagem fatias de um queijo que lembra aqueles de mentira que vemos nas lojas.

Com um bom humor que me deixa surpresa, minha mãe está ouvindo rock dos anos 1950. Ela aumenta o volume a ponto de fazer a casa inteira chacoalhar por baixo de todo o feltro e do plástico bolha. Mamãe passou o dia fazendo trilha nas montanhas com Gracie e nos conta como é bom sair de casa, pela primeira vez depois de semanas, sem se preocupar com onde pisa e sabendo que tem alguém ao lado para segurá-la caso ela caia. Gracie escreveu no gesso da minha mãe um haicai sobre o passeio. É bobinho e meigo.

De repente, sobrepondo-se ao rock dos anos 1950, ouço a voz de Alice vindo da escada. Parece que ela está gritando ao telefone. Quando vou ao corredor perguntar o que houve, eu a vejo vestindo o casaco.

— Já volto, mãe! — grita ela na direção da cozinha.

— Aonde você vai? — pergunto.

— Vou dar um pulo na casa da Bea.

Ela sacode os ombros para ajeitar o casaco e tira o cabelo de debaixo do cachecol.

— Na casa da Bea?

Alice coloca a bolsa no ombro.

— É, Bea. Alta, ruiva, usa saia indiana. Você sabe bem quem é.

— Ela acabou de brigar com a mãe.

Minha irmã abre a porta.

— É, eu sei. — Ela para por um instante, o suficiente para ajeitar o calcanhar da bota, e sai. — Vou dizer que você perguntou por ela — diz, olhando para trás enquanto se afasta.

Fico parada no corredor, atônita.

Quando volto para a cozinha, minha mãe está cantarolando alguma música que parece ter saído de *Grease*, enquanto Sam ri de algo que ela falou e tenta convencê-la de que não comeu todo o queijo. Paro na soleira da porta e olho para os dois como se estivessem na tela da TV ou em uma fotografia. Meio que espero ver os pés de Elsie no cantinho da imagem.

— Está tudo bem? — pergunta minha mãe, colocando leite no chá. — Aonde sua irmã foi com tanta pressa?

— À casa da Bea — respondo, franzindo os lábios.

— À casa da Bea? — Sam parece tão surpreso quanto eu, talvez só bem menos aborrecido.

— Ótimo — diz minha mãe, distraída.

Quando ela se abaixa para guardar o leite na geladeira (usando apenas uma das mãos, já que a outra continua engessada), seu cabelo cai sobre o rosto como se fosse uma cortina roxa.

Sam dá de ombros. Ao erguer o corpo, minha mãe bate a cabeça na quina acolchoada da bancada. Ela faz uma careta e passa a mão no local atingido.

— Mas acabei de falar com ela — acrescento, porque ainda estou cismada. — Com a Bea. Ela brigou com a mãe e não quis vir para cá.

Minha mãe pega um frasco de comprimidos de arnica no armário e coloca alguns debaixo da língua.

— Vai ver ela queria que alguém fosse lá — sugere ela, balbuciando por causa dos comprimidos.

Começo a me sentir culpada.

— Mas ela teria pedido a mim.

Sam ajuda minha mãe a descascar uma banana e, com cuidado, serve chá na própria xícara. (Há duas semanas, convencemos minha mãe a nos dizer onde estava a chaleira. Tudo bem viver sem facas pontiagudas e fogão a gás, mas sem chá é simplesmente impossível.)

— Acho que vai ser bom para Alice passar mais tempo com Bea — comenta minha mãe. — Ela está sempre com Nick e os amigos dele, mas é tão importante ter amigas...

— Mas Bea é *minha* melhor amiga — rebato, e logo em seguida me sinto uma criança idiota.

Minha mãe tem razão: Nick ocupa demais o tempo de Alice fora da escola.

— Eu sei que você se sente excluída — diz minha mãe, reproduzindo exatamente o que estou pensando. Ela se aproxima e me abraça. — Mas você tem seu irmão para lhe fazer companhia. E a mim.

— Ele não é meu irmão — murmuro.

Minha mãe ri.

— Se você diz, *petite sœur*... — comenta Sam, e minha mãe ri mais alto.

Ela vai para o sótão trabalhar, e Sam e eu ficamos sentados na sala, revirando as newsletters e os artigos, procurando qualquer menção a Elsie. Ela é quase tão indecifrável nos textos quanto pessoalmente; encontramos “aluna do primeiro ano” em uma matéria, “a estudante” em outra, como um vislumbre de um suéter feio ou um indício de cabelo castanho-claro. Será que Alice tem razão a respeito dessa história toda? Será mesmo possível uma coincidência desse tamanho?

— Não acredito que Bea pediu para Alice ir lá, e não a gente — desabafo com Sam depois de um tempo, como se, dentro da minha cabeça, eu estivesse conversando com ele sobre o assunto esse tempo todo.

— Acho que não foi bem assim. — Sam escolhe uma música de sua playlist enquanto tenta encontrar mais artigos na internet. — Provavelmente foi Alice quem pediu para ir até lá. Talvez ela estivesse precisando conversar com alguém. E Bea é boa nisso.

— E nós não somos?

Sam olha para mim.

— Nem sempre — responde ele, com uma honestidade que incomoda.

Observo nossa sala, protegida como um pacote frágil, pensando em todos os segredos escondidos nas extremidades pontiagudas dos móveis.

— Acho que... acho que Bea não é muito boa em guardar segredos — digo.

Acho que ela seria capaz de montar uma caixa de segredos e vendê-los a dez centavos o quilo. Fico imaginando quantos viriam em um quilo.

— Ela me beijou — confesso.

Quando dou por mim, já contei. Uma voz feminina e delicada canta no laptop. As notas do violão que acompanham a voz soam como o toque estridente das batidas do coração.

Sam continua imóvel.

— Quem? Bea? — pergunta ele.

Faço que sim.

— Na casa mal-assombrada.

Sam parece não dar muita importância.

— Mas vocês já se beijaram outras vezes. Nas festas, quando jogamos Verdade ou Consequência.

— É.

Quero contar a ele sobre o jeito como Bea me beijou, como se quisesse provar alguma coisa, como se não fosse bem eu quem ela estava beijando, e que ela não tocou mais no assunto desde a aula de educação física (não que eu tenha tocado), mas, em vez disso, pergunto:

— Você já beijou Bea alguma vez?

— No Verdade ou...?

— Em outra ocasião.

Sam tamborila no teclado.

— Uma vez.

— Ah.

No exato segundo em que Sam responde, percebo que não quero saber, mas ele me conta mesmo assim. Tento me desligar do que ele está dizendo sem precisar tapar os ouvidos.

— Foi naquela festa na casa do Joe e do Martin, no verão. Você e a Alice tinham ido comprar bebida, e os outros estavam na cozinha pegando sorvete.

Eu me lembro dessa noite. Alice nos levou à festa que Joe deu porque os pais dele tinham viajado. Foi uma das primeiras vezes em que saímos de verdade com os amigos dela, o que só aconteceu porque Martin também tinha convidado pessoas da nossa turma. Estávamos sentados na varanda. Bea tinha lido as cartas para a gente, do jeito descontraído que ela faz às vezes, quando todas as perguntas são sobre amor e sexo e nenhuma sobre algum assunto realmente sério. (Mas agora eu me pergunto: existe assunto mais sério do que amor e sexo? Dificilmente.)

— Enfim — continua Sam. — Todo mundo já tinha ido embora, e ela ainda não havia tirado as cartas para mim. Depois que tirou, eu dei um beijo nela.

Sinto um nó na garganta.

— *Você* beijou Bea?

Sam não olha para mim.

— Foi. Eu só queria... — Ele suspira. — As cartas disseram uma coisa em que eu não queria acreditar, então eu dei um beijo nela para provar que estavam erradas.

Sinto uma vontade enorme de cobrir os ouvidos. Mas, em vez disso, afasto o cabelo do rosto.

— E como é que...

Sam me interrompe falando ainda mais alto:

— Eu não senti nada — diz, sem tirar os olhos da newsletter à sua frente.

Posso as mãos no colo. Sinto vontade de dizer um monte de coisas, mas, em tom de sarcasmo, solto apenas:

— Ah, legal.

— É — diz Sam simplesmente.

— Mas...

Olho para o teto como se ali pudesse encontrar as respostas, mas ele se mantém indiferente, branco e inexpressivo. É a única parte da casa que não parece enfaixada.

— Mas você gosta dela — afirmo.

— Você também.

— Não, eu quis dizer que você gosta *mesmo* dela. — Sinto como se tivesse doze anos de novo. — Você deu um beijo nela.

— Dei, mas foi só um beijo. Foi só para ver... — Sam solta uma risadinha. — Não estou apaixonado pela Bea, Cara.

Abaixo a cabeça e encaro minhas mãos.

— Pensei que estivesse.

— Mas não estou. — Outra música começa. — Nunca estive.

De repente, meu coração se alegra. Sam não está apaixonado por Bea.

Não que eu me importe, digo a mim mesma. Ele é meu irmão posição. É como se fosse meu irmão. Ele é meu irmão. Sam continua falando, mas mal escuto. *Ele disse que nunca esteve apaixonado por Bea. Disse que só quer uma garota.*

— *Cara* — chama Sam, e logo me dou conta de que não é a primeira vez que ele tenta chamar minha atenção nos últimos minutos.

Ele está segurando uma newsletter da escola de muitos anos atrás. A edição original de que tiramos cópia estava meio rasgada. A única parte que falta é um parágrafo a respeito da ponte sobre o rio que, ao longo dos últimos vinte anos, as autoridades vêm dizendo que vão construir.

Passo os olhos sobre a página, procurando alguma menção à caixa de segredos. Balanço a cabeça, confusa.

— O que que tem? — pergunto, e entrego o papel para Sam, que o vira para mim e aponta para a parte rasgada.

— Aposto que nunca vão construir essa ponte — comento, me lembrando da provisória, de madeira, que caiu na água. — Provavelmente só vão mandar reerguer a velha.

— *Cara. Olhe.*

— O quê?

Leio a matéria, murmurando os pontos principais para ele saber que estou prestando atenção.

— “Construção de ponte é interrompida outra vez.. anos depois do desabamento da ponte original... o prefeito pressiona o governador... diz que é um absurdo a nova ponte não ter sido construída... uma moradora das mediações, Elsie...” Ei, espera aí! O quê?

A página foi rasgada logo abaixo da declaração do prefeito.

Olho para Sam.

— Será que é a nossa Elsie?

— Vale a pena conferir. Não é um nome tão comum.

Contorço os lábios, tentando não parecer hesitante.

— Mas não significa muita coisa.

— Por enquanto, é tudo que temos como ponto de partida. Se encontrarmos o resto do artigo, podemos descobrir se é mesmo a nossa Elsie.

Sem acreditar muito na hipótese, dou outra olhada no folheto. Parece que foi retirado de um jornal e colado na newsletter da escola.

— Talvez seja do *Telegraph* — digo, sem muita certeza. — Ou do *Western People*. Mas a redação deles fica em Castlebar e Ballina. A gente não vai chegar lá antes de fecharem. Já são quase quatro e meia.

Sam balança a cabeça.

— Existe um lugar mágico chamado biblioteca — diz ele em um tom solene, de brincadeira. — Não sei se você já ouviu falar, mas lá tem vários livros, e também jornais, e até edições antigas de jornais...

Dou um soquinho de leve no braço dele, mas começo a sentir uma agitação no peito.

— Ok — digo, pegando o celular para pedir a Bea e Alice que nos encontrem no centro. — Vamos.

* * *

Nossa cidadezinha está mais cheia do que de costume hoje: os ônibus que chegam de Dublin e Galway parecem lotados de universitários que decidiram começar o recesso um dia antes e voltar para casa mais cedo, no ônibus de quinta à tarde. Adultos e crianças se apressam para pegar as lojas ainda abertas e comprar itens decorativos e doces para o Halloween, que vai ser amanhã. Algumas crianças já estão até fantasiadas, e em alguns bares já estão rolando festas à fantasia tão cheias que tem gente do lado de fora.

Bea e Alice estão nos esperando na calçada oposta à da biblioteca. Desvio das pessoas fantasiadas perto da entrada do bar, tomando cuidado para não esbarrar em ninguém e derramar as bebidas. E é então que eu trombo com o homem. Minhas mãos se chocam contra seu peito, produzido um som oco.

— Desculpe! — digo, enquanto outro homem me segura para eu não cair.

O homem com quem trombei entrou no bar. Quando olho para dentro do estabelecimento pela janela ao lado da porta, percebo que é a estátua viva de metal que vi no dia em que Sam e eu descobrimos a loja de artigos para mágicos em Galway. Sam para bem atrás de mim. Encaro os olhos cinzentos do homem e não vejo nenhum indício de lentes de contato. Algo no brilho de sua pele não é natural, ou seja, mais artificial do que uma pintura prateada. Ou talvez seja muito mais natural; é como se a pele dele fosse metálica. O homem abre um sorriso sem vida que me causa arrepios. Ele muda de posição conforme eu ando, e olha para Sam, depois para Alice, à nossa frente, com aqueles olhos esquisitos. Abre ainda mais o sorriso. Até os cantinhos dos lábios são pequenas dobradiças.

— Anda logo, vamos — digo, devagar.

Pego Sam pela mão e corro até Alice e Bea. Também pego Bea pela mão, e os levo depressa para dentro da biblioteca, do outro lado da rua.

O homem de metal continua nos encarando da janela. Alice cruza a rua atrás de nós, só que mais devagar, e, quando tira o pé da calçada, se vira e olha para o homem-estátua uma última vez. Ela faz cara feia e murmura alguma coisa, como se quisesse chamá-lo. A expressão de Sam murcha.

Um carro acelera ao dobrar a esquina à frente. O motorista só enxerga Alice no último segundo. Vejo o que está prestes a acontecer, mas mal tenho tempo de me mexer antes de ouvir o barulho estridente dos freios. O motorista tenta parar, mas é tarde demais. Alice é atingida de frente, batendo no capô e, depois, caindo na pista. O veículo derrapa até parar.

Tenho a impressão de que Bea gritou, ou vai ver fui eu. Todos corremos até Alice. A única coisa que consigo registrar é que ela está se mexendo, e, assim que nos aproximamos, sinto um alívio tremendo, porque ela parece tentar se levantar. Mas seu

rosto fica pálido, ela revira os olhos e cai. Em uma velocidade incrível (e com uma presença de espírito que eu não tenho), Bea a segura antes que a cabeça de Alice bata no chão.

Mal sinto a dor nos joelhos quando me jogo no chão, ao lado da minha irmã. Suas pálpebras tremem, assim como os braços de Bea, que a envolvem. Sam e uma mulher que deve ser a motorista estão ao meu lado, e algumas pessoas se amontoaram na calçada, lançando perguntas e sugestões sobre o que devemos fazer.

Toco o rosto dela.

— Alice — chamo com a voz rouca. — Alice!

Dou um tapinha na sua bochecha. Ela abre os olhos.

A motorista solta um suspiro de alívio. Por um momento, Alice parece confusa, mas logo arqueja e deixa escapar um choramingo que rapidamente se transforma em uma choradeira. Quando olho para seu corpo inteiro, entendo por quê. Ela está toda ensanguentada. Sua meia-calça está completamente rasgada e seus joelhos estão em carne viva. As mãos e os cotovelos também sangram bastante, e através do rasgo no suéter dá para ver um corte profundo em seu braço direito. Há sujeira e cascalho cravados em sua pele.

Mas é seu braço esquerdo que me faz parar de tentar levantá-la. O ombro está deslocado. Quase não dá para perceber, mas sei que o membro está completamente fora do lugar: há um calombo onde deveria estar reto. Sinto náuseas só de olhar.

A respiração de Alice é superficial e entrecortada.

— Está tudo bem — diz Sam ao meu lado. — Está tudo bem. Aqui, me dê seu braço.

Uma mulher surge do meio da multidão na calçada, dizendo:

— Posso ajudar? Sou socorrista!

— Nós também — responde Sam, sem olhar para a mulher.

Desde que fizemos oito anos, minha mãe nos matricula no curso de primeiros socorros todo ano. Somos capacitados a fazer curativos, improvisar tipoias e colocar talas em questão de minutos. Alice continua pálida, mas estende o braço para Sam.

Ele segura a mão dela e eu firmo seu braço logo abaixo do ombro. Com cuidado, enquanto Alice reclama de dor ainda deitada, Sam estica o cotovelo dela e puxa o braço devagar em sua direção, até a articulação voltar ao lugar com um estalo.

Alice abafa um grito, depois estremece.

— Está se sentindo melhor? — pergunto, num sussurro.

Ela faz que sim, apesar do olhar assustado. Eu me viro para as pessoas que não param de ir e vir e me pergunto se o homem de metal ainda está nos observando da janela. De repente, sinto uma dor aguda no rosto, como se tivesse levado uma bofetada. Franzo o cenho, balanço a cabeça e levo a mão fria à face para aliviar a dor.

Com cuidado, Sam, Bea e a moça socorrista ajudam Alice a chegar até a calçada, enquanto a motorista gesticula e não para de se desculpar. Alice repete diversas vezes que está bem, mas, quando se levanta, volta a desfalecer, e é Bea quem a segura mais uma vez.

— Precisamos levar você para o hospital — alerta Bea, e Alice assente de novo.

A proprietária da banca de jornal do outro lado da rua, Mary Daly, nos leva para dentro do estabelecimento, onde colocamos Alice sentada em uma cadeira atrás do balcão. A mulher então entrega um chocolate e uma lata de refrigerante a Alice e diz:

— Vai ajudar você a se acalmar.

— Devo ligar para a emergência e pedir uma ambulância? — pergunta a socorrista.

— Não, está tudo bem — responde Alice, com a voz subitamente mais firme. — Meu namorado mora aqui perto. Ele pode... — Ela faz uma pausa, sem conseguir respirar por causa da dor. — Ele pode me levar de carro.

Tiro o cachecol do pescoço e improviso uma tipoia para Alice.

— Não acha melhor avisarmos Gracie antes? — pergunta Sam.

— Não — responde Alice de imediato. — Não quero que ela fique preocupada. Vou pedir ao Nick para vir me buscar.

— Alice, acho melhor chamarmos uma ambulância — pondera Bea.

Mary Daly e a socorrista assentem.

— *Não* — repete Alice. Ela endireita o corpo na cadeira e joga o cabelo comprido para trás, como se quisesse provar que consegue. — Eu estou bem.

— Alice...

— Já passei por coisa pior — retruca ela, com um sorriso breve e seco. — Todos nós já passamos.

Bea para de insistir, talvez porque Alice tenha mencionado a temporada de acidentes, mesmo que de forma indireta. Em vez de argumentar, ela pega o celular de Alice, digita o número de Nick e segura o aparelho próximo ao ouvido da minha irmã.

Enquanto ela fala com o namorado, Sam e eu fazemos o possível para desinfetar os cortes. A aglomeração que se formou dentro da banca se dispersa e ficamos sozinhos atrás do balcão. Como estamos bem próximos a Alice, ouvimos toda a conversa.

— Onde você estava ontem à noite? — pergunta Nick assim que atende.

— Oi, Nick — responde ela, fingindo um tom descontraído. — Acabei de sofrer um pequeno acidente e não quero incomodar minha mãe. Você está ocupado? Pode me levar ao hospital?

É como se Nick não a tivesse ouvido.

— Onde você estava ontem à noite, Alice?

Alice se curva e deixa o cabelo cobrir o rosto, como se isso nos impedisse de continuar ouvindo a conversa.

— Eu estava com Cara e Bea. Ficamos em casa, nada de mais.

Nick começa a falar mais baixo, mas acho que ainda consigo entender o que ele diz.

— Era para você ter saído comigo.

— Nick, desculpe. Minha mãe quebrou o braço e eu tive que ficar em casa.

Alice baixa a voz para conversar no mesmo tom que ele, mas, enquanto ela fala com delicadeza, Nick continua ríspido. Ao meu lado, Bea cruza os braços e bufa de raiva e impaciência.

A impressão é que Alice atura bastante esse tipo de situação com Nick. Minha mãe diz que ele é inseguro demais para alguém tão popular, mas Alice alega que não é insegurança, só ciúme. Só amor. Não sei nada sobre esse tipo de amor, mas imagino que, se uma pessoa sente algo muito forte por outra, acaba ficando meio possessiva. Minha mãe chama os dois de “casal panela de pressão”.

Alice geme enquanto Sam faz curativos no corte do braço, que não para de sangrar.

— Devia ter cacos de vidro na rua — murmura ele.

Nick deve ter escutado o comentário de Sam, porque, quando volta a falar, sua voz muda por completo:

— Está tudo bem, meu amor?

— Ela foi atropelada — diz Bea bem alto, perto do telefone.

Alice resmunga de dor de novo.

— Estou bem — afirma, ao perceber a preocupação de Nick. — Só preciso de uma carona para o hospital. Estou na banca em frente à biblioteca.

— Estou indo para aí.

Ao desligar, Alice parece ainda mais pálida, mas se vira para Bea e, de cabeça erguida, avisa:

— Não façam cena.

Nick chega cinco minutos depois. Alice se levanta assim que ele entra na banca.

Toda vez que vejo Nick me surpreendo com sua beleza. Ele tem um cabelo escuro e ondulado até a altura da mandíbula e um olhar intenso. É alto, tem ombros largos e emana energia.

— Ok Vamos — diz Bea com firmeza.

Nick olha de relance para ela, que parece olhar para qualquer lugar, menos para ele.

— Eu vou levá-la ao hospital. Não precisam esperar com a gente — afirma Nick, então se vira para Alice e acaricia o rosto dela. — Vem, meu amor. Vamos lá cuidar desses machucados.

— Eu vou com vocês — intervém Sam. — Já vou me encontrar com Martin na cidade mais tarde mesmo...

Nick não parece muito feliz por ter que levar uma vela, mas concorda:

— Tudo bem, cara, eu te dou uma carona até o hospital. Mas sou eu quem vai entrar com Alice.

Bea faz cara feia, mas Alice dá um sorrisinho tenso. Ela agradece a Nick com um beijo e se vira para mim e para Bea.

— Não façam cena — pede de novo. — E não contem para a mamãe. Já tinha avisado que ia passar a noite na casa do Nick, então ela não vai se preocupar. Vão para casa. Nick vai cuidar de mim.

— Ah, disso eu não tenho dúvida — murmura Bea.

Eu olho de esguelha para ela, que franze o cenho enquanto os observa entrar no carro e ir embora.

Depois que o carro de Nick some de vista, eu atravesso a rua correndo (olhando

cuidadosamente para os dois lados) e chego à biblioteca no exato momento em que a bibliotecária fecha a porta.

— Não, não, não — digo, parada na frente dela para bloquear a passagem. — Eu preciso muito encontrar um artigo de jornal — digo, afobada. — Não está na internet e é muito importante e eu sei que a biblioteca nem abre amanhã e não posso ir a Ballina ou Castlebar porque tenho aula e é Halloween e nem sei ao certo em que jornal o artigo saiu então eu teria que ir aos dois e não posso mesmo esperar até segunda-feira então por favor me dá cinco minutinhos?

A bibliotecária arqueia as sobancelhas.

— A biblioteca fechou, querida. Você devia ter feito o dever de casa mais cedo, já que era tão importante.

Bea aparece atrás de mim.

— Não é para a escola. Mas realmente é *muito* importante. É para um amigo. É um artigo de alguns anos atrás sobre a ponte que caiu e que as autoridades iriam mandar reconstruir. A gente pode entrar uns minutinhos só para tentar encontrá-lo?

— Lamento. Tenho que pegar meu filho no treino daqui a quinze minutos — explica a bibliotecária, guardando a chave no bolso e se dirigindo a seu carro no estacionamento. — Mas se querem alguma informação sobre a ponte, pode ser que ainda encontrem alguém na sede da prefeitura, se vocês se apressarem. Eles têm um arquivo de matérias antigas.

Bea e eu praticamente corremos até a câmara municipal. Ofegantes, chegamos à entrada no momento em que um homem de terno cinza vira a placa de ABERTO para FECHADO. Bea bate no vidro, e eu imploro para que o homem fale com a gente, mas ele simplesmente faz que não com a cabeça, aponta para a placa e desaparece dentro do edifício.

— Droga!

Bato o pé no chão, frustrada. Olho para Bea, que está olhando o celular, concentrada.

— Eles ainda estão a caminho — diz ela.

Suspiro e me afasto do prédio.

— Alice vai ficar bem — digo, para tranquilizá-la. — Como ela mesma disse, a gente já passou por coisa muito pior. E Nick está cuidando dela.

Bea fecha a cara, e assim permanece durante todo o caminho de volta para casa. Paramos ao chegar ao rio, onde estão reconstruindo a ponte de madeira. Eu me inclino sobre a mesa de piquenique e olho para a água. Queria que tivéssemos conversado com alguém sobre Elsie. Sinto que preciso que alguém me assegure de que ela é real.

Bea murmura algo sobre músicos babacas. Quando pergunto por que ela passou a odiar Nick de uma hora para outra, Bea me lembra das brigas que ele tem com Alice por telefone às três da manhã, de minha irmã subindo a escada de casa enfurecida depois de sair com ele e de todas as vezes que ele ficou sem falar com ela por uma razão qualquer. Enquanto Bea fala, é como se, de repente, uma imagem distorcida ficasse nítida.

— Boa parte do encanto do Nick é sexo. — Bea acende um cigarro, me passa outro e contrai os lábios enquanto fuma. — Ele é bom de cama e é bom em fazer Alice se sentir

bem.

Eu me contorço um pouco ao ouvir isso, me sentindo desconfortável por saber os detalhes da vida sexual da minha irmã.

— Bom, isso é...

Não tenho ideia do que isso seja.

— Mas a *verdadeira* especialidade dele é a manipulação emocional.

Faço que sim, devagar, concordando. Os ataques de raiva, o jeito como Nick amarra a popularidade no próprio pescoço como se fosse uma melancia que pesaria demais no pescoço de qualquer outro... Bea baixa a voz e fala olhando para a grama amassada debaixo do banco.

— Alice me contou uma coisa. Sobre Nick — continua ela, chutando tufos de grama do chão. — Pouco antes do verão, ela foi a uma festa do pessoal do último ano, e eles encheram a cara e brincaram de Verdade ou Consequência. Ela e Kim foram desafiadas a sair correndo pela rua só de calcinha e sutiã. — Bea não para de bater o pé no banco. — No dia seguinte, Alice foi à casa de Nick e contou sobre a festa, disse que ele deveria ir à próxima, mas ele não gostou de saber que ela bebeu sem ele e que um monte de gente a viu só de calcinha e sutiã.

Seguro o cigarro ao lado do corpo. Bato as cinzas e dou uma tragada.

— Então — prossegue ela —, os dois brigaram feio, mas depois fizeram as pazes e transaram. — Bea começa a falar mais rápido: — E ele gosta de amarrar Alice.

Remexo o corpo de novo.

— Ela até gosta — continua ela. —, só não gostou nesse dia, porque ele a amarrou em uma cadeira no quarto e a deixou lá.

Respiro tão bruscamente que a fumaça do cigarro fica presa na garganta.

— *Como é que é?!*

— Ele saiu para comprar cigarro — diz ela. — Saiu para comprar cigarro e deixou Alice amarrada tão apertado que, por mais que ela tentasse, não conseguia se soltar. — Fico boquiaberta. — Ele só voltou três horas depois, e ela só percebeu que todo esse tempo tinha se passado por causa do despertador em cima da cômoda. — Pisco devagar algumas vezes para afastar a imagem da minha cabeça. — Ele simplesmente deu um sorriso e disse: “Ah, esqueci.”

— Mas como...? Por que...? Por quanto tempo ele...? E por que Alice continua com Nick? Ela está com ele agora. Por que a gente a deixou ir com ele? — Paro por um momento para recuperar o fôlego. — E por que ela não me contou? — Minha voz sai mais alta e revoltada do que eu desejava.

Bea não responde. Em vez disso, pega as cartas e as espalha na mesa de piquenique à nossa frente.

— Ela corre atrás dos problemas. Porque assim pelo menos sabe que o problema está ali, bem à frente, e não escondido. Ao contrário de você.

— De mim?

— É o que dizem as cartas. — Ela aponta para uma. — Você só se permite ver as

coisas boas, mas isso... Você só enxerga aquilo que lhe traz segurança, o que quer ver.

— Como assim? — As palavras de Bea me atingem como um tapa. — É claro que eu não sou assim — rebato. Não sei dizer se me sinto envergonhada ou indignada. — Isso não é verdade, Bea. Como você tem coragem de me dizer uma coisa dessas?

— Não sou eu quem está dizendo. São as cartas.

— Ok

Contraio os lábios como se tivesse experimentado uma comida ruim ou estivesse prestes a chorar. Não sei como Bea, de repente, virou melhor amiga e confidente de Alice. Não sei por que me sinto incomodada, depois do que ela acabou de contar sobre minha irmã. Estou com um nó na garganta que, por mais que eu me esforce, não consigo engolir. Jogamos as guimbas no chão e apago as duas com a ponta da bota. O batom de Bea mancha a grama como se fosse sangue.

12.

Ao chegar em casa, encontro minha mãe sentada na cozinha, no escuro (Bea não é a única pessoa na minha vida com uma tendência para o drama). Acendo a luz, e ela parece surpresa ao me ver. Tenta agir com naturalidade, mas percebo que há um tapete a mais no chão da cozinha e, quando vou ferver água para o chá, noto que a chaleira sumiu. Também me dou conta de que dia é hoje, no calendário pendurado atrás da porta que dá para o quintal.

Com a bizarrice de ontem à noite, a descoberta de que Sam beijou Bea, o acidente de Alice e o que Bea me contou sobre minha irmã e Nick, esqueci completamente que dia é hoje. paro no meio da cozinha, me viro e olho para minha mãe.

— Você está bem? — pergunto, por mais que eu saiba que é uma pergunta ridícula e que ela não está bem.

Minha mãe tenta dar um sorriso, que acaba saindo mais como uma careta.

— Só estou com dor de cabeça. Vou me deitar. Não se esqueça de tirar tudo da tomada antes de subir, está bem? E cuidado ao abrir o armário. Acho que as dobradiças estão frouxas. E não chegue perto da janela do banheiro.

Apenas assinto, triste, e deixo minha mãe subir. Eu me pergunto onde está aquela mulher animada que saiu de manhã para fazer trilha nas montanhas, mas acho que já sei a resposta. Sua mente voltou no tempo, voltou a outro mês de outubro excepcionalmente quente, quatro anos atrás, e à tragédia mais recente.

De repente, meus olhos ficam marejados, meu coração quer saltar pela boca e um nó se forma em minha garganta. Respiro fundo algumas vezes, o que minha mãe sempre me aconselha a fazer nos momentos de crise: inspirar pelo nariz e expandir o diafragma, como se estivesse me preparando para cantar ópera. Não que eu já tenha cantado ópera. Eu me pergunto quem está aconselhando minha mãe a respirar fundo hoje.

Ligo para Gracie. Ela está com a boca cheia quando atende, e o barulho da mastigação soa alto e distorcido. Ouço o brinco dela esbarrar no telefone.

— Hoje é dia trinta.

Gracie não pergunta quem é, porque já sabe que sou eu, nem pergunta do que estou falando, porque também já sabe.

— Ah, meu Deus! Eu esqueci completamente. Ela estava agindo de um jeito tão natural hoje. Parecia feliz.

— Vai ver ela também esqueceu, por um tempo.

E talvez minha mãe sinta que o fato de ter esquecido torne tudo ainda pior. Sei que eu me sinto assim.

Meu pai faleceu na primeira semana da temporada de acidentes, quando eu tinha oito anos. Assim como nós, minha mãe ficou arrasada, mas aos poucos se reergueu, vivenciou o luto e, anos depois, parou de se esconder do mundo nesse dia do início de outubro, passando a nos levar para visitar o túmulo do nosso pai e a nos contar histórias sobre ele, para que a gente nunca o esquecesse. Há quatro anos, na véspera do Halloween, tio Seth

morreu, e minha mãe ainda não superou o ocorrido. Mas não tocamos no assunto. Conversamos sobre tio Seth quando vivo, mas nunca sobre como ele morreu. É como se ela ainda se recusasse a acreditar.

Gracie suspira.

— Vou ligar para ela. A gente se fala depois, Cara.

Ao desligar, eu me sinto um pouco melhor. Para isso servem os melhores amigos, eu acho. Depois penso em tudo que Bea me disse mais cedo (“Não sou eu quem está dizendo. São as cartas.”) e volto a me sentir mal.

Alice chega em casa antes de Sam. Já é quase meia-noite, mas eu nem esperava que ela aparecesse; achei que fosse ficar com Nick. Estou de pijama, sentada na sala, ouvindo uma playlist que Bea fez, tentando me concentrar em um livro, mas, quando Alice passa pela porta, fico de queixo caído e com o coração apertado.

Seu lábio está cortado, e seus olhos, vermelhos. Um hematoma começa a se formar na bochecha. Pulo do sofá e corro até minha irmã, que deixa a bolsa cair e meio que cambaleia enquanto eu a abraço forte. Algo me diz que esses machucados não são do acidente, mas não sei como perguntar isso.

Alice fica quieta, e eu não sei o que fazer, então a levo até o sofá, vou à cozinha e esquento no micro-ondas uma caneca com água, porque não sei onde minha mãe escondeu a chaleira. Improviso duas doses com o *scotch* da minha mãe, adicionando rodela grande de limão e cravos-da-índia. Adoço bem, e o açúcar no fundo fica parecendo glitter.

Bebemos em silêncio no sofá. Ao terminarmos, sei que já esperei o bastante para dizer alguma coisa, então pergunto:

— Alice, o Nick..?

De repente percebo que não consigo terminar a pergunta. Não sei o que estou tentando perguntar. Não consigo nem olhar para Alice depois do que Bea me contou. Então, em vez disso, vou à cozinha e preparo mais duas doses.

Quando volto para a sala, tento reformular a pergunta.

— Bea me contou uma coisa depois que você foi para o hospital.

Ponho os copos em porta-copos na mesa de centro coberta por plástico bolha. Alice pega o dela de imediato.

— Sobre você e Nick — continuo.

Tomo goles pequenos, saboreando o calor da bebida.

Minha irmã balança a cabeça, e o cabelo louro cobre seu rosto como se fosse uma cortina, impedindo que eu a veja.

Sinto um aperto na garganta, mas preciso perguntar de qualquer forma.

— Nick.. — repito, e é o máximo que consigo dizer.

— Acho que eu devia terminar com ele — responde Alice.

Abro e fecho a boca algumas vezes antes de conseguir falar.

— O que aconteceu?

— Os médicos disseram que meu ombro foi posto no lugar do jeito certo, embora eu

não devesse ter feito isso sozinha. Ou deixado meu irmão mais novo fazer. — Alice dá uma risadinha e continua, antes que eu a interrompa: — Além disso, levei dez pontos aqui... — acrescenta, apontando para o braço direito, que sofreu um corte profundo. — E mais cinco aqui. — Ela mostra o curativo volumoso no joelho direito. — Estou me sentindo uma boneca de pano, toda costurada.

Minha irmã abre um sorriso irônico.

— E este aqui? — pergunto, apontando para o corte no lábio.

Ela suspira.

— Foi Nick? — pergunto, em um sussurro tão baixo que não sei se ela consegue escutar.

Alice fica em silêncio por tanto tempo que quase me convenço de que ela não me ouviu.

— Não sei o que Bea lhe contou — responde ela, por fim —, mas não é... — Ela hesita. — A gente só briga de vez em quando. Quer dizer, eu também bato nele. Às vezes, sou eu que começo a briga. Eu queria ir para casa depois do hospital, e Nick queria que eu ficasse na casa dele. Ai ele bloqueou a porta e eu bati nele. Eu que comecei.

Agora não consigo ficar em silêncio.

— Porque ele não queria deixar você sair! E não interessa quem bateu primeiro; está na cara que ele bateu em você com muito mais força. Alice — digo o nome dela em tom suplicante —, ele *bateu* em você. Isso é sério. É muito, muito sério.

— Não é bem assim. Ele não é... Não é isso. Foi um erro. A nossa relação é... conturbada — retruca ela com um meio sorriso.

Esse é outro termo que minha mãe usa para se referir às discussões dos dois ao telefone.

— Mas por que você permite isso? Você ama o Nick?

Não sei de onde tirei a última pergunta, mas, de repente, preciso saber.

Alice hesita um pouco, mas sua resposta não é a que eu esperava ouvir:

— Acho que sim.

Sinto uma onda de frustração se juntar ao nó na minha garganta.

— Mas por quê...? Como...? — Quero perguntar como ela ainda pode achar que o ama depois de tudo isso, mas faço uma pergunta um pouco mais fácil: — Como assim “acho que amo”? Como não tem certeza?

— É complicado, Cara. — Ela acaricia meu cabelo como se fosse eu quem precisasse de consolo. — Eu deveria terminar com Nick. Mas a gente tem uma história juntos, sabe? E ele me entende. Talvez seja por isso que a gente brigue tanto. E eu também o entendo, mais do que qualquer um. Ele tem uma alma fascinante. Esse lado sombrio é apenas uma parte dela. — Em seguida, ela dá uma risadinha. — Pareço Bea falando. — Ela se recosta no sofá. — Posso contar um segredo?

Não sei quantos segredos ainda sou capaz de guardar, mas assinto.

— Estou interessada em outra pessoa — revela Alice, com um sorrisinho.

Talvez a gente já esteja meio bêbada. A escuridão nos cerca, e é quase como se ela estivesse prestando atenção. A casa está aprendendo com os fantasmas.

— Uma pessoa nova — explica Alice, mas depois se corrige: — Ou melhor, um velho conhecido. Alguém que sempre esteve por perto e que eu sempre soube que seria a pessoa ideal, mas nunca me permiti acreditar, nem sequer pensar nessa hipótese.

A escuridão deixa meus pelos eriçados. Penso na mão quente segurando a minha enquanto eu atravessava descalça um rio que não poderia estar congelado. Penso no olhar penetrante. Sem perceber que estou pensando alto, murmuro:

— Sei bem o que é isso.

Minha respiração condensa à minha frente. Vejo as palavras saindo do meu corpo. Estão bem diante de mim.

Alice não percebeu.

— Mas estou com medo. Isso não é loucura? Estou com medo de admitir certas coisas. De admitir que eu estava errada — confessa ela, então põe o copo vazio na mesa, joga o cabelo para a frente e ajusta a tipóia. — Tenho medo de ser feliz.

É aí que percebo que Alice nunca foi feliz, pelo menos não por muito tempo. Essa constatação me abala. Ela deve ter me falado, me mostrado um milhão de vezes ao longo dos anos, mas nunca percebi. Seguro a mão dela que não está na tipóia.

— Sinto muito — sussurro, sem conseguir pensar em nada melhor para dizer.

Alice muda a mão de posição, e agora é ela quem segura a minha.

— Tudo bem, maninha. Vai ficar tudo bem.

Mas parece que nada vai ficar bem.

Não estou mais ouvindo minha mãe no andar de cima. Será que a ligação de Gracie a fez se sentir melhor, se é que isso é possível? Não pela primeira vez imagino como deve ser perder um irmão. Abraço Alice como se estivesse me afogando, ou como se fosse minha irmã que estivesse se afogando, e não quero largá-la. “Vai ser uma das piores.” As palavras de Bea martelam na minha cabeça.

— Hoje é dia trinta — sussurro em meio ao cabelo de Alice.

Ela se afasta e olha para mim, depois assente.

— Eu sei. Como ela está?

— Mal.

Pego uma das almofadas do sofá.

— Eu esqueci — admito, baixinho. — Será que foi muito egoísta e horrível?

Alice acaricia meu braço.

— Nem um pouco. É normal. A vida continua.

Não para todo mundo, penso.

— Sinto mais falta do tio Seth do que do nosso pai — confesso.

Se eu estivesse na escola, escreveria isso na máquina de Elsie, e o papel ficaria pendurado com os outros nos varais espalhados pelos corredores, mas revelar meus segredos para Alice é quase tão bom quanto isso.

— Eu também — sussurra ela.

Os segredos são ainda melhores quando compartilhados. Olho para as pernas enfaixadas da minha irmã. Quero contar o que as cartas de Bea disseram, pedir a ela para

tomar cuidado, mas estou com muito medo.

— A temporada de acidentes deixa marcas — digo, afinal.

Penso no meu pai, penso no tio Seth. Penso em todas as vezes em que alguém quase morreu, no carro freando hoje e na velocidade em que estaria se a motorista não tivesse visto Alice no último segundo. Penso na minha irmã batendo a cabeça no corrimão quando caiu da escada outro dia. Não havia ninguém em casa. Ela poderia ter desmaiado na queda ou não ter conseguido ligar para a ambulância. Às vezes parece que a gente sobrevive aos acidentes por algo além de sorte.

— Eu não caí da escada — retruca Alice de repente, como se estivesse lendo meus pensamentos.

Olho para ela.

— Eu nem estava aqui. Em casa, quer dizer.

Então eu me lembro de ter atendido à ligação da minha mãe naquela noite, pegado o ônibus para o hospital e andado de um lado para outro com Alice por causa da concussão.

— Mas você bateu a cabeça...

— Na lareira do Nick — interrompe ela.

Sinto um aperto no coração.

— Alice... — digo, porque é a única coisa em que consigo pensar.

— A gente brigou. Ele me empurrou, e eu caí. Foi sem querer, não foi culpa de ninguém. Foi um acidente, mas não por causa da temporada de acidentes. Nem tudo que acontece é por causa disso.

Sinto um calafrio, e é como se meu corpo inteiro tremesse.

— Eu acho que é, sim.

Alice tenta cruzar as pernas, mas os curativos nos joelhos a impedem. Sua meia-calça continua manchada de sangue.

— Não acredito que não vi aquele carro — reclama, fazendo careta.

— Ninguém viu. — Balanço a cabeça. Em seguida, acrescento: — Você disse uma coisa antes de ser atropelada. Quando eu trombei com aquela estátua viva.

Alice dá de ombros e se recosta no sofá.

— O cara fantasiado de Homem de Lata? Achei que ele parecia alguém. Só isso.

Começo a puxar a espuma da almofada.

— Pensei ter ouvido você dizer “Christopher” — comento, lembrando-me da expressão de Sam e me perguntando se ele tinha escutado o mesmo que eu.

— Eu me enganei — responde Alice, e se levanta do sofá. — Óbvio. — Ela pega os copos vazios e os leva para a cozinha. — Foi um desses momentos estranhos em que a gente acha que viu uma coisa, mas depois percebe que foi só o reflexo da luz. — Alice se vira para a porta do corredor e solta um leve suspiro. — Vou ver como a mamãe está.

Sinto como se as proteções espalhadas pelos móveis da casa fossem me sufocar, como se não houvesse ar suficiente para respirar. Tenho a impressão de que muita coisa não está sendo dita. Acho que minha família toda é assim: evitamos falar das coisas sobre as quais não podemos falar e cobrimos cada superfície para nos proteger do momento inevitável

em que tudo virá à tona.

* * *

Sam chega em casa um tempo depois. Alice e eu estamos de novo na sala, vendo TV em volume baixo. Os sons soam abafados na sala toda acolchoada. Minha mãe ainda está no quarto, com o chá que levamos. Temos a impressão de que ela não vai dormir muito bem esta noite.

A primeira coisa que Sam faz ao entrar é perguntar o que aconteceu com o rosto de Alice, e ela responde a mesma coisa que disse à nossa mãe: foi um acidente. Evito encarar Sam. Ele fica observando Alice por um bom tempo.

— Entendi — diz ele, mas seu tom de voz denuncia que ele não acredita nela. — E como está Melanie? — pergunta, sentando-se na mesa de centro perto de nós. — Hoje...

— É, hoje é dia trinta — confirma Alice, interrompendo-o. — Ela está no quarto. Bem, ao que parece. Na medida do possível. — Minha irmã olha para o teto como se pudesse enxergar nossa mãe através dele e faz uma cara engraçada. — Está lá, guardando os próprios segredos.

Franzo a testa. A bochecha de Alice está começando a ficar roxa. O lábio parou de sangrar, mas inchou e parece dolorido. Olho para Sam e penso que Alice não tem lá muita moral para falar em guardar segredos.

Sam parece concordar. A expressão dele se anuvia.

— É, é assim que a gente faz, não é? — comenta ele, com ironia; então se levanta, mas depois volta a se sentar. — *Detesto* isso!

Olho para o teto exatamente como Alice fez e cruzo os braços.

Sam continua:

— Nesta casa, ninguém nunca sabe de verdade o que está errado, só sabe que tem algo errado. É uma merda! — Sam bate o pé no chão como se estivesse nervoso, ou irritado, então aponta o indicador para Alice, como se a acusasse. — E o que aconteceu com você depois que eu saí do hospital? Ou está de segredinhos também?

— Sam... — chamo, reprimendo-o.

— Não, ele tem razão. — De repente Alice parece tão irritada quanto ele. — Você tem razão. Quer que a gente compartilhe nossos segredos? Está bem, vou lhe dizer o que eu acho... Vou lhe contar um segredo — diz Alice, em tom de ameaça, como se estivéssemos à beira de um precipício. — Acho que esse papo de temporada de acidentes é mentira.

Ergo as mãos para interrompê-la, como se suas palavras fossem algo físico que pudesse nos machucar.

— Alice, fala sério.

— É verdade — diz ela.

Nervosa, olho para a porta que dá para o corredor. Sam não a fechou ao entrar na sala, e fico com medo de minha mãe escutar a conversa.

Tento sussurrar, mas minha voz soa como um sibilo:

— Mas e todas as quedas, batidas e contusões? E seu atropelamento hoje mesmo? E a mão da mamãe, o braço quebrado dela? E a prateleira que caiu em cima de mim? E o que aconteceu com Sam na aula de educação física?

— Coincidências. Na maioria das vezes. O resto nem acidente foi. Você acha que o meu celular simplesmente escorregou da minha mão naquela noite? Eu estava com raiva — rebate Alice. — Joguei o abajur na parede.

Sam abre a boca para dizer alguma coisa, mas eu o interrompo:

— Mas a prateleira ter caído em mim continua sendo um acidente — argumento, sussurrando um pouco mais alto. — E os cortes e pontos? E os ossos fraturados ano sim, ano não? — Minha voz volta ao volume normal e soa alta demais aos meus ouvidos. — E as vezes em que a gente escapou por um fio, Alice? E quando Sam rachou a cabeça no azulejo da cozinha? E quando o copo quebrou e quase cortou a veia do seu pulso? E aquela vez em que eu quase morri afogada?

Os olhos de Alice parecem os de uma estranha.

— Tem certeza de que foram acidentes? — pergunta ela.

Mais tarde, vou voltar a essa pergunta para descobrir o que há de errado com ela, como uma criança diante de um quebra-cabeça, mas, por ora, apenas elevo ainda mais a voz e continuo:

— E quanto às tragédias, Alice? E o nosso pai, nosso avô? E o tio Seth?

— Ah! — exclama ela. — E o tio Seth? Como ainda podem achar que aquilo foi um acidente?

— Alice — chama Sam, baixinho.

— Eu sei que vocês não querem acreditar. Sei que nunca acreditaram, mas não foi um acidente. Ele não bateu com a cabeça naquela pedra por acidente.

E talvez as palavras dela sejam mesmo tangíveis, talvez tenham o poder de nos agarrar e nos transportar desta casa de boneca toda acolhoadada para aquele dia, após a noite de abertura da exposição da nossa mãe em uma galeria de Westport, há quatro anos. As palavras de Alice me levam para lá, e a palidez no rosto de Sam indica que ele também está revivendo o momento: não estamos mais na sala, e sim no pier próximo às pedras, desafiando um ao outro a pular na água de roupa e tudo, mas minha mãe não deixa. “Não durante a temporada de acidentes”, argumenta ela.

— Ele não sabia que havia pedras ali — diz Sam, com uma voz estranha. — Nenhum de nós sabia.

— É. Nenhum de nós... — ela gesticula para nós três — o empurrou. Essa parte especificamente não foi acidente. — Alice balança a cabeça e eleva a voz quando tentamos retrucar: — Tio Seth foi empurrado do pier e bateu a cabeça. Isso não foi um acidente. Eu sei que você não gosta de pensar nisso porque Christopher é seu pai, mas...

— Foi um acidente — repete Sam, com o rosto lívido e as faces coradas.

Elas chamam minha atenção e me lembram que há sangue correndo sob a pele, uma malha de veias.

Coloco as mãos sobre as dele.

— Ele não teve intenção — digo a Alice. — Christopher fez aquilo de brincadeira. Nós mesmos brincamos disso no verão. Perdi a conta de quantas vezes empurrei Sam no rio.

Sam aperta as minhas mãos. A expressão da minha irmã é indecifrável.

— Se é nisso que vocês preferem acreditar... Mas acho que não é o que nossa mãe pensa. Acho que não é isso que tira o sono dela à noite — rebate Alice.

Sam parece furioso, mas está com os olhos marejados. Alice se levanta do sofá e sai da sala pisando forte. Depois disso, a casa inteira parece mais frágil e mais perigosa do que nunca, mesmo envolta em camadas e mais camadas de proteção.

* * *

Quando vamos para a cama, fico acordada por um bom tempo. Estou tonta por causa do uísque que tomei com Alice e por tudo que ela disse. Volto a sentir uma comichão na bochecha, que perdura como se alguém estivesse espetando agulhas e alfinetes na minha pele. O vento zune na janela, e de repente sinto uma vontade enorme de ir lá fora. Abro a porta do quarto para descer a escada e dou de cara com Sam, parado bem na minha frente, com o olhar sonolento e o cabelo desgrenhado de alguém que se revirou muitas vezes na cama. Ele está com uma das mãos erguidas, como se fosse bater na porta.

— Oi — digo.

— Oi.

Eu me sinto bêbada e ridícula em meu pijama rosa felpudo. Sam indica a escada com a cabeça.

— Ouvi você se mexendo no quarto e pensei que talvez quisesse sair para fumar um cigarro rapidinho. — Sam está descalço e usando um moletom amarrotado por cima do pijama. — Não consigo dormir.

— Nem eu.

Sinto um aperto no peito. Talvez um cigarro alivie.

Desço a escada atrás de Sam, e saímos pela cozinha. A tempestade ricocheteia nas janelas, mas nos abrigamos entre a porta dos fundos e o galpão, então o vento nem chega a balançar nosso cabelo enquanto açoita o quintal e chacoalha a copa das árvores. É como se o mundo estivesse derretendo. Acendo um cigarro com as mãos trêmulas e passo o isqueiro para Sam. Não sei o que dizer.

Depois de um longo e enfumaçado silêncio, pergunto:

— Você se lembra daquele artista de rua em Galway no dia em que a gente encontrou a loja de artigos para mágicos?

Toco o telhado enferrujado do galpão, que está escorregadio por causa da chuva.

— Artista de rua?

Sam cruza os braços, e o cigarro fica perigosamente perto da roupa. O vento se embrenha em nossos pijamas.

— O homem de metal. Aquela estátua viva.

— Aquele cara com fantasia de Halloween que a gente viu mais cedo?

— Não sei se era fantasia de Halloween. Trombei com ele em Galway na semana passada também.

Tiro a mão do telhado do galpão rápido demais, e a borda da chapa corrugada de alumínio faz um corte fundo na palma da minha mão. Gotas de sangue começam a cair. Cerro o punho para Sam não perceber. Ainda não quero voltar para casa.

— Acho que foi por isso que você pareceu reconhecê-lo — concluo.

— Nunca vi aquele cara antes.

Eu me afasto do galpão e apoio o corpo na parede gelada da casa.

— Alice pensou tê-lo reconhecido. Por isso ela parou e foi atropelada.

Sam dá de ombros.

— Acho que ele parecia o Homem de Lata de *O Mágico de Oz*.

Não sei bem o motivo, mas insisto:

— Você não o achou parecido com Christopher?

Sam dá uma espécie de sorriso, mas sua expressão mais parece uma careta.

— Acho que sim. Talvez. Se meu pai tivesse dez anos a menos e fosse de metal. Por um momento eu também achei que fosse ele, mas tenho certeza de que Melanie conhece aquele cara. Ela conhece a maioria dos artistas de rua daqui. — Sam dá uma tragada no cigarro. — Acho que eu nem reconheceria mais meu pai. — Ele afasta a franja dos olhos. — Deve estar completamente diferente. Bom, eu estou. Se ele me visse agora, jamais me reconheceria.

Penso em Sam com treze anos — o cabelo emaranhado na altura dos ombros, o corpo magro, o olhar atrevido e confiante, a voz oscilante como o apito de um navio — e sorrio. Olho para ele agora, aos dezessete. Fico ali parada, sob a luz amarela que atravessa a janela da cozinha, em frente ao meu ex-irmão postiço, e o observo com atenção. Vejo a mecha azul no cabelo preto, as sardas nas maçãs do rosto e as unhas roídas. Observo os ombros largos e os dedos compridos. Observo seu sorriso, tremeluzindo como um fantasma de filme mudo. Olho para seus olhos, profundos como as águas de um rio, e Sam retribui o olhar. Meu coração palpita.

— E quer saber? Fico feliz. Tudo o que eu menos queria era ser parecido com ele.

Fico surpresa com o tom dele.

— Mas ele é seu pai, Sam.

— É. E daí? Ele me abandonou. — Sam termina de fumar o cigarro e afunda as mãos nos bolsos do moletom. — Ele não me ama, não está nem aí pra mim. Nunca esteve. Passei anos mentindo para mim mesmo, mas não tem nada que eu possa fazer, então... — Ele balança a cabeça e ergue uma sobrancelha, como se aquilo realmente não importasse, não fizesse diferença. — Eu o odeio.

Sinto que há algo por trás da sobrancelha erguida e da indiferença dissimulada. Algo agitado como uma tormenta.

Então ele diz, baixinho mas depressa, como se precisasse pôr para fora, mesmo que contra a vontade:

— Talvez Alice tenha razão.

Minha surpresa fica estampada no rosto.

— O quê?

— Andei pensando nisso. Muito. Penso sem parar em tudo que aconteceu: como ele partiu, por que não levou nada, por que só liga uma vez por ano, por que nunca nos visitou, nem mesmo em datas comemorativas. Não acha isso suspeito?

Ele me encara de modo quase suplicante, mas não sei se a súplica é para que eu concorde ou prove que ele está errado.

— Não sei, Sam. Acho que isso tudo não passa da atitude de um merda que só se preocupa consigo mesmo.

Os olhos de Sam estão escuros na noite fria. Da cor do rio depois do pôr do sol.

— Acho que você tem razão — diz ele, por fim, parecendo aliviado.

Foi um acidente. Evito pensar no que Alice disse há pouco. Foi por causa da temporada de acidentes. Só isso.

Não sei se acredito em mim mesma.

Sam apoia o corpo na parede do galpão e acende outro cigarro. Avalio o corte na palma da mão e vejo que parou de sangrar. Estalo os dedos alto em meio ao silêncio tranquilo que nossas palavras deixaram para trás. Ao meu lado, Sam dá baforadas e forma três anéis perfeitos de fumaça. Estico o pescoço e enfio a língua no meio de um deles antes que se desfça, como fizemos ontem, no quintal, antes de Sam e eu caminharmos até o rio congelado. Parece que foi há muito tempo.

Quebrar o anel de fumaça é como quebrar um feitiço. Sam sorri para mim, e parece que as últimas horas ficaram para trás. Solto uma risadinha. O ar frio resseca minha língua. Sinto gosto de chuva, de fumaça e das folhas frágeis do outono. Sam dá outra tragada, e logo três anéis de fumaça flutuam ao redor da nossa cabeça. Enfio a língua nos três, como uma garotinha tentando estourar todas as bolhas de sabão. Sam bafora de novo, depois enfia a língua nos anéis comigo. Rimos baixinho para não acordar ninguém. A casa está silenciosa e parece bem distante às nossas costas.

Vou atrás de um dos anéis de fumaça que escapou. É deformado e oval, e, quando me inclino para alcançá-lo com a língua, me desequilibro e quase caio para trás, no quintal úmido, mas Sam me agarra pela cintura e me puxa de volta para o galpão, e rimos ainda mais.

De repente, percebo que estamos muito próximos. Os braços de Sam continuam envolvendo minha cintura. Ele tem um cheiro bom. Em meio à escuridão, seu cabelo fica completamente negro, e eu mal consigo enxergar seus olhos.

— Você falou que, quando beijou Bea — digo, devagar, ainda em seus braços —, foi para provar que as cartas estavam erradas.

Sam assente.

— Funcionou? — pergunto.

— Não — responde ele, me encarando.

— O que as cartas disseram? — pergunto, mesmo sabendo que ele não vai me contar.

Sam dá um sorrisinho. Desvio o olhar, envergonhada. Descruzo os braços e coloco as mãos delicadamente em seus ombros.

— Você é quente.

Ele ri. Eu pigarreio.

— Hum, então... — começo, ainda meio sem jeito, ciente de que Sam ainda está me abraçando. — Se diverti com Martin lá na cidade?

— Ah, a gente passou um tempão jogando no fliperama. Mas aí eu contei sobre a loja para mágicos, e ele quis ir lá, mas não consegui encontrar.

— Como assim não encontrou? Fica bem perto da rua Shop.

Sam dá de ombros. Os braços dele continuam me envolvendo. Sinto dificuldade de me concentrar em suas palavras.

— Não estava lá.

— Fechou?

— Não. É como se nunca tivesse existido. — Fico arrepiada. — Aquelas fantasias combinam perfeitamente, não acha? Às vezes, parece que você tem mesmo asas.

As mãos de Sam sobem até minhas costas, e ele me puxa mais para perto. Nossos rostos ficam a centímetros de distância. Ele inclina a cabeça e encosta a testa na minha. Umedeço os lábios, e Sam repete o gesto, como se fôssemos um o espelho do outro.

Ele me beija. Começa com um selinho leve, nossas cabeças inclinadas, a respiração ofegante. Ficamos imóveis, como se estivéssemos à beira de um precipício. Meu coração acelera. Então, nossas bocas pressionam uma à outra. Fechamos os olhos, entreabrimos os lábios, e, bem devagar, Sam desliza a língua para a minha boca e, quando eu a toco com a minha, ele aprofunda o beijo, envolvendo minha cintura e me puxando para mais perto. Nossas bocas se tornam meu mundo. Lábios quentes, línguas macias, respiração silenciosa, desejo ardente. Enrosco os dedos no cabelo dele. Estamos unidos, lábios com lábios, peito com peito, joelho com joelho, como se fôssemos um só. Sinto seu beijo na minha boca e no meu pensamento, um desejo ensandecido que arrebatava o coração, um frio na barriga e uma dor aguda que percorre as pernas e chega até os dedos dos pés. Sinto-o no meu coração acelerado e em cada machucado. Nunca fui beijada desse jeito.

Então o telefone fixo começa a tocar. Às três da manhã, soa como se fosse o fim do mundo. Sam e eu nos separamos como polos iguais de dois ímãs. Eu me viro e corro até a cozinha para atender.

É Nick

— Cara? Posso falar com a Alice? — pergunta ele.

— Não — respondo, sem pensar duas vezes.

— Ela não está atendendo ao celular — explica Nick, como se não tivesse me escutado. — E pensei que talvez ela ainda estivesse acordada.

Meu coração continua disparado. Ouço alguém descer a escada. Pés e coração batendo no mesmo ritmo. Vejo o vulto de Sam parado à porta da cozinha. A porta dos fundos continua aberta, e o vento frio invade a casa. Ele está tocando a boca.

Alice entra na cozinha e tenta tomar o telefone da minha mão. Por instinto, seguro o

aparelho com força. Ela puxa o aparelho, mas eu não solto.

— Liga para o meu celular — diz ela perto do bocal, inclinando a cabeça para que Nick a ouça.

No mesmo instante o celular dela começa a tocar.

Balanço a cabeça.

— Alice, não.

Ela me lança um olhar triste mas decidido, depois se vira e sobe a escada, conversando com Nick de um jeito doce. Sem conseguir me mexer, eu apenas observo. Sam está às minhas costas, tão imóvel quanto eu. Entorpecida, subo para o meu quarto sem olhar para trás. Quando me deito na cama, percebo que ainda estou segurando o telefone.

13.

Pela manhã, Alice, minha mãe e eu já estamos prontas para ir à escola, mas Sam continua dormindo. Alice bate na porta, mas ele não sai. Minha mãe passa em frente ao quarto dele e diz:

— Parece um urso hibernando. Cuidado quando forem abrir a porta da caverna!

Alice ri.

Eu não consigo. Não paro de pensar na noite de ontem. Tento evitar, mas é claro que é inútil. É como dizem por aí quando a gente faz uma besteira enorme: “Melhor fingir que não aconteceu.” De repente, um pensamento perdido surge em minha cabeça: *Claro, e nisso você é ótima*. Esmago-o como um inseto que pousou na minha perna. Bato na porta do quarto de Sam.

— Sammy! — grito, como se fosse um dia qualquer. — Deixa de preguiça e levanta a bunda da cama.

O grunhido que vem de dentro realmente lembra o bramido de um urso.

— Sam! — grito, ainda mais alto.

Ele abre a porta. Descabelado e com os olhos semicerrados, Sam se apoia no batente da porta, e vejo seu rosto pela frestinha que ele abriu. Imagino perguntas em seu olhar, mas também pedidos de desculpas. Arrependimento. A chuva, o uísque, a fumaça de cigarro como um beijo compartilhado. Paro na palavra “beijo”.

Ele é meu irmão, penso, fazendo questão de me lembrar do fato pela milésima vez.

— Estamos saindo — digo.

Forço um tom de impaciência na voz.

O olhar de Sam parece tão triste quanto as profundezas de um rio.

— Ok — diz ele, rouco, e então pigarreia. Alice desce a escada apressada. Sam espera minha irmã sair de vista e pergunta: — Posso falar com você um minuto?

Ele abre mais a porta, e então noto que ainda estava se vestindo: descalço, sem camisa, a calça larga nos quadris. Meu rosto pega fogo.

— Estamos atrasados — aviso, com a voz meio abafada.

Alice nos chama da cozinha, e minha mãe sobe a escada correndo para pegar alguma coisa que esqueceu no quarto.

— Você sabe que a gente ainda vai esperar a Melanie por mais uns vinte minutos — lembra Sam. — Cara, por favor.

— Estamos *saindo!* — grita Alice do corredor.

Minha mãe sai do quarto dela com um par de meias na mão, a carteira e o celular encaixados na tipóia, para evitar que caíam, e os óculos pendendo entre os lábios.

— Sam, ainda não se vestiu? — murmura ela, prendendo a ponteira dos óculos entre os dentes. Tiro os óculos de sua boca para evitar que se quebrem, ou que quebrem seus dentes. — Anda logo. Hoje vocês três vão andando para a escola. Gracie já deve estar chegando para me buscar.

— Ei! — grita Alice mais alto ainda. — Gente! Tenho prova no primeiro tempo. Assim

vocês vão me atrasar.

Minha mãe sorri e balança a cabeça.

— Você ouviu a moça — adverte ela, apontando a carteira para Sam. — Trate de descer.

Sam volta para o quarto sem dizer uma palavra. Fico olhando para a porta fechada, talvez uma fração de segundo a mais do que deveria, porque minha mãe me encara de um jeito engraçado enquanto me arrasto escada abaixo.

Alice não contou sobre o acidente de ontem para nossa mãe. Ela não está de tipoia e colocou a calça do uniforme em vez da saia, então não tem como minha mãe saber que ela foi para o hospital com o ombro deslocado e os joelhos esfolados e que precisou levar vários pontos. Minha mãe sabe apenas — ou pensa que sabe — que Alice levou uma bolada na cara quando estava cruzando o campo de futebol depois da aula.

Alice passa a maior parte do caminho até a escola reclamando do professor de economia sádico que inventou uma prova bem no último dia de aula antes do recesso. Ela não fala do acidente, nem de Nick, nem de nada sobre o que conversamos ontem à noite. Ela e Sam interagem com naturalidade. Não sei se o mesmo vale para mim e Sam; já esqueci como é agir naturalmente perto dele.

Para mim, o dia de aula se arrasta, mas Bea praticamente dá pulinhos pela escola. Todo mundo vem falar com a gente sobre a festa nos corredores e no refeitório. Alguns amigos de Alice combinam de nos encontrar na casa mal-assombrada à noite para ajeitar algumas coisas, e os preparativos da festa me engolem mais rápido do que eu esperava, por isso quase não penso em todo o resto. Até a necessidade de encontrar Elsie cai para segundo plano. Não sei se aguento mais surpresas depois de tudo que aconteceu ontem à noite.

Enfim toca o último sinal do dia. Bea, Alice, Sam e eu trocamos de roupa no banheiro da escola e caminhamos até a casa mal-assombrada, munidos de sacolas com fantasias e artigos de decoração, velas e tochas, que Bea guardou em casa para nossa mãe não descobrir nossos planos; levamos também três garrafas de vinho que estavam escondidas no armário de Sam desde o último jantar comemorativo da minha mãe. Para que ela não suspeite de nada, enviamos mensagens demonstrando entusiasmo com a decoração de Halloween do jardim de Bea.

Há alguns dias, concordamos em chegar mais cedo à casa para passarmos um tempo sozinhos lá antes da festa. Digo a mim mesma que estou feliz por isso, que ter Sam e Alice por perto tomando vinho antes de o baile começar vai fazer tudo parecer normal de novo.

Quando chegamos, o céu está cheio de nuvens escuras e a tarde está nublada e sombria. A temperatura caiu muito e venta bastante, tanto que meu cachecol quase me estrangula. Olho para as janelas da varanda do quarto principal e por um momento tenho a impressão de ter visto um rosto por trás das cortinas. Pisco, e o rosto desaparece.

Bea e Alice são as primeiras a pular o portão, e, quando chegam ao jardim, passo as garrafas de vinho para Alice por entre as barras, depois jogo a bolsa para Bea. Quando começo a subir na frente de Sam, noto que é mais fácil sem as luvas e com o All Star, que

nunca uso na temporada de acidentes. Percebo que, com exceção da noite de anteontem, no gelo, e contando todas as temporadas de acidentes desde o que aconteceu com tio Seth, nunca estive com tão pouca roupa como hoje. E cá estou eu, pulando um portão para invadir uma casa abandonada. Se minha mãe me visse agora...

Ao chegar ao topo do portão, hesito, ainda tentando afastar da cabeça a imagem de tio Seth, mas acabo fazendo um movimento brusco demais para o portão velho e o vento forte. Quando levanto a perna esquerda — com a direita já presa entre as barras do lado de dentro —, perco o equilíbrio. A perna esquerda pisa em falso e a direita escorrega. Mal tenho tempo de respirar. De repente, as duas pernas perdem o apoio a mais de dois metros do chão. Alice grita. Agarro o portão com força, e meus pés raspam nos arabescos de ferro até encontrarem novos pontos de apoio. Meu coração vem à boca e minhas mãos começam a suar e deslizar.

— Cara! — grita Bea, esticando os braços para mim, como se isso fosse ajudar.

É como se meus pés não me pertencessem. Não consigo fazer com que me obedeam; meus tênis escorregam nas barras de ferro e não consigo achar nenhum arabesco metálico para me segurar. Só consigo ver os nós dos meus dedos esbranquiçados agarrando as barras enferrujadas à minha frente. O portão sacoleja.

— Sam, não sobe agora! — grita Alice, do chão. — Senão o portão vai balançar ainda mais.

Sinto Sam soltar o portão. Tento não entrar em pânico. Mexo os pés até finalmente encontrar um ponto de apoio, encaixando-os nas barras e me agarrando com força ao portão. Sinto uma dor lancinante nos músculos dos braços.

Curvo o corpo e fico lá em cima por tempo suficiente para recuperar o fôlego antes de começar a descer com cuidado. Sinto um alívio quando meus pés voltam a sentir o chão firme. Penso na altura do portão e no rio congelado e concluo que não há quase nada sólido em minha vida neste momento. Ao chegar do nosso lado do jardim, Sam me envolve com o braço.

— Tudo bem, maninha? — pergunta ele de um modo gentil, parecendo o Sam de sempre.

Meu coração ameaça palpitar, mas ignoro a sensação.

Tudo voltou ao normal, digo a mim mesma. Aquilo foi um erro, ele se arrependeu, não vou falar sobre o assunto. É melhor assim.

Estou tão concentrada nesse pensamento que me esqueço de dizer que não sou irmã dele. Porque, para todos os efeitos, eu sou. *De volta ao normal, penso. Melhor.*

Ao chegarmos à varanda, Bea gira a maçaneta, mas a porta simplesmente abre sozinha, como se tivesse notado nossa presença, como se soubesse que queremos entrar. Alice solta uma risada meio desconfiada.

A casa parece diferente por dentro. Talvez seja por causa da escuridão — nossas lanternas iluminam o salão, formando sombras por todo o cômodo —, ou talvez seja o vento sibilando por entre as rachaduras. Seja como for, hoje a casa mal-assombrada parece mais assombrada do que nunca (e já parecia bastante assombrada antes). Alice e

Sam ficam hipnotizados. Bea conduz o tour. Todos nos calamos ao chegar às portas duplas do quarto principal.

Endireito os ombros.

— Pronto.

Faço sinal para Bea segurar uma das maçanetas. Ponho a mão na outra. Juntas, abrimos as portas do cômodo e deixamos Sam e Alice entrarem primeiro.

Nada mudou. Tudo está igual à foto que tirei. As paredes continuam descascando, e quase consigo ver o contorno de rostos no papel de parede desbotado. Tudo está coberto por uma grossa camada de poeira, exceto os rastros que deixamos da última vez que viemos. São os únicos que há no quarto.

Apontamos o facho das lanternas para as tábuas do assoalho até a luz chegar à lareira.

— Uau! — murmura Sam.

Bea vai até as janelas da varanda e puxa as cortinas. A poeira forma nuvens ao redor de sua cabeça. Não há ninguém. Elsie não está ali. Não há fantasmas, apenas a poeira à luz da lanterna, nossa respiração e o vento no silêncio, além do sentimento de que algo, ou muitas coisas, está nos observando. Então, no fim das contas, talvez realmente haja fantasmas aqui.

Alice se ajoelha no chão empoeirado e abre a mochila, na qual só fui reparar agora. Dentro, junto das caixas de som que ela pegou com Nick para a festa, vejo o que parecem ser centenas de velas embrulhadas em papel toalha. Ela começa a tirar as velas, uma por uma, e pede nossa ajuda. Sua voz ecoa no quarto vazio. Sinto um calafrio.

Bea e Sam arrumam as velas, que são dos mais variados tamanhos e formas: as flutuantes, as coloridas de aniversário e as grandes e grossas de igreja, que me lembram o Natal. À luz da lanterna, elas parecem ossos. Alice nos segue com um daqueles acendedores grandes de churrasco e acende umas cem chamas. As luzes tremeluzentes me deixam ansiosa. Tudo que há no quarto é inflamável; nós, principalmente.

Bea pega mais quatro embrulhos de papel toalha da mochila. Percebo de cara que não são velas. Ela entrega um embrulho para cada um, e, quando os abrimos, vemos que são nossas máscaras.

— Fizemos ontem — conta Alice. — Precisávamos de arame, alicate e facas, então preferimos não fazer lá em casa. A mãe da Bea tinha um monte de coisas que poderíamos usar, então decidimos fazer uma surpresa.

Ergo minha máscara contra a luz bruxuleante. É delicada e brilhosa, e as lantejoulas lembram as lágrimas de uma estátua. No escuro, parece da mesma cor do rio em dias ensolarados: marrom-esverdeada e meio azulada. Minha máscara cai como uma luva. Ao meu lado, com uma máscara preta, Sam parece um bandido, como o pirata do filme *A princesa prometida*; é como se metade do seu rosto tivesse sido apagada e houvesse uma barra de censura sobre suas bochechas, escondendo os olhos. É assustador. Do outro lado do quarto, vejo a máscara de Alice, feita de cascas e folhas de árvore. A de Bea tem escamas.

Toco as bochechas, minhas lágrimas de glitter.

— É sério que foram vocês que fizeram?

Alice faz que sim.

— São meio assustadoras — comenta Sam, como se lesse meus pensamentos. — Não parecem artificiais, e sim que foram arrancadas do rosto de alguém.

Alice parece orgulhosa, mas eu me sinto desconfortável e estranha. Quero tirar a máscara, mas todos continuam com as suas, então continuo também. Algo no modo como ela envolve meu rosto me faz ouvir minha respiração mais alta do que de costume. Fico sobressaltada e sinto vontade de virar para trás toda hora, com a impressão de que a respiração é de alguém atrás de mim.

Sam desliga a lanterna, e ficamos cercados pela luz das velas, sentados entre a janela e a porta (quase como se estivéssemos preparados para sair correndo a qualquer minuto). Passamos de mão em mão os potes de geleia que Bea trouxe para fazermos de copos. Abrimos uma das garrafas de vinho e enchemos os potes até a borda.

— Aqui é mesmo perfeito para a nossa festa — comenta Bea.

Ao lado dela, Alice sorri sob a máscara de cascas de árvore. Eu me pergunto se ela está pensando na reação dos amigos quando virem o lugar, ou se a casa mal-assombrada a enfeitiçou. Lá fora, o vento faz as vidraças estremecerem, e parece que tem um lobo no andar de baixo.

Tomamos o vinho no pote de geleia enquanto escutamos o uivo, e Bea começa a falar sobre os lobos da Irlanda e sobre como, há não muito tempo, as florestas cobriam toda a terra e os lobos viviam livres nelas; sobre como vagavam de costa a costa e às vezes se transformavam em seres humanos bonitos e altos que se aproximavam das vilas para seduzir os filhos dos moleiros e as filhas dos ferreiros. Esses filhos e filhas passavam uma noite com os lobos e se apaixonavam para sempre, e, quando os lobos iam embora na manhã seguinte — saíam à francesa, se transformavam em lobos novamente e se embrenhavam na floresta —, o filho do moleiro ou a filha do ferreiro passava três anos procurando-os pela floresta, descalço e trêmulo, até que morriam de exaustão ao pé de alguma árvore. Então o lobo voltava e comia a carne deles.

Ao meu lado, Sam dá risada, talvez um pouco nervoso.

— Você tem uma mente doentia — diz ele a Bea.

Alice, que normalmente tira sarro das histórias de Bea, começa a fazer perguntas sobre os lobos e parece mais curiosa do que sarcástica, embora, conhecendo Alice, seja difícil ter certeza.

— Existe um jeito de saber se esses homens e mulheres são lobos, e não humanos? — pergunta.

Bea tira um maço de cigarros do bolso e acende um. As luzes das velas tremulam em meio a mais uma chama.

— Reza a lenda que eles têm mais cabelo que os humanos. Os machos têm o peito mais cabeludo, e tanto o macho quanto a fêmea têm uns tufos emaranhados de pelo entre as pernas.

Sam engasga com o vinho. Dou tapinhas em suas costas até ele parar de tossir. Alice

estica o braço e Bea passa o cigarro para ela.

— Os lobos também são excelentes amantes — acrescenta Bea. — Pelo menos foi o que ouvi dizer.

— Quem disse? — pergunto.

Bea responde apenas com um sorriso misterioso.

— Os humanos também são amantes excelentes — comenta Alice, que entende muito mais dessas coisas do que eu.

— Ah, mas não como um lobo humano.

As paredes parecem se curvar para nos ouvir, e até as cortinas pesadas se arrastam em direção à voz de Bea.

— Quando eles olham para você, é como se enxergassem por baixo da roupa e, mais ainda, por baixo da pele — continua ela. — Como se sentissem o cheiro do seu desejo e como você quer satisfazê-lo. Você é preso ao chão e quase morre de prazer; as mãos deles deixam marcas que viram hematomas nos seus quadris, e os beijos parecem mordidas que devoram você por inteiro. É impossível sair vivo.

O vento aumenta lá fora, fazendo a casa estremecer. Sam está ofegante, como se estivesse com pressa.

— Hm — faz ele, parecendo um pouco atordoado.

Não sei se é por causa do monte de velas acesas ou do vinho que começa a esquentar minha garganta, mas sinto meu rosto corar por baixo da máscara. Não consigo tirar da cabeça a imagem de Sam parado e sem camisa no batente da porta. Evito olhar para ele.

— Então, se você passa a noite com um dos lobos, passa a pertencer a eles para sempre? — pergunta Alice.

— Para sempre.

— E não tem como quebrar o feitiço?

Bea sorri.

— Não é um feitiço, Alice. É pior do que isso.

— Pior do que isso.

Os olhos de Alice parecem pequenas chamas. Bea enche novamente o pote de geleia da minha irmã, que bebe como se fosse água.

— Alice, vá devagar — adverte Sam, e eu levanto o braço, como se quisesse freá-la.

O olhar de Alice parece meio selvagem, e isso pouco tem a ver com a máscara feita de cascas de árvore (embora, mascarados e enchendo a cara de vinho à luz de velas, eu suspeite de que todos nós estejamos meio selvagens hoje). A garrafa chega até mim já vazia. Minha cabeça gira, e começo a acreditar que os fantasmas estão bebendo com a gente. Como conseguimos acabar com uma garrafa de vinho inteira tão rápido?

— E se você estiver certa? — pergunta Alice a Bea, com a voz firme e séria. — E se for verdade que havia lobos disfarçados de gente, seduzindo os humanos e esperando que morressem para devorar a carne deles?

Ela ri, e até Bea parece preocupada.

— Vamos supor que seja verdade — continua Alice. — O que fazer para impedir que

isso acontece? Se não é um feitiço, como se consegue dar um fim a isso?

Desta vez, Bea não sabe o que dizer. Ela pega as cartas na mochila, as embaralha e as espalha no chão. Fico esperando Alice revirar os olhos, desdenhando, ou dizer que só estava brincando, mas ela observa as cartas com o mesmo olhar vidrado de Bea. Olho para Sam. Ele retribui o olhar. Será que pareço tão preocupada quanto ele? Será que ele também suspeita de Nick?

Bea observa as cartas por um minuto e diz:

— Você tem que matar o lobo. — Depois, se endireita e acrescenta: — Não de verdade, metaforicamente. — Ela olha para Alice. — Estamos falando no sentido metafórico, certo?

— Estamos? — rebate Alice. — Você é quem tem que me dizer, srta. Fantasmagórica, srta. Cartomante, srta. Bruxa.

Ela bate com as mãos no chão, impaciente, e solta um grito. A palma da mão esquerda acertou algo preso entre duas tábuas do assoalho. Alice puxa o objeto. É outro botão vermelho e grande.

— O beijo da bruxa — sussurra Bea.

Alice dá uma olhada no botão e o guarda no bolso da calça. Penso no primeiro botão, o que encontrei e que agora está no meio da bagunça em cima do meu criado-mudo. Alice estica o braço para trás, pega a bolsa e saca a segunda garrafa de vinho; ela tira a rolha e ergue a garrafa.

— Aos lobos! — brinda, e em seguida dá uma boa golada e entrega a garrafa a Bea, que a segura com entusiasmo.

— Aos fantasmas!

Os lábios de Bea mancham de vermelho a boca da garrafa, e o vinho mancha seus lábios de vermelho.

Pego a garrafa e a inclino, para o vinho se espalhar pelas laterais.

— Ao rio que corre sob nossos pés!

Quando vou entregar a garrafa a Sam, ele fica me olhando. Ofereço a garrafa. Sam a ergue para brindar, mas continua me encarando.

— Aos nossos segredos — diz.

Fico sem ar. Bea assente solenemente e Alice solta uma gargalhada curta e estridente. O quarto esquentou e ficou abafado. Pelo barulho, lá fora está caindo uma tempestade. Minha cabeça também está no meio de uma tormenta. O barulho da chuva é musical. Começamos a dançar sentados. Sinto as palmas das mãos suadas. Tiro o casaco, depois o suéter e o cachecol.

— Tirem os sapatos — sugere Bea de repente. Ela se levanta e tira as botas de bruxa.

— Escutem os fantasmas. Escutem como eles gostaram da nossa conversa sobre lobos. — Seus pés descalços carimbam o chão, e a casa inteira range. — Escutem! — grita Bea, e solta uma gargalhada.

Alice se levanta, tira os sapatos de salto e bate os pés no chão. A casa chia, como se estivesse respondendo.

Sam e eu tiramos os tênis, porque nunca desobedecemos às ordens de Bea. Não quando ela está no modo bruxa. Os cachos do seu cabelo comprido e emaranhado se espalham ao redor das escamas brilhantes de sua máscara. Seu rosto parece o mar, e seus olhos, pérolas. A estática faz seu vestido grudar ao corpo, e ela e Alice batem os pés de mãos dadas, fazendo o chão inteiro tremer.

— Levantem! Levantem! — grita Bea.

Sam se levanta devagar. Ele me dá a mão para me ajudar, e eu hesito por um momento antes de segurá-la. Mas seguro mesmo assim. E ficamos desse jeito um pouco mais do que o necessário, só para provar que está tudo bem, que já esqueci o que aconteceu ontem e que as coisas voltaram ao normal. Seja lá o que isso signifique.

Bea pede que todos ergam os potes de geleia e os enche de vinho até a borda. Fazemos outro brinde.

— À temporada de acidentes — diz Alice, ofegante.

Sinto um nó na garganta. Uma rajada de ar especialmente forte entra por baixo da porta, e de repente o quarto se enche de uma luz dançante. Sam solta um grito. No meio do quarto, no círculo chamuscado envolto nas cinzas do que foi queimado aqui, uma chama se acende.

Alice solta um grito, e Bea começa a rir sem parar, como se estivesse possuída. Imediatamente começo a procurar uma explicação: digo a mim mesma que o vento deve ter espalhado a chama de alguma vela para as cinzas, mas no fundo acho que todos sabemos que foi magia. Então, quando Bea começa a dançar ao redor do fogo, nós a acompanhamos como se fôssemos as crianças daquela história do flautista de Hamelin. Quando ela fala, parece uma sonâmbula.

Bea recita de cor nosso poema, como se estivesse entoando um feitiço — o cadáver esquisito que escrevemos no refeitório. Ela enuncia o refrão que criou usando uma linha do que cada um escreveu e o repete como uma prece, como se estivesse nos costurando com nossas próprias palavras.

— “Então, brindemos à temporada de acidentes” — recita, e repetimos os trejeitos dela, batendo os pés no chão em meio à poeira. — “Ao rio que corre sob nossos pés, onde naufragamos nossas almas.”

Bea ergue o pote, e brindamos ao fogo junto com ela. Sinto um arrepio, como se milhões de insetos estivessem andando sobre minha pele.

— “Aos hematomas e aos segredos.”

Alice ergue o pote de geleia acima da cabeça, e o vinho cai sobre seu cabelo como uma chuva vermelha.

— “Aos fantasmas no sótão.”

A casa range.

— “Mais um brinde à estrada de água.”

De repente, a música fica mais alta, embora ninguém tenha mexido no volume. Nunca ouvi as músicas que estão tocando, e conheço de cor e salteado as músicas de Bea. O quarto é imenso. Dançamos como animais por todo o cômodo, as labaredas tingindo nossa

pele.

Dançamos mais e mais; esbarramos uns nos outros, ofegantes. Escorregamos e trombamos, e, nossos corpos produzem faíscas toda vez que se tocam, embora não haja luz elétrica na casa. Estamos cada vez mais próximos, os braços entrelaçados, e nos movemos juntos. Estamos praticamente enroscados, mas, sabe-se lá como, continuamos dançando. Somos grandiosos, magníficos. Somos uma só criatura enorme se apoderando da noite. Temos oito pernas, quatro corações pulsantes, milhares de gotas de suor sobre milhares de pelos espalhados por um único corpo gigante.

Cantamos juntos, e a música que ressoa pelo quarto embala nossa dança, e tudo está tão alto que fecho os olhos para abafar o ruído, mas de repente sinto algo parecido com um beijo nas pálpebras, e uma voz baixinha sussurrando “acorda, acorda, acorda”. Quando abro os olhos, vejo mais uma pessoa, alguém respirando quando eu respiro, se mexendo quando eu me mexo. Olho para cima e vejo Elsie.

Solto um grito.

Alice tropeça e se estatela no chão. Bea também grita. Sam corre para socorrer Alice, mas se atrapalha, pisa na fogueira e espalha as chamas. A casa uiva. Pego minha mochila e a jogo no fogo, pois é grande o suficiente para cobrir as labaredas. O vento lá fora atinge a intensidade máxima; as janelas da varanda se escancaram e todas as velas crepitam, se apagando logo depois pela chuva que o vento traz.

A não ser por algumas poucas velas ainda acesas, somos jogados na escuridão. A casa está em silêncio. Rastejo até o outro lado do quarto e, tateando, encontro as lanternas. Sob as máscaras, todos parecemos muito pálidos. Bea segura Alice pelos braços e Sam vai mancando até as duas, balançando a cabeça. Ligo as quatro lanternas, duas em cada mão, e as aponto para as paredes e o teto. Quando todas estão ligadas e iluminando o quarto, vejo que estamos sozinhos — se é que em algum momento houve algo ou alguém ali além de nós.

Não sei quem começa. Talvez Bea, embalando Alice nos braços. Talvez Alice, machucada por causa da queda. Talvez Sam, caído perto da fogueira acesa até meio minuto atrás, com uma meia levemente chamuscada e um dedo do pé inchado, quem sabe torcido. Talvez eu. Talvez Elsie, embora eu não a veja, e portanto suponha que ela não esteja aqui (se é que alguma vez esteve). O fato é que alguém dá uma risadinha assustada, e de repente todos começamos a rir. As risadinhas se tornam risos, que se tornam gargalhadas, que ficam cada vez mais altas e se transformam em uma espécie de euforia que chega a tirar o fôlego. O som reverbera no teto, escorre pelas paredes, nos envolve, e então Bea está rolando no chão, apertando a barriga, e Alice está quase chorando de rir.

Levamos um bom tempo para recuperar o fôlego. Mancando, Sam reacende as velas que não foram apagadas pela chuva, mesmo depois de eu dizer que não acho uma boa ideia.

— Está tudo bem, maninha — diz ele, aproximando-se de mim, com o olhar sombrio por baixo da máscara.

— Não sou sua irmã — retruco, baixinho, com a voz rouca.

Sam abre a boca para dizer alguma coisa, mas volta a fechá-la e dá de ombros.

— Você deveria falar: “Se você diz, *petite sœur*...” — digo, ainda mais baixo.

Sam sorri. Não sei se o sorriso é normal ou entristecido; a máscara esconde muito bem o rosto dele. Não sei mais quem é quem.

Bea se levanta e nos leva para fora do quarto. Ela e Alice pegam suas lanternas, e Sam e eu recolhemos um punhado de velas e vamos para o banheiro, onde o espelho rachado e empoeirado reflete as luzes da lanterna e das velas, iluminando todo o ambiente. Bea vasculha a bolsa à procura de um estojo de maquiagem da mãe que ela pegou emprestado para hoje à noite. Ela senta Alice em um banquinho e começa a pintar seus braços e pernas imitando cascas de árvore. Sugiro que Sam amarre uma tira nos dedos dos pés para imobilizar o que ficou inchado e começo a procurar um analgésico na bolsa, mas ele me impede.

— Deve ser efeito do vinho, mas não estou sentindo nada — constata ele.

Alice observa o próprio reflexo no espelho, e eu a observo. Ela enrolou as mangas da blusa para Bea pintar seus braços. Seus hematomas — alguns recentes e outros já sumindo — formam uma colcha de retalhos, mas vejo em seus braços alguns cortes que parecem arranhões de gato. Digo a mim mesma que ela deve ter arranjado esses quando pulou o portão, hoje mais cedo, embora dê para perceber que têm dias, talvez semanas. Pisco. Enxergo tudo embaçado com minha visão periférica. Enfaixo os dedos de Sam enquanto bebemos vinho, e Alice pega um pincel de maquiagem e pinta de azul as pernas de Bea, que, por sua vez, pinta as da minha irmã.

Quando Alice e Bea terminam de se arrumar, todos voltamos ao quarto principal para vestir as fantasias. Bea e Alice conversam e riem, ajudam uma à outra com os zíperes e botões, entram e saem do banheiro para se olhar no espelho empoeirado. Para grudar escamas no rosto de Bea, Alice usa cola para cílios postiços, e Bea cola folhinhas no rosto de Alice. As duas parecem terra e água. Combinam tão perfeitamente que sinto uma dor no coração.

Quando termina de se vestir, Alice parece aquela garota da mitologia grega que se transforma em árvore. Sua pele parece casca de árvore e seus braços lembram galhos começando a florescer. Minha irmã parece uma floresta que acabou de ganhar vida enquanto dança. Como deve ser incrível ganhar pernas depois de passar tantos anos como árvore. Ao lado dela, Bea é o mar. Ao redor do pescoço, as guelras parecem respirar quando ela se mexe, e as escamas no rosto e na máscara cintilam. Ela cobriu as mãos com seda e prendeu corais artificiais à pele.

Ao lado das duas, eu me sinto ridícula. Pareço uma criança vestindo as roupas da mãe. A parte de cima do meu vestido de tutu é formada por vários lenços de seda unidos, e fico com medo de ele revelar demais. Não paro de puxar as pontas, tentando me cobrir. Penso nas fotos de Alice quando era mais nova, toda vestida na praia enquanto o restante de nós corria na areia de short e biquíni. Estou cheia de glitter e usando asas que parecem feitas de couro. Minha meia-calça é transparente demais, e minha máscara, colorida demais, e

tudo brilha tanto que chega a ser surreal. Sam, Bea e Alice estão com um look quase assustador; eu estou apenas bonitinha e alada.

— O pessoal deve chegar daqui a pouco — comenta Alice, olhando as horas no celular. Bea a puxa pelo braço que não está ferido.

— Vamos, desce comigo — diz ela a Alice. — Vamos terminar a decoração.

Digo a mim mesma para não ficar chateada por elas não esperarem Sam e eu antes de descerem a escada em ruínas fazendo uma barulheira.

Atrás de mim, Sam pigarreia.

— Pode me dar uma mãozinha com essa pintura de rosto aqui? — pede ele.

Eu me viro e o observo melhor. Ele já está fantasiado, e sua pele tremeluz, como se ele não estivesse ali por completo. Sam jogou spray preto na mecha azul do cabelo e está segurando o estojo de maquiagem da mãe de Bea. Foi ideia de Bea pintar a pele dele de cinza, deixando-o totalmente monocromático, para dar a ideia de que acabou de sair de um filme mudo.

Passo um dos pincéis de Alice na maquiagem, e Sam fecha os olhos. Passo o pincel nas pálpebras, cubro as sardas das bochechas. Meu coração martela as costelas como se estivesse querendo pular para fora. Sigo os contornos do rosto de Sam, como se estivesse decorando seus traços: o arco das maçãs do rosto, a barba áspera da mandíbula, a linha quase reta do nariz que já foi quebrado. Tudo fica mais fácil por ele estar de olhos fechados. E também faz a cena parecer mais um beijo.

Minhas mãos tremem quando passo o pincel nos lábios. Quando termino, Sam passa a língua neles e faz uma careta ao sentir o gosto da tinta. Ele abre os olhos e sorri.

— É maquiagem para teatro — digo, com a voz fraca. — Não vai sair tão fácil.

Sam me encara.

— Tudo bem. Que bom — sussurra ele.

Continuo parada bem na frente dele, segurando o pincel com a mão trêmula. Sam o pega com delicadeza, sua mão encontrando a minha e se demorando ali. Ele passa a língua nos lábios de novo, e eu coro ao me lembrar do beijo de ontem à noite. Então me lembro do arrependimento nos olhos dele hoje de manhã e de como minha mãe olhou para mim quando fiquei olhando para Sam por um instante a mais; eu me lembro do “Se você diz, *petite saeur*” e de como tudo parece ter voltado ao normal. Sinto o rosto pegar fogo, só que agora é mais por vergonha do que por qualquer outra coisa.

Puxo a mão e dou alguns passos para trás, pigarreando alto.

— É melhor a gente ir ajudar as duas na decoração — digo, depressa.

Sam não se mexe e mantém a mão parada no lugar em que a minha estava há um instante. Então ele a abaixa devagar.

— Cara — chama ele.

— Só preciso pegar umas coisas — digo, com a voz ainda mais alta e nervosa do que de costume. Tento me ocupar pegando nossas roupas do chão e enfiando-as nas mochilas.

Sam pega sua máscara em cima de uma das mochilas antes que eu a cubra de roupas. Ao colocá-la, seu olhar fica sombrio, e ele se transforma em um ladrão de trem, um

assaltante de estrada, um justiceiro mascarado. Também lembra um pouco um fantasma. Evito olhar para ele, mas sinto que ele me observa. Depois de juntar todas as nossas coisas, corro até a porta.

— Cara — chama ele de novo, atrás de mim. — A gente pode conversar sobre isso?

É como se o meu coração estivesse a ponto de descer a escada rolando. Eu me forço a virar para trás e encará-lo.

— Sei que foi um erro — murmuro. — Desculpe. Não temos nada para conversar.

14.

Quando o sol se põe, estamos mascarados, fantasiados e com os lábios manchados de vinho. Kim, Niamh, Martin, Joe e Toby nos encontram no portão da casa mal-assombrada para nos ajudar com os preparativos. Depois de pular o portão, Toby toca na minha máscara de leve.

— Adorei sua fantasia — sussurra ele, ao pé do meu ouvido. — É linda.
Minhas bochechas ficam vermelhas.

Todos ficam boquiabertos quando mostramos o terreno. Eles usam a palavra “perfeita” tantas vezes que chega a perder o sentido. As janelas nos observam, e a casa parece dar risada atrás da varanda.

Decoramos os cômodos para ficarem parecidos com cenários de filmes de terror. Penduramos morcegos nas vigas visíveis do teto esburacado, enrolamos teias de aranha falsas e amarramos fitas pretas e vermelhas na escada em ruínas, afixamos placas dizendo CUIDADO e PERIGO — e, quanto mais penso nisso, mais esta festa parece perigosa. Então deixo a música de Bea e as instruções de Alice me guiarem e decido não pensar mais em nada disso por um tempo. Sempre que olho para Sam, penso menos ainda.

— E o quarto principal? — pergunta Alice, depois que decoramos todos os outros cômodos do andar de cima.

Ninguém responde. O quarto principal é o único lugar que estamos relutando em compartilhar com os outros convidados. Não o decoramos com morcegos nem teias de aranha, usamos apenas cortinas esvoaçantes e velas. A princípio, pensamos em trancar as portas durante a festa, mas concluímos que a tentação de abrir o quarto do Barba Azul seria grande demais.

— E essa casa nem é nossa — digo. — Não somos os donos, por isso não podemos decidir.

— Se nós não podemos decidir, quem pode? — Fica nítido que Bea também se apegou muito ao quarto. — Os fantasmas?

— Então deixe que os fantasmas tranquem a porta — sugiro.

Saímos para o jardim enevoado. Bea encontra uma pedra enorme onde havia um canteiro de flores antes de as ervas daninhas cobrirem tudo. Quando ela pega a pedra no chão, eu recuo alguns passos, mas os olhos de Alice brilham. Niamh e Sam seguram o enorme portão de ferro com firmeza — o metal range na escuridão —, então Bea ergue a pedra e bate com força no cadeado pendurado na corrente grossa e enferrujada. O cadeado nem amassa. Sam pega a pedra e faz uma tentativa. O cadeado retine contra o portão quando a pedra o acerta, mas continua inteiro.

— Quero tentar — pede Alice.

Quando ela pega a pedra de Sam, dá para ver que é bem pesada. Então, Alice acerta a pedra em cheio no cadeado, que abre na hora e cai no chão, quebrado. Comemoramos. Juntos, escancaramos o portão como se fosse a entrada para o inferno.

Nos separamos para encontrar mais pedras no jardim e as levamos para dentro com as mãos enlameadas. Toby e eu abrimos as portas dos quartos e usamos as pedras de escora, deixando a casa aberta e convidativa.

— Acho que essa festa tem tudo para ser a melhor do ano — comenta ele.

— Ah, é?

Ouvir algo assim de alguém como Toby é um elogio e tanto. Ele sorri, marcando as covinhas das bochechas.

— É.

Enquanto decoramos, Toby me fala das melhores festas às quais já foi. As poucas a que fomos com Alice tiveram muita bebida e bagunça, mas algumas das histórias de Toby são muito mais chocantes. Fico na dúvida se devo acreditar em tudo que ele conta, mas por dentro fico impressionada.

— E seus pais deixam você sair tanto assim? — pergunto, incrédula. — Eles não se importam?

Toby sorri.

— Para falar a verdade, meus pais são bem legais. Eles entendem que já tenho dezoito anos e que quero sair e me divertir. Desde que continue tirando notas boas, eles me deixam fazer o que eu quiser.

— Mas *como* você consegue tirar notas boas se sai todo fim de semana?

Toby dá de ombros.

— Não quero jogar fora minha adolescência. Estudar não é tudo na vida. Bem, vou tentar entrar na Trinity College este ano. Quero cursar medicina. Consegui notas boas em todos os simulados. Eu me empenho bastante, mas estudar não é tudo para mim.

Não sei bem o que dizer. Toby tem a boca grossa e um sorriso largo. A energia emana dele como uma espécie de aura.

— Você é bem diferente do que eu imaginava — admito.

— Você também.

— Ah, é? E como você me imaginou?

Toby cora sob os feixes das lanternas. Isso o faz parecer menos um cara popular e inacessível e mais uma pessoa de verdade. Ele me entrega um punhado de acessórios para decoração, e nós dois descemos a escada com cuidado para colocar as coisas na cozinha. Nossas sombras ficam compridas quando passamos pelo salão, mas a cozinha está iluminada com lanternas potentes, para que os convidados consigam enxergar as bebidas. Martin já trouxe várias caixas de cerveja. Sei que é melhor nem perguntar onde ele as conseguiu.

— Sei lá — responde Toby. — Mais parecida com a Bea, acho. Mas você não tem nada a ver com ela.

Sinto uma comichão ao ouvir isso.

— Na verdade, eu sou muito parecida com a Bea. E acho isso ótimo.

Toby nota minha expressão e levanta as mãos.

— Não quis dizer no mau sentido — corrige ele, depressa. — Só... só pensei que vocês

fossem... sei lá, estranhas, forçadas ou coisa do tipo. Todo mundo acha que pessoas como você e Bea são exibidas, entende? Mas vocês são autênticas. Carl tinha razão.

Tenho vontade de dizer que Carl, o cara mais dissimulado que conheço, não é a melhor pessoa para falar sobre autenticidade, mas então me dou conta de que Toby está me elogiando. Levo a mão à máscara e a jeito, meio nervosa.

— Carl? — pergunto, sem saber o que dizer.

Toby se vira para pendurar aranhas falsas nas prateleiras já cheias de teias de aranha verdadeiras.

— É. Ele está a fim da Bea desde a festa do Joe, no verão, e, depois que ficou sabendo do baile, não parou de falar sobre vocês duas. Eu não sabia nada a seu respeito, não sabia se ia gostar de você, mas agora sei que gosto.

Ele se vira e volta a me encarar.

— Sério?

Toby se apoia na bancada da cozinha e se inclina na minha direção. Eu me pergunto se em algum momento ele vai parar de sorrir, mas depois penso: *Tomara que não, porque ele tem um sorriso lindo*. Em seguida me pergunto por que pensei isso.

— Sério — confirma ele, e a ponta dos nossos mininhos quase se toca na bancada. — Você é uma garota muito interessante, Cara Morris. Misteriosa.

— Misteriosa? — Gostei disso. — Você também é uma pessoa muito interessante. Tipo, achei que fosse um perfeccionista ambicioso que acha que pode conseguir tudo que quer só porque é bonito.

— Você me acha bonito?

É minha vez de ficar com as bochechas coradas.

— Não foi isso que eu quis dizer.

Martin entra na cozinha com mais cervejas.

— Cara, já está ofendendo as pessoas de novo? — pergunta ele, brincando.

Dou um tapinha de brincadeira na cabeça dele, que finge tropeçar e derrubar toda a cerveja. Depois Martin endireita o corpo e, com cuidado, coloca os engradados no chão. Ele olha ao redor por um momento e diz:

— Agora entendi por que vocês ficaram obcecados por esta casa. — Ele inclina a cabeça. — É quase como se desse para ouvir alguma coisa...

Toby e eu também inclinamos a cabeça para escutar. A música ecoa baixinho do andar de cima; ouvimos vozes — Alice e Kim — de um dos quartos. Alguém arrasta um colchão pelo piso. Bea canta sozinha no salão. E, além de tudo isso, ouço um burburinho quase imperceptível. Eu me abaixo e encosto a orelha no chão. Toby e Martin trocam olhares indecisos, mas acabam me acompanhando. Nossa orelha fica gelada em contato com o piso sujo.

— Escutem — sussurro.

Nós escutamos. Sob nossos pés, o rio está sussurrando. Fecho os olhos. Ele chama meu nome. É como se alguém estivesse caminhando até mim, prestes a me levar embora. O barulho dos passos fica mais alto. Ergo a cabeça e vejo Sam ao lado da porta da cozinha,

segurando um punhado de cobertores.

— Para o caso de alguém sentir frio ou precisar descansar — explica ele.

Ele não pergunta por que estamos no chão. Algo me diz que já sabe o motivo. O que será que o rio lhe diz? Sam me vê deitada ao lado de Toby e franze a testa. Sinto uma pontada no coração, quase como uma facada, mas não me mexo. O sorriso de Toby é fácil, e seu olhar não é triste, porém, o mais importante de tudo é que ele não é meu irmão. Devagar, Sam dá meia-volta e nos deixa ali, no chão sujo da cozinha.

* * *

Quando os primeiros convidados chegam, e a música começa a tocar mais alto — com o repertório de Bea preenchendo a casa como ar injetado em um balão —, subo para o segundo andar sem ninguém notar e tiro as pedras que mantêm abertas as portas do quarto principal. Fecho as portas duplas e apoio a testa na tinta descascada da madeira. Então seguro as maçanetas com força e sussurro para as rachaduras:

— Por favor, fique fechada, por favor, feche, feche.

Imagino o barulho de uma chave girando na fechadura ou de uma tranca encaixando no fecho, mas sei que não há chave nem tranca nas portas deste quarto (na verdade, em nenhum deles). O barulho lá embaixo está cada vez mais alto. Mais pessoas chegaram. Dou uma golada na garrafa de uísque que surrubei de alguém e trouxe aqui para cima. A bebida arranha minha garganta e se espalha pelo meu corpo até os joelhos. E torna mais fácil esquecer as coisas.

Lá embaixo, as lanternas são acesas. A escuridão se retrai para os cantos, mas permanece ali, à espreita, como um lobo prestes a atacar. A música se agita, como um cervo sendo perseguido por predadores. Ela dança pela casa de um jeito que ninguém consegue resistir a acompanhar.

Toby me aborda na porta da cozinha, já de fantasia. Está usando uma máscara de arlequim, metade vermelha, metade branca. Os sinos no alto da máscara ressoam. Toby pega minhas mãos e me conduz em uma dança rumo ao salão. Nos juntamos a Kim e Niamh, que estão bebendo alguma coisa em potes de geleia. A máscara de Niamh a faz parecer uma acrobata, delicada e feita de um material que lembra porcelana. Kim está fantasiada de gata preta. Elas se aproximam, nós quatro formamos um trenzinho — uma gata, uma acrobata, um arlequim e uma fada — e pegamos outras criaturas pelo caminho: porcos, lobos, pandas, bonecas vitorianas e foliões venezianos com máscaras completamente brancas, como se fossem fantasmas.

Não para de chegar gente. Todos os que convidamos e mais outros tantos; as pessoas atravessam o portão de ferro e inundam a casa. Bebem na cozinha, dançam no salão, sobem a escada apodrecida — no começo com certo receio, mas depois cada vez mais destemidas, à medida que a noite avança e as garrafas de cerveja esvaziam. Depois de um tempo, passo pela escada e vejo alguém fazendo o corrimão de escorregador.

A casa gosta. Adora a dança desenfreada, a música pulsante, o bater de tantos pés

ressoando no piso, os corpos embriagados pressionados nas paredes e uns nos outros, os lábios se encontrando e as mãos ávidas encontrando outras partes do corpo em cantos escuros e colchões empoeirados nos quartos. A casa se delicia. As paredes pulsam como um coração, o assoalho grunhe, a escada geme, e os quartos sussurram palavras doces.

Estou bêbada. Em um minuto estou com Bea na antiga sala de estar, falando com um monte de amigos de Niamh sobre fantasmas, sobre o sótão e sobre rostos nas janelas. No minuto seguinte, estou no segundo andar com Joe, Carl, Toby e Martin, tentando mudar o papo de bêbado para algo mais interessante do que esportes. Depois, Martin e eu nos encontramos em um dos quartos, enquanto Bea tenta se livrar de Carl, que está cada vez mais colado nela, e então Toby e eu estamos no alto da escada, falando sobre nossas famílias, depois estou com Kim e alguns amigos dela no mesmo lugar, dançando como se não houvesse amanhã. No salão, lá embaixo, tenho a impressão de ver uma garota com o cabelo castanho sem vida e uma blusa com gola Peter Pan sob um suéter largo, mas, quando desço a escada correndo, não encontro ninguém ali vestido desse jeito. Chamo Elsie, mas só a música responde. Os rostos mascarados passam de um lado para outro. Ando pela casa à procura dela, mas, em vez de Elsie, encontro meus amigos. O único que parece nunca estar no mesmo lugar que eu é Sam. Isso também facilita esquecer as coisas.

Volto a me lembrar das criaturas que vivem aparecendo nos meus sonhos. Eu as imagino chegando à festa delas, que lembra muito a nossa, só que mais selvagem e perigosa. Não há humanos naquela festa. Ao fechar os olhos, quase consigo vê-los, as máscaras de humanos praticamente desaparecendo, entrando em um ambiente cheio de criaturas estranhas e sombrias. Eles veem fantasmas, elfos, fadas e gigantes, veem enormes criaturas apenas metade humanas e outras parecidas com gatos, cavalos e cachorrinhos que dançam, veem criancinhas com dentes afiados e olhos vermelhos. O que não veem, no entanto, é que estão sendo seguidos. Logo atrás deles está seu padrasto, uma silhueta escura no batente da porta.

Depois disso, tudo vira um borrão. As máscaras se transformam e tremeluzem. Nem sempre consigo dizer quem está por trás delas. Ponho o braço na cintura de um cara que penso ser Toby, mas, quando ele se vira e olha para mim, percebo que é um garoto do primeiro ano. Cruzo com Bea na sala, mas logo depois a vejo no salão. Tenho a impressão de avistar uma saia xadrez farfalhando em um canto, mas, quando corro até lá, só encontro desconhecidos. Às vezes, a música soa como um grito. Alice me abraça e pede desculpas por não me contar seus segredos, e então eu a vejo, a caixa de segredos, na antessala que provavelmente já foi um escritório ou uma biblioteca. Kim está sentada perto da caixa, como se fosse Elsie, na escola, e as pessoas chegam bêbadas, batem seus segredos na máquina e os colocam lá dentro.

Bea se senta, bate algo e, quando termina, pega o papel e nos mostra, em vez de guardá-lo na caixa. Está escrito: “Às vezes, acho que minha mãe preferia que eu nunca tivesse nascido.” Em seguida, ela joga para o alto o papel, que paira até pousar no chão empoeirado.

— Nunca — afirma Alice, abraçando Bea. — Ninguém nunca pensaria uma coisa dessas.

Minha irmã dá um beijo no rosto de Bea, um gesto tão íntimo que sinto vontade de chorar. Penso nos lábios de Sam (mais do que qualquer garota teria o direito de pensar nos lábios do ex-irmão postiço) e sinto uma dor aguda no peito. Será que é possível partir o próprio coração por acidente, como se quebra o pulso, por exemplo? Se for, a temporada de acidentes tem me machucado tanto por dentro quanto por fora.

Deixo minha melhor amiga com minha irmã e os segredos delas e perambulo pelos cômodos lotados da casa. Ainda tenho esperança de encontrar Elsie, mas está cada vez mais difícil lembrar por que a estou procurando. Tem mais uísque na cozinha. Quando pego a garrafa, encontro Martin e Joe, e Toby chega depois. A máscara de Martin é metade fogo, metade gelo. A de Joe tem padrões de losango, como a de um malabarista. Toby se aproxima e nos acompanha no uísque. A bebida não ajuda em nada meu coração estilhaçado.

— Não fique triste — pede Toby, com o sorriso permanente de sempre. — Você acabou de dar a melhor festa da história, e ainda nem é meia-noite. As pessoas vão falar dela por anos.

Bebo o uísque direto da garrafa.

— Não estou triste. Só melancólica — explico.

Penso em um cigarro como um beijo compartilhado, nos segredos guardados em uma caixa de madeira e em um coração cheio do tipo errado de amor. Mas o que é o amor, afinal?

— Hoje estou bebendo uísque para esquecer — continuo.

— Esquecer o quê? — pergunta Martin.

Solto uma risadinha.

— Esquecer as tristezas! — grito, e abro bem os braços.

Um pouco do uísque escorre pela garrafa e pelo meu braço, e Toby o lambe. A língua dele faz cócegas e seus lábios fazem barulho de beijo. Bloqueio a lembrança do molho de pizza e do olhar profundo como as águas de um rio. Os olhos de Toby são apenas castanhos. Eu os vejo claramente através dos buracos da máscara. Toby está sempre sorrindo. Eu sorrio também.

Por um momento, tudo volta a virar um borrão. Vejo Sam vez ou outra, e por uma ou duas vezes ficamos no mesmo ambiente, mas na maior parte do tempo nos misturamos aos outros convidados mascarados. O uísque aquece meu estômago e me alegra.

Esta é a melhor festa de todas.

No andar de cima, algumas pessoas estão brincando de Verdade ou Consequência. Vejo roupas espalhadas pelo chão. Muita pele nua. Dou meia-volta e vou dançando para o térreo.

Toby me encontra ao pé da escada, e nos enfiamos no meio da multidão do salão, então ele me puxa para perto, para que não pisem nos meus pés. Minhas asas balançam no ritmo da música; as rajadas de vento frio que entram toda vez que alguém abre uma

porta se chocam com o ar quente no corredor, fazendo parecer que minhas asas estão batendo.

Joe, Martin, Niamh e Sam estão dançando em um canto. Eles olham para mim e acenam, mas Toby e eu passamos girando como dançarinos de caixinha de música. Ele me beija sob o arco da escada. Sinto gosto de uísque, mas já bebemos tanto que isso não me surpreende. Quero dar as costas e continuar dançando, mas, em vez disso, beijo Toby. Não é ruim (suponho que ele tenha muita experiência), mas no fundo sei que não é esse o beijo que eu quero.

Por fim, me afasto dele e peço que pegue uma bebida para mim, fingindo que vou ao banheiro, mas me enfio no escritório empoeirado onde Kim está sentada diante da caixa de segredos e onde as pessoas dançam, colocam seus segredos na caixa e conversam. Do outro lado do cômodo, Sam dá um soco que atravessa a parede. Joe e Martin o seguram pelos braços e o arrastam para fora, e eu me escondo até saírem.

Sinto a mão de alguém no meu ombro e penso que é Sam, mas, quando me viro, vejo Bea. Ela quer saber se estou bem, e eu forço um sorriso de orelha a orelha, mas minha amiga acaricia minha bochecha por baixo da máscara e seu dedo sai brilhante de lágrimas. Meu sorriso deve parecer esquisito e choroso.

— Bebi uísque demais — respondo, tentando arranjar uma desculpa.

Logo atrás dela, Alice solta uma risadinha e diz:

— Sei bem como é.

A música alta nos obriga a praticamente gritar. Faz minhas têmporas latejarem. Lembra as batidas do meu coração. Lembra também cem punhos cerrados socando velhas paredes de gesso. Alice e Bea valsam bem devagar, fazendo um círculo ao meu redor. Olho para Kim. Quero pôr um segredo na caixa, mas não encontro as palavras. Eu me lembro de Alice, mais cedo, pedindo desculpas por não me contar seus segredos, e quero dizer a minha irmã que eu também escondo os meus, mas quando me viro vejo o lobo parado na porta.

— Alice — chama ele.

Ela se vira, perplexa, e solta a cintura de Bea.

— Nick?

Nick também está fantasiado: colocou uma máscara de lobo e uma jaqueta de couro coberta de tufo de pelo. Seus dentes parecem afiados, e tenho a impressão de ver um rabo preso à calça jeans.

— Alice — repete ele, rouco, como se tivesse passado a noite inteira cantando. Cantando para Alice. No fim das contas, talvez ele seja a sereia.

Bea se reaproxima de Alice e sussurra:

— Achei que você tinha dito que ia...

— O que você está fazendo aqui, Nick? — interrompe Alice, com aquele tom de voz mais adulto e rouco. A máscara deixa seu rosto sombrio. Ela diminui ainda mais o tom de voz: — Pensei que já tivéssemos resolvido tudo ontem à noite.

— Só quero ficar com você, meu amor.

No escritório escuro, os dentes de Nick parecem extremamente brancos e afiados. Ele estende a mão, como se estivesse convidando minha irmã para dançar.

— Não se preocupe — sussurra Alice para Bea, com a mão nas costas escamosas dela.

Nick semicerra os olhos por trás da máscara de lobo. Ele continua com o braço estendido, a palma da mão virada para cima. Alice dá um passo à frente e segura a mão dele.

Bea dá um passo na direção de Alice.

— Não faça isso — pede ela, baixinho.

— Não faça isso — repito, mais alto, mas Alice já foi embora.

A expressão de Bea é indecifrável. À luz de velas, sua pele ganha um tom azul-claro. Ou talvez esverdeado, como o oceano. Ela se senta à escrivaninha, de frente para a máquina de escrever, e Kim, que testemunhou toda a cena, tenta confortá-la de um jeito que sou incapaz de reproduzir: Ela diz a Bea que Alice só vai conversar com Nicke que, se ela ainda não terminou o namoro, vai fazer isso hoje, e que foi por essa razão que os dois saíram, para terem um pouco de privacidade. Bea a ignora. Penso na voz sedutora de Nick e me pergunto quem estará certo. Penso em Alice falando sobre seu lado sombrio. A sala começa a girar.

Bea datilografa rápido e arranca o papel da máquina. Kim abre a boca para pedir que ela tome cuidado, mas muda de ideia e morde o lábio. Bea levanta a folha para todos lerem. A frase está em maiúsculas: O AMOR NUNCA VALE A PENA. Ela deixa o papel cair no chão. Depois, pega a caixa de segredos e joga todos os papéis para o alto. Os segredos se libertam e saem voando pelo escritório como se fossem morcegos de papel. Em meio à escuridão, as palavras vêm ao nosso encontro.

“Às vezes acho que estou enlouquecendo”, “Sou virgem”, “Não sou virgem”, “Eu minto o tempo todo”, “Não gosto de garotas (sou homem)”, “Não sei se sou homem ou mulher”, “Deus não existe”, “Os fantasmas estão em toda parte”, “O AMOR NUNCA VALE A PENA”, “Os lobos existem”, “Eu me apaixonei pela pessoa errada”, “Tenho medo de não conseguir amar”, “Faz dois anos que não faço uma refeição completa”, “Eu me corto, mas ninguém sabe”, “Meu ex-padrasto é um monstro”.

Tropeço em meio aos segredos espalhados e sigo para a porta da casa. A noite está escura como breu. Lá fora (ou talvez seja apenas o reflexo do corredor no vidro da porta), penso ver as criaturas do meu sonho, difusas como gotas de chuva.

Os quatro caminham entre a multidão, tentando encontrar seu padraсто malvado antes que ele consiga reconhecê-los. Os irmãos sabem que talvez essa seja a última chance de encontrá-lo; eles só podem reconhecê-lo sem a máscara de humano, e esta é a única noite do ano na qual todas as criaturas podem revelar a verdadeira identidade. Mas os poderes deles se enfraquecem a cada dia que passam longe de casa. Os irmãos temem não serem fortes o bastante para derrotá-lo.

Aos poucos, cercados por outros da sua espécie, eles revelam a verdadeira natureza. O cabelo da elfa da floresta se transforma em um emaranhado de videiras, as guelras da sereia pulsam no pescoço, o garoto-fantasma esmaece e sua pele fica em preto e branco

e a fada começa a bater as asas. Eles procuram o padraço nos diferentes cômodos da mansão — são centenas, alguns grandes, outros pequenos, alguns tão bem escondidos que nenhum humano jamais os veria. E em um desses quartos eles encontram o lobo.

A elfa da floresta grita.

— Qual é o problema? — pergunta o lobo. — Você não me ama mais?

Sinto um tapa que faz minha bochecha arder, então abro os olhos, levanto a cabeça e vejo o homem de metal parado na minha frente. Ele deve ter acertado meu rosto sem querer. Quando observo seus olhos, parecem tão vazios quanto os da máscara de lobo. Então lembro que dizem que ferro é venenoso para as fadas.

— Você é o padraço malvado — digo, mas minha voz sai como um sussurro.

Ele me dá outra bofetada.

— Foi só sua imaginação, entendeu? — brada ele. — Nunca mais quero ouvir você dizer uma coisa dessas. Você não quer ser uma mentirosa igual à sua irmã, quer? Não me faça repetir isso!

Assinto.

— Claro — respondo, sem muita certeza, mas com um sorriso no rosto. É verdade, minha imaginação é muito fértil. — É claro, Christopher.

Alguém esbarra no meu ombro, resmungando enquanto desce a escada, e então acordo, sobressaltada. Não há ninguém na minha frente. Nenhum homem de metal. Enxergo tudo embaçado e me sinto confusa.

Bebi uisque demais, penso. Cadê Elsie?

Fico me perguntando se ela está mesmo aqui, no meio de toda essa confusão. Subo a escada, mas não sei se é para procurá-la ou para me deitar. Me sinto uma sonâmbula. Perdi a noção do que é real ou sonho.

Alguns alunos do primeiro ano estão reunidos ao redor de um tabuleiro ouija em um dos quartos. As velas tremeluzem. Tenho a impressão de ouvir alguém gritando lá embaixo. Ouço gente vomitando nos banheiros. Em outro quarto, um grupo está jogando Verdade ou Consequência aos berros. Vejo um casal se beijando em um canto, os dois deitados em um colchão que foi tirado de alguma cama e arrastado para o chão. Parecem duas algas marinhas, de tão enroscados. Tenho a impressão de ver a máscara de Guy Fawkes de Carl pendurada na mão azul-esverdeada escamosa da garota, mas digo a mim mesma que devo estar enganada. Na outra ponta do corredor, Toby e alguns amigos fumam e riem; ele me chama para que eu me junte a eles, mas prefiro me enfiar no último quartinho. A essa altura, não sei mais quem estou procurando. Penso em Elsie. Penso em Sam. Penso em Alice — e de repente a vejo, imprensada entre Nick e a parede.

Ele enterra a cabeça no cabelo de Alice e passa as mãos pelo corpo dela. As alças do vestido da minha irmã estão rasgadas, e o colo e os ombros parecem descobertos demais, gélidos demais para este quarto escuro. Ela está presa entre Nick e o papel de parede cinza, e dá para notar que ele prendeu os braços dela junto ao corpo, porque Alice parece desconfortável. Sua máscara está torta. A máscara de lobo de Nick está no chão, bem na

minha frente, os buracos dos olhos são duas órbitas vazias; a máscara não tem boca, mas ainda assim sussurra: “*Se vai mesmo fazer isso então me dê uma última chance você sabe que quer vamos se você quer mesmo terminar você sabe que me deve uma última...*”

Na janela ampla e negra à minha frente, vejo o reflexo embaçado do mundo lá fora. Forço a vista e quase consigo ver as criaturas na festa delas.

Os irmãos se entreolham e percebem que estão fracos. Em casa, eles irradiam um poder constante, como o sol do verão, mas aqui, no mundo humano, tudo que sentem e fazem é esmaecido. Os três irmãos restantes não sabem se têm a força necessária para ajudar a irmã frondosa. Mas sabem que devem tentar. Eles se aproximam dela e a abraçam, formando um círculo protetor ao seu redor e se transformam em uma única criatura, todos juntos.

— Acabou, Nick, eu falei que acabou — diz Alice, como se já tivesse repetido essa mesma frase umas cinquenta vezes. — Nick, para, por favor.

Ao ouvir isso, corro na direção dos dois e dou um berro no ouvido dele.

Os irmãos da elfa da floresta lhe dão força. Ela reúne o que restou de seus poderes, se livra do que ainda lhe restava do disfarce humano, estende seu galho mais afiado e acerta o coração do lobo. Sangrando, ele cai.

Nick grita e tapa os ouvidos. Agarro seus pulsos e grito de novo, e ele se vira e sai correndo rumo à noite. Alice vai depressa atrás dele, para o andar de baixo, em meio à multidão. Tento alcançá-la, impedi-la, abraçá-la, mas ela se desvencilha e foge. Minha irmã corre atrás de Nick, e eu me pergunto se cometi um erro, se tudo isso não é apenas fruto da minha imaginação (é verdade, minha imaginação é muito fértil), se Bea tem razão. Penso nas pernas de Bea, nuas e pintadas de azul, enroscadas em outro par de pernas em um colchão, enquanto ela segura a máscara de Guy Fawkes. Então lembro que só há uma saída na casa, portanto é óbvio que Alice foi atrás de Nick, não tem outro jeito de ir embora. Para ir lá para baixo é preciso descer a escada, óbvio. E a garota no colchão lembra demais o mar. Deve ser a sereia do meu sonho. *O amor nunca vale a pena.* Ela nunca poderia ser Bea. Minha mente está completamente embaralhada.

Todos fugiram, e não tenho para onde ir. Tento abrir as portas do quarto principal (lembro vagamente que não voltei aqui desde que as fechei), mas estão emperradas. Empurro com o ombro, mas as portas nem se mexem. Deixo pra lá e resolvo voltar ao térreo, mas piso em falso e acabo descendo a escada batendo o traseiro nos degraus *ploft-ploft-ploft*. Dou risada. Dou risada da minha queda. Dou risada da temporada de acidentes, de Alice batendo a cabeça na lareira da casa de Nick, dos hematomas nas pernas dela, dos cortes em seus braços. Dou risada do copo quebrado anos atrás que, por acaso, cortou o pulso dela em uma linha perfeita. Dou risada de Sam socando a parede. Dou risada do dia em que quase me afoguei. Dou risada do acidente que causou a morte do meu tio.

Seth também sabia, penso. Foi por isso que Christopher o empurrou.

E aí me pergunto de onde veio esse pensamento. Então paro de ir.

Vou aos trancos e barrancos até o jardim, onde o rio corre para longe, como eu. A música continua alta. Há lanternas no gramado, e, embora a noite esteja congelante, as

peessoas se deitam na grama em meio às ervas daninhas. Vou cambaleando em direção aos fundos da casa, onde a grama é ainda mais alta e agreste, até a extremidade do terreno, onde o rio reaparece. Eu me enfio entre silveiras e arbustos e me aproximo da água, que me recebe como se fosse minha única amiga.

Eu me sento à margem, afundo os dedos no rio e me lembro de um dia, durante as férias de verão, em que nadei em uma lagoa. Sam e minha mãe tinham voltado para a areia, Christopher ensinava a mim e a Alice a nadar e minha irmã se sentia desconfortável com o biquíni, mantendo o corpo imerso na água até a altura do queixo. Eu me lembro de fazer uma pergunta boba sobre alguma coisa que tinha visto e de Christopher dando um tapa no meu rosto (ou talvez essa lembrança seja de outro dia). Da água enchendo meus pulmões enquanto mãos trêmulas me seguravam sob a superfície. Das centenas de desculpas depois do ocorrido, e do sorvete. Três bolas em uma casquinha dupla.

E então, do outro lado do rio, vejo Elsie.

Segurando uma rede para caçar borboletas, ela me encara. Sei que preciso ir até ela. O rio é raso aqui, como um córrego, então entro na água. Ao sair na outra margem, imagino que eu esteja parecendo um alienígena perdido: toda molhada, com asas, mascarada e melancólica.

Elsie olha para mim como se não soubesse o que pensar a meu respeito. Olho para meu corpo. A meia-calça está enlameada e os sapatos chapinham quando troco meu pé de um pé para o outro. Continuo cheia de hematomas. Sei que minha maquiagem está toda borrada por causa do suor. Nem eu saberia o que pensar de mim. Olho para Elsie — a expressão preocupada, os sapatos marrons discretos, a saia xadrez, o suéter largo e as mãos segurando a rede para caçar borboletas.

— O que está tentando pegar aí? — pergunto.

Elsie me encara com a expressão muito séria. De repente, sinto um aperto no peito. Sinto como se eu só pudesse lhe fazer uma pergunta e, entre tantas que gostaria de fazer, desperdicei minha chance com essa pergunta idiota e nunca mais terei outra.

Atrás de mim, alguém grita meu nome. Por um momento, penso que é o rio me chamando, mas depois vejo que é Bea. Quando me viro de volta, Elsie já foi embora, mas eu não esperava que ela ficasse por aqui. Queria ter perguntado por que ela aparece em todas as minhas fotos. Queria ter perguntado se alguém tem as respostas que estou procurando. Vejo meu reflexo distorcido na água.

— Cara! — chama Bea de novo, em um tom que raramente ouço. É quase um tremor de medo. — Cara, vem cá!

Atravesso o rio. Bea corre em minha direção, segurando minha mochila. Atrás dela, há outras pessoas correndo. Estão todas encharcadas de suor, ofegantes e fantasiadas, porém algumas estão mais sem roupa do que vestidas; todas carregam bolsas e garrafas. O jardim virou um emaranhado de máscaras.

— O que foi? — pergunto, me aproximando de Bea, que agarra meus braços e me puxa. Não estamos indo na direção do portão aberto, mas da cerca lateral, que parece

mais alta que o portão em si. — Ei, espera aí — digo, tentando impedi-la. — Você quer que a gente pule essa cerca?

— Alguém ligou para a polícia — explica ela, ofegante. — A gente tem que sair daqui.

Enfim percebo de onde vieram as sirenes que pensei que fossem parte de uma música.

— Ah, merda! — esbravejo, e em seguida ajudo Bea a erguer nossas mochilas e jogá-las no chão do outro lado da cerca. — Cadê Sam e Alice?

— Não consegui encontrar os dois. Foi Niamh quem ouviu as sirenes primeiro. Ela e Kim fugiram, mas pensei que Sam estivesse na cozinha...

Bea faz uma pausa para respirar enquanto começamos a subir. Encaixamos os pés entre as barras e nos içamos para cima, centímetro por centímetro.

— Mas também não encontrei Joe nem Martin — acrescenta ela, ofegante. — Então devem ter dado o fora antes de mim.

As palavras de Bea me reconfortam um pouco, mas nesse momento cometo o erro de olhar para trás, na direção da casa. A bagunça generalizada de máscaras, garrafas, mochilas e de pessoas e policiais correndo me deixa enjoada. Ao chegarmos ao outro lado da cerca, vomito no chão. Bea e eu damos as mãos e corremos para casa. Estou ensopada e tremendo de frio, o que faz minhas asas balançarem. Estou petrificada por trás da máscara. Talvez eu nem seja mais humana.

15.

Sam e Alice não estão na casa de Bea quando chegamos lá. Ligamos várias vezes para o celular dos dois, mas cai direto na caixa postal. Não me atrevo a ligar para casa, pois minha mãe pode atender, e há grandes chances de eles não estarem lá também.

Bea e eu passamos horas na cama dela, conversando e fumando na janela do quarto observando a chuva cair no telhado da estufa. De manhã, estamos roucas e com os pulmões pretos, mas sóbrias. Não me lembro de nada do que foi conversado. Caímos no sono quando começa a amanhecer e a chuva diminui.

* * *

Em meu sonho, a festa das criaturas é um caos completo. Elas correm e gritam em diversas línguas; ouço rugidos, uivos e relinchos. Há um lobo morto no chão. O sangue dele ensopa o tapete. Quando a casa se esvazia, elas se viram e veem o homem de lata parado à frente da porta. A multidão passa por ele rumo à saída, uma avalanche de criaturinhas desviando como a bifurcação de um rio. Aqueles que esbarram nele por acidente começam a queimar e soltar fumaça. As dobradiças de sua boca se mexem, e ele sorri de um jeito misterioso.

Os quatro irmãos olham para o corpo ensanguentado do garoto lobo e em seguida para o padrasto, e um medo lancinante os devora. Eles usaram o que restava de seus poderes para matar o lobo, e não têm mais nada agora. Eles seguram firme as mãos uns dos outros. Começam a se dar conta de que nunca mais vão voltar para casa.

* * *

Quando Bea e eu acordamos, vamos até a casa mal-assombrada. O caminho parece mais longo do que nunca, mesmo que não esteja mais chovendo e o chão esteja praticamente seco. Serpenteamos como rios, quase como se sentíssemos medo de chegar ao nosso destino ou como se quiséssemos que mudasse, apenas por enquanto. Sam e Alice continuam sem atender ao telefone.

É o início da tarde, e o céu está nublado e cinzento. Não há ninguém nas ruas. Nos campos, as ovelhas balem sem ânimo. Quando chegamos ao rio, não há ninguém consertando a ponte de madeira; ela continua lá, solitária e quebrada, e, embora esteja erguida por estacas, vigas e roldanas, continua completamente inutilizável. Bea para na margem do rio, e os cachos vermelhos cobrem seus olhos. Há um restinho de tinta das escamas pintadas em seu rosto, o que a faz parecer suja e linda.

— Você está apaixonada pela Alice? — pergunto, sem rodeios.

Bea não responde.

— Você sabe que ela provavelmente está na casa do Nick agora, não sabe? — pergunta ela.

— Sem chance. Ela nunca voltaria com ele.

Bea passa as mãos no cabelo.

— Você não tem como saber — retruca ela.

Penso em Nick a esmagando contra a tinta descascada da parede. Penso no incômodo dela em estar ali. Penso em minha irmã quando criança, passando todos os verões mais agasalhada do que durante a temporada de acidentes, com receio de mostrar o corpo. Eu me lembro de quando Alice pedia que eu dormisse no quarto dela algumas noites.

— Não. Eu tenho certeza — afirmo.

Do outro lado do rio, as árvores sussurram. É um lamento, um som solitário.

— Vamos evitar a casa mal-assombrada por enquanto — digo.

Nos sentamos à mesa de piquenique e jogamos pedrinhas na água. Conto que vi Elsie ontem à noite. Fiquei a semana inteira procurando qualquer sinal dela, mas, quando finalmente a encontrei, mal conversamos. A noite passada parece completamente surreal na minha memória. E então eu me lembro de perguntar a Bea se ela viu alguém entrar no quarto principal durante a festa.

Bea pensa por um segundo.

— Não — responde, lentamente. — Bem, pelo menos eu não vi nada. Mas nem fui lá durante a festa. Não depois que trocamos de roupa.

— Nem eu.

As pedras que jogo caem com força na água. Algumas somem de vista ao se perderem nas margens do rio ou no mato.

— Eu pedi que se fechassem — explico, sem olhar para Bea.

— Pediu que o que se fechasse? As portas?

Faço que sim com a cabeça.

— E elas se fecharam — continua Bea, mas em tom de afirmação, não de dúvida. A pergunta que ela faz é: — Por quê?

Dou de ombros e arremesso uma pedra o mais longe que consigo. Ela cai no meio do rio, e a água espirra de um jeito que me deixa satisfeita.

— Sei lá — respondo. — Só me pareceu errado deixar outras pessoas entrarem lá.

Quando ergo a cabeça, vejo que Bea está me olhando de um jeito engraçado.

— E dizem que *eu* sou a bruxa — murmura ela.

Lanço a próxima pedra com ainda mais força e me lembro de Bea dizendo que toda bruxa precisa beijar alguém no Halloween. A recordação faz com que eu me sinta culpada por ter beijado Toby, mas, quando paro para refletir, sinto raiva. *Posso beijar quem eu quiser*, penso, e logo depois lembro que, tecnicamente, não posso. Posso beijar quem eu quiser, exceto Sam, porque ele é como um irmão, e não se pode beijar um irmão. Só que eu beijei. As coisas estão tão confusas que não sei mais o que pensar. Dentro de mim, um fio de voz me lembra que o beijo de Toby não foi nada comparado ao de Sam. Um palito de fósforo contra uma fogueira.

Então eu me lembro de Bea beijando Carl ontem à noite e me viro para ela.

— Você e o Carl se pegaram ontem?

Bea joga uma pedrinha para o alto e volta a pegá-la. Ela desliza o corpo para sair da mesa de piquenique e vai até a margem do rio, então gira o pulso e arremessa de lado a pedrinha, que quica na água cinco vezes antes de afundar.

— Acho que sim — responde ela, de costas para mim. — Eu estava meio bêbada.

— Meio bêbada? — repito, como se duvidando de sua desculpa.

Bea lança outra pedra, que o rio engole antes que ela quique na água.

— Por que você fez isso? — pergunto.

Bea não responde. O rio está faminto, clamando por mais pedras.

— Bea, o que aconteceu ontem à noite?

Ela volta para o banco da mesa de piquenique, mas não me encara. Tira as cartas, mas não estou interessada no que elas têm a dizer. Quero saber o que está acontecendo com minha amiga.

— Não — digo, e seguro seu braço para impedi-la de embaralhar as cartas. — Nada de cartas. Nada de cartas. Quero que você me diga.

Ela puxa o braço, se desvencilhando de mim.

— Você tem que me dizer o que está se passando aí na sua cabeça — insisto, enquanto ela se afasta alguns passos e faz cara feia. Levanto a voz. — É você quem tem que me dizer. Não se esconda atrás das cartas.

Estou quase gritando. E o rio grita junto comigo.

Bea dá meia-volta e contempla o rio. Ela balança a cabeça várias vezes, e, quando começa a falar, sua voz soa mais alta que a água que corre por cima das pedras maiores.

— Eu sou uma covarde de merda — diz ela, se virando para me encarar.

As mangas da blusa cobrem suas mãos. Ela segura o baralho e o aponta para mim.

— Mas você também é — continua. — Você é uma covarde, Cara Morris. Uma covarde de merda, e uma mentirosa. — Sinto como se tivesse levado um tapa na cara. — Você é igualzinha a mim. Só que você é pior, porque nem admite isso para si mesma.

— Do que você...?

— Por que você beijou o Toby, Cara? Por quê?

— Não sei — respondo, agitada. — Eu estava bêbada, e ele é legal. E por que eu não deveria?

Bea me encara. Fico imaginando se ela sabe. Fico imaginando o que as cartas disseram a Sam da vez que ele a beijou. Fico imaginando se ele a beijou do mesmo jeito que me beijou. Saio da mesa de piquenique, vou até Bea, seguro seu rosto com as duas mãos e pressiono os lábios nos dela. Ela tem gosto de cigarro, torrada e café. Ao nos separarmos, minha amiga balança a cabeça, se vira e se afasta. Meus olhos estão secos, mas sinto como se estivesse chorando. Não sei mais o que estou fazendo.

Saio caminhando sozinha. Não há mais nada que eu possa fazer, então me recomponho e sigo em frente. Vou para a casa mal-assombrada. O portão está trancado com um cadeado novo e enorme, provavelmente providenciado pela polícia, mas o pulo da mesma forma que fiz ontem à noite. Quando chego ao topo, ele sacoleja, e não sei se vai me deixar entrar. Fico paralisada — uma perna de um lado da casa e a outra do lado da rua, e

deixo o portão me balançar até que se decida. Por fim, deve ter decidido deixar, porque para de se mexer por um momento, o suficiente para que eu passe a outra perna para dentro e desça depressa.

A impressão é de que um furacão passou pelo jardim. Há sacolas plásticas, latas de cerveja, garrafas e pedaços de fantasias espalhados pela grama como ervas daninhas. Máscaras fitam o céu inexpressivamente, a grama atravessando suas órbitas. Parecem um monte de fantasmas. Olho para a casa, e ela me olha de volta. Não vejo nenhum rosto na janela e me pergunto se alguma vez o vi de verdade. Mas, quando abro a porta da frente, ela range como sempre, como se estivesse me dando boas-vindas.

Vou para o andar de cima. Os degraus ameaçam desabar a cada passo. Eu me apoio no corrimão, mas sinto que até ele está frágil. Começo a perceber como foi arriscado fazer a festa aqui. Onde estarão Sam e Alice? Sinto medo.

Ao chegar às portas do quarto principal, eu paro. Não sei se vão permanecer fechadas como na festa, mas, quando giro a maçaneta, elas permitem que eu entre.

O quarto não está bagunçado. Vejo as lanternas que acendemos — já apagadas, porque a bateria acabou — e os restos de parafina das velas. Fico surpresa ao me dar conta de que a casa não pegou fogo. Vejo a mancha carbonizada no chão, as cortinas empoeiradas e a marca dos nossos passos na poeira, mas só isso. Não há garrafas, embalagens vazias de doces, latas de cerveja. Nem máscaras. Apenas o que sobrou das velas e o silêncio.

Decido voltar para o andar de baixo, mas então ouço um leve ruído às minhas costas e, em vez de me virar, continuo olhando para a porta e pego o celular. Tento respirar sem fazer barulho, mas é como se a pessoa fantasmagórica atrás de mim respirasse no mesmo ritmo que eu. Sua respiração é um eco. Eu me viro depressa, olho para o meio do quarto, ergo o celular e tiro uma foto. Em seguida, saio correndo.

Fico perplexa ao notar que os degraus aguentam meu peso. E que a varanda se mantém de pé. E que não caio do portão e bato a cabeça, mas aí lembro que é primeiro de novembro e que, portanto, a temporada de acidentes já terminou. Mas a sensação é de que ainda está longe de chegar ao fim.

Volto para o rio e pego o celular, mas, antes de abrir a galeria de fotos, recebo uma ligação. É Toby. Não atendo. Já tenho beijos demais para resolver.

Quando o telefone para de tocar, abro a galeria e seleciono a foto que tirei no quarto principal. No momento em que a tirei, à minha frente havia apenas as paredes, os tocos de vela e as cortinas mofadas cobrindo as janelas empoeiradas. A luz estava fraca, acinzentada e salpicada de poeira, como se fossem floquinhos de neve, mas sei que a câmera não captou esses detalhes. Em vez disso, é Elsie quem aparece no meio da imagem, como se eu tivesse tirado uma foto só dela. Suas tranças estão frouxas, os fios escapando do penteado e há marcas de expressão na testa. Ela está com a boca aberta, como se dissesse alguma coisa no momento em que tirei a foto.

Quando me dou conta, já estou correndo de volta para a casa. Corro como se alguém estivesse me perseguindo, e, de certo modo, a sensação é essa mesmo; alguém forte, rápido e extremamente silencioso, mesmo com pernas metálicas. Meus pés pisam na

estrada irregular, e o cascalho solto desliza sob as botas, ameaçando me derrubar. O portão de ferro queima minhas mãos e o mato do jardim se eriça para me receptionar, formando um emaranhado em volta de meus tornozelos. Lá dentro, é como se a casa fosse desabar ao meu redor. Ou talvez seja eu quem esteja desabando. Subo a escada.

Elsie está no quarto principal.

Elsie está de pé ao lado da máquina de escrever. À sua frente, em cima da caixa de madeira com os segredos, há uma geringonça estranha que parece uma espécie de armadilha de caçador. É do tamanho de um animal pequeno e feita de ferro, arame e bobinas. Só falta zumbir. Sem querer, repito a pergunta a Elsie:

— O que está tentando pegar aí?

Como já era de se esperar, Elsie não responde. Em vez disso, pergunta:

— Quer deixar um segredo?

Olho para a armadilha em cima da caixa e balanço a cabeça, recusando.

— Você acredita em fantasmas? — questiona ela. — Em anjos da guarda?

Penso no segredo que escrevi há alguns anos, logo que Elsie começou a cuidar da caixa de segredos. Escrevi que, tal como Bea, eu queria acreditar que os fantasmas fossem reais, porque assim meu pai e tio Seth continuariam existindo em algum lugar. Também escrevi que, na verdade, não acreditava nesse tipo de coisa. Agora, não sei o que responder.

— Às vezes, acho que estou ficando maluca — continua Elsie. — Às vezes, acho que sou algo do tipo. — Ela força um sorriso. — Isso merece ir para a caixa.

Ela se abaixa e datilografa seu segredo.

— Um fantasma? — pergunto, enquanto ela escreve.

— Um fantasma — afirma ela, sem erguer a cabeça. — Ou um anjo da guarda. Algo do tipo.

Tenho vontade de perguntar como é possível alguém não saber se é ou não um fantasma, mas penso em tudo que nosso cérebro é capaz de negar, em todas as lembranças que esconde e em todos os segredos que guarda.

Elsie se senta de pernas cruzadas no chão, de frente para a máquina de escrever. Como se fosse a coisa mais natural do mundo, eu me sento ao lado dela. Nós duas, a armadilha e a máquina de escrever formamos um círculo, como se estivéssemos nos preparando para uma oração. Apoio as mãos no chão empoeirado.

— Lembra quando ainda éramos amigas? — pergunto. Elsie sorri. — A gente ficava na biblioteca durante os intervalos e lia aqueles livros de história cheios de figuras. Os gregos antigos com vestes brancas, os romanos com armaduras, as amazonas com os peitos à mostra e os sacrifícios dos astecas.

— Todos mortos. Como seu pai.

— Acho que sim.

Quero tocar sua testa franzida. Não sei se tenho medo dela ou se quero protegê-la. Eu me lembro do que as cartas de Bea disseram: “Elsie precisa da nossa ajuda para encontrar o caminho de casa.”

— E sua família? Onde vocês moram? — pergunto.

— Meu pai morreu. Assim como o seu.

Ela bate esse segredo na máquina. Seu suéter é velho. Sua trança está se desfazendo,

cheia de fios arrepiados. Elsie parece bem preocupada.

Sem querer, penso alto:

— Minha família tem um monte de segredos. Todos nós temos.

Elsie também datilografa isso. As teclas soam como as batidas de um coração. Eu continuo:

— Bea está sempre encantada com o mundo, mas é só uma garota perdida com qualquer um. O pai dela foi embora, e a mãe passa o tempo todo por aí, com uns atores de teatro arrogantes, fingindo ser dez anos mais nova, o que geralmente também inclui fingir que nunca foi casada e que não tem uma filha. Bea é muito solitária.

Elsie escreve à máquina enquanto falo. A sensação é de que há velas cintilando ao nosso redor, mas nenhuma está acesa. Mesmo assim, as paredes estão repletas de sombras.

— Minha irmã está sempre triste — continuo. — Ela foi... bom, acho que já a machucaram muito uma vez, e agora ela sai com caras que a maltratam e às vezes machuca a si mesma. Acho que Alice nem precisa da temporada de acidentes. Minha mãe precisa. Ela precisa explicar tudo de ruim que acontece com ela. Com todos nós. A morte do meu pai, do tio Seth... Tio Seth era irmão da minha mãe, o melhor amigo dela, como Sam é para mim, acho, só que... — Hesito. — Não. Como Sam era.

Quero parar de falar, mas não consigo. Minha boca se mexe por conta própria, e não paro de despejar as palavras. Elsie continua à máquina. Ela desliza o cilindro ao final de cada linha como se estivesse cortando um pedaço de carne. Tirando a pele.

— As coisas mudaram muito rápido. — Falo enquanto penso, mas minhas ideias são mais rápidas que minha boca. — Ou talvez eu tenha percebido rápido demais que nunca pararam de mudar. Sam, ele... Ele é meu ex-irmão posição, mas você já sabe disso. Quando o pai dele foi embora, ele ficou... surpreso, irritado.

Os olhos de Elsie estão imensos. Ela transcreve todas as minhas palavras na máquina, como se as devorasse no café da manhã, como se fossem as primeiras palavras que ouvi em anos.

— Agora ele tem essa... essa... não é tristeza, é mais como, sei lá... como se às vezes ele estivesse ausente. Como se tremeluzisse para longe da realidade, como se tivesse medo de desaparecer. Como o pai dele fez.

A máquina de escrever retine de novo. Sei que a situação é estranha, parece um sonho, mas não consigo explicar por quê, então me vejo conversando com ela como se tudo fosse normal, como se contasse tanto os meus segredos quanto os das pessoas próximas a mim para uma ex-amiga todos os dias; como se não tivesse tirado uma foto de um quarto vazio em que ela apareceu do nada.

— Você percebe muito mais coisas do que pensa — comenta Elsie.

— Você parece a Bea falando. Bea é minha melhor amiga. Eu quero mantê-la por perto, como se fosse um tesouro que encontrei, mas acho que ela está apaixonada pela Alice, e isso me deixa com medo de ficar sozinha.

— E Sam? — pergunta Elsie. — Você não tem a ele?

Balanço a cabeça.

— Quem me dera.

Quando ouço o que acabei de dizer, levo as mãos à boca. Os dedos de Elsie pairam sobre as teclas. Quero pedir para ela parar; quero voltar atrás, mas não consigo falar.

Quando conto o segredo seguinte, minha voz mais parece um sussurro:

— Eu o amo. Sam. — Fecho os olhos e sinto a boca dele na minha. — Estou apaixonada por ele. — Toco meus lábios e sussurro de novo: — Mas nunca vou poder contar a ele, tenho que continuar escondendo o que sinto.

— Não se pode esconder o amor — afirma Elsie, como se fosse uma especialista no assunto.

Olho para Elsie. Ela está sentada diante da máquina de escrever, como sempre faz nos intervalos entre as aulas. Cabelo castanho sem graça, blusa de gola alta. O cardigã tem grandes botões vermelhos na frente, mas alguns estão faltando.

— Você já teve a sensação... — começo, quando ela para de escrever na máquina e o silêncio se instala no quarto — ... de que fez tudo errado? — Pressiono o peito com as mãos sujas de poeira. — Bem aqui. A sensação de que seu mundo está prestes a explodir?

Elsie deixa os ombros caírem.

— O tempo todo.

Olho para a máquina de escrever. Depois para a armadilha em cima da caixa de madeira.

— Quais são seus segredos? — pergunto, em um tom suave, mas não espero que ela responda. — O que está tentando pegar aí?

Elsie vira a máquina de escrever, que faz um barulho estridente horrível ao ser empurrada na minha direção.

— Quando eu era criança, antes de sermos amigas... antes... antes de qualquer outra lembrança, eu me lembro de uma voz.

Olho para a máquina e posiciono os dedos. Quando olho para Elsie de novo, ela continua:

— A voz de uma mulher. Ela se aproximava e me pedia coisas. Que pensasse nela, que me lembrasse dela, que contasse se eu estava feliz e segura.

— Só uma voz?

— Escreva aí — ordena Elsie.

Obedeço. Bato: “Eu ouço uma voz desde que era criança. Ela me pergunta se estou feliz e segura, mas não estou.”

— Ela continuou me visitando toda semana, pensava em mim todos os dias, até que começou a pensar também em outra garotinha. E, depois, em mais outra. Um pouco mais tarde, em um garoto. Ela veio até mim com três crianças no coração e, desde então, me pediu para protegê-los. Para proteger você.

Paro de bater à máquina.

— A mim?

— Continue escrevendo — sussurra Elsie. — Ela me visitava toda semana e me pedia

para proteger você. Ela estava morrendo de medo. Acho que ainda está. Então eu sabia que esse era meu trabalho. Proteger você. Cuidar de você. Mas, uma vez por ano, vou embora. Saio em uma busca.

— O quê?

Começo a mudar de ideia. Acho que Elsie não é um fantasma. Não exatamente. Mas, fantasma ou não, tenho quase certeza de que ela é louca. Minhas mãos repousam nas teclas.

— Elsie, o que isso tem a ver comigo?

Elsie aponta para a máquina, insistindo para que eu continue registrando, e, como se fosse óbvio, acrescenta:

— Tenho protegido todos vocês.

Ergo a cabeça e vejo que os olhos de Elsie estão marejados.

— Mas acho que não estou fazendo um bom trabalho.

— Mas por quê...? — Agora que posso perguntar o que quiser, não sei o que dizer.

— Durante um mês por ano, eu saio em uma busca — explica. — Eu nunca abandono vocês — acrescenta, depressa. — Mesmo assim tento continuar cuidando de vocês. Eu só... só me afasto por um tempinho.

Ao refletir sobre isso, percebo que talvez sempre tenha havido um período em que Elsie não esteve por perto — talvez no mês da temporada de acidentes —, mas estou duvidando da minha própria memória. Desconfio de tudo que apenas penso lembrar.

— Eu não pedi isso — confessa Elsie, e suas palavras repercutem o que eu disse a Bea mais cedo. A voz dela fica embargada. — Estou cansada. E... sinto como se tivesse falhado com vocês.

Registro: “Sinto como se tivesse falhado com vocês.” Não sei se este segredo é dela ou meu.

Sinto que falhei com Elsie — por não me lembrar dela, por não tê-la encontrado antes. Olho para as linhas de preocupação em sua testa, com as quais já me sinto tão familiarizada. Elsie parece preocupada, sempre tão preocupada.

— Se você tem nos protegido, quem cuida de você? — pergunto.

Ela parece surpresa. Depois sorri.

— Talvez eu não precise que ninguém cuide de mim. Talvez eu só precise ser lembrada.

“Talvez eu só precise ser lembrada”, registro. Quando as palavras alcançam o fim do papel e a máquina de escrever cospe a folha com um retinir metálico, vou guardar a página de segredos na caixa, mas a armadilha me impede.

— Mas o que você está buscando? — pergunto outra vez. Penso nos apanhadores de sonhos, na ratoeira, no papel mata-moscas, na rede para caçar borboletas. Olho para a arapuca horrorosa à minha frente. — O que está tentando pegar aí?

Elsie meio que dá de ombros.

— Minha mãe sempre dizia que eu ia pegar uma pneumonia e morrer.

Ela tira a armadilha de cima da caixa. A arapuca é pesada, mas Elsie é mais forte do

que parece.

— Quero que você cuide dela.

— De quem?

— Da caixa de segredos. — Ela empurra a caixa em minha direção. — Se quiser.

Franzo a testa, então empurro a caixa e a máquina de escrever de volta para Elsie. Sinto que estou tremendo.

— Ela é sua. Quando a gente voltar do recesso, você vai estar lá, na biblioteca. As pessoas vão registrar seus segredos, você vai pendurá-los nos corredores no fim do semestre e tudo vai voltar a ser como sempre foi. Não sei fazer nada disso.

Elsie balança a cabeça. Ela pronuncia meu nome devagar, como se fosse um lembrete. Como se tivesse certeza de que eu sei que ela vai desaparecer. Como se soubesse que estou ciente de que agora tudo mudou.

— Não vou voltar para a escola. — Ela sorri, e pela primeira vez o sorriso vai de orelha a orelha. — Vou pegar uma pneumonia nem que seja a última coisa que eu faça.

A risada que eu dou me surpreende.

— Não sabia que você era tão engraçada.

Elsie ri junto comigo. Nossas risadas ressoam pelo quarto. Depois de ecoarem ao nosso redor, eu sussurro:

— Você é mesmo um fantasma?

— Não sei. É difícil explicar.

— Sério? Achei que seria algo óbvio.

— Por mais surpreendente que pareça, não é. — Elsie se levanta e pega a armadilha medonha, que nos braços dela parece ainda maior e mais pesada. — Talvez eu seja apenas uma garota maluca perdida. Talvez tenha visto você e sua família adorável e tenha ficado entediada com minha vidinha de filha única, então decidi segui-la como um cachorrinho procurando um novo lar.

— Mas nós nunca vimos você.

Elsie começa a se afastar, mas não consigo me levantar. O piso range debaixo de mim, como se não quisesse que eu fosse embora.

— Você está em todas as minhas fotos, mas eu nunca via você.

— Você finge não ver muitas coisas.

Quando Elsie sai do quarto, é como se nunca tivesse estado ali. A poeira no chão onde ela estava sentada permanece intacta, e, quando tento encontrar a foto no meu celular, percebo que ela desapareceu, como se nunca tivesse existido. Talvez eu estivesse conversando comigo mesma esse tempo todo.

Volto para casa levando a máquina de escrever. Tento equilibrá-la em cima da caixa de segredos, e tenho que parar a todo instante para ajeitá-la nos braços, pois meus músculos gritam de dor. A chuva cai nas teclas como se tentasse registrar seus segredos no papel. Eu os leria em voz alta, mas não falo a língua da chuva. Nem sei mais se consigo entender a do rio. Ele ruga ao meu lado, mas não sussurra meus segredos de volta para mim nem chama meu nome. Talvez nunca tenha chamado.

Na metade do caminho, escorrego no cascalho e caio no chão. A máquina de escrever voa das minhas mãos e afunda na lama à minha frente. A caixa de madeira cai no meu pé, pesada de tantos segredos. Ouço meus ossos estalando. O mês de outubro acabou, mas, ao que parece, os acidentes continuam. Nada mais faz sentido.

Percorro o restante do caminho com um pé quebrado (talvez não esteja quebrado, mas a sensação é essa; luxação, dor e fragilidade, não muito diferente do que sinto no coração). Quando chego em casa, encontro as luzes acesas e ouço vozes alteradas na cozinha. Entro como um raio, mesmo com os ossos quebrados, os segredos pesados e tudo mais, e largo a máquina enlameada na mesa da cozinha, onde ela retine por um bom tempo após bater na madeira acolchoada. Alice e minha mãe ficam me encarando. Sam está debruçado na mesa, com a cabeça apoiada nos braços; não dá para ver se está olhando para algo específico.

— O que aconteceu com você? — pergunta minha mãe, apontando para minha roupa suja de lama e o rasgo na manga do casaco. — O que é isso?

Ela aponta para a máquina de escrever, os olhos arregalados e com olheiras da cor do cabelo. Abro a boca para responder, mas Sam grunhe baixinho e se levanta, cambaleando. Sua pele está cinzenta. Em um primeiro momento penso que são os resquícios da maquiagem, mas depois ele vira o corpo em um movimento brusco e vomita na pia. Alice solta um som gutural, como se tivesse engasgado. Minha mãe desmorona na cadeira à frente. Parece atordoada.

— Desculpe, desculpe — resmungo Sam.

Sua voz lembra o barulho do meu pé derrapando no cascalho mais cedo. Ele enxágua a boca com água da torneira e limpa a pia sem olhar para trás. Continuo em frente à mesa, sem saber ao certo o que fazer. Minha mãe afunda a cabeça nas mãos.

— Vocês passam a noite fora de casa — começa ela, dirigindo-se a Sam e Alice, mas é como se também servisse para mim. — Os dois.

Ela levanta a cabeça. Sam enfia a cara na pia novamente. Alice encara o chão. Tento sair de fininho, mas minha mãe olha para mim, e eu congelo.

— Eu recebo um telefonema da polícia, às quatro da manhã, dizendo que vocês invadiram uma propriedade privada.

O rosto de Alice fica vermelho na mesma hora, mas ela não conta que Bea e eu estávamos com eles.

— O que significa que os dois mentiram quando disseram que iam passar a noite na

casa da Bea e foram encher a cara em alguma festa. — Minha mãe faz uma pausa, mas não sei se é de raiva ou de medo. Talvez ambos. — Para completar, Sam se meteu em uma briga com um colega de turma que foi levado para o hospital com um nariz quebrado. Os pais dele estão pensando em prestar queixa na polícia.

Arrasto uma cadeira pelo chão coberto por tapetes e desabo nela. Sam ainda não virou o rosto.

— E ele nem sequer ia me contar — acrescenta minha mãe. Sam continua imóvel. Os olhos dela ficam marejados. — Uma *briga*, Sam! O que você tem na cabeça? O que significa isso?

Ela olha em nossa direção. O rosto de Alice está machucado. Ela e Sam ainda estão fantasiados. Sinto meu pé inchar cada vez mais, e minha roupa está imunda e toda rasgada.

Minha mãe volta a olhar para Sam.

— O que está acontecendo, Sam? Por que está fazendo isso? O que isso significa? Você não é assim.

Sam ainda está debruçado na pia, e seus ombros começam a tremer. A princípio penso que está chorando, mas, quando ele se vira, vejo que sorri de um jeito mais sombrio que sua mecha de cabelo azul. Sam sorri como se uma faca rasgasse seu coração.

— Como você pode saber? Como sabe que eu não sou assim? Você não é minha mãe.

Alice e eu ficamos perplexas (percebo porque seu rosto reflete exatamente o que estou sentindo). Nunca vi minha mãe tão desnorreada.

— Sam... — chama ela. — Você sabe que... seu pai...

— Certo — interrompe Sam, deixando escapar uma tosse em meio ao sorriso estranho e forçado. — Meu pai. Talvez você deva ligar para ele, contar o que fiz. Certo?

Ele encara minha mãe, o cabelo caindo nos olhos. Sam parece atordoado. Minha mãe está cerrando os dentes com força.

— Quer ligar para o meu pai? — pergunta ele, mais alto. — Hein? Em Bornéu, não é? Onde ele mora com a nova mulher, não é? Não é isso?

As lágrimas não escorrem dos olhos da minha mãe. A expressão em seu rosto diz que ela já sabia há muito tempo que esse momento chegaria.

— De onde ele liga para você uma vez por ano? — continua Sam, agarrado à pia como se fosse um bote salva-vidas.

— Não sei — responde minha mãe, com a voz estranha e distante.

Do outro lado da cozinha, Alice prende a respiração. Ela anda bem devagar, quase encostada à parede, rumo à porta. Quero acompanhá-la, mas não consigo me mexer. Minha bochecha lateja como se eu tivesse levado uma bofetada.

— Como assim não sabe?

Minha mãe meneia a cabeça.

— Não sei, Sammy.

Sam franze o cenho.

— É mentira. Você mentiu esse tempo todo.

Meu rosto está paralisado. Não consigo nem piscar.

— Quando ele... — Minha mãe pigarreia. Quando volta a falar, é quase como se estivesse recitando as palavras. — Seu pai não se casou de novo. Pelo menos, não que eu saiba. Ele não me abandonou. Não abandonou a gente. — Ela toma fôlego. — Fui eu que pedi para ele sair de casa.

— Por quê? Para onde ele foi? — Sam cospe as palavras. — Para Bornéu é que não foi.

— Ele não foi para Bornéu. Sam, você tem razão. — Minha mãe se vira na cadeira e o encara. — Mas poderia muito bem estar lá.

Ela entrelaçou as mãos com tanta força que os nós dos dedos ficaram esbranquiçados.

— Seth tentou me alertar — continua ela, e é quase como se estivesse conversando consigo mesma —, mas por muito tempo eu não quis dar ouvidos a ele, porque amava muito Christopher. Amava muito vocês dois.

O silêncio na cozinha é perturbador. Está difícil respirar.

O rosto de Sam está tenso.

— Como assim? Tentou alertar sobre o quê?

Sinto um aperto no peito, como se meu coração fosse saltar pela boca a qualquer momento.

Resoluta, minha mãe encara Sam, como se esperasse há anos o momento de fazer essa revelação. Ela parece ávida e, ao mesmo tempo, temerosa.

— Às vezes, Christopher dizia ou fazia algumas coisas muito preocupantes e...

— Que tipo de coisas? — interrompe Sam.

Alice dá mais alguns passos em direção à porta. Minha mãe não percebe.

— Coisas ruins. — Minha mãe toca o próprio rosto como se quisesse ter certeza de que não está chorando. — Coisas terríveis. Ele dizia coisas sobre... — Ela olha para Alice, que para de se mexer. — Coisas sobre você. E sobre as meninas. Coisas muito, muito preocupantes. Não foi fácil tomar essa decisão, mas eu não o queria mais perto de vocês três. Achei que não era seguro.

— Seguro — repete Sam, completamente inexpressivo, o rosto pálido, a voz monótona.

Pelo jeito como está encostado na pia, parece que ele está prestes a pular dentro dela, ou a desaparecer. Mas não como seu pai desapareceu.

— Sim, sim — confirma minha mãe, como se Sam tivesse perguntado, e em seguida, como ele não diz mais nada, ela continua: — Depois que Seth morreu, eu tive certeza... — Sua voz volta a vacilar. — E o expulsei de casa. Eu... Eu consegui uma ordem de restrição, e ele nunca mais voltou. Não sei para onde foi ou onde está agora. Umhas duas vezes por ano, talvez, alguém me liga de um número desconhecido, e acho que é ele, mas a pessoa nunca diz nada.

Minha língua desgruda do céu da boca.

— O que...? — pergunto.

Não sei o que dizer em seguida. A pergunta incompleta paira no ar como uma agulha no meio de uma tempestade. Escuto um chiado estranho na cabeça. Então me lembro de

um tapa que levei no rosto em um corredor; eu me lembro das mãos nos meus ombros, me empurrando para baixo, para dentro da água; e me lembro de terem me dito para esquecer.

— Então foi você. Foi você quem fez isso. Você mandou meu pai embora — constata Sam, com a voz embargada.

Fico como se ele estivesse em silêncio há mil anos. Fico triste por ele. Olho para Alice. Fico triste por todos nós.

— Eu tinha medo dele — diz minha mãe outra vez. Repetir as coisas supostamente nos ajuda a recuperá-las na memória. — Das coisas que ele dizia às vezes. Eu não queria que fossem verdade. Eu queria estar enganada, mas não podia correr o risco. Eu não queria que nada de mau acontecesse a vocês.

Noto uma rachadura no meio da mesa da cozinha. A máquina de escrever e a caixa de segredos são pesadas demais para o móvel. Fazem a mesa desabar. Abrem um buraco no chão. A cozinha inteira começa a ruir. E ali estão nossas vidas, escancaradas. Abro a boca na mesma dimensão que o abismo à minha frente e digo:

— Já era tarde demais.

Alice arregala os olhos mais do que as órbitas parecem suportar. A sensação é de que ela está se desfazendo. Como se estivesse se esfarelado e desse para contar seus anéis e descobrir quantos anos tem sua alma, como se fosse uma árvore.

— Era tarde demais — repito. — Já tinha acontecido. Eu o vi uma vez, no quarto da Alice. — Alice faz que não com a cabeça. Minha mãe olha para minha irmã como se não a conhecesse. — Ele me deu um tapa na cara e disse que aquilo era coisa da minha cabeça. Eu acreditei nele porque... — Faço uma pausa. — Simplesmente acreditei. Depois de umas semanas, fui até ele e perguntei sobre o assunto, mas...

— Ele afogou você — sussurra Alice, me interrompendo.

Seu olhar indica que ela não tinha consciência de que eu sabia. Sinto vontade de dizer que eu também mal sabia. O sentimento de culpa me sobe à garganta como bile.

— Isso é verdade? — pergunta minha mãe, com o rosto mais pálido que o de Sam.

Alice olha para cada um de nós e, antes que possamos impedi-la, sai correndo da cozinha. Minha mãe vai atrás dela. Sam se vira para a pia e vomita de novo, mas dessa vez não é por causa do porre. Ele desliza as costas na bancada da cozinha até se sentar no chão. Fico olhando para a direção em que Alice foi e não ousou piscar.

Depois, ele sempre era muito legal. Às vezes, trazia biscoitos e revistas Elle. Outras vezes, pedia a mamãe que parasse de atormentá-la por causa dos trabalhos de casa. Hoje de manhã ele foi a uma pâtisserie, em um vilarejo próximo à casa que alugaram, para comprar pain au chocolat, porque é o preferido dela. Não comprou nada para Cara e Sam.

Alice não sabia que era possível fazer tanto calor em outubro. Sam, Seth e Christopher andavam sem camisa o tempo todo. Robusto, de ombros largos e louro, Seth fazia como os moradores da região e aproveitava o sol para bronzear o corpo tatuado. Christopher continuava pálido, por mais tempo que passasse ao sol, e seus pelos do peito — tão pretos quanto seu cabelo — contrastam com a pele branca, quase transparente.

Mamãe e Cara também estavam sempre com calor. Só trocavam o biquíni para ir jantar no vilarejo, quando mamãe colocava seu vestidinho vintage favorito e prendia o cabelo — tingido de azul para combinar com a água — em um coque despojado. Alice sabia que a cor natural do cabelo de mamãe era louro-escuro, como o dela e de Seth, mas, do alto de seus treze anos, achava que nunca tinha visto o cabelo da mamãe de verdade.

— Alice, vem, a água está ótima! — chamou mamãe, já dentro da água, mas ainda perto da areia.

O mar Mediterrâneo estava tão tranquilo quanto uma lagoa, e ela parecia uma sereia fluando na superfície. Um pouco atrás dela, Sam e Cara davam gritinhos e espirravam água um no outro. Christopher estava na beira, passando bronzeador:

— Estou bem aqui — disse Alice, colocando os óculos escuros e abrindo uma revista.

— Você vai assar aí. Pelo menos ponha o biquíni. Está bebendo bastante água? — perguntou mamãe.

— Estou bem, mamãe — respondeu Alice, sem tirar os olhos da revista.

Christopher entrou na água, e ele e mamãe ficaram boiando, nadando e se beijando. Alice não desgrudava os olhos da revista.

Seth se deitou em uma toalha ao lado de Alice e cutucou o joelho dela com a câmera.

— Comment alê-vu, medemozell Alice? — perguntou ele, tentando imitar o sotaque francês. — Não está a fim de entrar na água? — continuou, com um tom um pouco mais sério.

Alice deu de ombros e fez que não. Seth apontou com a cabeça para mamãe, que parecia feliz na água.

— É bom ver sua mãe relaxar um pouco nesta época do ano. Faz as coisas parecerem quase normais.

— Cara também sempre diz isso — comentou Alice, deixando a revista de lado.

Deu muito trabalho convencer mamãe a passar uns dias na praia durante a temporada de acidentes. Seth tentou sugerir que talvez a temporada não os acompanhasse a um lugar tão distante de casa, mas logo a teoria caiu por terra. Na primeira noite, a mesa da cozinha da casa que alugaram desabou nas pernas de Cara. No segundo dia, Sam pisou em um ouriço-do-mar, e mamãe passou uma hora tirando os espinhos minúsculos com uma agulha esterilizada. No dia anterior, Alice foi picada três vezes por vespas. Mesmo assim, mamãe não parecia tão mal esse ano, em comparação aos outros.

Seth continuou olhando para mamãe e Christopher.

— *Você gosta dele?* — *perguntou Alice.*

Assim que as palavras saíram de sua boca, ela mordeu o lábio, arrependida.

Seth a encarou. O tio era um daqueles adultos que não subestimavam pessoas mais novas e sempre as levava a sério. Ele jamais fingiria que não sabia de quem você estava falando só para que você tivesse que dizer tudo de novo.

Por vezes, Alice pensou em contar a Seth. Ela já havia ensaiado o que diria. Talvez seja só coisa da minha imaginação, mas... Não sei se estou ficando louca, mas... Não sei se deveria dizer isso, mas...

Alice coçou uma picada de inseto na perna, e Seth voltou a olhar para a água.

— *Acho que ele é bom. Bom para sua mãe* — *respondeu Seth devagar.*

Alice não disse uma palavra sequer. Sabia que Seth tinha razão. Estávamos no meio de uma temporada de acidentes, e mamãe estava nadando. Tudo bem, o mar Mediterrâneo é calmo e sem tubarões, mas tem ouriços, e, como de costume, mamãe sentia medo de tudo durante a temporada de acidentes. Mas ela nem sequer fez uma careta quando Cara deu um caldo em Sam.

Ao lado de Alice, Seth soltou uma risadinha.

— *E o Sam é um bom garoto* — *comentou ele.*

Alice ficou observando Sam e Cara na água. Os dois tinham doze anos, mas aparentavam bem menos. Eram irmãos postiços, mas pareciam gêmeos. Seth pegou a câmera e tirou algumas fotos. Ele tem razão, pensou Alice de novo. Ela sabia que, nas fotos, todos ali pareciam formar uma família. A mãe, o pai, as duas irmãs, o irmão e o tio favorito. Todos bem e felizes. Tudo normal.

De repente, Seth se virou novamente para Alice.

— *Por quê?* — *perguntou, as sobrancelhas ligeiramente franzidas.* — *Você gosta dele?*

Alice sentiu um nó na garganta. Disse a si mesma que o tio só estava fazendo a mesma pergunta que ela fizera, mas algo no modo como ele a olhou — meio preocupado, mas quase como se não estivesse surpreso — fez com que ela quisesse contar outras coisas.

Mamãe estava na areia, rindo, enquanto Christopher cercava Sam e Cara fingindo ser um tubarão. Alice olhou de volta para Seth, que parecia continuar esperando uma resposta. Ela deu de ombros, como se não importasse. Mesmo assim, Seth desviou o olhar de Alice, vestida dos pés à cabeça, e, franzindo a testa, se voltou para Christopher na água.

— *Tio Seth! Tio Seth! Socorro! O tubarão vai pegar a gente!*

Seth acenou para Cara e respondeu:

— *Já estou indo! Vou salvar vocês!*

No entanto, antes de ir ele se agachou e encarou Alice.

— *Tem certeza de que está tudo bem?*

Alice não disse nada, apenas forçou um sorriso e assentiu. Alice não disse nada, mas percebeu no olhar do tio um sinal sutil de que ele havia entendido.

Quando minha mãe volta para a cozinha, pergunto sobre Alice.

— Ela precisa de espaço. De tempo. De alguma coisa. — Ela se vira para mim, mas seu olhar é distante, como se não estivesse me enxergando de verdade. — Daquela vez, quando você quase se afogou, ele disse que tinha salvado sua vida — comenta, como se estivesse em outro mundo. — Levou você para a praia. — Ela parece não ter forças para dizer o nome dele. — Ele tentou afogar você. — Não é uma pergunta, então não respondo. — Ele...

Ela parece prestes a desmaiar.

— Mãe, onde está Alice? — pergunto de novo.

— Ela foi... ela precisa... — responde minha mãe de modo vago — ... processar tudo isso...

Ela vai até o corredor. Sobe os degraus pisando duro. Começo a ir atrás dela, mas, do chão, todo aninhado, Sam pede:

— Não me deixe aqui sozinho. — Ele apoia a cabeça nas mãos como se o pescoço não aguentasse tanto peso. Como se o corpo estivesse pesado demais até para conseguir se sentar ereto. — Por favor, não me deixe sozinho agora.

Tudo isso é demais para ele. É muita coisa. Sam parece tão perdido. Deve haver uma grande diferença entre um pai que abandona um filho e um pai que é um monstro. Mas não sei o que dizer. Quero perguntar em quem ele bateu, mas tenho certeza de que já sei a resposta. E não faço a menor ideia de como me sinto em relação a isso.

Volto a me sentar na cadeira. Respiro fundo e pego o celular. Primeiro ligo para Alice, mas ela não atende. Em seguida, ligo para Gracie.

Pelo tom da minha voz, ela desconfia de que algo esteja errado, por isso diz:

— Estou indo aí.

Meu coração fica contente porque minha mãe tem alguém como Gracie em quem confiar. Penso em Bea enroscada com Carl em um colchão enquanto Alice fugia do lobo e me pergunto em quem minha irmã pode confiar. E em quem eu mesma posso confiar. Olho para Sam. Ele está me encarando, os olhos parecendo poças de lama. Eu me sento na frente dele e pouso as mãos em seus joelhos.

— Sammy.

Há muitas coisas que quero dizer e tantas outras que não quero mas sinto que preciso. O nó em minha garganta me impede, então o engulo para dar espaço às palavras. Não sei o que devo fazer.

— Talvez seja melhor pedir a Bea para ler as cartas para a gente — sugiro.

Sam reclina o corpo e me olha com aquele sorriso triste que conheço tão bem.

— Bea não pode ajudar, Cara.

— Mas as cartas...

— Bea não pode ajudar — repete ele, taxativo. — Ela é só mais uma criança perdida, como nós.

Tiro as mãos dos joelhos de Sam e as enfio no bolso.

— Eu sei — murmuro. — Eu sei.

Quando Gracie chega, minha mãe já está conosco na cozinha outra vez. Tomamos um café requentado no micro-ondas, e Sam começa a ficar sóbrio. Ele e minha mãe não conversam sobre Christopher, mas é como se ele estivesse aqui, sentado à mesa, entre nós, como uma presença.

Eu me lembro de Alice quando era mais jovem e ainda mais magra do que é hoje, toda enrolada nas camadas de roupa que nos protegem dos acidentes — ferida, mas não por acidente. Eu me lembro de ver Christopher com ela, e é como se estivesse assistindo à mesma cena sem parar, bem aqui, diante dos meus olhos, mas não de verdade, e a garota da cena é uma elfa da floresta e o homem é feito de metal. Mãos de metal em uma pele frondosa, boca de metal contando mentiras. Dentes de metal, coração de metal. Voz de metal dizendo que tudo não passou da minha imaginação. Braços de metal me afogando. Não consigo mais escapar dessa lembrança. Não tenho asas. Não sou a fadinha de All Star prateado.

Eu sempre soube.

Registro isso na máquina de escrever de Elsie e penso que este é o maior segredo de todos. Depois, olho para Sam, e há coisas demais acontecendo no meu coração para conseguir expressá-las no papel.

Tento ligar para Alice de novo, mas ela não atende. Tento o celular de Bea, mas também não consigo falar com ela. Ligo para Kim, Niamh e até para Nick — embora fique arrepiada só de ouvir sua voz —, mas ninguém sabe onde Alice está. Por fim, Sam e eu decidimos sair para procurá-la. Minha mãe e Gracie ficam em casa. Gracie repete o que minha mãe nos falou mais cedo: Alice vai voltar quando estiver pronta. Minha mãe parece um pouco mais calma, mas Sam e eu saímos mesmo assim. Quando batemos a porta, Sam respira fundo pela primeira vez nesta noite. O fantasma do pai dele não nos seguiu até aqui.

Caminhamos à margem do rio em silêncio, talvez para evitar que os fantasmas e as lembranças nos ouçam. Talvez porque não saibamos o que dizer. Não chove forte o bastante para colocarmos o capuz, mas a garoa umedece nosso cabelo. Os sapatos derrapam nas poças de lama. Meu pé esquerdo dói toda vez que o apoio no chão, mas eu me concentro no balanço dos braços, no ritmo da respiração e no som do rio, e logo a dor se torna suportável. Já a dor no meu peito, nem tanto.

Descemos em direção à calçada que margeia o rio. Sam para perto de uma das mesas de piquenique em frente à imensa ponte de pedra e acende um cigarro. Ele dá uma tragada e depois o oferece a mim. Sinto o gosto dos lábios dele no filtro. Fico vermelha. Sam pigarreja. Quando ele finalmente fala, sua voz é tão frágil quanto a fumaça do cigarro. É o que ele pergunta me pega de surpresa:

— Quando eu beijei você aquela noite... Você... Você queria?

Pensei que Sam quisesse conversar sobre Christopher. Era para aquilo que eu estava preparada. Mas isso me pega desprevenida. Essa pergunta faz parte de uma série de

segredos completamente diferentes.

— É que... Eu não queria ser... — Ele faz uma pausa e recomeça: — Não quero ser como Christopher.

Seu olhar parece mais assombrado do que a casa abandonada. Quando ele me devolve o cigarro, nossas mãos estão tremendo tanto que quase o deixo cair.

Engulo o nó preso na garganta.

— É claro que eu quis — murmuro, mas sei que Sam consegue me escutar mesmo com o barulho do rio e da chuva. — Claro que quis. E você não tem nada a ver com ele. — Elevo a voz. — Nada.

Quando penso em seus beijos, meu coração acelera e se enche de felicidade. Sinto uma vontade enorme de lhe contar isso.

— Eu só...

Ele relaxa os ombros. As cinzas do cigarro esquecido entre meus dedos caem na margem do rio. Sam parece um garoto perdido, como se tivesse se embrenhado no bosque e não soubesse como voltar para casa.

— Estou ridiculamente apaixonado por você — diz ele, por fim.

A rachadura no meu mundo está crescendo. Daqui a pouco, o universo inteiro vai explodir.

— Tentei esconder, tentei esquecer, tentei destruir esse sentimento, mas ele não quer ir embora.

Balanço a cabeça sem parar. Deixo de pensar nos beijos. Não olho para as sardas nem para a mecha azul no cabelo preto.

— Mas eu sou sua irmã, Sam.

Pare de olhar para a boca dele. Pare de olhar para as mãos dele. Pare de imaginar como seria abraçá-lo.

— Você não é minha irmã.

Estou tão confusa e atônita com tudo isso que solto uma gargalhada.

— Mas você vive dizendo que sou! — exclamo, jogando os braços para o alto.

O cigarro voa da minha mão e cai na grama, ao lado da mesa de piquenique. A chuva o apaga rapidamente.

— Você diz isso o tempo todo! Fica me chamando de maninha. Ai eu digo: “Eu não sou sua irmã.” E você retruca: “Se você diz, *petite sœur*.” — Abaixo a cabeça e, incrédula, olho para ele de soslaio. — É algo tão maior que a gente.

Sam não ri junto comigo. Meu sorriso morre aos poucos.

— Eu digo isso porque preciso... eu tento me repreender com todas as forças — confessa ele, baixinho, encarando o chão.

Abaixo os braços e dou um passo à frente para ouvi-lo melhor.

— Eu sei que não deveria me sentir assim. Eu sei. Então digo isso para lembrar a mim mesmo. Sempre que tenho... — Ele hesita, balança a cabeça e continua: — Sempre que tenho vontade de beijar você... — acrescenta, depressa, e então ri. — O que, a propósito, acontece o tempo todo. — Sua voz soa estranha e abafada. — Digo a mim mesmo que

você é minha irmã e que eu não deveria sentir isso porque é doentio e errado.

A raiva na voz dele me surpreende.

— E funciona?

Ele olha fundo nos meus olhos, como que se testando.

— Não.

Sam é como um irmão para mim — é assim que eu devo pensar. O quarto dele fica em frente ao meu. Nós fazemos o dever de casa juntos. Quando fica doente, é minha mãe que cuida dele. Seu pai já foi meu padrasto, mas acabou se revelando um monstro. Quero recuar, pedir para ele continuar tentando. Quero dizer que isso é errado, que ele está errado, que ninguém jamais aceitaria e que eu também não vou aceitar. Mas, em vez disso, seguro suas mãos. Sam fica ofegante como da vez em que o deixei me beijar. Da vez em que eu o beijei. Todos os segredos que me amedrontam estão vindo à tona esta noite, então abro a boca e digo:

— Eu também estou ridiculamente apaixonada por você.

Deslizo as pontas dos dedos bem devagar pela sua franja e a afasto do rosto. Ela volta imediatamente para a testa. Sam dá um passo à frente, com cuidado, como se estivesse com medo de escorregar na lama. A garoa é tão suave quanto as mãos de Sam na minha pele. Elas tocam a nuca, os ombros, percorrem os braços. Os arranhões e hematomas pulsam sob as mangas do meu casaco. Sei que fiquei corada, e vejo que as bochechas de Sam também começam a ficar vermelhas. Ele leva as mãos à minha cintura. Deslizo os dedos pelo seu cabelo de novo. Dou um passo à frente, premeditado. Fecho os olhos e inclino a cabeça.

Quando nos beijamos, a água bate nas pedras e o vento uiva. A chuva nos envolve como pétalas, e não sentimos frio. Os lábios de Sam são tão quentes quanto um dia de verão e têm gosto de eternidade, de fogo, de desejo ardente, de finalmente encontrar algo que estava perdido havia muito, muito tempo. Sam me puxa, e minhas mãos o agarram como se eu nunca mais fosse soltá-lo. Ele pressiona o corpo contra o meu, e está aqui, e isso é real e lindo. Não existe a menor possibilidade de eu deixar de amá-lo.

Quero que o beijo dure para sempre, mas não temos fôlego para isso. A sensação é de que eu nunca mais vou voltar a respirar direito, de que meu coração nunca mais vai parar de palpitar. Ainda nos beijando, vamos até a ponte. O declive da margem nos esconde, e a ponte de pedra forma uma sombra escura acima de nós. Sam e eu nos aproximamos dela sem nos desgrudar, mas, de repente, tropeço no chão desnivelado, e nós dois tomamos um tombo bem debaixo da ponte.

Sam cai em cima de mim. Minha respiração sai como um sibilo. Por um instante, ele parece preocupado, mas percebe que estou bem, sorri e me beija de leve. Sem pensar no que estou fazendo, eu me inclino e retribuo o beijo de um jeito bem mais intenso.

Ele pressiona o corpo contra o meu e retribui meu beijo na mesma intensidade, e o calor de sua pele queima através das nossas roupas, seus lábios nos meus são como fogo, e logo perdemos o fôlego de novo, mas dessa vez é diferente. Minhas mãos percorrem as costas dele de cima a baixo, depois passam pelos quadris e sobem até os ombros. Enrosco

os dedos em seu cabelo, e nossos corações batem no mesmo ritmo. Ele rola para o lado e me puxa, e ficamos ali, grudados como se fôssemos segredos, nos encarando e passando as mãos pelo corpo um do outro. A chuva continua caindo, mas mal percebemos. Estamos deitados sobre as pedras, mas a sensação é de que estamos em uma cama de plumas ou nos colchões espalhados pelo chão da casa mal-assombrada. Ao ar livre, em meio à chuva e ao vento, tenho a sensação de que estamos sozinhos no fim do mundo.

Nos beijamos como lobos, como se estivéssemos famintos a ponto de nos devorar. Queremos nos aproximar ainda mais, então tiramos o casaco, e nossas pernas se enroscam como lençóis emaranhados pela manhã. Nos movimentamos um contra o outro, e Sam para de me beijar e enterra o rosto no meu pescoço, a respiração irregular e ofegante. Entramos num ritmo. Sam geme baixinho. Ele leva a mão até o cós da minha calça e desce bem devagar. Sincroniza o movimento da mão ao dos quadris, e nos movimentamos juntos, sua boca no meu pescoço, minhas mãos em seu cabelo, nossas pernas entrelaçadas. As pedras abaixo de nós nos espetam, e nossa respiração está cada vez mais rápida e tudo vai ficando mais e mais intenso, como um frio na barriga que se espalha por meu corpo inteiro, e tenho a sensação de que vou romper, como se uma cratera estivesse prestes a se abrir no mundo.

Nunca imaginei que a sensação de ter meu mundo implodido fosse tão boa.

Quando nos separamos, noto um movimento pelo canto do olho, um feixe de luz na outra margem do rio. Sam vira a cabeça e também vê a luz.

— Elsie? — pergunta ele, em tom de incerteza.

Nossos olhares se cruzam por um breve instante, e eu me levanto depressa. A luz pisca outra vez, depois desaparece. Como se fôssemos um só, Sam e eu cruzamos a ponte.

A luz se movimenta à nossa frente, como se alguém estivesse com uma lanterna, e nós a seguimos até a clareira onde Elsie pendurou os apanhadores de sonhos, os papéis mata-moscas e a bonequinha em uma ratoeira. Quando chegamos à clareira, solto a mão de Sam. Ele gira e olha ao redor, fitando todas as árvores, mas só tenho olhos para a armadilha em cima de uma pedra no meio da clareira.

— Cara — chama Sam.

— Eu sei.

Há uma bonequinha presa no meio de cada apanhador de sonhos pendurado nas árvores e em cada folha de papel mata-moscas colada aos galhos. Elas têm cabelo castanho e vestem calça jeans e blusa de lã. Sem dúvida, são miniaturas de Elsie, mas essas não têm rosto, apenas um papel branco no lugar dos olhos, do nariz e da boca.

A boneca na armadilha é maior. É uma daquelas antigas, de porcelana, que têm lábios vermelhos e cílios de verdade nos olhos de vidro, mas os olhos foram arrancados, e o nariz e a boca, raspados. A boneca ainda tem o cabelo castanho e trançado de Elsie e usa uma saia xadrez larga e uma blusa branca. Mas as semelhanças terminam por aí. O corpo da boneca foi despedaçado pela arapuca. Há pedaços de porcelana espalhados pela grama ao redor da pedra. Quando corro até os arbustos do outro lado da clareira e afasto os galhos, vejo que a bonequinha de Elsie na ratoeira teve o mesmo destino. A armadilha

prende a boneca bem no meio do peito minúsculo. Minha visão se enche de pontinhos amarelos.

— Cara — chama Sam de novo, mas em tom de preocupação. Ele se aproxima e toca meus ombros. — O que foi?

— Ela pegou.

Não sei se disse as palavras em voz alta ou se apenas pensei nelas. Sam me abraça. Ele não entende.

— Ela pegou. Ela pegou.

— Do que você está falando?

E nesse momento meu celular começa a tocar. A princípio, não escuto, mas Sam enfia a mão no bolso do meu casaco e atende. Não acredito que meu celular continua funcionando depois de tudo que aconteceu. Reconheço a voz de Bea, baixa e distante do outro lado da linha, mas não compreendo o que ela diz. Enquanto escuta, o rosto de Sam fica cada vez mais pálido. Pelo tom de voz dela, percebo que há algo de errado — posso sentir isso daqui. Bea quase nunca fala tão rápido assim. Há certo desespero em suas palavras, mas Sam não diz nada.

— O que foi? — pergunto, gritando. — O que houve?

Sam agarra minha mão e saímos em disparada, correndo como o vento, tão rápido que a chuva não nos atinge e não espalhamos lama ao pisar no chão, e tudo que conseguimos ouvir são os nossos passos e batimentos cardíacos no mesmo ritmo e o ruído da nossa respiração irregular e ofegante. Não pergunto aonde estamos indo; reconheço o caminho muito bem. Não pergunto por que estamos correndo para lá. Concluo que não quero saber. Nunca mais quero ir à casa mal-assombrada, mas corremos tão rápido que em instantes dobramos a esquina. Quero diminuir o passo, mas Sam me puxa para acompanhá-lo.

Quando chegamos perto do portão, o barulho se transforma ao nosso redor. A chuva e o vento açoitam nossos corpos velozes, as batidas do coração e os sons dos nossos passos marcam o ritmo, nossa respiração sai rasgando dos pulmões — e, por trás de tudo isso, como o pano de fundo de um cenário, o fogo.

Bea nos encontra no portão de ferro. À nossa frente, a casa está em chamas. Sam e eu paramos e, mais alto que nossa respiração entrecortada e o som das labaredas (quem poderia imaginar que um incêndio seria tão barulhento?), Bea nos conta aos berros que voltou para buscar nossas fantasias e senti cheiro de fumaça.

— O fogo se alastrou muito rápido — diz ela. — Não consegui entrar. Não consegui...

A casa solta um rangido alto. Uma das janelas do andar de cima se estilhaça. Cacos de vidro caem como chuva no gramado. Olho para o quarto principal, e meu coração para de bater. Vejo um rosto por trás das cortinas.

— Alice — diz Bea.

Corremos até a varanda. A porta da frente está aberta, as dobradiças ficando incandescentes, vermelhas como os olhos do diabo encarando o nada e a fumaça. Nos aproximamos da casa o máximo que ousamos, mas as chamas estão na altura da cintura, ofuscantes, e na altura do pescoço, sufocantes, espalhadas por todos os lugares. O calor é

mais intenso que a temperatura do nosso corpo, que o próprio sol, e Alice está ali, bem no meio de tudo.

— Alice! — grito na direção da casa.

A fumaça engole minha voz.

— Merda, Alice! — grita Sam, e chuta a parede da varanda.

Uma chuva de faíscas cai sobre nós. Cobrimos a cabeça com os braços e berramos.

— Alice, sai daí! — implora Bea, aos prantos.

Nós três choramos e gritamos, mas tudo que conseguimos com isso é fazer o mesmo barulho da casa em chamas à nossa frente.

— Ela nem deve estar nos ouvindo — afirma Sam, muito pálido.

— A gente tem que fazer alguma coisa — sussurra Bea. — Eu já liguei para os bombeiros, mas...

Ela para de falar e olha para mim. Nós sabemos que os bombeiros não vão chegar a tempo. Sem dizer uma palavra, Bea, Sam e eu entramos na casa em chamas.

As paredes foram tomadas pelo fogo. O papel de parede enrola e se dobra, ficando parecido com asas. A madeira se parte por toda a casa. O ambiente está cheio de fumaça, que sobe na direção do quarto principal, e nós a seguimos como um rastro que nos levará até Alice. A casa inteira range e geme, então avançamos com cuidado, como se tentássemos não pisar em algum degrau solto ou fazer silêncio para ninguém nos ouvir do andar de cima. Como se estivéssemos com medo de que Alice se assuste como uma corça fugindo do caçador.

Subimos lentamente, como um bebê aprendendo a andar, mas a madeira cede em um dos degraus e meu pé afunda no buraco. Com o coração ameaçando sair pela boca, fecho os olhos com força e espero o momento da queda, mas Bea, que está atrás de mim, estende os braços, agarra o cós da minha calça e me puxa. Sam para, se vira e olha pelo buraco para onde eu teria caído, os olhos arregalados de pavor. Não digo nada, porque sei que temos que continuar subindo.

Bea e eu pulamos o degrau quebrado, nos apoiando em Sam para nos equilibrar, e chegamos ao andar de cima, onde a fumaça é preta e espessa. Puxo a gola do suéter para cobrir o nariz e a boca, como fazem nos filmes, o que colabora para tornar a situação ainda mais surreal, mas também menos perigosa. Avançamos lentamente em meio às chamas até chegarmos à entrada do quarto principal, onde paramos para respirar.

Alice está lá dentro. Ainda usando a fantasia da festa, ela está parada em frente à marca da fogueira, o único lugar da casa que não está pegando fogo. Não sei como ela consegue ficar de pé em meio à fumaça densa. Já curvei o corpo de tanto tossir.

— Alice! — gritamos. — Alice!

Mas ela não se mexe. A casa range como quando dançamos na festa, mas o barulho não é dos nossos pés batendo no chão, nem dos nossos corpos encostados nas paredes, nem das batidas dos nossos corações. É uma música excruciante, incendiária, uma música que não se importa com nada além de nos devorar.

— Alice! — esbravejo. — Alice, vem cá!

Mas Alice não me ouviu. De olhos fechados, ela começa a cambalear, as botas soltando faíscas por onde pisa. Cada faísca brilha, desenhando figuras nas paredes. Elas pulsam com a luz alaranjada em meio à escuridão tremeluzente e flamejante, e parecem ganhar vida. Não consigo parar de olhar. Um lobo se aproxima de Alice, e eu quase grito, mas as labaredas que lambem as paredes se lançam contra ele e o destroem. Ouço os grunhidos enquanto ele morre. Bea está ofegante atrás de mim, e Sam segura minha mão. O fogo está matando nossos demônios, mas não da forma certa; desse jeito ele vai nos matar também.

Olho para a marca da fogueira, e meu corpo inteiro dói, enquanto sou tomada por uma onda de tristeza arrebatadora. É quase como se ela extinguisse as chamas. Volto a tossir e a chamar minha irmã, que abre os olhos e me encara, chorando tanto que as lágrimas riscam seu rosto coberto de fuligem.

Atravesso as portas e entro no quarto. Sam e Bea me acompanham, mas, como nos filmes, uma viga em chamas cai do teto e fica atravessada em frente à entrada, e eu fico presa no quarto com Alice e o fogo. Sam e Bea se esgoelam do lado de fora, mas estão distantes, submersos, ou sou eu quem está. Caminho com cuidado no assoalho quente e me aproximo de Alice.

— Cara — sussurra ela.

Mal consigo ouvi-la em meio ao rangido e ao barulho de objetos se quebrando, ao rugido do fogo e aos estalos da casa em ruínas. Ofereço a mão para ajudá-la a sair, mas, em vez disso, ela me puxa mais para dentro do quarto.

De algum lugar perto da janela ouço um ruído sibilante, então um pedaço inteiro da parede desmorona com um estrondo. O fogo soa como o vento. Geme e grita, e eu não consigo ouvir o que Alice diz, mas leio o movimento de seus lábios e compreendo.

— Quer dançar comigo?

Eu a puxo com força pelos pulsos em direção à porta.

— Alice, vem! — tento gritar, mas minhas palavras saem abafadas.

Alice cambaleia como se estivesse prestes a desmaiar ou talvez fugir de mim, então eu a agarro pela cintura e a puxo em direção à porta, e assim caminhamos, a passos vacilantes, como se estivéssemos dançando ao som das chamas, ao som da casa estridente que desaba ao nosso redor.

À porta, Sam e Bea estão de mãos dadas, chorando, e suas lágrimas brilham mais que as chamas. Quase consigo ver Alice e a mim mesma refletidas nelas, como em um caleidoscópio ou um globo espelhado de festa, girando sem parar ao redor da marca da fogueira no meio do quarto em chamas.

Tento correr, mas é como se estivesse submersa e Alice fosse um peso morto me puxando para baixo. O quarto nunca me pareceu tão grande. Alice se debate em meus braços. Ela tem bico, asas e um rabo. É uma árvore, uma montanha, o banco de um parque. É feita de madeira e fogo, e sei que também estou me debatendo; sinto um arrepio percorrer minha espinha, o rastejar dos insetos, a dor que lembra agulhas espetando meu corpo e que logo fica insuportável, então abro a boca e grito o mais alto

que já gritei na vida, e a casa berra junto comigo.

O teto desmorona, e uma saraivada de vigas em chamas cai sobre nós, atingindo nossa cabeça e nossas costas como que de propósito. Solto Alice, que desaba no chão. No meio do quarto, no meio da marca da fogueira, surge uma labareda, que foi acesa pelo gesso do teto, pelos fantasmas do sótão e pela fumaça sufocante. É um fogo branco. Ele rugue. E devora a casa como se fosse uma boca.

Alice estende a mão para mim em meio à escuridão ardente. Eu a agarro e corro em direção à porta, meio rastejando, meio de pé, quando a casa começa a tremer como em um terremoto. Na soleira da porta, Sam apoia as mãos nos joelhos e vomita. Bea o levanta e o tira do caminho enquanto Alice e eu pulamos a viga em brasa e saímos em disparada pelo corredor, levando as chamas em nossas roupas e em nossa pele.

A escada estremece. Descemos nos apoiando ao corrimão o tempo todo, ajudando uns aos outros a pular o degrau quebrado, tossindo e cuspidando em meio à fumaça preta e densa. No exato momento em que Alice e eu chegamos ao último degrau, o corrimão se solta e a escada inteira desmorona. Tropeçamos uns nos outros no meio do corredor em chamas.

Alice tropeça. Os ossos do meu pé rangem como as dobradiças incandescentes da porta de entrada em meio à fumaça. Bea e Sam erguem minha irmã, e, cambaleando, atravessamos o hall de entrada, que nunca pareceu tão extenso. A casa começa a se inclinar, espalhando pedaços do teto chamuscado, lascas de madeira, brasas, cinzas e ondas sufocantes de fumaça negra ao nosso redor.

Assim que passamos aos tropeços pela porta da frente, o fogo atinge nossa pele e damos um berro, então a casa nos lança na direção do jardim e da chuva, e lá rolamos na grama úmida para apagar as chamas das roupas e refrescar a pele queimada. Em seguida, rastejamos até o portão de ferro e nos deitamos lá, chamuscados e exaustos, enquanto vemos a casa mal-assombrada desmoronar por completo.

As criaturas seguram firme as mãos umas das outras. Estão paradas, encarando o padraсто de metal que as manteve presas durante todos esses anos. Então, como se fossem uma única criatura, abrem a boca e gritam.

O grito faz nascer uma floresta. Ela irrompe entre os blocos de pedra do chão, derruba as paredes e arrebenta a estrutura, como se estivesse rasgando o mundo inteiro. A elfa da floresta ganha raízes que se enterram na fundação e cresce até o teto como um carvalho. O garoto-fantasma começa a tremeluzir e desvanece até ficar quase invisível. Sorrateiramente, ele se aproxima do pai, por trás, e tranca a porta para evitar que ele escape. A sereia chama o mar. Ela fecha a garganta, e suas guelras se abrem. A água invade o chão da antiga casa; cobre os tapetes, os rodapés, e vai subindo, subindo, até que entra em todos os cômodos. Asas nascem na fada. Enormes, lindas. As asas são cinco vezes maiores que ela e fortes o bastante para carregar ela própria e os irmãos, e eles sobem sem parar, até chegar à elfa da floresta, que está aninhada no telhado e cercada por folhas.

A água inunda a casa — se alastra pela escada quando o padraсто tenta subir, invade os quartos, que estão vazios, exceto o principal, onde está o corpo do lobo. Da varanda frondosa, os irmãos veem o padraсто perverso se debater debaixo da água. Ele põe a mão na garganta, arqueja e a aperta com força, mas, juntos, os irmãos são mais poderosos do que ele sozinho, e, quando a aurora chuvosa se ergue do lado de fora da casa dos fantasmas e o mar recua, o padraсто cai morto ao pé da escada.

O feitiço se quebrou. A fada abre as asas e carrega os três irmãos, sobrevoando mares e montanhas, florestas e cidades, cruzando a fronteira do mundo humano onde a mãe os espera. Em casa.

* * *

Minha mãe nos encontra no hospital. Quando ela e Gracie chegam, estamos todos recuperados, cheios de pontos e curativos, e meu pé está engessado, assim como a perna de Alice e a mão de Sam. Bea pegou uma caneta hidrográfrica emprestada com uma das enfermeiras e já está rabiscando o gesso. Cobriram nossas queimaduras com algodão e gaze. Os analgésicos aliviam a dor causada pelas bolhas, então nos sentimos apenas chamuscados.

— Chamuscados — digo em voz alta.

Bea escreve a palavra no meu gesso. “Chamuscados, chamuscar, chamuscadura, chamuscamento.” A dor é poesia. Uma poesia que nos escancara, larga pedrinhas da verdade dentro de nós e nos costura de volta. É o fim da temporada de acidentes. Os hematomas somem, os cortes se fecham, as queimaduras param de arder. Corações feridos se recuperam.

No carro, a caminho de casa, Sam apoia a cabeça no meu ombro. Estamos bem

próximos. Bea e Alice dão as mãos. Ficamos todos juntos no banco de trás, quadril com quadril com quadril com quadril, um em cima do outro. De certo modo, parecemos um só, quatro cabeças, oito pernas, quarenta dedos nas mãos, cinco ossos quebrados. Quilômetros e quilômetros de pele chamuscada.

Minha mãe olha para trás pelo retrovisor. Vê Alice e Bea de mãos dadas. Depois olha para nossos cortes, queimaduras e hematomas. Em seguida, toca o gesso do próprio braço. Gracie mantém os olhos na estrada. Quando chegamos em casa, é ela quem prepara o chá. Ela se enfia sob a pia por um momento e reaparece com a chaleira. Minha mãe suspira e sorri.

— Contem o que vem acontecendo por aqui — pede minha mãe depois que todos se sentam, com um tom de voz quase normal.

Gracie lhe entrega um biscoito. Nós nos sentamos ao redor da mesa acolchoada como se fôssemos jogar alguma coisa. A máquina de escrever está no chão, ao meu lado.

— Digam o que eu perdi — continua ela. — O que estou perdendo. Preenchem as lacunas na minha cabeça.

Nós nos entreolhamos. Por um tempo, permanecemos calados. Poderíamos contar tudo como se fosse ficção. Poderíamos tirar cada um dos segredos da caixa e ler tudo ao redor da mesa, em voz alta, frase por frase, uma versão oral do cadáver esquisito. Poderíamos transformar isso em um conto de fadas.

Mas não. Em vez disso, contamos a verdade. Contamos sobre a casa mal-assombrada, sobre a festa, sobre Nick. Então minha mãe começa a chorar, mas em silêncio, para não interromper o relato.

A única parte que soa como uma história é a de Elsie. E só eu sei como ela termina. Segredos e anjos da guarda. “Minha mãe sempre dizia que eu ia pegar uma pneumonia e morrer.” Bea, Alice e Sam abaixam a cabeça, mas é minha mãe quem parece ter visto um fantasma.

— Também tenho uma coisa para contar — anuncia. — Mas, antes, preciso fazer uma pergunta.

Começo a ficar nervosa. Só há um segredo que ainda escondemos dela. Olho para Sam. Seu cabelo recai sobre os olhos.

— Foi você quem começou o incêndio? — pergunta ela para Alice.

O rosto de Alice está pálido e com algumas manchas rosadas; a franja e as sobrancelhas estão queimadas. Os olhos estão vermelhos, lágrimas escorrendo pelas bochechas. Ela encara minha mãe e balança a cabeça. Depois olha para todos nós.

— Não — responde ela. — Não.

Bea solta um suspiro. Percebo que provavelmente ela vinha se perguntando a mesma coisa. Essa ideia nem passou pela minha cabeça. Sam encara Alice como se enxergasse através de sua cabeça.

— Eu caí no sono — continua ela. — Fui à casa, acendi algumas velas, tomei um pouco de uísque e aí caí no sono. Quando acordei, o fogo já tinha se espalhado.

Bea apoia a mão no joelho de Alice — percebo pelo modo como ela está inclinada

para a frente. Alice afasta o cabelo chamuscado do rosto e toma um pouco de fôlego.

— Mas eu não fugi quando poderia ter fugido. — Minha mãe leva as mãos à boca. Alice olha para Bea, depois para mim e Sam. — Que bom que vocês foram me buscar.

— E você nunca mais vai tentar... nunca mais vai fazer uma coisa dessas, não é? — pergunta minha mãe, soando como uma velhinha.

Dessa vez, Alice responde que não com ênfase. E promete. Ela segura as mãos da minha mãe e repete a promessa. Gracie põe mais biscoitos na mesa.

— O que você quer contar pra gente? — pergunto à minha mãe enquanto ainda estamos com a boca cheia.

O chá com leite está docinho e reconfortante, espalhando calor pelo peito e descendo até a barriga.

Minha mãe franze o cenho e afoga o cabelo roxo, que pende emaranhado ao redor do rosto. Ela toca a máquina de escrever no chão, ao nosso lado.

— Não sei como... — diz ela. Em seguida, respira fundo e tenta de novo. — Começou com o primeiro acidente.

Todos nós inclinamos o corpo para a frente. Sabemos da existência da temporada de acidentes e até conversamos sobre isso algumas vezes, mas nunca a explicamos.

— Começou com o primeiro acidente — repete minha mãe. — Três anos antes de Alice nascer.

Gracie parece bastante preocupada. Percebo que ela já ouviu essa história. Não sei se sinto raiva ou alívio.

— Quando eu era bem jovem, tive uma filha. Antes de você, Alice. Conheci o pai dela em uma festa, mas nunca mais o vi — continua minha mãe.

— O quê?! — exclamamos em uníssono.

Nem olhamos uns para os outros, de tão chocados que ficamos.

De repente, minha mãe parece muito triste.

— Ela morreu antes de todos vocês nascerem. Não tinha nem dois anos. Estávamos atravessando o rio... ela saiu correndo na frente e a ponte desabou. Ela caiu na água — conta minha mãe, como se sua voz estivesse totalmente desprendida do corpo. Parece que está contando uma história, não um acontecimento real. — A correnteza a arrastou. Tentei ir atrás dela, mas já era tarde demais. Nós a encontramos perto de uma casa velha construída em cima do rio. Encharcada no gramado. Ela não tinha se afogado, mas não acordava de jeito nenhum. Morreu um mês depois, de pneumonia. E eu não... — Minha mãe faz uma pausa. — Foi o pior momento da minha vida. Não tem outro jeito de definir. Mas então conheci o pai de vocês, e foi como se a vida tivesse ganhado sentido de novo. Como um novo começo.

— E ele sabia? — sussurra Alice.

Minha mãe encara as mãos.

— Depois de uns anos, eu contei. Mas, para vocês... Nunca consegui encontrar as palavras... Esse é um dos motivos pelos quais dei meu sobrenome a vocês duas, em vez do sobrenome do seu pai. Queria manter esse vínculo com ela, mesmo não sendo capaz

de contar o que aconteceu.

— Qual era o nome dela? — pergunto.

Minha mãe dá um sorriso triste.

— Bom, não quero que fiquem imaginando coisas, mas é por isso que estou contando tudo isso agora.

— Não quer que a gente fique imaginando o quê? — pergunta Sam.

Minha mãe apoia as mãos com as palmas viradas para cima na mesa, como se estivesse nos oferecendo tudo de que dispõe.

— Ela se chamava Elsie.

— Elsie — repito. Não sei dizer se meu coração parou de bater ou se está batendo três vezes mais rápido. — E que rio? O rio aqui perto?

Aponto para a porta da frente; para a rua, na direção da estrada e do campo por onde o rio corre, margeado pelas mesas de piquenique, pelas trilhas enlameadas. Aponto para o trecho em que ele se esconde debaixo de uma casa e reaparece do outro lado do jardim.

— Você a encontrou perto de uma casa, não foi? — continuo. — Quer dizer, perto da casa mal-assombrada? Onde fizemos a festa? Onde eu vi Elsie? — Mal consigo respirar. — Você disse a ela para se agasalhar? Disse que ela poderia pegar uma pneumonia e morrer?

O sorriso da minha mãe continua triste, mas percebo um sinal de reconhecimento nos olhos dela.

— Todas as mães dizem isso aos filhos.

— Você disse isso a Elsie.

— Tenho certeza de que a mãe da Elsie, amiga de vocês, já disse isso a ela também.

Olho para Bea, Sam e Alice em busca de apoio.

— Não acho que estejamos falando de duas pessoas diferentes, mãe. Realmente não acho.

Minha mãe inclina o corpo para a frente e acaricia meu rosto.

— Ah, querida. Eu entendo que você queira pensar assim, mas tudo isso não passa de uma coincidência... — Afasto a mão dela. — É só uma menina com o mesmo nome.

Pego o celular e abro a galeria de fotos. Coloco o aparelho na mesa, e todos se amontoam ao redor dele.

— Olhe — digo. — Olhe.

Mas, quando passo as fotos, não vejo o mesmo que via antes.

Procuo Elsie em todas as minhas fotos. Ela está lá, sim, em algumas. Mas não em todas. Aparece nas fotos da sala de aula, nas tiradas no vestiário, nas do almoço no refeitório e nas das excursões da escola. Mas nunca de corpo inteiro. Sempre o vulto de um cabelo castanho-claro sem graça aqui, um sapato marrom ali, um pedaço de um cardigã feio ao fundo.

— Mas ela estava aqui. — Passo as fotos de frente para trás, de trás para a frente, cada vez mais rápido. — Ela aparecia em todas.

Minha mãe pouisa a mão em meu braço, tentando me tranquilizar.

— Acho que os Malloy, aquela família que mora do outro lado da cidade, têm uma filha da sua idade — comenta.

Gracie solta um discreto “Ah, é mesmo...”.

— Tenho quase certeza de que o nome dela é Elsie. Faria todo sentido ela estudar na mesma escola que você.

— Sim, mas...

Gracie não me ouviu, e continua:

— Sharon Malloy. Ela é minha cabeleireira.

— Mas...

— Eles acabaram de se mudar para Cork — prossegue Gracie. — Pelo menos foi o que ouvi dizer.

Minha mãe assente, concordando.

— Não — digo.

Fico com raiva ao perceber a expressão de incerteza estampada no rosto de Sam e Alice.

— Você disse que ela caiu no rio, mas que só morreu um mês depois — continuo. — Quando foi isso? Em que data?

Minha mãe balança a cabeça.

— Eu não... Foi bem no começo da temporada de acidentes, não sei ao certo. Na primeira semana de outubro. Mas ela morreu dia trinta e um — responde ela, como se fosse uma data que jamais esquecerá.

— Mas isso é... É a temporada de acidentes — constato, erguendo as mãos espalmadas, como se estivesse suplicando. — A mesma que acontece todos os anos.

— Cara...

— Não! Não. Elsie estava às margens do rio. Ela preparou as armadilhas. Estava na casa mal-assombrada. É Elsie quem tem protegido a gente, e você sabe disso! — exclamo, elevando a voz, mesmo que não tenha sido minha intenção. — Elsie é o motivo da temporada de acidentes. Ela me contou... ela sai à procura, uma vez por ano, durante um mês. É por isso que os acidentes acontecem. — Bato a mão na mesa. — É por isso que os acidentes acontecem. — Bato mais uma vez o punho cerrado com força na madeira acolhoada.

Alice me segura pelos ombros antes que eu bata na mesa de novo.

— Cara, muitos desses casos não foram acidentes — declara ela.

Eu me viro e olho para a casa toda revestida e protegida. Sinto a raiva aflorar dentro de mim. Então me levanto e vou até as paredes. Arranco todas as proteções das dobradiças. Rasgo o tecido colado nas maçanetas. Puxo com força a lã e o plástico bolha. Tiro tudo que cobre a mesa e as quinas pontiagudas da bancada da cozinha. Minhas unhas quebram, minha pele queimada arde por causa dos movimentos bruscos e sinto um peso no pé engessado, mas não paro. Puxo e rasgo todos os panos. Arranco do chão os tapetes. Não sei ao certo em que momento todo mundo se junta a mim, mas quando me dou conta estou na sala, descobrindo todos os cantos e partes pontiagudas das paredes com Alice e

levantando os tapetes do corredor com Sam, enquanto Gracie e minha mãe religam a torradeira e colocam o fogão de volta no lugar.

Bea solta uma daquelas suas risadas de bruxa. Então encontra um rolo de barbante — que estava escondido em uma gaveta trancada a chave com algumas facas afiadas — e começa a pendurá-lo pela casa. Ela o enrola em volta de todos os pregos expostos, e ao redor das molduras de fotos. Em seguida, pega os alfinetes mais afiados da caixa de costura da minha mãe e os espeta nos papéis com todos os nossos segredos. Quando nossa casa volta a ficar afiada, dura e perigosa, os segredos são expostos bem à nossa frente, à altura dos nossos olhos. É impossível escondê-los, impossível ignorá-los.

Todos ficamos parados no corredor, ofegantes. Lemos nossos segredos em voz alta. Contamos hematomas. Comemos torradas. Tomamos mais chá. Nossas risadas ecoam. A casa parece exposta e um pouco real demais.

Logo amanhece. Pela janela da cozinha, vejo o sol nascer fraco entre as nuvens carregadas lá fora. As árvores nos fundos do jardim tremulam sob a chuva. Passamos a noite em claro. Do lado de fora, as latas de lixo transbordam de trapos e embalagens plásticas. Minha mãe e Gracie vão para a sala descansar e nos mandam dormir.

Levamos os colchões das camas para o quarto de Alice, como da outra vez, mas agora é mais demorado, por causa dos ossos quebrados. Bea se senta atrás de Alice na penteadeira e corta o cabelo queimado da minha irmã. Os fios caem no carpete como folhas no outono.

Sam e eu nos deitamos juntos perto da parede e as observamos. Com as duas mãos, seguro a mão engessada de Sam. Há palavras, desenhos e segredos em seu gesso. Beijo a ponta de seus dedos sem me dar conta do que estou fazendo, e Alice e Bea nos olham pelo reflexo do espelho e percebem o que está acontecendo.

— Bem... eu já desconfiava — comenta Alice.

— As cartas nunca mentem — afirma Bea.

Sam fica corado. Então foi isso que ele perguntou às cartas.

Bea sorri como se estivesse esperando por isso desde sempre, mas Alice nos olha de um jeito estranho. Decido parar de fingir e pergunto:

— E então? Você não achou esquisito?

— Acho muito esquisito — diz ela. Sam morde o lábio. — Mas não vejo nada de errado.

— Que bom. Porque não tem nada de errado mesmo — comenta ele com a cabeça erguida, como se tivesse treinado o discurso em frente ao espelho. — Não somos parentes nem nada. Nós só... só moramos na mesma casa.

— E fazem parte da mesma família, e cresceram juntos — continua Alice, mas com um sorriso. Depois, dá de ombros. — Vai levar um tempo para eu me acostumar. E não faço a menor ideia do que minha mãe vai achar...

— Não conte a ela — interrompe Sam, a voz intensa ecoando pelo quarto.

Alice fica desconcertada.

— É claro que não vou fazer isso, Sammy — diz ela com delicadeza. — Mas ela vai

acabar percebendo.

Olho para minhas mãos, segurando a mão engessada de Sam, e depois para os olhos de correnteza dele. Eu me levanto devagar e vou mancando até o andar de baixo. Pego a máquina de escrever. Mais cedo, escondi o papel com o segredo, enquanto Bea se pendurava pela casa, mas agora eu o reescrevo. Datilografo com cuidado para a tinta não borrar.

Estou apaixonada por Sam.

Arranco a folha da máquina e a penduro no barbante preso no corredor bem em frente à cozinha, na altura dos olhos, para que todos vejam.

* * *

Mais tarde, vamos até o rio. Deixamos nossas camadas de proteção na casa agora ecoante e, caminhando, mancando e cambaleando, chegamos à água como as criaturas que somos, como se não estivéssemos muito acostumados a essa pele humana.

Conduzo Sam, Bea e Alice pelas margens até a ponte desabada. Ficamos parados, observando a correnteza. Então nos damos as mãos e gritamos, e então gritamos para o outro lado. Pássaros voam das árvores. Peixes se escondem nas tocas. Cachorros latem. O rio sobe para nos engolir, mas, em vez disso, leva embora nossos segredos. Os que estavam presos no céu de nossa boca. Aqueles sobre os quais era difícil falar. As árvores na margem oposta sacolejam com eles.

Penso na clareira escondida em meio às árvores. Penso na armadilha, nos apanhadores de sonhos e nos mata-moscas. Penso em todas as pequenas Elsie. *Elsie precisa da nossa ajuda para encontrar o caminho de casa.*

Conto aos outros o que estou pensando.

— Você não pode atravessar o rio com esse gesso — diz Bea.

Meus ombros despencam. Então, Bea me dá um beijo no rosto e sorri.

— Espere aqui um pouquinho — continua ela, então entra no rio e o atravessa.

A água puxa suas pernas descobertas. Bea volta segurando a barra do vestido como se fosse um avental. Dentro, estão todas as bonecas.

— Eu disse. — Pego todos os pedaços da Elsie de porcelana. — Eu falei que era ela.

* * *

Dias depois, minha mãe nos mostra o túmulo dela. Nós a chamamos de “bebê Elsie” quando minha mãe está por perto, mas sabemos que ela tem a nossa idade. Depois disso, passamos a ir lá de vez em quando. Levamos flores, ficamos fumando e bebendo uísque do cantil. Toda vez que vamos, deixamos uma bonequinha ao lado da lápide.

As autoridades reconstruíram a ponte: um arco de pedra resistente sobre o rio. No meio, há uma plaquinha com uma gravação em que se lê: EM MEMÓRIA DE ELSIE

MORRIS.

“Talvez eu só precise ser lembrada”, disse ela, então nos lembramos dela. Lembramos toda vez que cruzamos a ponte.

Penso que morrer de pneumonia daquele jeito deve ter sido como um afogamento. Penso em tio Seth batendo a cabeça na pedra, penso nas mãos me segurando debaixo da água. Penso nos segredos de Sam, em Alice no meio do incêndio e nas lembranças da minha mãe. Penso que todos nos afogamos, de um jeito ou de outro.

De vez em quando olho bem de perto para uma foto quando acabo de tirá-la e vislumbro um cabelo castanho-claro trançado, um sapato marrom, uma gola de renda e uma saia xadrez. A expressão de preocupação deu lugar a um sorriso discreto. Acidentes acontecem. Ossos se quebram, a pele sofre cortes, o coração se parte. Sofremos queimaduras, nos afogamos, continuamos vivos.

Nestes dias, voltamos para casa depois da escola pelo caminho mais longo, passando em frente ao que restou da casa mal-assombrada. Não está mais vazia; há carpinteiros trabalhando em todos os quartos. Podemos ouvi-los a quase um quilômetro de distância. Eles batem, martelam e serram, jogando poeira nos rastros que nossos passos deixaram no chão. Às vezes eu me imagino indo até lá e roubando uma maçaneta, ou uma chave, uma dobradiça ou um pedaço de vidro. Mas não restaram janelas, e, de qualquer forma, eu morreria de medo de fazer isso. Certas palavras não há tinta que apague.

Caminhamos ao longo do rio e ouvimos a cacofonia dos carpinteiros. Nos sentamos na ponte de Elsie e bebemos a limonada que nossa mãe preparou. À luz do dia, a saboreamos com água de lavanda. Certas noites, a batizamos com gim roubado. Sam, Bea, Alice e eu nos aninhamos.

Erguemos os potes de geleia que usamos como copo. Brindamos ao rio e dizemos juntos:

Mais um brinde à estrada de água.

Agradecimentos

A Claire Wilson — uma agente tão espetacularmente fantástica que comanda uma irmandade inteira —, por defender este livro desde o começo...

A Natalie Doherty, extraordinária editora, pelos insights, pelas sugestões inestimáveis e por acreditar neste livro...

À maravilhosa equipe da RHCP, pelo entusiasmo e pelo apoio...

Aos meus pais, pela convicção ferrenha, por me encorajarem e por me criarem para amar as palavras e para, de vez em quando, desprezar os fatos, quando a fantasia e o exagero dão uma história mais interessante...

Aos meus irmãos — sempre solidários e, vez ou outra, propensos a sofrer acidentes —, principalmente a Claire, por ler o primeiríssimo rascunho no celular dentro do metrô toda manhã durante duas semanas...

À família do meu marido, especialmente Trish e Barry Doyle, pelas incontáveis horas tomando conta das meninas, e a Jess, segunda pessoa a ler meu primeiro rascunho...

A Elsa e Luna, que cresceram junto com as versões deste livro...

E a Alan, meu amor, por tudo...

OBRIGADA. Este livro não existiria sem vocês, e eu estou muito, muito feliz por ele existir.

Sobre a autora



Moira Fowley-Doyle é metade francesa, metade irlandesa e mora em Dublin com o marido, as duas filhas pequenas e um gato já velhinho. Sua metade francesa gosta de vinho tinto e livros macabros, daqueles em que todo mundo morre. Já a metade irlandesa gosta de chá e finais felizes. *Temporada de acidentes* é seu romance de estreia.

Leia também



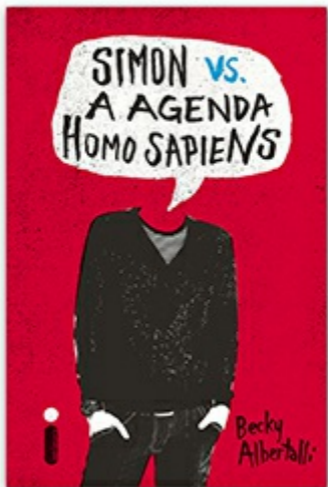
O oceano no fim do caminho
Neil Gaiman



A febre
Megan Abbott



Cidade dos etéreos
Ransom Riggs



Simon vs. a agenda Homo Sapiens
Becky Albertalli